



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



**MARIANA CARVALHO COSTA E SILVA**

**O RECONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO: UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA  
COM A LEITURA SUBJETIVA EM SALA DE AULA**

**UBERLÂNDIA/MG  
2021**

**MARIANA CARVALHO COSTA E SILVA**

**O RECONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO: UMA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA  
COM A LEITURA SUBJETIVA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de atuação: II – Estudos Literários

Orientador(a): Prof. Dr. João Carlos Biella

**UBERLÂNDIA/MG  
2021**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 2021	<p>Silva, Mariana Carvalho Costa e, 1985- O reconhecimento de si e do outro [recurso eletrônico] : uma experiência literária com a leitura subjetiva em sala de aula / Mariana Carvalho Costa e Silva. - 2021.</p> <p>Orientador: João Carlos Biella. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Letras. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.566">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.566</a> Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Biella, João Carlos ,1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Letras. III. Título.</p>
--------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras  
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: (34) 3291-8323 - www.profletras.ileel.ufu.br - secprofletras@ileel.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	01 de setembro de 2021	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11912MPL017				
Nome do Discente:	Mariana Carvalho Costa e Silva				
Título do Trabalho:	O reconhecimento de si e do outro: uma experiência literária com a leitura subjetiva em sala de aula				
Área de concentração:	LINGUAGENS E LETRAMENTOS				
Linha de pesquisa:	Estudos Literários				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Limites e expansões do Letramento literário				

Reuniu-se, remotamente via Google Meet, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: a) Profa. Dra. Walleska Bernardino Silva, Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU; b) Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira, Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; e c) Prof. Dr. João Carlos Biella, Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). João Carlos Biella, apresentou a Comissão Examinadora e a candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovado(a).**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Carvalho Costa e Silva, Usuário Externo**, em 02/09/2021, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Carlos Biella, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Duarte Damasceno Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/09/2021, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Walleska Bernardino Silva, Professor(a) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 05/10/2021, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3008276** e o código CRC **33C6853D**.

## AGRADECIMENTOS

À minha família de sangue: minha mãe, Suely, minha tia, Silvia, e meu irmão, Vinicius; e à família que me aceitou e que se tornou minha: meus sogros, Maria Cristina e Rubens, e meu cunhado, Estevão. Obrigada por estarem sempre por perto, me apoiando e compreendendo as circunstâncias mais desafiadoras desse trajeto, mas também comemorando comigo as conquistas.

Ao meu companheiro, Leonardo, que esteve comigo em cada etapa desse percurso, me acolhendo e me dando forças quando eu achava que não as tinha mais. Obrigada pelo amor dedicado, pelos risos e choros compartilhados, por sempre me lembrar quem sou e por nunca soltar a minha mão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Carlos Biella, por quem eu tenho profunda admiração e nutro imenso afeto. Obrigada pela atenção, pelo amparo, pelas trocas tão significativas e por me proporcionar, por meio da literatura, me reconectar comigo mesma.

À professora Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil, que compôs a banca de qualificação, pelas importantes considerações. À Profa. Dra. Walleska Bernardino Silva, que fez parte da defesa da dissertação e nos trouxe valiosas contribuições. E à Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira, que acompanhou todo o desenvolvimento deste trabalho, desde que ele era um projeto, passando pela qualificação até chegar na banca de defesa. Obrigada pela disponibilidade e por tantas indicações generosas que enriqueceram e agregaram tanto a esta pesquisa.

Aos professores do ProfLetras, pelos conhecimentos compartilhados, em especial à Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves, pelo empenho e dedicação a esse programa.

Aos colegas da pós-graduação, que viraram amigos, por partilharem as dores e as delícias de um mestrado. Obrigada pelas conversas, pelos risos e pela parceria diante de tantas adversidades.

Aos amigos que entenderam as ausências e o distanciamento e tornaram tantos momentos difíceis mais leves.

À direção da Escola Estadual de Uberlândia, que apoiou e deu suporte para que esta intervenção metodológica acontecesse.

Aos alunos participantes que aceitaram nossos desafios, se envolveram, se emocionaram, se reconheceram, se colocaram no lugar do outro e deixaram suas marcas neste trabalho.

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que provisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. [...] A literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens.

Roland Barthes

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Uberlândia. A motivação para a sua elaboração surgiu da necessidade de se propor novas metodologias de ensino voltadas para o letramento literário e a formação do jovem leitor que oportunizem aos alunos, por meio da dimensão subjetiva da leitura, um encontro potencial com a literatura em sala de aula. Para isso, traçamos um percurso que se iniciou com um levantamento bibliográfico que perpassou os documentos oficiais, como a BNCC; reflexões acerca do letramento literário, baseadas em Soares (2001, 2003), Kleiman (1995), Cosson (2012, 2014), Paulino (2004, 2010), Paulino e Cosson (2009); considerações a respeito da dimensão subjetiva da leitura literária de acordo com Barthes (2004), Iser (1996-9), Petit (2008, 2009, 2013), Jouve (2002, 2013), Langlade (2013), Rouxel (2013a, 2013c, 2014) e Rouxel e Langlade (2013); a relevância dos diários de leitura como expressão da subjetividade do aluno-leitor com base em Rouxel (2012a, 2012b, 2014), Souza (2020) e Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007); a polêmica em relação à escrita literária na escola a partir das ponderações de Rezende (2018), Andruetto (2012), Antunes (2015), Houdart-Mérot (2013) e Rouxel (2012a); e as concepções sobre o conto e o miniconto, sob a perspectiva dos gêneros literários, segundo Cortázar (1974), Gotlib (1985), Piglia (2004) e Spalding (2012). Porém, ao nos debruçamos sobre o desenvolvimento de uma proposta didática, fomos surpreendidos com a pandemia causada pelo Sars-CoV-2, que suspendeu as atividades presenciais nas escolas brasileiras. Por isso, a intervenção metodológica planejada para acontecer presencialmente com turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola estadual da rede pública do município de Uberlândia/MG foi reconfigurada para ser aplicada remotamente. Incluímos novas perspectivas trazidas pelo ambiente virtual, como o trabalho com as *fanfics*, levando em conta as colocações de Vargas (2015) e Chartier (1999), com o intuito de priorizar o protagonismo juvenil oportunizado pela cultura digital. Chegamos, assim, à intervenção apresentada e descrita neste trabalho, fundamentada na metodologia de pesquisa-ação de Thiollent (1986) e apoiada em Cosson (2012), Andruetto (2012), Bajour (2012), Rouxel (2012b, 2013c) e Pennac (1993). Fizemos a opção por oficinas, cujos objetos de fruição estética foram contos e minicontos ficcionais e que contemplaram a leitura do texto literário, a escuta, a conversa e a escrita – de diários de leitura, de minicontos e de *fanfics*. Concluimos, portanto, que esta pesquisa pode contribuir para uma mudança de cenário nas aulas de literatura em que a expressão da subjetividade dos alunos-leitores seja o ponto central e para que, assim, através das experiências de leitura

proporcionadas pelo diálogo com os textos lidos, eles possam, em um exercício de identificação, alteridade e empatia, reconhecer e compreender melhor si mesmos, o outro e o mundo que os cerca.

Palavras-chave: Letramento Literário; Formação do Leitor; Leitura Subjetiva; Diários de Leitura; Ensino Remoto; Reconhecimento; Identificação; Alteridade; Empatia.

## ABSTRACT

This work is the result of a research performed in the Program for Post-Graduate Professional Master Degree in the Letters Course, in the Federal University of Uberlandia. The motivation for its elaboration came from the necessity of proposing new teaching methodologies turned to literary literacy, and the formation of young readers which may create opportunities for the students, through the subjective dimension in reading, a potential encounter with literature in the classroom. To do so, we traced a course which began with a bibliographic research which passed through official documents, such as BNCC; reflections regarding literary literacy, based on Soares (2001, 2003), Kleiman (1995), Cosson (2012, 2014), Paulino (2004, 2010), Paulino and Cosson (2009); considerations about the subjective dimension of the literary reading according to Barthes (2004), Iser (1996-9), Petit (2008, 2009, 2013), Jouve (2002, 2013); the relevance of the reading journals as expression of subjectivity by the student-reader based in Rouxel (2012a, 2012b, 2014), Souza (2020) and Machado, Lousada and Abreu-Tardelli (2007); the controversy regarding the literary writing in schools from the pondering of Rezende (2018), Andruetto (2012), Antunes (2015), Houdart-Mérot (2013) and Rouxel (2012a); and the conceptions about stories and short stories, under the perspective of literary genres, according to Cortázar (1974), Gotlib (1985), Piglia (2004) and Spalding (2012). However, upon dedicating ourselves to the development of a didactic approach, we were surprised by the pandemic caused by Sars-CoV-2, which suspended the present activities in the Brazilian schools. Given this event, the methodological intervention planned to happen in person with classes from the 8<sup>th</sup> grade from the Elementary II from a public school in the municipality of Uberlandia – MG, was reconfigured to be applied remotely. We included new perspectives brought by the virtual environment, such as the work with fanfics, considering the statements by Vargas (2015) and Chartier (1999), with the purpose of prioritizing the juvenile protagonism offered by the digital culture. Thus, we arrived to the intervention presented and described in this work, based by the action-research methodology by Thiollent (1986) and supported in Cosson (2012), Andruetto (2012), Bajour (2012), Rouxel (2012b, 2013c) and Pennac (1993). We chose workshops, which objects for aesthetic fruition were fictional stories and short stories which contemplated the reading of literary texts, the listening, speaking and writing – of reading journals, short stories and fanfics. We concluded, thus, that this research may contribute to a change in the scenario of literature classes in which the expression of subjectivity from the students-readers may be the focus and that, thus, through the reading experiences offered by dialogue with the read texts, they may, in an exercise about otherness, identification, and

empathy, to better recognize and comprehend themselves, other people and the world around them.

Keywords: Literary Literacy; Reader Formation; Subjective Reading; Reading Journals; Remote Education; Recognition; Identification; Otherness; Empaty.

## SUMÁRIO

Capítulo 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	13
1.1. A nova pedra no caminho.....	20
Capítulo 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
2.1. Reflexões sobre letramento literário .....	26
2.2. A dimensão subjetiva da leitura literária .....	30
2.3. Os diários de leitura e a expressão da subjetividade do aluno-leitor .....	36
2.4. A escrita (literária) na escola .....	38
2.5. Algumas considerações sobre os gêneros conto e miniconto .....	41
2.6. O potencial das <i>fanfics</i> na sala de aula .....	43
Capítulo 3 METODOLOGIA .....	47
3.1. Contexto e participantes.....	49
3.2. Materiais e métodos .....	51
3.3. Descrição e análise da proposta didática .....	55
Capítulo 4 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA COM A LEITURA SUBJETIVA EM SALA DE AULA VIRTUAL .....	105
4.1. Os desafios e as possibilidades de uma aplicação remota no período de pandemia	105
4.2. A subjetividade revelada nos diários de leitura .....	109
4.3. Impactos e resultados da proposta didática .....	116
Capítulo 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	123
REFERÊNCIAS .....	126
APÊNDICE A – Modelo de diário de campo .....	132
APÊNDICE B – Sugestão de proposta didática para aplicação na modalidade presencial ...	133
ANEXO A – Modelo do termo de assentimento livre e esclarecido para menor de 18 anos.	146
ANEXO B – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido para responsável legal por menor de 18 anos .....	148
ANEXO C – Conto “O rapaz que habitava os livros” .....	150
ANEXO D – Minicontos .....	153
ANEXO E – Conto “A moça tecelã” .....	155
ANEXO F – Conto “O conto de fadas da princesa moderna” .....	157
ANEXO G – Música “Desconstruindo Amélia” .....	158
ANEXO H – Poema “Era uma vez uma mulher” .....	160
ANEXO I – Conto “O bife e a pipoca” .....	161
ANEXO J – Imagem “Meritocracia” .....	172
ANEXO K – Música “Diferenças” .....	173
ANEXO L – Conto “O menino que respirava borboleta” .....	176

ANEXO M – Poema “Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas” .....	178
ANEXO N – Conto “Maria” .....	179
ANEXO O – Música “Maria, Maria” .....	181
ANEXO P – Reportagem sobre a música “Maria, Maria” .....	183
ANEXO Q – Música “A carne” .....	184
ANEXO R – Minicontos produzidos pelos alunos participantes .....	187
ANEXO S – <i>Fanfics</i> produzidas pelos alunos participantes .....	190

## Capítulo 1

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação para a elaboração desta pesquisa surgiu da necessidade de se pensar em práticas escolares voltadas para o letramento literário e a formação do leitor que proporcionassem aos alunos, por meio da dimensão subjetiva da leitura, um encontro potencial com a literatura em sala de aula.

A dimensão subjetiva da leitura surge para contrapor uma tradição escolar que há muito tempo tem vigorado nos estudos literários: a exclusão do leitor, visto, muitas vezes, como uma instância alheia à literatura. As aulas de literatura encontram-se ainda muito vinculadas à uma prática que dá muita ênfase à parte objetiva e aos aspectos formais do texto literário e abre pouco espaço para a expressão do sujeito leitor.

No entanto, consideramos que as reações individuais que aparecem na consciência do nosso aluno leitor no decorrer da leitura, os modos originais que eles habitam as obras e os sentidos produzidos por essas experiências particulares devem ser valorizados, pois “permitem, notadamente na perspectiva do ensino da leitura literária, a interrogação não de textos gerais, abstratos e de fato inexistentes, mas de estados singulares de realizações textuais autênticas.” (LANGLADE, 2013, p.37).

Acreditamos, ainda, que, apesar de a leitura literária estar presente em diferentes espaços sociais, a tarefa de formar leitores é responsabilidade, em grande parte, da escola (ainda que não se acabe nela), espaço onde a leitura deve estar presente continuamente desde os anos iniciais da Educação Infantil até os últimos anos do Ensino Médio.

Conforme afirmou Lajolo (2007, p.106), “o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos”, por isso, é necessário pensar em ações no ambiente escolar que promovam a circulação dos textos literários e coloquem a leitura como primordial, para que seu lugar seja considerado e defendido por todos como tema central.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que orienta a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas no Brasil, um dos campos que deve ser explorado e dada a devida atenção é o “artístico-literário”, que envolve “as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial” (BRASIL, 2018, p.154). Segundo a base,

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p.136-137).

Para Antonio Candido (1995, p.193), em seu famoso texto “O direito à literatura”, “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” e, como tal, acreditamos que deve estar presente nas escolas, através de práticas de leitura literária que valorizem e deixem emergir a subjetividade do aluno-leitor.

Por fruição literária, entendemos a “experiência estética que ao mobilizar vários saberes envolve o sujeito em sua completude. Como processo dinâmico, reeduca o homem vinculando-o não apenas à arte, mas também a si mesmo.” (RANKE; MAGALHÃES, 2011-2, p.49).

Ainda, de acordo com Ranke e Magalhães (2011-2, p.48),

Nossa concepção de fruição literária está relacionada à leitura literária que parte do pressuposto de entrega, de imersão no texto, não para desvelar suas verdades, mas para expandi-lo, alargar suas significações. O leitor, portanto, não é um mero decodificador, este está em constante conflito com o texto, conflito que pode ser entendido como um desejo de compreender, de concordar, de discordar. Conflito, enfim, no qual quem lê não somente capta o objeto da leitura, mas atribui sentidos, impregnando o texto com sua carga de experiência humana e intelectual.

Contudo, o que temos presenciado é exatamente o oposto. O ensino de literatura que tem sido ofertado na maioria das escolas de educação básica aqui no Brasil tem promovido inúmeros debates entre os especialistas e exposto a fragilidade do trabalho feito, uma vez que o texto literário é abordado em sala de aula, muitas vezes, através dos livros didáticos, de maneira fragmentada, na forma de recortes descontextualizados de obras literárias em função de exercícios de interpretação e o estudo de regras gramaticais. Outras vezes há a predominância de uma abordagem histórica da literatura, restringida por períodos e valorizando apenas os autores canônicos, desconsiderando a multiplicidade de obras e autores disponíveis. E, nas vezes em que a obra literária aparece, opta-se por atividades com fichas, estudos dirigidos e roteiros prontos com perguntas elaboradas pelos outros e não pelo próprio leitor.

Assim, essa pesquisa se justifica, inicialmente, pela necessidade de se refletir sobre as práticas de ensino que têm como objeto o texto literário para, em seguida, propor ao professor

uma alternativa que proporcione ao aluno-leitor outros modos de se relacionar com a leitura literária em sala de aula, que leve em conta sua subjetividade e tente fugir das metodologias comumente usadas, mencionadas anteriormente.

Além disso, se levarmos em consideração que a literatura “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p.85), é necessário trazer para a escola a força humanizadora da arte literária através de estratégias que explorem a dimensão subjetiva da leitura literária, nas quais o texto literário seja tratado como um espaço de experiência capaz de promover reflexões que possibilitem ao aluno-leitor o entendimento de si, do outro e do mundo em que se encontra.

Para compreendermos essas problematizações, optamos por desenvolver uma pesquisa com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola estadual da rede pública do município de Uberlândia, Minas Gerais. Por meio de oficinas, cujos objetos de fruição estética foram contos e minicontos de diversos autores pretendíamos proporcionar aos alunos momentos de contato com o texto literário em que fosse possível refletir, vivenciar, experimentar e contemplar as particularidades e a diversidade da condição humana, em consonância com o que prevê a BNCC:

Por fim, destaque-se a relevância desse campo [artístico-literário] para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2018, p.137).

Esperávamos que, por meio da ficção, fosse possível acessar a subjetividade desses alunos e proporcionar o reconhecimento de si e do outro nos textos lidos, através de um exercício de identificação, alteridade e empatia, já que “a literatura não é necessariamente o lugar onde encontrar o igual, às vezes é a única janela para se debruçar sobre o diferente” (ANDRUETTO, 2012, p.75).

Nesse sentido, adotamos o diário de leitura, que se mostrou um instrumento propício para “desenvolver a competência estética do leitor, ou seja, sua aptidão para reagir ao texto, para estar atento às repercussões que a obra suscita nele mesmo e a exprimi-los” (ROUXEL, 2014, p.25). Isto é, por meio dos registros feitos pelos alunos-leitores nesses diários, foi possível vislumbrar a manifestação de suas subjetividades ao observar o diálogo que eles estabeleceram com as obras e as experiências proporcionadas por suas leituras.

Tendo em vista, então, que a literatura tende a desenvolver em nós “a quota de humanidade na medida em que nos torna compreensíveis e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1995, p.180), é essencial, portanto, propor obras e leituras que desloquem esses alunos do lugar habitual e criem um novo horizonte de expectativas, das quais eles “extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, cujo conteúdo existencial deixe marcas.” (ROUXEL, 2013c, p.24).

A partir do que foi exposto, selecionamos textos que nos oferecem uma multiplicidade de olhares sobre o mundo. Os contos são: “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga; “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho; e “Maria”, de Conceição Evaristo. Já os minicontos são: “Constrangida”, “Todos iguais”, “Havia um gesso no meio do caminho”, “O tapinha”, “Super normal” e “Perdas e ganhos”, todos de autoria de Leonardo Brasiense.

O primeiro conto, “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, é uma narrativa fantástica que nos faz refletir sobre a condição da mulher na contemporaneidade ao trazer à tona uma situação real vivenciada por muitas mulheres. É a história de uma moça simples que passa seus dias felizes ao tear, tecendo sua própria vida e seu próprio destino, até que se sente sozinha e tece um marido para lhe servir de companhia. Porém, ao compreender os interesses e a ausência de afeto daquele homem, ela percebe que o amor não se concretiza através do marido idealizado e se percebe ainda mais sozinha do que antes. A moça, então, consegue se libertar daquele cenário e retomar o domínio de sua vida quando destece aquele homem e volta a tecer para si uma nova manhã.

Já o conto “O bife e a pipoca”, escrito por Lygia Bojunga, conta a história de Tuca e Rodrigo, dois garotos que estudam na mesma escola, mas pertencem a mundos completamente opostos, revelando a cruel desigualdade que impera no nosso país. Enquanto Tuca mora em uma favela e precisa trabalhar para ajudar a mãe alcoólatra e os irmãos, Rodrigo é o único filho de uma rica família. Porém, o encontro entre eles permite que, através de uma inusitada amizade, ambos vivenciem conflitos que os unem e os levam a compreender a sua própria condição e a condição do outro.

“O menino que respirava borboleta”, cuja autoria é de Jorge Miguel Marinho, é também um conto em que a fantasia se faz presente na história de amor entre Léo e Ana Cláudia. Léo é um menino que vive um conflito interior pelo fato de não aceitar o seu próprio corpo diferente, que solta borboletas de todas as cores e tamanhos. Por esse motivo, o garoto, incompreendido inclusive pela sua família, está sempre se escondendo, envergonhado, até que conhece Ana Cláudia, “uma garota linda e negra como asa de mariposa” (MARINHO, 2003, p.20) que adora

suas borboletas e o aceita como ele é. Então, quando Léo, de mãos dadas com Ana Cláudia, vê saindo dos cabelos da garota um bico de beija-flor, ele, finalmente, deixa suas borboletas voarem livremente.

Já o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, narra de forma bastante realista e comovente a violência contra a mulher negra e pobre na nossa sociedade, ainda marcada pelo preconceito e pela discriminação. Maria, a personagem principal, é o retrato da mulher marginalizada que vive em uma favela e trabalha como empregada doméstica para sustentar seus filhos, que cria sozinha. Um dia, ao entrar em um ônibus no retorno do trabalho, ela encontra o pai de um dos seus filhos, um assaltante que poupa apenas sua ex-companheira do assalto ao ônibus. Contudo, quando os outros passageiros percebem que ela foi a única a não ser assaltada, agridem-na, primeiro com xingamentos, depois com agressões físicas que a levam a uma morte cruel e violenta.

Quanto aos minicontos, são todos de autoria de Leonardo Brasiliense e foram retirados do livro “Adeus Conto de Fadas”. Na obra, o autor reúne narrativas cujas temáticas giram em torno do universo juvenil, como “Constrangida”, que traz à tona a realidade das adolescentes que se tornam mães; “Todos iguais”, que escancara a violência e a desigualdade social das quais muitos jovens são vítimas; “Havia um gesso no meio do caminho”, que revela a exclusão e a solidão daqueles que não são aceitos pelas suas diferenças; “O tapinha”, que nos mostra as infelizes consequências do uso de drogas entre jovens; “Super normal”, que nos faz refletir sobre a hipocrisia e o preconceito que ainda pairam sobre a população homossexual; e “Perdas e ganhos”, que denuncia a cruel realidade de meninas vítimas de abuso sexual dentro de suas próprias casas.

A opção por oficinas com esses contos e minicontos se deu em função de serem narrativas ficcionais que representam histórias da vida cotidiana, que propiciam o encontro com várias faces do humano, ou seja, com uma pluralidade de modos de viver, de existir e de ser. Segundo Andruetto (2012, p.54),

Nós, os leitores, vamos à ficção para tentar compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, acerca do mais profundamente humano. Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida e, por isso, o desejo de suspender um pouco o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundo possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios.

Por meio das narrativas selecionadas, o sujeito-leitor tem a possibilidade de estruturar seu mundo externo e interno, dando sentido às suas vivências pessoais. Além disso, para um leitor jovem, que está iniciando no mundo das letras, os textos escolhidos, por suas formas breves e intensas, podem prender a atenção daquele que se lança em suas leituras, absorvendo-o em seus universos ficcionais, encantando-o e envolvendo-o, ao possibilitar, através da linguagem literária, uma ampliação da sua visão de mundo pela experiência com outros momentos, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos.

Dessa forma, acreditamos que as obras selecionadas, como afirma Petit (2008, p.94-95), puderam levar os alunos a

conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos a outros, representam uma abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade.

Além disso, pretendíamos também que essas oficinas fossem um espaço de diálogo, de debate, de “conversas literárias” (BAJOUR, 2012), de escuta e de acolhimento. Conforme nos traz Cecilia Bajour (2012, p.27),

A escolha de textos vigorosos abertos, desafiadores, que não caíam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações é a antessala da escuta. Ao escolhermos o que será lido com outros, estamos imaginando por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias, por onde entrarão os demais leitores, que encontros e desencontros a discussão poderá suscitar, como faremos para ajudá-los nesses achados, como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos.

Ainda nessa ocasião gostaríamos de observar que, apesar de não ser necessariamente o cerne principal dessa pesquisa, não poderíamos deixar de considerar a possibilidade desses alunos-leitores se tornarem igualmente alunos-escritores. Muitas vezes a escrita (literária) é negada pela escola sob o pretexto de que não é função dela formar escritores, contudo a discussão que queremos enfatizar aqui é que não se trata de formar ou não escritores, mas sim de oportunizar aos alunos a possibilidade de uma escrita que revele seu olhar sobre o outro, sobre si e sobre o mundo como resposta às leituras feitas.

Para Paulino (2010, p.47), “a escola inibe a criação de textos dentro de modelos literários. Ninguém aprende na escola a escrever, por exemplo, um conto ou uma peça teatral. Isso é acompanhado de uma mitificação do trabalho do escritor, que é visto como aquele que nasceu com o dom de escrever”. Por isso, acreditamos ser de extrema importância desconstruir essa ideia sacralizada que se criou em torno da escrita e propor atividades que a levem em conta como um desdobramento das leituras que fazemos.

Portanto, fizemos a opção por oficinas que contemplaram a leitura do texto literário, a escuta, a conversa e a escrita, enquanto uma experiência de efetivo diálogo e interlocução a partir das leituras feitas, sem, obrigatoriamente, se constituir como uma escrita literária.

Baseado no que foi exposto, elaboramos as seguintes hipóteses para essa pesquisa:

- Uma intervenção metodológica voltada para a leitura literária e a escrita, que privilegie a dimensão subjetiva da leitura, poderá colaborar com o letramento literário e a formação leitora dos alunos.
- Os contos e minicontos selecionados possibilitarão a compreensão de si e do outro, em um exercício de reconhecimento, identificação, alteridade e empatia.
- Os diários de leitura poderão ser importantes instrumentos para avaliar a manifestação da subjetividade dos alunos-leitores.
- Os textos selecionados promoverão importantes debates a partir de seus recortes temáticos.
- As atividades de produção e divulgação de textos ficcionais contribuirão para evidenciar a habilidade escritora e criativa dos alunos.
- A elaboração de uma proposta didática que leve em conta a subjetividade dos alunos ajudará outros professores no planejamento de suas aulas de literatura.

A partir das hipóteses levantadas, traçamos um objetivo principal:

- Realizar uma proposta de intervenção metodológica voltada para a leitura literária e a escrita, privilegiando, por meio da dimensão subjetiva da leitura, o letramento literário e a formação leitora através de oficinas com contos e minicontos ficcionais.

E os seguintes objetivos específicos:

- Possibilitar aos alunos a identificação e o reconhecimento de si, através da leitura dos contos e minicontos selecionados.

- Propiciar, pela ficção, o exercício da alteridade e da empatia ao reconhecer e se colocar no lugar do outro na leitura do texto literário.
- Avaliar as contribuições do diário de leitura para a manifestação da subjetividade dos alunos-leitores.
- Promover conversas e debates a partir dos recortes temáticos explorados nos textos.
- Evidenciar a habilidade escritora e criativa dos alunos, através da produção e divulgação de textos ficcionais.
- Sugerir aos professores de literatura uma proposta didática com contos e minicontos literários que levem em conta a subjetividade dos alunos.

### **1.1. A nova pedra no caminho**

Não é novidade para ninguém que o ensino público passa por diversos problemas no Brasil. A ausência de investimentos na educação básica é sentida nos péssimos resultados alcançados por grande parte dos estudantes; na desvalorização dos profissionais, com baixos salários e altas cargas horárias; na falta de uma infraestrutura adequada nas escolas, com seus recursos cada vez mais escassos e um número reduzido de funcionários, dentre tantas outras adversidades que poderiam ser elencadas aqui.

Tudo isso, combinado com as dificuldades enfrentadas em salas de aula lotadas, faz com que nós, professores, tenhamos que retirar, diariamente, diversas “pedras dos nossos caminhos”. Porém, agora, além dos contratempos costumeiros, uma nova “pedra” surgiu: a pandemia causada pelo Sars-CoV-2 (popularmente conhecido como “novo coronavírus”) e, com ela, a suspensão das aulas presenciais.

Essa situação inesperada causou impactos na população mundial ao tentar conter a disseminação do vírus. As medidas de distanciamento social, recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e necessárias para preservar o maior número de vidas humanas durante esse momento atípico, exigiram mudanças no nosso estilo de vida e afetaram toda a sociedade com questões que incluem desde os efeitos na saúde física e mental das pessoas até o aumento da desigualdade social e do desemprego gerado por uma crise econômica.

Nesse contexto, os espaços educacionais não ficaram de fora, pois estão entre os primeiros locais a suspenderem as atividades presenciais e, provavelmente, serão um dos últimos a retornarem, devido aos riscos de contágio, visto que são ambientes que reúnem muitos

indivíduos. Em razão disso, apesar de a maioria das escolas públicas não estarem prontas para vivenciarem esse novo desafio, estão sendo improvisadas e criadas alternativas de ensino remoto emergenciais para tentar suprir a ausência das aulas presenciais (ainda que muitas críticas tenham sido feitas, com razão, sobre essas decisões).

No caso das instituições estaduais de Minas Gerais, onde essa pesquisa foi desenvolvida, está sendo oferecido um Regime de Estudos Não Presencial (REANP), através de videoaulas produzidas pela Secretaria de Estado da Educação (SEE) e Planos de Estudos Tutorado (PETs), que são apostilas com atividades semanais de todos os componentes curriculares para os alunos realizarem em casa. Esse material está sendo disponibilizado através de sites e um aplicativo para celular criado pelo Governo do Estado.

Além da educação básica, a esfera acadêmica também se viu surpreendida com o novo contexto educacional provocado pela crise sanitária atual. Por isso, a Coordenação Nacional do Programa de Mestrado Profissional em Letras (programa ao qual esta pesquisa está vinculada) fez novas recomendações para a aplicação das pesquisas em andamento, a saber:

Art. 1º. Os trabalhos de conclusão da sexta turma poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.  
 Art. 2º. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar um produto (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2020)

Gostaríamos de ressaltar o sentimento de frustração que tomou conta de nós ao lermos essas resoluções, uma vez que a nossa proposta visa democratizar o acesso à literatura ao proporcionar um encontro potencial com o texto literário em sala de aula, na intenção de que a leitura literária se torne uma ação permanente na vida da maioria de nossos alunos. Queríamos evidenciar a subjetividade deles ao propiciar reflexões que os levem a compreensão de si e do outro, em um exercício de identificação, reconhecimento, alteridade e empatia. E, claro, não gostaríamos que isso se restringisse a um pequeno grupo privilegiado.

Além do mais, sabemos que o grande problema desse modelo de ensino à distância é que ele aumenta ainda mais a desigualdade educacional, já que as escolas públicas não estão preparadas para lidar com essa mudança tão abrupta e muitos professores não dispõem de conhecimento e tecnologia para trabalhar nesses moldes. E o que é pior: um número muito grande de alunos que não têm acesso à internet e/ou a computadores, *tablets* e celulares ficam, mais uma vez, excluídos desse processo.

Porém, com a impossibilidade de aplicação da intervenção metodológica nos padrões em que foi elaborada, presencialmente, tivemos que optar pela única maneira possível que tínhamos para realizá-la: remotamente, já que desejávamos avaliar a sua pertinência para as aulas de literatura. Por isso, fizemos um levantamento das ferramentas necessárias e mais acessíveis ao nosso público e redefinimos as oficinas para serem realizadas em ambiente virtual. Usando as palavras de Martins e Almeida (2020, p.222), esperávamos que

as tecnologias utilizadas fossem interfaces de construções conjuntas, de formas síncronas e assíncronas, potencializando os debates, o pensamento crítico, a criatividade, o fazer em conjunto, as reflexões a respeito da experiência social imposta pela pandemia, a comunicação efetiva e amorosa [...] e tantas outras discussões necessárias para uma educação de qualidade e que se tornam essenciais à formação do cidadão pronto para lidar com o novo mundo que está por vir.

Apesar de não ter sido possível a aplicação presencial e, por isso, não termos os resultados de uma intervenção nesses moldes, mantivemos neste trabalho a sugestão de uma proposta didática elaborada para o chão da sala de aula (Apêndice B). Assim, os professores que desejarem futuramente adequar o trabalho aqui colocado para as suas realidades no retorno às aulas presenciais terão um parâmetro a seguir.

Mesmo não sendo o ideal e nem o planejado, acreditamos que a realização à distância dessa intervenção poderia proporcionar aos alunos uma nova forma de vínculo com a escola, com a professora-pesquisadora e com os colegas em um momento em que todos estavam (e ainda estão) tão carentes de afetividade e acolhimento. Gostaríamos de trazer, nem que seja em partes, a força humanizadora, libertadora e transformadora da literatura para a vida desses estudantes em meio ao caos que vivenciamos ultimamente.

A antropóloga Michèle Petit (2013, p.72) nos mostra o quanto a literatura pode ser reparadora em tempos difíceis, como o que estamos sujeitos em meio à pandemia do coronavírus. Segundo ela, em momentos de isolamento “em que a pessoa se vê diante, mais do que nunca, de todos os seus limites, da fragilidade de sua condição de mortal e da solidão para enfrentar esse medo”, a leitura pode ajudar a “suportar melhor a dor da separação”.

A autora nos traz, ainda, o quão fundamental pode ser a literatura para a reconstrução daqueles que se encontram confinados em períodos de crise. De acordo com Petit (2013, p.112),

A linguagem nos constitui. Quanto mais somos capazes de dar um nome ao que vivemos, às provas que enfrentamos, mais aptos estaremos para viver e tomar certa distância em relação ao que vivemos, e mais aptos estaremos para nos tornarmos sujeitos de nosso próprio destino. Podem nos quebrar, nos mandar embora, nos insultar com palavras e também com silêncios. Outras palavras, porém, nos dão lugar, nos acolhem, nos permitem voltar às fontes, nos devolvem o sentido de nossa vida. E encontramos nos livros algumas

dessas palavras que nos restauram. Em particular em obras cujos autores tentaram transcrever o mais profundo da experiência humana, desempoeirando a língua. Ter acesso a elas não é um luxo: é um direito, um direito cultural, como o acesso ao saber. Porque talvez não haja sofrimento pior do que ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos.

Por isso, diante de um cenário em que fomos obrigados a nos privar do convívio social e a assistir diariamente o sofrimento causado por esta situação, ler ficção pode ser uma forma de “resistir às adversidades”, um respiro, “um suporte notável para despertar a interioridade” e se distanciar da realidade cotidiana, não como fuga, mas como “um salto para outro lugar, para outro mundo, aonde o sonho, o pensar, a lembrança, a imaginação de um futuro se tornam possíveis”. (PETIT, 2009, p.284).

Além disso, ao fazermos essa opção, nos alinhamos a mais um parâmetro que tem sido bastante enfatizado e objeto de destaque na BNCC: o protagonismo juvenil oportunizado pela cultura digital. Segundo a Base,

Há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. (BRASIL, 2018, p.59).

O documento destaca ainda que, apesar da intimidade desses jovens com o universo virtual, “ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na *Web*” (BRASIL, 2018, p.66), por isso a necessidade de incorporar essas práticas de linguagem contemporâneas ao ambiente escolar.

Nesse sentido, ao reconfigurarmos nossa intervenção metodológica para ser desenvolvida na modalidade remota, tentamos priorizar o movimento dos estudantes por diversos espaços virtuais e incluímos na proposta de criação de textos ficcionais um gênero muito consumido pelos jovens no meio digital: as *fanfics* (abreviação de *fanfiction*), que são as narrativas criadas por fãs a partir de uma história original produzida por outros autores.

A orientação para o trabalho com as *fanfics* também está presente na BNCC entre as habilidades previstas para os Anos Finais do Ensino Fundamental:

Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações

teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs. (BRASIL, 2018, p.155).

Assim, a produção de narrativas ficcionais, como as *fanfics*, permitiram aos jovens leitores em formação empreenderem “um processo de construção de significado intenso, que incorpora o texto, seu contexto pessoal e suas experiências anteriores na direção de uma interação tão significativa com a obra que surge a necessidade de tomar parte dela” (VARGAS, 2015, p.100). Dessa forma, ao ler, reler e recriar as obras que os mobilizaram, eles as ressignificaram e, assim, evidenciaram de que forma se apropriaram dos textos lidos, além de revelarem suas preferências, seus gostos pessoais e seus olhares sobre o outro e sobre o mundo.

Portanto, com base no que foi delimitado, este trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro compreende as considerações iniciais acima descritas. O segundo contém a revisão bibliográfica dividida em seis tópicos. O primeiro tópico trata de reflexões acerca do letramento literário, baseadas, principalmente, em Soares (2001, 2003), Kleiman (1995), Cosson (2012, 2014), Paulino (2004, 2010), Paulino e Cosson (2009) e Pennac (1993). O segundo apresenta considerações a respeito da dimensão subjetiva da leitura literária de acordo com Barthes (2004), Iser (1996-9), Petit (2008, 2009, 2013), Jouve (2002, 2013), Langlade (2013), Rouxel (2013a, 2013c, 2014) e Rouxel e Langlade (2013). O terceiro traz pesquisas de Rouxel (2012a, 2012b, 2014), Souza (2020) e Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007) sobre os diários de leitura como expressão da subjetividade do aluno-leitor. O quarto discute a polêmica em relação à escrita literária na escola a partir das ponderações de Rezende (2018), Andruetto (2012), Antunes (2015), Houdart-Mérot (2013) e Rouxel (2012a). O quinto explora as concepções sobre o conto e o miniconto, sob a perspectiva dos gêneros literários, segundo Cortázar (1974), Gotlib (1985), Piglia (2004) e Spalding (2012). Por fim, o último tópico traz o potencial das *fanfics* na sala de aula com base em Vargas (2015) e Chartier (1999).

Já no terceiro capítulo está descrita a metodologia empregada, no caso a pesquisa-ação fundamentada em Thiollent (1986), além do contexto, dos participantes, dos materiais e dos métodos utilizados, apoiados em Cosson (2012), Andruetto (2012), Bajour (2012), Rouxel (2012b, 2013c) e Pennac (1993). Já no quarto se encontra a descrição e a análise da intervenção metodológica desenvolvida. E no quinto a avaliação da experiência literária com a leitura

subjetiva em sala de aula, incluindo três tópicos: os desafios e as possibilidades de uma aplicação remota no período de pandemia a partir de Martins e Almeida (2020), Petit (2008, 2009) e Rezende (2018); a subjetividade revelada nos diários de leitura sob o ponto de vista de Rouxel (2013b, 2014), Langlade (2013), Souza (2020) e Silva (2018); e os impactos e resultados da proposta didática aqui apresentada, baseado em Rouxel (2012a, 2012b, 2014), Cosson (2012, 2014), Bajour (2012) e Houdart-Mérot (2013, 2019). Como fechamento, no sexto capítulo, apresentamos as considerações finais acerca desta pesquisa, retomando Petit (2008, 2013), Rouxel (2012b) e Barthes (1980, 2004).

Além disso, após a listagem das referências bibliográficas usadas, estão disponíveis os Apêndices (modelo de diário de campo adotado pela professora-pesquisadora e sugestão de proposta didática para aplicação na modalidade presencial) e os Anexos utilizados neste trabalho (modelo de termos de assentimento e consentimento para os participantes e seus responsáveis, textos que integraram a proposta didática e minicontos e *fanfics* produzidos pelos alunos participantes).

## Capítulo 2

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 2.1. Reflexões sobre letramento literário

Sabemos que as escolas têm grande importância na constituição dos indivíduos, uma vez que “são instituições às quais a sociedade delega a responsabilidade de prover as novas gerações das habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes considerados essenciais à formação de todo e qualquer cidadão.” (SOARES, 2001, p.84). Entre essas atribuições, podemos destacar a aquisição da leitura e da escrita como essenciais ao desenvolvimento desse sujeito, uma vez que em uma comunidade grafocêntrica, como a nossa, essas habilidades são muito valorizadas e consideradas primordiais.

No entanto, mais do que apenas dominar o código linguístico, é preciso que nossos alunos façam uso da leitura e da escrita também nas diferentes práticas sociais das quais participam e que se estendem nas diversas esferas de suas vidas, desde as mais cotidianas até as mais formais. Assim, chegamos ao conceito de letramento, que de acordo com Soares (2001, p.17) tem origem na palavra inglesa *literacy*, que etimologicamente “vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser”.

Soares (2003) reforça a importância de se distinguir alfabetização de letramento para que não haja confusão entre esses termos, visto que o conceito de letramento vem para ampliar a noção de alfabetização. Segundo a autora,

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (SOARES, 2003, p.90).

Além disso, Kleiman (1995) destaca que o letramento, apesar de perpassar pela escrita, não está, necessariamente, ligado às atividades de ler e escrever, pois é perfeitamente possível participar de práticas de letramento sem ser alfabetizado. Por isso, a autora nos mostra que esse fenômeno pode ocorrer em diferentes espaços sociais, que não seja o escolar.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de

aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p.20).

Assim, Kleiman (1995) enfatiza o letramento em termos de práticas sociais, concretas e significativas, nas quais os indivíduos têm acesso aos mais variados conhecimentos que vão muito além da alfabetização e ultrapassam os muros da escola.

Levando em consideração, então, que a leitura e a escrita contribuem significativamente para a formação de cidadãos conscientes, capazes de romper com os discursos hegemônicos e participar efetivamente na sociedade em que estão inseridos, um dos grandes desafios da escola hoje é formar alunos aptos a ler e escrever as palavras e o mundo que elas representam. Como afirmou Lajolo (2007, p.15), “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas”.

Comungando com essa ideia, entendemos que a leitura literária tem papel extremamente significativo nesse desafio e pode contribuir expressivamente para a formação desses indivíduos, visto que o letramento desenvolvido a partir de textos literários vai muito além da “mera leitura de obras literárias”, já que pode proporcionar uma inserção no campo da leitura e da escrita, viabilizando o encontro do sujeito consigo mesmo e com o seu lugar no mundo.

Nesse viés, Cosson (2014, p.50) revela que

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo o texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos.

O letramento literário, então, se assume como uma extensão dos letramentos e é definido por Paulino e Cosson (2009, p.67) como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” e, como tal, também passa a ser “responsabilidade da escola”. Paulino (2010, p.165) ainda acrescenta que “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”.

Logo, torna-se imprescindível repensar e redirecionar o ensino de literatura que se tem presenciado nos ambientes escolares. Para proporcionar um encontro potencial com o texto literário e contribuir para a formação leitora de nossos alunos é preciso que as práticas literárias em sala de aula sejam, de fato, significativas.

Cosson (2012, p.17) destaca que “por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”. Porém, o autor ressalta que, para se desenvolver o caráter humanizador que a literatura carrega, é preciso ressignificar o ensino como tem sido comumente feito: o qual afasta cada vez mais os alunos dos textos literários, através de práticas que causam, muitas vezes, o repúdio à literatura.

Kramer e Jobim e Souza (1996, apud COENGA, 2010, p.49) apontam que

[...] muitos são os depoimentos que registram o abandono da prática de leitura e de escrita pelos alunos por vários motivos por elas destacados: livros obrigatórios e únicos para toda a turma; conhecimento de livros e autores, em detrimento do prazer e do gosto; exercícios de interpretação, que buscam um sentido único, dado pelo autor; provas e tarefas específicas, voltadas mais para o conhecimento sobre os livros do que para a experiência de leitura propriamente dita; escolha de livros pautada em critérios pedagógicos que norteiam o exemplar certo para a idade certa.

Paulino (2010, p.135), então, nos provoca a pensar que “trabalhar leitura com perguntas, com o imaginário, isto é, trabalhar as diferentes leituras possíveis, sem anular as diferenças, as dúvidas, as emoções, decerto não é fácil para um professor que se formou em outros procedimentos metodológicos”. Por isso, é tão urgente que o trabalho escolar com a leitura literária seja repensado desde a formação desse professor nos cursos de licenciatura oferecidos nas universidades até a sua atuação em sala de aula.

Sendo assim, cabe enfatizar o papel do professor como agente de letramento literário que deve criar um ambiente onde imperam a confiança e o respeito mútuos “para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.” (COSSON, 2012, p.29).

No entanto, para que isso aconteça, não basta apenas lançar a ideia, mas sim ofertar vivências de leitura aos nossos estudantes, fornecer-lhes textos literários diversos, ler junto com eles, compartilhar experiências a partir do texto lido para que, assim, eles possam se formar enquanto leitores e definir suas preferências.

O papel do professor, então, ganha destaque, uma vez que será o responsável por proporcionar o encontro com a literatura em sala de aula. Assim, “e, se em vez de *exigir* a leitura, o professor decidisse de repente *partilhar* sua própria felicidade de ler?” (PENNAC,

1993, p.13). Segundo Pennac (1993, p.13), “o verbo ler não suporta o imperativo”, por isso a leitura deve ser incentivada por um professor que seja também um leitor, apaixonado e disposto a construir a ponte que aproximará o seu aluno da leitura literária.

Desse modo, proporcionar esse encontro com a arte literária se torna um desafio imprescindível, uma vez que, conforme Paulino (2004, p.61),

A leitura de textos literários, ao colocar o sujeito-leitor diante de um trabalho de linguagem inusitado, fora de normas rotineiras, apostando no estranhamento de um mundo recriado, renovado e não prescrito, permiti-lhe desenvolver, no nível da subjetividade como um todo sincrético, habilidades que não se esgotam no momento da leitura propriamente dita.

É necessário, pois, que o professor seja um mediador capaz de ampliar o acesso à leitura literária para além dos textos ou fragmentos deles trazidos pelos livros didáticos, dando espaço para a multiplicidade de obras que nos permitem conhecer o mundo e a nós mesmos por meio da linguagem. De acordo com Cosson (2012, p.17),

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser os outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Dessa forma, na experiência proporcionada pela leitura literária, o aluno-leitor poderá construir um diálogo com o autor, permeado pelo texto, em um processo de interação que mais que o interesse pela leitura, poderá trazer o reconhecimento de si e do outro e a reflexão sobre o que foi lido.

Levando em conta que “a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo” (COSSON, 2014, p.27), a sala de aula passa a reunir, assim, as condições ideais para os compartilhamentos das impressões individuais desses alunos. Mediadas pelo professor, essas trocas possibilitam expandir ainda mais os sentidos do texto e formar o que Cosson (2014) chamou de “comunidade de leitores”.

O autor utiliza este termo para se referir a um “grupo de leitores que se reconhecem como parte de uma comunidade específica” e que, reunidos em conjunto, “interagem entre si e se identificam em seus interesses e objetivos em torno da leitura, assim como por um repertório que permite a esses indivíduos compartilharem objetos, tradições culturais, regras e modos de ler”. (2014, p.138-139).

Cosson (2014) ainda destaca que a questão central para se compreender essa concepção parte do conceito de “comunidade interpretativa”, cunhado por Stanley Fish (1995) em seu texto “Is there a text in this class?”. Segundo ele,

O ponto principal da argumentação de Fish é que não há nem leitor nem texto fora das convenções de uma comunidade, que só podemos pensar a nós mesmos e aos textos a partir e dentro de uma comunidade interpretativa. Reconhecer, portanto, que toda interpretação é resultado das convenções de uma comunidade, que são as regras dessa comunidade que informam o que lemos e como lemos, não tem por objetivo superar essas regras e convenções em busca de uma definição objetiva ou mais adequada de leitor ou texto, mas sim compreender que nossas leituras são construídas dentro do jogo de forças de uma comunidade e que é por meio da participação nessa comunidade que nos constituímos como leitores. (COSSON, 2014, p.138).

Diante do exposto, reconhecemos, portanto, a importância de um trabalho voltado para o letramento literário que enfatize as inúmeras possibilidades que o texto literário pode trazer, levando em conta a dimensão subjetiva da leitura, com o intuito de contribuir para a formação de leitores que sejam capazes de se reconhecerem em suas comunidades e se apropriarem da pluralidade das construções literárias.

## 2.2. A dimensão subjetiva da leitura literária

Roland Barthes (2004, p.26), em seu ensaio “Escrever a leitura”, nos faz uma indagação: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça?*”.

Tais questionamentos nos levam a pensar no impacto que a leitura literária pode ter no sujeito-leitor. Esse impacto é, justamente, o que almejamos para o nosso aluno durante seu processo de formação enquanto leitor e está diretamente relacionado com o encontro do texto com aquele que o lê, afinal essa leitura apaixonada e inquieta é “um forte indicador de que o leitor está travando com o texto um diálogo efetivo ao voltar ao livro e dele se nutrir” (LAURIA, 2014, p.361). Petit (2009, p.24) reflete que é nesses momentos “em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta” que se descobre algo novo e inesperado na leitura.

Contudo, Barthes (2004, p.28) nos mostra que as teorias da leitura que por muito tempo vigoraram e que se encontram até hoje presentes nas nossas salas de aula sempre estiveram muito mais preocupadas com o autor do que com o leitor, sempre procuraram “estabelecer o

que o autor quis dizer, e de modo algum o que o leitor *entende*.”. E esse pensamento parece comungar com o de Iser (1996, p.53) quando o autor afirma “que devemos substituir a velha pergunta sobre o que significa esse poema, esse drama, esse romance pela pergunta sobre o que sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais”.

Iser (1996, p.50) então nos aponta que a obra literária tem dois polos: o artístico e o estético. “O polo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor.” Assim, é na efetivação da leitura que o efeito de experiência estética se dá e isso só é possível através da interação estabelecida entre o texto e o leitor, no qual o último, por sua vez, é diretamente afetado.

Nesse viés, Jouve (2002, p.127) destaca que “a relação do leitor com texto é sempre receptiva e ativa ao mesmo tempo”, pois a experiência de leitura só pode ser alcançada quando o leitor confronta sua visão de mundo (ativa) com a visão de mundo implicada na obra (receptiva). Por isso, a reação do leitor frente ao texto pode ser “infinitamente variável porque depende daquilo que cada um projeta de si próprio”.

Ainda de acordo com Iser (1999, p.106-107), o processo de leitura possui algumas lacunas, espaços em branco que devem ser preenchidos por aquele que lê, o que irá ocasionar uma comunicação entre autor, texto e leitor. Ao preencher esses vazios, “o não-dito no texto (o que o autor ocultou) estimula o leitor, mas tal se dá porque o dito (o que o autor mostrou) permite essa estimulação. Portanto, o leitor se movimenta no texto, interfere nele, mas sua atividade é controlada pelo texto.” (CALDIN, 2012, p.3).

Langlade (2013, p.35), então, nos aponta que “se admitirmos que uma obra literária se caracteriza por seu inacabamento, somos levados a pensar que ela só pode realmente existir quando o leitor lhe empresta elementos do seu universo pessoal”, por isso ele produz “atividades de complemento”, baseadas nas suas vivências individuais, que vão desde a caracterização dos cenários e dos personagens até um arremate no próprio enredo do texto.

Sendo assim, Iser (1999, p.106-107) afirma que, embora cada leitor aja e reaja de forma distinta diante de um mesmo texto, a interpretação será fundamentada a partir do que é fornecido pelo texto. Dessa maneira, é no encontro das vozes do texto e do leitor, a partir de um diálogo e à medida que há um envolvimento entre ambos, que o leitor vai tirar “não somente um ‘sentido’, mas também uma ‘significação’” da obra. (JOUVE, 2002, p.128).

Para diferenciar “sentido” de “significação”, Jouve (2002, p.128) recorre a Paul Ricoeur (1969):

o sentido remete ao deciframento operado durante a leitura, enquanto a significação é o que vai mudar, graças a esse sentido, na existência do sujeito.

Em outros termos, existe, de um lado, a simples compreensão do texto e, de outro, o modo como cada leitor reage pessoalmente a essa compreensão.

Segundo Petit (2008, p.29), o leitor não é uma página em branco onde o texto é impresso, ele não o consome passivamente, “ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos”. Assim, ler se torna um ato original, uma vez que cada leitor modifica, cria e recria um novo texto a partir de outro já construído. “O escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor desloca a obra do escritor, o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser.” (PETIT, 2008, p.37).

É, então, nesse momento que a subjetividade do sujeito-leitor entra em cena e que a experiência estética alcança seu ápice, pois, para ampliar as possibilidades dos textos, preencher seus hiatos e lhes inferir sentidos, ele evoca suas lembranças, suas vivências e seus juízos.

Comungando também com esse pensamento, Rouxel (2014, p.22-23) enfatiza o quanto essa convergência da subjetividade do sujeito com a obra pode ser significativa para a sua formação enquanto leitor:

Fruto de um encontro eficaz, pessoal, íntimo, entre um leitor e uma obra, a experiência estética é um momento privilegiado na formação do leitor. De acordo com a sua intensidade, ela marca duravelmente a história do leitor, a sua memória, os seus valores, a sua personalidade. [...]  
A experiência estética, que é resposta do sujeito leitor às solicitações da obra lida, pode igualmente ser apreciada a partir das metamorfoses que o leitor imprime ao texto, tornando-o seu. Durante a leitura, o leitor se apropria do texto: ele o reconfigura à sua imagem, completando-o com elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura ou, inversamente, deixando-lhe lacunas, apagando tal aspecto que não atraiu muito a sua atenção.

Por conseguinte, podemos dizer que o leitor altera a obra, mas também é alterado por aquilo que lê, visto que cada um de nós reage de uma maneira muito particular, singular e, conseqüentemente, subjetiva à obra lida. Essa (re)construção do texto por aquele que o lê é chamada de “texto do leitor” (noção estabelecida por Pierre Bayard) e se concretiza na medida em que “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor.” (CERTEAU, apud LANGLADE, 2013, p.31).

Langlade (2013, p.25-26) alega, então, que “os distúrbios, as emoções, os devaneios, as associações de ideias ou mesmo a vinculação espontânea, que têm suas raízes na personalidade profunda, na história pessoal, nas recordações literárias ou lembranças de momentos vividos do indivíduo que lê” são marcadores de subjetividade e revelam a apropriação, ou seja, “a singularização da obra realizada pelo leitor”.

Assim, a obra literária permite ao leitor se conhecer, se encontrar, se entender, se definir e se descobrir e essa “atitude de se perceber a si mesmo num processo do qual participa é um momento central da experiência estética” (ISER, apud JOUVE, 2013, p.61), uma vez que permite compreender a sua própria identidade literária.

Essa ideia de identidade literária é descrita por Rouxel (2013a, p.69-70) como uma “identidade revelada e construída pela literatura, mas também por ela descrita.”, ou seja, uma identidade concebida no confronto com o texto, onde o leitor se conhece e se descobre, “uma espécie de equivalência entre si e os textos: textos de que eu gosto, que me representam, que metaforicamente falam de mim, que me fizeram ser o que sou, que dizem aquilo que eu gostaria de dizer, que me revelaram a mim mesmo.”

Para contribuir com o entendimento de identidade literária recorreremos também a Petit (2008, p.38) que nos mostra que a obra literária é um lugar de construção e reconstrução do leitor, que lhe permite decifrar as suas experiências mais profundas. “É o texto que ‘lê’ o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar”.

Somos levados, assim, a concordar com Jouve (2013, p.53) que a subjetividade é, essencialmente, parte constitutiva de toda leitura e, por isso, não podemos ignorar ou negar seu investimento nos espaços escolares se pretendemos proporcionar aos nossos alunos um encontro com a literatura que seja, de fato, significativo. O autor reitera, ainda, que

Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto é sempre a leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, ressalta-o. (JOUVE, 2013, p.53).

Em razão disso, Jouve (2013, p.54) defende que a dimensão subjetiva da leitura deve estar presente nas escolas, e essa seria, inclusive, uma estratégia para despertar o interesse dos alunos pela leitura, visto que pode ser bem mais interessante “completar o saber sobre o mundo pelo saber sobre si”.

É preciso, portanto, realocar o sujeito no coração das práticas de leituras nos espaços escolares, mas, para isso, precisamos considerar leitores reais, ou melhor, alunos reais, de carne e osso que estão em nossas salas de aula e, que em um determinado contexto histórico, social e pessoal, ao abrirem um livro para ler, reagem ao que o texto lhes propõe, conferindo sentidos ao que foi lido e saindo transformados de cada leitura.

“O leitor real está no cerne de toda experiência viva da literatura, de toda apreensão sensível, ética e estética das obras”, de forma que “uma exclamação, uma hesitação, uma súbita

concentração, um sorriso, um silêncio, a explosão de uma emoção, manifestam discretamente as reações subjetivas de leitores reais.” (ROUXEL, LANGLADE, 2013, p.20).

Jouve (2013) aponta também que a dimensão subjetiva da leitura, apesar de perpassar o plano afetivo e o plano intelectual, está diretamente ligada à esfera afetiva, que remete às emoções e lembranças que o texto ficcional suscita, pelas quais ocorre a identificação do leitor com o texto.

Espaço intermediário entre o eu do leitor e o não-eu do texto, entre o sujeito que lê e o outro que escreve, entre o imaginário das representações e a realidade da linguagem, ela [a leitura] é esse lugar intermediário onde se persegue a construção jamais acabada de nossa identidade. A confrontação do leitor consigo mesmo é, portanto, uma das dimensões maiores da leitura.” (JOUVE, 2013, p.61).

Considerando, então, que a afetividade influencia a capacidade de compreensão do que se lê, o livro vai se abrindo para uma pluralidade de significações e interpretações de acordo com as experiências e leituras feitas anteriormente. Consequentemente, “o sujeito tem a possibilidade, graças à leitura, de se redescobrir. O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele” (JOUVE, 2002, p.131).

Jouve (2002, p.109) afirma ainda que, nesse processo de identificação, o leitor reconstrói seu mundo e o ressignifica ao ler o literário: “Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido de ficção”.

Além disso, se a leitura nos permite saber melhor quem nós somos, traçar “um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria existência, a própria vida; para dar voz ao sofrimento, dar forma aos desejos e sonhos” (PETIT, 2008, p.72), ela nos possibilita, igualmente, experimentar ser o outro, viver suas dores e suas alegrias.

Segundo Jouve (2002, p.132), a leitura oportuniza a descoberta da alteridade, uma vez que “o ‘outro’ do texto, seja do narrador seja de uma personagem, sempre nos manda de volta, por refração, uma imagem de nós mesmos”. Por isso, a subjetividade supõe também a alteridade, o encontro com o outro.

Zilberman (2012, p.44-45) nos mostra que

Essa experiência de substituir a própria subjetividade por outra é única: o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente, momento em que vivencia alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de

fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido.

A partir da descoberta do outro, acabamos por, da mesma forma, nos descobrir e isso viabiliza vermos a nós mesmos de outra maneira. Ao confrontarmos com o diferente no texto, temos, então, a possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro e de deixar emergir da experiência de leitura outras formas de entrever o mundo, modificando a nós e ao nosso entorno. Assim, “o leitor se expõe ao ler, se desapropria de si mesmo para se confrontar com a alteridade e descobrir, *in fine*, a alteridade que está nele” (ROUXEL, 2013c, p.28).

Petit (2008, p.43) nos coloca que

Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Isso significa que, ao ler, nos despertamos para o outro e o vivenciamos até que ele deixe de ser o outro e se torne parte de nós mesmos. Por isso, “a descoberta de si e do outro em si próprio muitas vezes é acompanhada por uma abertura para o outro.” (PETIT, 2013, p.113). Essa empatia evocada por uma situação muitas vezes distante da realidade do leitor permite-lhe, ainda, ao se inserir nos acontecimentos ficcionais ali representados, um entendimento profundo do texto.

Além do mais, ao compreendermos que há diversas formas de se habitar o mundo e distintos modos de ler, de ver, de ser, de existir, de refletir e de atuar, conseguimos lidar melhor também com o desconhecido, com o diferente. Então, se quisermos pensar em um ensino de literatura que veja o texto literário como objeto estético, é necessário compreender que “a implicação do sujeito dá sentido à prática da leitura, pois ela é, ao mesmo tempo, o signo de apropriação do texto pelo leitor e a condição necessária de um diálogo com o outro, graças a diversidade das recepções de uma mesma obra”. (ROUXEL, LANGLADE, 2013, p.23).

Portanto, práticas escolares que deixem emergir a subjetividade do aluno-leitor e sua experiência singular com o texto literário podem proporcionar o reconhecimento de si e do outro nas obras lidas, visto que a leitura é uma oportunidade extraordinária de abertura para a alteridade, mas, também, de exploração e construção da identidade daquele que lê. (JOUVE, 2013, p.53).

### 2.3. Os diários de leitura e a expressão da subjetividade do aluno-leitor

Para compreendermos melhor a expressão da subjetividade do nosso aluno-leitor durante a aplicação da pesquisa, optamos por adotar os diários de leitura, sugeridos por Annie Rouxel, pois, segundo a autora,

Eles permitem observar o ato da leitura, captar as reações, as interrogações dos leitores ao longo do texto, identificar as passagens sobre as quais eles se detêm, que eles às vezes grifam para guardar o termo destacado. Esses escritos possibilitam vislumbrar como a personalidade do leitor se constrói no espelho do texto: os julgamentos axiológicos sobre os discursos ou a ação das personagens, as hesitações e as interrogações sobre a maneira de apreciar o mundo ficcional ou a qualidade da escrita testemunham essa construção identitária. Eles refratam também, através de aproximações efetuadas espontaneamente com outros textos, com outras obras de arte, ou simplesmente com suas experiências de vida, do processo da elaboração de uma cultura pessoal. (ROUXEL, 2014, p.26).

A partir dos diários de leituras torna-se possível observar como o texto literário se converte em uma experiência estética singular para aquele que o lê e como ele que lhe provoca prazer, desconforto, aprovação, repulsa, encantamento, aversão, interesse, desprezo, proximidade, distanciamento, reconhecimento e estranhamento. Ou seja, como o leitor se apropria da obra, tornando-a sua e criando, assim, o seu próprio texto, o “texto do leitor”.

Essa noção de “texto do leitor”, como dito anteriormente, parte do princípio de que a obra literária é reconfigurada pelo leitor ao ser lida, por isso ela é sempre incompleta e única, já que é no momento de realização da leitura que o leitor a completa, preenche suas lacunas e lhe imprime sentidos com elementos do seu universo pessoal. Nesse sentido, “o texto do leitor resulta de uma mescla do texto do autor e do imaginário do leitor”. (ROUXEL, 2012a, p.280).

Rouxel (2012a, p.276) nos traz, ainda, que “os diários de leitura mantidos pelos alunos permitem observar a existência de uma relação pessoal com a obra lida e de traços do processo de elaboração identitária. O jovem leitor exprime suas reações diante do texto e se interroga sobre aquilo que sente”. Dessa forma, a sua identidade é revelada através do texto, ao despontar suas memórias, seus valores, suas ideologias, suas visões de mundo.

Se a subjetividade, então, dá sentido à leitura, precisamos nos valer de “instrumentos pedagógicos de registro escrito da recepção subjetiva, os quais permitem guardar traços das reações e atitudes pessoais durante a construção do texto pelo leitor” (SOUZA, 2020, p.99). Assim, é através dos comentários feitos nos diários de leituras que constatamos o envolvimento intelectual e afetivo do aluno com o texto.

Afetivo porque ocorre na esfera privada, na intimidade e revela seu modo de sentir; e intelectual porque não se limita às emoções, mas instaura igualmente uma competência reflexiva e interpretativa que revela seu modo de pensar. Por isso, “como testemunha do diálogo entre leitor e texto, o diário favorece, assim, não só um acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, como também, a criação de uma relação pessoal e afetiva com a literatura. (SOUZA, 2020, p.119).

Souza (2020, p.94) destaca que a pouca utilização dos diários de leitura em sala de aula se deve ao fato de que o investimento na leitura subjetiva dos alunos “coloca em xeque alguns dos pilares da prática pedagógica corrente: a prevalência da palavra docente sobre a palavra do alunado, a desconsideração dos percursos singulares de cada leitor e a uniformização da interpretação”. Segundo a pesquisadora, nós, professores, receamos encarar a subjetividade dos nossos alunos, porque ela nos tira a falsa ideia de controle e certeza que temos diante de uma prática formalista de ensino de literatura e nos deixa “vulneráveis à descoberta de paixões, fragilidades e transgressões dos nossos alunos e alunas – e também de nós mesmos”. (SOUZA, 2020, p.97).

Por isso, uma nova relação entre professor e aluno, baseada no diálogo, na escuta e no acolhimento torna-se necessária, pois os registros dos leitores devem ser aceitos em classe sem censuras e julgamentos para que eles se sintam confiantes, encorajados e estimulados a revelarem aquilo que mais os tocou e, assim, se descobrirem e descobrirem o outro no texto lido.

Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2007, p.11) complementam que a desconfiança quanto ao uso dos diários como recurso pedagógico ocorre também em virtude do não conhecimento do gênero, da não valorização de textos que denotam a “escrita de si” e de uma concepção inverídica de que os registros seriam apenas uma escrita íntima “em que se depositariam ‘apenas’ as experiências e os sentimentos pessoais”. Estes itens elencados pelas pesquisadoras nos confirmam o quanto muitas das metodologias usadas nas aulas de literatura ignoram o sujeito-leitor e deixam de acolher o seu envolvimento pessoal com a obra lida.

As autoras definem o diário de leitura “como um texto que vai sendo produzido por um leitor, normalmente em primeira pessoa, enquanto vai lendo outro texto, tendo como objetivo maior o estabelecimento de um diálogo, de uma ‘conversa’ com o autor do texto lido, de forma reflexiva” (MACHADO, LOUSADA E ABREU-TARDELLI, 2007, p.109). Isso significa que os conteúdos ali presentes estão relacionados à experiência com o texto lido, que incluem os deslocamentos reflexivos que esse texto lhes provocou.

Assim, todas as pesquisadoras aqui citadas convergem seus pensamentos ao constatarem que o uso dos diários no espaço escolar pressupõe uma outra concepção de leitura literária, diferente do trabalho que abarca informações exteriores aos alunos-leitores para dar lugar a atividades que invistam na subjetividade deles.

Os diários de leitura configuram-se, assim, como um espaço privilegiado que pode contribuir significativamente para a formação leitora e o letramento literário dos alunos envolvidos, uma vez que “descobrir, identificar e nomear as sensações e emoções experimentadas durante a leitura” para depois “captá-las, colocá-las em palavras para que não desapareçam”, podem conduzir esses alunos ao “terreno da experiência estética”. (ROUXEL, 2012b, p.22).

Por isso, “convocar a subjetividade para a sala de aula diz respeito a um trabalho específico de construções de saberes sobre o texto, sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que passa.” (SOUZA, 2020, p.98), sendo, portanto, essencial para uma proposta que tem como um dos seus pilares proporcionar o reconhecimento de si e do outro nos textos lidos.

#### **2.4. A escrita (literária) na escola**

Uma questão que gostaríamos de abordar aqui e que nos parece um tanto polêmica e ainda não resolvida no plano teórico diz respeito à formação de alunos escritores na escola. Há quem defenda que a sala de aula deve ser um espaço de desenvolvimento da escrita literária, apesar de encontrarmos poucas práticas nessa direção, como salienta Rezende (2018, p.93):

Ler e escrever textos literários não são competências equivalentes na escola. Não é de responsabilidade do ensino no nosso país ensinar a escrever literatura, ou o é apenas secundária e tangencialmente em relação à leitura literária, essa sim considerada matéria escolar por excelência. Se a leitura vai, em tese, voltando-se para textos cada vez mais complexos até que se chega às grandes obras da literatura nacional, a escrita, por outro lado, vai perdendo lugar à medida que os estudantes avançam na escolaridade e o lúdico cede ao conhecimento dito sério.

A pesquisadora aponta que os documentos oficiais, que orientam a elaboração dos currículos municipais e estaduais, não dão o mesmo destaque para a escrita que dão para a leitura. Enquanto a BNCC, por exemplo, apresenta avanços consideráveis ao apresentar propostas de leitura literária que levem em conta a subjetividade e a experiência estética do aluno leitor, não vemos a mesma visibilidade para as práticas de escrita.

Rezende (2018) critica, ainda, a ênfase dada aos gêneros do discurso de Bakhtin nesses documentos. Para ela, essa modalidade, como tem sido implementada nas escolas, suprime a expressão criadora dos alunos ao focar apenas nas estruturas composicionais dos gêneros. “Com isso, o trabalho de elaboração do material da experiência, das impressões e sentimentos tão caro à constituição subjetiva e do outro perdeu (ou não ganhou) espaço.” (REZENDE, 2018, p.94).

Além disso, ela assinala inclusive que “os textos literários, não obstante abordados com profundidade por Bakhtin, acabaram se dissolvendo, no interior das práticas escolares, em meio aos contornos de outros gêneros não literários” e, mesmo quando eles aparecem, estão vinculados, na maior parte, à exercícios de compreensão do texto ou de classificação e identificação dos seus elementos linguísticos. (REZENDE, 2018, p.95).

Rezende (2018, p.99) acredita que o trabalho com a escrita deve estar presente no ambiente escolar e que os professores devem proporcionar uma mediação necessária e livre de preconceitos que dê “a seus alunos a oportunidade de encontrar-se como leitor na leitura e na escrita”. Isso significa que a manifestação criativa da escrita, assim como a fruição da leitura literária, deve ter espaço privilegiado nas escolas, uma vez que são atividades indissociáveis, pois “o jovem escrevedor só será possivelmente um autor se, antes, aprender a analisar sua experiência de leitor de literatura para alimentar sua experiência de escrita.” (TAUVERON, 2007, apud REZENDE, 2018, p. 99).

Ademais, citando Tauveron (2007, apud REZENDE, 2018, p.99), ela também enfatiza a importância de se instaurar nas escolas um trabalho em que a escrita tenha uma “intenção artística”, isto é, que seja direcionada para alguém que será o leitor do texto produzido pelo aluno, pois

o trabalho de escrita no âmbito escolar, prefere denominar “autor” aquele que escreve em vez de “escritor”, uma vez que o estudante não vivenciou as peripécias de tudo que implica o campo literário, como publicação, circulação e recepção; mas, ressalto, a escrita do aluno não deveria ser só *para si*, uma escrita confessional (como muitas vezes ocorre), ou algo desinteressado e escolarizado apenas para a avaliação do professor – para fundamentar uma escrita com intenção artística, literária, o autor-estudante, assim como o escritor, escreve *para alguém*. Nesse sentido é que o texto do aluno adquire uma postura autoral, ao querer dizer algo não para si mesmo, mas para um outro que lhe vai dispensar uma “atenção estética” (Tauveron, 2007, p.79), a qual pode emanar do professor ou dos colegas de classe. (REZENDE, 2018, p.98-99).

Entretanto, há ainda quem sustente o entendimento de que a escola não tem a obrigatoriedade de formar alunos autores de textos literários, como nos mostra Andruetto (2012, p.83):

Não devemos, no entanto, esquecer que uma coisa é nos expressarmos com a palavra e outra, muito diferente, é fazer que a palavra expressa saia do âmbito privado e se constitua em literatura, objetivo, este último, que não podemos mensurar e que excede em todos os sentidos a instituição escola.

A autora prefere chamar as oficinas de escrita que acontecem na escola de “oficinas de produção de texto ou oficinas de expressão pela palavra, ou até oficinas de escritura”, já que considera a literatura “um horizonte muito vasto e seria por demais ambicioso e também contraproducente pretender de um espaço de oficina (e mais ainda de um espaço de oficina na escola) produtos que viessem a ser rotulados como literários.” (ANDRUETTO, 2012, p.79).

Porém, apesar de as suas ideias divergirem das de Rezende (2018) quanto à escrita na escola se constituir ou não como literária, Andruetto (2012) reafirma também que a instituição escolar e a sala de aula são igualmente lugares em que as habilidades escritoras dos alunos devem ser exploradas através de práticas que incorporem as experiências proporcionadas pela leitura e rompam com o desenho homogeneizador dos currículos, abrindo, assim, espaço para a heterogeneidade de modos de expressão por meio da palavra escrita.

Antunes (2015, p.226) também faz sua contribuição ao destacar que a escrita pode ser uma consequência do processo de apropriação do texto pelo leitor, uma vez que

o sujeito leitor, ao se apossar do texto lido, torna-se efetivamente um autor, isto é, ao atribuir sentido àquilo que lê, faz o texto reviver por meio da leitura e falar para si e para outros leitores que venham a tomar conhecimento dessa leitura. Mais importante ainda é que, na linha de propostas formuladas há algum tempo por Roland Barthes, essa espécie de leitura estimula o próprio ato de escrever. Ou, para usar os termos de um dos ensaios, essa leitura autoral, que implica a “admiração” do texto lido, conduz à leitura “escritável” (HOUDART-MÉROT, 2013, p.103), que se expressa por meio de um texto produzido após a leitura.

Essa leitura “escritável” é entendida por Houdart-Mérot (2013) a partir do ensaio de Barthes (1970) “Escrever a leitura”. Segundo a autora, um texto “escritável” é aquele que, após a leitura, causa uma admiração tão grande a ponto de pensarmos em sua escrita e reescrita. “Um texto suficientemente atual e opaco para insuflar no leitor o desejo de reescrevê-lo. Um texto suficientemente perturbador e desejável para que ele continue a escrever na cabeça do leitor, para que o leia ‘levantando a cabeça’.” (HOUDART-MÉROT, 2013, p.112).

A escrita e reescrita dessa obra conduz o aluno a produzir o seu próprio texto, ou seja, o “texto do leitor”, que pode se manifestar também através de uma postura artística em reflexo ao que foi lido, configurando o que Rouxel (2012a) chamou de “escritura de invenção”. “A escritura de invenção pode ser considerada como a reação escrita da leitura literária e, dessa forma, ser apreendida naquilo que revela da recepção de um texto. Representa uma voz indireta

e criativa para exprimir um olhar pessoal sobre uma personagem, uma situação, um estilo.” (ROUXEL, 2012a, p.277).

Portanto, a partir da convergência do que foi apresentado, assumimos a escrita em uma relação viva com a leitura, uma vez que transformar a leitura em escrita pode ser “uma das maneiras de tornar a leitura verdadeiramente criativa e o leitor um autor por inteiro” (HOUDART-MÉROT, 2013, p.114), ou seja, não entendemos o ato de escrever como um percurso desassociado do ato de ler, mas sim como uma resposta interpretativa e subjetiva às leituras feitas, não tendo obrigatoriamente de se constituir uma escrita literária.

Assim, neste trabalho, não descartamos a possibilidade de os alunos leitores se tornarem igualmente escritores de textos literários, visto que pretendemos que os textos produzidos por eles ganhem uma dimensão pública e não se restrinja apenas ao universo da sala de aula, contudo esse não é, necessariamente, nosso interesse principal.

## 2.5. Algumas considerações sobre os gêneros conto e miniconto

Servimo-nos do conto e do miniconto como meios de alcançar o letramento literário, esses gêneros que encontram suas origens nos primórdios da humanidade, nas histórias narradas por povos antigos e que até hoje continuam agradando quase todo tipo de leitor, talvez porque tenham reunido em si as características que os fazem ser “uma verdadeira máquina literária de criar interesse” (CORTÁZAR, 1974, p.122-123).

Das histórias orais para o registro escrito, muitos foram os teóricos que tentaram decifrar o conto, no entanto, como afirma Gotlib (1985, p.13), ele só se afirmou como literário quando passou a ter um resultado de ordem estética.

Cortázar (1974, p.149), em seu ensaio “Alguns aspectos sobre o conto” evidencia a dificuldade de se definir o gênero e o compara à poesia: “esse gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”. Assim, o autor, na tentativa de delinear uma definição para o conto, traça um paralelo com a fotografia, em virtude da extensão de ambos, se comparados ao romance e ao cinema, respectivamente:

[...] o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a

sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 1974, p.121-122).

Por significativos, o autor entende contos intensos e avassaladores, que causem um impacto no leitor desde as primeiras linhas, absorvendo-o de forma contundente, através de temas que atraíam e causam reações naquele que lê. E ainda complementa que essa “abertura” a que se refere só é possível quando o tratamento literário que o escritor dá ao texto provoca uma tensão capaz de romper com o cotidiano do leitor, transportando-o para dentro da história.

Ademais, Edgar Allan Poe (apud GOTLIB, 1985, p.32) defende que existe uma relação entre a extensão do conto e o efeito causado pela sua leitura:

A composição literária causa, pois, um efeito, um estado de “excitação” ou de “exaltação da alma”. E como “todas as excitações intensas”, elas “são necessariamente transitórias”. Logo, é preciso *dosar* a obra, de forma a permitir sustentar esta excitação durante um determinado tempo. Se o texto for longo demais ou breve demais, esta excitação ou efeito ficará diluído. (GOTLIB, 1985, p.32).

Sendo assim, o conto conserva em si uma economia de elementos narrativos: “o mínimo de meios, o máximo de efeito” (GOTLIB, 1985, p.35), ou seja, sinaliza uma infinidade de modos de contar uma história de forma breve e intensa.

Além disso, Piglia (2004, p.94) afirma que o conto “reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” e, desse modo, defende duas teses acerca do gênero. A primeira tese é a de que “um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2004, p.89). Segundo o autor, “um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário” (PIGLIA, 2004, p.90), ou seja, no conto clássico um efeito surpresa é produzido quando o final da história é revelado. Esse desfecho convida o leitor a uma nova leitura, através da observação da segunda narrativa que esteve o tempo todo implícita no texto.

Já a segunda tese revela que “a história secreta é a chave da forma do conto e de suas variantes” (PIGLIA, 2004, p.91). O autor esclarece que a versão moderna do conto substitui o final surpresa e “trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-las” (PIGLIA, 2004, p.91). Assim, as múltiplas possibilidades de um desfecho dão novos sentidos à narrativa e o leitor vai decifrando a história oculta para além do desenlace escolhido pelo escritor.

Logo, pelo fato de o “conto ter como características justamente esta possibilidade de ser fluído, móvel, de ser entendido por todos, de se renovar nas suas transmissões, sem se desmanchar” (GOTLIB, 1985, p.18) que optamos por ele nesta pesquisa.

Com relação ao miniconto, para tentar compreendê-lo, nos apoiaremos, inicialmente, nas concepções que envolvem o conto, tratadas acima, visto que até então há poucos estudos em torno do gênero. Spalding (2012, p.66) afirma que “se há dificuldades em definirmos o miniconto isso se deve não (apenas) ao prefixo ‘mini-’, e sim às diversas e produtivas discussões sobre o gênero conto”. Ainda segundo o autor,

Observando a produção contemporânea, parece evidente que o miniconto, ou minificção, tem conquistado seu espaço também no Brasil, seja pela grande massa de leitores e escritores de internet que o país tem, seja pela influência da literatura hispano-americana, seja pela pressa do leitor contemporâneo e a impaciência cada vez maior com a leitura.

Evidentemente o miniconto ainda tem um longo caminho de afirmação, mas deve convergir na busca pela narratividade como ponto fundamental. A partir daí, leitores, escritores e críticos saberão encontrar o ponto médio entre ocultação e revelação, mesmo que os textos tenham trinta ou cinquenta letras, e se poderá, aí sim, reconhecer o nascimento de um novo gênero literário, com presença também no Brasil. (SPALDING, 2012, p.75).

O miniconto, então, se diferencia do conto, principalmente, pela sua extensão, velocidade e contemporaneidade. Além disso, é um gênero que, assim como o conto, conserva em si a concisão e a intensidade capaz de causar um grande impacto no leitor por meio de suas poucas palavras, meticulosamente escolhidas para esse propósito, em uma narrativa que mais se aproxima da poesia, como bem afirmou Cortázar (1974).

Acreditamos, portanto, que o conto e o miniconto, enquanto objetos estéticos, podem ser capazes de despertar sentimentos diversos, seja de verossimilhança ou estranhamento, nos quais o leitor, na medida em que constrói os sentidos do texto, passa a reconhecer a si e ao seu próprio mundo, ao mesmo tempo em que também reconhece outras pessoas, outras culturas, outros tempos e outros lugares nas histórias que lê.

## 2.6. O potencial das *fanfics* na sala de aula

Apesar de as *fanfics* não serem um gênero novo, muito pouco se tem estudado sobre elas nas universidades e menos ainda seu potencial tem sido explorado na Educação Básica. Maria Lucia Bandeira Vargas, uma das poucas pesquisadoras brasileiras que tem se debruçado sobre o assunto na academia, nos mostra, em seu livro “O fenômeno *fanfiction*: novas leituras e escrituras em meio eletrônico”, que “a *fanfiction* é, atualmente, uma prática de letramento online ainda largamente desconhecida para a comunidade educativa no Brasil, porém, nos Estados Unidos, sua origem antecede ao aparecimento da internet.” (VARGAS, 2015, p.20).

O termo *fanfiction* deriva da junção de duas palavras inglesas: *fan* e *fiction*, que significam, literalmente, “ficção de fã” e aqui no Brasil popularizou-se suas formas abreviadas: *fanfic*, ou até mesmo *fic*.

A *fanfiction* é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de *fanfictions* dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria. (VARGAS, 2015, p. 21-22).

Segundo a autora, o surgimento das *fanfics* remonta às décadas de 1920 e 1930, quando os leitores começaram a se reunir em *fandoms*, que são comunidades de fãs, para produzirem *fanazines*, revistas fabricadas de forma independente, manual e com poucas tiragens, em que os entusiastas de uma obra compartilhavam novas histórias e materiais sobre ela.

As primeiras *fanazines* de destaque apareceram entre 1960 e 1970, quando o seriado *Star Trek* (Jornada nas Estrelas no Brasil) interrompeu sua exibição e os fãs, carentes de uma continuidade, começaram eles mesmos a criarem novos episódios. Com o advento da internet, as *fanazines* foram sendo substituídas pelas *e-zines*, que apesar de manterem características semelhantes às primeiras revistas, são publicadas e consumidas em ambientes virtuais. Assim,

os *fandoms* passaram a agregar um número cada vez maior de pessoas, rompendo barreiras geográficas e até mesmo linguísticas, e a produção de *fanfictions* também cresceu, particularmente na década de 1990. [...] Os fãs consumidores desses produtos encontraram na internet um instrumento poderoso para a organização do *fandom* e para a divulgação de seus trabalhos como autores. Eles passaram a criar websites com a finalidade de agregar *fanfictions* e disponibilizá-las para a leitura por outros fãs. [...] Dessa forma, a internet passou a desempenhar o papel de instrumento de socialização e de divulgação da prática, possibilitando a multiplicação, não apenas de seus participantes, mas dos temas que servem de base para este formato de texto, em uma velocidade nunca antes experimentada. (VARGAS, 2015, p.24-25).

No Brasil, a partir dos anos 2000, com a publicação do fenômeno editorial “Harry Potter”, de J. K. Rowling, as *fanfics* tomaram outra dimensão e os *sites* e *blogs* destinados às publicações dessas narrativas ficcionais se multiplicaram. Os fãs da série sentiam cada vez mais necessidade de interagirem com texto que liam e com a sua autora e encontraram nas *fanfics* um modo de fazer isso. Até hoje a saga *Harry Potter* é a que mais inspira seus leitores a reinventarem e reescreverem seus universos e personagens.

Assim, apesar da negação de muitos professores em trazerem-na para a sala de aula, as *fanfics* se infiltram cada vez mais nas vidas dos nossos jovens e adolescentes e se revelam como

uma possibilidade de aproximar nossos alunos da literatura trazendo à tona as suas subjetividades, já que o autor de *fanfics* é aquele leitor que mantém uma relação viva com o texto ao preencher as lacunas e os vazios deixados pelos autores com base em sua bagagem e experiência pessoal.

Como afirmou Chartier (1999, p.77), “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor”.

Nessa perspectiva, os leitores que escrevem *fanfics* transformam essa subversão em um registro escrito, uma narrativa ficcional criativa que destrincha o texto merecedor de sua afeição, recria-o, reinventa-o e ressignifica-o, “ora resgatando o original em questão, ora expandindo-o, ora erotizando-o, misturando-o às suas vidas e aos textos de seus imaginários, em uma prática sempre enriquecedora para todos que com ela se envolvem”. (VARGAS, 2015, p.72)

Chartier (1999, p.103-104) ainda nos traz outra contribuição ao mostrar que

Aqueles que são considerados não-leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não leituras essas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas, para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, e encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e pensar.

Nesse viés, as *fanfics* reúnem as características do que o autor chama de “leituras selvagens” e se mostram como uma potencial prática de letramento literário capaz de contribuir significativamente para a formação dos jovens leitores, visto que eles deixam de consumir passivamente os textos e passam a se relacionar ativamente com eles, ao intervirem, deixarem suas marcas pessoais e, assim, se tornarem coautores dessas obras.

Para Vargas (2015, p.92),

Por meio da coautoria, eles talvez estejam buscando a posse de suas interpretações, do modo como se deu sua recepção do texto original. A intenção desses autores claramente não é de desafiar a autoria do original, mas, sim, de buscar um meio para o exercício de sua própria autoria, bem como um espaço privilegiado para debater e participar de uma comunidade literária no sentido do envolvimento com a leitura e a escrita, em que suas habilidades possam ser apreciadas, desafiadas e desenvolvidas.

Portanto, as *fanfics* permitem, a esses jovens que se aventuram em sua escrita, a liberdade para expandir os universos ficcionais dos seus textos favoritos, prolongar a existência de suas tramas, decidir os rumos dos seus personagens mais queridos e, assim, trazerem suas vozes e seus olhares pessoais para o texto que produziram.

## Capítulo 3

### METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa, uma vez que pretendemos analisar, interpretar e relatar os resultados obtidos e não os quantificar. A escolha se deve, ainda, pelo fato de que nesse tipo de abordagem, a realidade dos alunos e a vivência do professor em seu contexto de sala de aula são valorizadas, visto que o enfoque está nas experiências daqueles que participam da intervenção.

Assim, inicialmente, será desenvolvido um levantamento bibliográfico que fornecerá os subsídios necessários para elaboração e aplicação de uma proposta de intervenção metodológica voltada para a leitura literária e a escrita, privilegiando, por meio da dimensão subjetiva da leitura, o letramento literário e a formação leitora através de oficinas com contos e minicontos ficcionais.

Para empreendermos essa intervenção, elegemos a pesquisa-ação, fundamentada em Thiollent (1986), que é caracterizada como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14).

O autor apresenta, resumidamente, os principais aspectos da pesquisa-ação:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados. (THIOLLENT, 1986, p.16).

Como a pesquisa-ação privilegia o lado empírico, ela pressupõe, antes de mais nada, observação. Somente através da observação será possível traçar um plano de ação que proporcionará aos pesquisadores a possibilidade de “desempenhar um papel ativo na própria

realidade dos fatos observados.” (THIOLENT, 1986, p.16). Essa fase, denominada exploratória, “consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou ‘diagnóstico’) da situação, dos problemas prioritários e das eventuais ações.” (THIOLENT, 1986, p.48).

Após traçar um diagnóstico, o autor sugere “definir com precisão, de um lado, qual é a ação, quais são os seus agentes, seus objetivos e obstáculos e, por outro lado, qual é a exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação.” (THIOLENT, 1986, p.16).

Para planejar as ações, ao contrário das pesquisas tradicionais, a pesquisa-ação é flexível e não “segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada.” (THIOLENT, 1986, p.47).

No caso da educação, a pesquisa-ação tem mostrado bons resultados, uma vez que a maioria das metodologias tradicionais não conseguem responder às exigências de uma área com tanta complexidade. “No contexto da construção ou da reconstrução do sistema de ensino, não basta descrever e avaliar. Precisamos produzir ideias que antecipem o real ou que delineiem um ideal.” (THIOLENT, 1986, p.75).

Dessa forma, essa metodologia foi escolhida pelo fato de estar adequada às novas propostas de educação, uma vez que considera a reflexão, a interação e a cooperação entre os participantes no processo, além de sugerir, a partir de um conhecimento científico, uma ação interventiva e transformadora para os problemas diagnosticados.

Thiollent (1986, p.75) nos mostra ainda que

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes.

Além disso, Francischett (1999, p.172) observa que

A pesquisa-ação na educação, procura através da integração de grupos diagnosticar e resolver as necessidades específicas da realidade vivida na sala de aula, escola e ou comunidade na quais se insere, provoca mudanças e possibilita ao professor teorizar o conhecimento a partir da sua ação na prática pedagógica.

Portanto, esse tipo de pesquisa atende as necessidades da investigação em questão, pois possibilita uma ação flexível, através da intervenção da professora-pesquisadora em sala de aula e do envolvimento de toda a comunidade escolar, inclusive na avaliação dos resultados.

### **3.1. Contexto e participantes**

A pesquisa foi desenvolvida com 25 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, turno vespertino, na faixa etária entre 13 e 15 anos, de uma escola pública estadual localizada no município de Uberlândia, Minas Gerais: Escola Estadual de Uberlândia. A escola e a turma foram selecionadas por serem locais de atuação da professora-pesquisadora, em conformidade com as determinações do programa PROFLETRAS.

Situada em região central, a Escola Estadual de Uberlândia, mais conhecida como “Museu”, é uma das mais antigas da cidade e teve seu prédio tombado como Patrimônio Histórico e Cultural do Município. Atualmente, funciona nos turnos matutino, com oferta de Ensino Médio; vespertino, com oferta do Ensino Fundamental II e Ensino Médio; e noturno, com oferta de Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), totalizando, aproximadamente, 1200 alunos matriculados. Os alunos atendidos pela escola, em sua maioria, são oriundos da zona urbana, incluindo-se centro e periferia.

A escola possui 17 salas de aula em uso. Além das salas, há também laboratórios de ciências e um laboratório de informática, entretanto o fato de ter poucos computadores funcionando inviabiliza o uso com os alunos. A instituição conta também com um espaço físico amplo para o funcionamento da biblioteca, com uma sala anexa com mobiliário ideal para realização de trabalhos em grupos, porém o acervo de livros não é grande e diversificado o bastante para atender aos alunos e, em grande parte, não está em bom estado de conservação. O fato de não haver manutenção e organização desse material se deve à falta de bibliotecários efetivos na escola, todos os anos novos profissionais são designados para um contrato temporário e acabam desempenhando outras funções, como a de professores substitutos, devido à falta de funcionários na instituição. Apesar desse cenário acabar dificultando e limitando o uso desse espaço, alguns professores buscam explorar as possibilidades que o lugar oferece.

Além dos ambientes fechados, a área externa conta com duas quadras e um refeitório. O refeitório possui área coberta com mesas e bancos longos e também um pequeno palco utilizado para apresentações. Apesar de a escola não ter o hábito de organização de eventos culturais e, conseqüentemente, de utilização desse local, a direção e a equipe pedagógica do

turno vespertino incentivam professores e alunos a desenvolverem projetos com essa abordagem.

Porém, com o redirecionamento da proposta para o ambiente virtual, os espaços físicos da escola não foram utilizados e a intervenção metodológica foi aplicada por meio das plataformas digitais que já estavam sendo utilizadas com os alunos, visto que as atividades não presenciais vinham sendo desenvolvidas desde o mês de maio na escola.

Ademais, devido às particularidades desse modelo de aula, a escola definiu que cada professor ministraria suas aulas uma vez por semana, assim as aulas de Língua Portuguesa aconteciam às sextas-feiras. Por isso, os encontros virtuais destinados à aplicação da proposta ocorreram semanalmente no segundo semestre de 2020.

A proposta foi, então, apresentada à direção e à equipe pedagógica da escola onde a professora-pesquisadora atua lecionando aulas de Língua Portuguesa em turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, para fins de aprovação. Optou-se pela participação de 25 alunos considerando a média de alunos que estavam participando das atividades remotas durante o período de suspensão das aulas presenciais, já que a presença nessas aulas era opcional, além das possíveis evasões que poderiam vir a ocorrer e a possibilidade de alunos que não tinham interesse ou não seriam autorizados a participar da pesquisa.

Posteriormente, em uma das aulas online da professora-pesquisadora, foi feita a exposição da proposta aos alunos. Neste dia, foram apresentados os objetivos da pesquisa, as estratégias que seriam utilizadas e os possíveis benefícios provenientes do trabalho com intuito de estimular a participação deles. Eles foram orientados a decidirem com seus responsáveis sobre as suas participações e, aqueles que aceitassem o convite, preencheriam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) via *Google Forms* e futuramente assinariam os documentos na escola em uma das circunstâncias que fossem entregar atividades ou retirar kits alimentação. Nessa ocasião, também foi esclarecido que as identidades dos participantes, assim como os dados que constituirão o corpus de análise, serão preservados e mantidos em anonimato.

Delimitado os participantes, foram excluídos da investigação os alunos que não concordaram em participar e os que não foram autorizados por seus respectivos responsáveis. Salienta-se que, como a intervenção desenrolou-se durante as aulas online de Língua Portuguesa e em conformidade com as orientações da BNCC, os alunos excluídos da pesquisa também participaram das atividades desenvolvidas, contudo não fizeram parte do corpus de análise.

### 3.2. Materiais e métodos

Para o desenvolvimento da nossa proposta didática em sala de aula virtual adotamos a prática de oficinas “porque desejamos enfatizar o caráter da atividade prática, de algo que requer ação dos alunos e não a simples exposição do professor.” (COSSON, 2012, p.121). Além disso, Andruetto (2012, p.80) nos mostra que

a oficina rompe, deve romper, com o espaço da sala de aula e da aula, permitindo explorar zonas e relações que facilitem o encontro com uma linguagem própria, com uma palavra própria, porque uma oficina desfaz a homogeneidade, e essa ruptura, esse desequilíbrio, provocam um modo diferente de vínculo consigo mesmo e com os outros, e com a palavra de um e a dos outros. Nesse sentido, podemos dizer que a oficina – como espaço de pesquisa vivencial que rompe o desenho tradicional e permite explorar as possibilidades da própria palavra e acessar as possibilidades que os outros têm de resolver um mesmo desafio – é libertadora, e o é particularmente no âmbito da educação sistemática, que inclinou a balança para a transmissão de informação e está tão subordinada *ao que deve ser*.

Dessa forma, optamos pela realização de 10 oficinas que contemplaram a leitura literária e a escrita em um movimento que “tenta apreender e desenvolver aspectos esquecidos no currículo, aspectos do humano que também são passíveis de ser estimulados, transmitidos, treinados, como tudo que tem a ver com a sensibilidade das pessoas.” (ANDRUETTO, 2012, p.80-81).

Pretendemos também que essas oficinas sejam espaços de encontro com outras vozes presentes tanto nas leituras feitas, quanto nas conversas e, conseqüentemente, nas escutas acerca dessas leituras. Segundo Bajour, (2012, p.23).

Falar dos textos é voltar a lê-los. O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons de sua própria interpretação. Pôr para fora, para outros, a música da nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Esses sons saem e se encontram com outros: os das partituras de outros leitores. Como em um ensaio orquestrado, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes com ecos às vezes inesperados para os intérpretes.

Por isso, selecionamos quatro contos e seis minicontos literários que dialogam com a sensibilidade desses jovens leitores e cujas temáticas giram em torno da reflexão sobre as particularidades e a diversidade da condição humana, propiciando, assim, através da ficção, o reconhecimento de si e do outro nos textos lidos. Esperávamos que os alunos vivenciassem, por

meio desses textos, a sensação de escaparem de si próprios, ao mesmo tempo que se abriam para a experiência do outro. (JOUVE, 2002, p.108).

Os contos escolhidos foram: “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga; “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho; e “Maria”, de Conceição Evaristo. Já os minicontos foram: “Constrangida”, “Todos iguais”, “Havia um gesso no meio do caminho”, “O tapinha”, “Super normal” e “Perdas e ganhos”, todos de autoria de Leonardo Brasiense.

Ao elegermos essas narrativas, partimos da premissa de que a escuta se inicia na seleção de textos e que é nesse momento que começa o acolhimento do professor (BAJOUR, 2012). Além do mais, “pensar nos textos com antecedência é imaginar perguntas, modos de apresentar e adentrar os livros, estratégias de leitura e também de escrita ficcional, possíveis pontes entre os textos propostos e outros.” (BAJOUR, 2012, p.60).

Assim, esses textos foram disponibilizados para os alunos nas plataformas digitais utilizadas durante a intervenção metodológica, através de um material digitalizado e organizado pela professora-pesquisadora.

A primeira ferramenta digital usada foi o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, que foi o principal canal de comunicação entre os pesquisadores e os participantes. Formamos um grupo com os alunos participantes para nos mantermos “próximos” a eles durante o desenvolvimento da pesquisa.

Além disso, utilizamos uma ferramenta online chamada *Padlet*, que viabilizou a criação de um mural virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e compartilhar conteúdos multimídias (textos, imagens, áudios, vídeos, hiperlinks) e que também foi usado para hospedar os minicontos produzidos pelos alunos. Usamos também o aplicativo para videochamadas *Google Meet* para realizar os encontros síncronos, o *Google Forms* para os termos e o *Google Docs* para os diários de leitura e os textos produzidos, além de outros recursos, como o *YouTube* e o *Mentimeter*, que foram empregados em algumas oficinas. Por fim, criamos um *blog* na plataforma *Blogger* idealizado especialmente para divulgar as produções escritas dos alunos.

O diário de leitura foi um importante instrumento para analisarmos a experiência vivenciada pelos alunos no ato da leitura. De acordo com Rouxel (2012b, p.20),

A prática dos diários de leitura é uma forma privilegiada de explorar o processo de leitura, observar como se dá a lógica associativa, como se elabora, por afirmação de si ou por questionamentos, a construção identitária. Esses escritos, nos quais se pode observar a complexidade irredutível da relação com o texto na leitura, são também um objeto privilegiado para os pesquisadores

Ademais, a partir do registro em seus diários, como ato posterior à leitura, o aluno é capaz de organizar melhor seus pensamentos e, conseqüentemente, trazer sua voz mais ativamente às discussões propostas nas oficinas. Consideramos o debate entre a turma essencial na formação de jovens leitores ao compor uma comunidade de leitores que permite o diálogo com o outro e “ilumine a polissemia dos textos literários e a diversidade dos investimentos subjetivos que autoriza.” (ROUXEL, 2013c, p.23).

Porém, sabemos que a maioria dos jovens resistem em revelar aquilo que consideram íntimo e particular, ainda mais diante da classe e do professor. Muitas vezes eles preferem o silêncio, por isso, ao longo das oficinas, respeitamos o direito de calarem-se (PENNAC, 1993), mas também fomos infundindo neles confiança e criando um espaço acolhedor para que eles se sentissem confortáveis em se abrir para o outro sem, no entanto, desconsiderar “que as vozes, os gestos e também os silêncios dos leitores merecem ser escutados”. (BAJOUR, 2012, p.45).

Assim, buscamos interpretar e descrever, através de uma abordagem qualitativa, os resultados da interação do nosso aluno com o objeto de pesquisa. Para isso, recorreremos ao diário de campo (Apêndice A) para anotações da professora-pesquisadora, que foi usado como forma de registro do desenvolvimento das aulas, através de observações, descrições e análises, para que as informações colhidas não se perdessem ou fossem esquecidas.

O diário de campo atuou como um “espelho não mimético” (BAJOUR, 2012, p.71) de tudo o que aconteceu no período de aplicação da proposta, isto é, não funcionou como uma cópia ou uma representação fidedigna da realidade, mas como um reflexo que expôs o olhar singular daquele que vivenciou e experienciou cada momento proporcionado pela intervenção.

Segundo Bajour (2012, p.70-71),

Os registros são um gênero dentro das narrativas docentes em que professores, por meio da palavra escrita, se tornam protagonistas de sua reflexão graças a uma combinação de proximidade e distanciamento que lhes permite escrever sobre a prática pouco tempo depois de tê-las realizado. [...] E, fundamentalmente, são escritos que fazem a própria voz dialogar com o coral de outras vozes [...]. Vozes que não se perdem ou se diluem na massa da generalização, mas que somam nos escritos e são valorizadas por sua singularidade. [...]

Durante a realização dos projetos de leitura os registros se convertem em uma marca sensível de como o imaginado e o planejado deparam com a realidade, que sempre expande e enriquece toda hipótese ou conjectura prévia

Sendo assim, diante do exposto e levando em conta os objetivos de nossa pesquisa, organizamos as oficinas em 13 aulas, distribuídas da seguinte forma:

Quadro 1 - Descrição das oficinas

Oficinas	Descrição	Nº de aulas
Apresentação	- Apresentação da pesquisa e entrega dos termos.	01 aula
Diários de leitura e investigação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Orientação sobre diários de leitura e <i>Google Docs</i>.</li> <li>- Investigação das relações dos alunos com a leitura literária através da leitura do conto “O rapaz que habitava os livros”, de Valter Hugo Mãe.</li> </ul>	01 aula
Minicontos de Leonardo Brasiliense	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura em voz alta pela professora dos minicontos.</li> <li>- Registro de “palavras-sensações” no <i>Mentimeter</i> ao final da leitura de cada miniconoto.</li> <li>- Roda de conversa sobre as “palavras-sensações” registradas e as relações que se estabelecem com os minicontos.</li> <li>- Apresentação do livro e do autor dos minicontos com exibição de entrevista.</li> <li>- Elaboração de perguntas para o autor.</li> <li>- Proposta de produção individual de minicontos a partir das “palavras-sensações” mais recorrentes e de criação de um mural no <i>Padlet</i> com os textos produzidos.</li> <li>- Encontro com o escritor Leonardo Brasiliense.</li> <li>- Apresentação dos minicontos produzidos e do mural.</li> </ul>	03 aulas
Conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura em voz alta pela professora do conto “A moça tecelã”.</li> <li>- Apresentação do livro e da autora com exibição de entrevista.</li> <li>- Leitura coletiva do conto “O conto de fadas da princesa moderna”, de Luís Fernando Veríssimo.</li> <li>- Apresentação do autor.</li> <li>- Roda de conversa sobre as obras.</li> <li>- Exibição do clipe da música “Desconstruindo Amélia”, de Pitty e do poema “Era uma vez uma mulher”, de Alice Ruiz.</li> </ul>	01 aula
Conto “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura individual do conto “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga.</li> <li>- Apresentação do livro e da autora com exibição de entrevista.</li> <li>- Exibição da imagem “Meritocracia”.</li> <li>- Roda de conversa sobre o conto e a relação que a imagem estabelece com a história.</li> </ul>	01 aula

	- Exibição do clipe da música “Diferenças”, de Rael.	
Conto “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura em voz alta pela professora de parte do conto “O menino que respirava borboleta”.</li> <li>- Questionamento sobre o desfecho da história.</li> <li>- Leitura pela professora do restante da narrativa.</li> <li>- Apresentação da obra e do autor com exibição de entrevista.</li> <li>- Roda de conversa sobre o conto.</li> <li>- Leitura coletiva do poema “Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas”, de Luís Filipe Parrado.</li> </ul>	01 aula
Conto “Maria”, de Conceição Evaristo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura em voz alta pela professora do conto “Maria”.</li> <li>- Apresentação do livro e da autora com exibição de entrevista.</li> <li>- Exibição do clipe da música “Maria, Maria”, de Fernando Brant e Milton Nascimento e de vídeo sobre a canção.</li> <li>- Roda de conversa sobre o conto e a música.</li> <li>- Exibição do clipe da música “A carne”, interpretada por Elza Soares.</li> </ul>	01 aula
Produzindo <i>fanfics</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proposta de produção individual de <i>fanfics</i> a partir dos personagens favoritos dos contos lidos e de criação de um <i>blog</i> para divulgação dos textos produzidos.</li> <li>- Correção, revisão e reescrita das <i>fanfics</i>.</li> <li>- Apresentação dos textos produzidos.</li> <li>- Escolha de <i>layout</i> e nome para o <i>blog</i>.</li> </ul>	02 aulas
Evento de divulgação do <i>blog</i>	- Evento virtual de divulgação do <i>blog</i> com as <i>fanfics</i> .	01 aula
Avaliação do projeto	- Avaliação do projeto.	01 aula

Fonte: elaborado pelo(a) autor(a) (2020)

### 3.3. Descrição e análise da proposta didática

#### Aula 1: Apresentação

O primeiro encontro será destinado à apresentação da proposta de trabalho aos alunos e seus responsáveis. Enviaremos o link da reunião através do grupo de *WhatsApp* e orientaremos

o acesso à plataforma *Google Meet*. Nesse dia, explicaremos a natureza da pesquisa e responderemos a eventuais dúvidas e questionamentos que surgirem com o objetivo de convidá-los a integrar a investigação. Após esclarecimentos, enviaremos para aqueles que concordarem em participar, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) para os alunos e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) para seus respectivos responsáveis legais, via *Google Forms* e pediremos que, posteriormente, passem na escola para assinar os documentos. Além disso, aproveitaremos o encontro para explicar e orientar sobre o uso de algumas ferramentas que serão utilizadas.

### **Descrição/Análise (04/09)**

O convite para participar da apresentação da proposta de trabalho foi feito via *WhatsApp* em um grupo criado por professores, supervisão e vice direção para orientar alunos e responsáveis sobre o Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP). Como eles já estavam familiarizados com o *Google Meet*, não tiveram dificuldade em acessar a videochamada.

Marcamos o primeiro encontro para o dia 04 de setembro, pelo fato de as aulas de Língua Portuguesa acontecerem às sextas-feiras. O convite se estendeu a todos os estudantes matriculados nas três turmas de oitavo ano da Escola Estadual de Uberlândia devido à baixa adesão nas aulas online. Dos cerca de 90 alunos, compareceram 30 nesse dia, o que consideramos um bom número, levando em conta que durante as aulas online estávamos registrando uma média de 15 a 20 alunos.

Acreditamos que o vínculo que esses estudantes já tinham com a professora pesquisadora, visto que era o terceiro ano que ela ministrava aulas para essas turmas, contribuiu para que chegássemos a esse número de interessados.

A apresentação da proposta foi feita de modo a esclarecer os objetivos, o desenvolvimento, as obras, os autores e os recursos que seriam utilizados. Aproveitamos para esclarecer alguns conceitos importantes, como reconhecimento, identificação, alteridade e empatia, os dois últimos desconhecidos por muitos deles.

Além disso, orientamos quanto aos Termos de Assentimento e Consentimento e definimos que aqueles que aceitassem o convite preencheriam esses Termos via *Google Forms* e depois assinariam os documentos na escola em uma das circunstâncias que fossem entregar atividades ou retirar kits alimentação.

Ao final, 25 alunos aceitaram participar. Os outros 5 justificaram a não participação, principalmente, pela dificuldade de acesso à internet e a aparelhos eletrônicos, pela sobrecarga

de atividades que já estavam tendo devido ao REANP e pela falta de disposição e ânimo diante das circunstâncias em que estavam submetidos desde o início da pandemia.

## **Aula 2: Diários de leitura e investigação**

No segundo encontro, orientaremos quanto à utilização dos diários de leitura durante a realização da pesquisa. Compartilharemos, individualmente, com cada aluno participante, via *WhatsApp*, um documento do *Google Docs* que será usado durante a intervenção como diário de leitura. Optamos por esse instrumento pois desejamos colher os resultados da interação dos nossos alunos com os textos lidos e um diário físico não nos permitiria esse acesso. Porém, no retorno das aulas presenciais todos os participantes serão presenteados com um diário de leitura personalizado.

É muito importante que os alunos se apropriem dos diários de leitura e compreendam a sua função. Acreditamos que, inicialmente, eles possam ter certa dificuldade, afinal não podemos nos esquecer que a maioria deles esteve exposto a práticas educativas com o texto literário que, na maioria das vezes, negavam a expressão de suas subjetividades. Por isso, iremos explorar a ferramenta escolhida e sugerir que cada um personalize seu diário livremente. Além disso, a cada encontro iremos estimulá-los a escreverem as experiências vivenciadas com as leituras e atividades desenvolvidas.

Também iremos nos dedicar a investigar as relações dos alunos com a leitura literária através da leitura do conto “O rapaz que habitava os livros” (Anexo C), de Valter Hugo Mãe. Após a leitura do texto em voz alta pela professora, perguntaremos qual o lugar que a leitura ocupa na vida do personagem principal e qual o significado dos livros para ele e, em seguida, faremos os mesmos questionamentos para os alunos com o intuito de que reflitam sobre o lugar que a literatura ocupa em suas vidas.

Nesse conto, o protagonista é um jovem estudante de um colégio interno apaixonado por livros e pela leitura. Para ele, “[...] os livros acontecem dentro de nós. [...] ler é como caminhar dentro de mim mesmo. [...] Quando lemos estamos a percorrer o nosso próprio interior.” (MÃE, 2015, p.95). Contudo, seus livros são retirados do quarto numa tentativa de impedir as leituras noturnas e o afastamento dos colegas, fato que tem um efeito terrível sobre o garoto, já que se viu sozinho sem os objetos tão bem quistos. Então, ele passou a aproveitar os intervalos das aulas para ler, até que um dia não voltou para a sala e, ao procurarem por ele, os colegas e a professora constataram: “[...] parece que se mudou para dentro do livro porque não ouve a nossa voz. [...] Ele sorri. Está feliz.” (MÃE, 2015, p.97).

### **Descrição/Análise (11/09)**

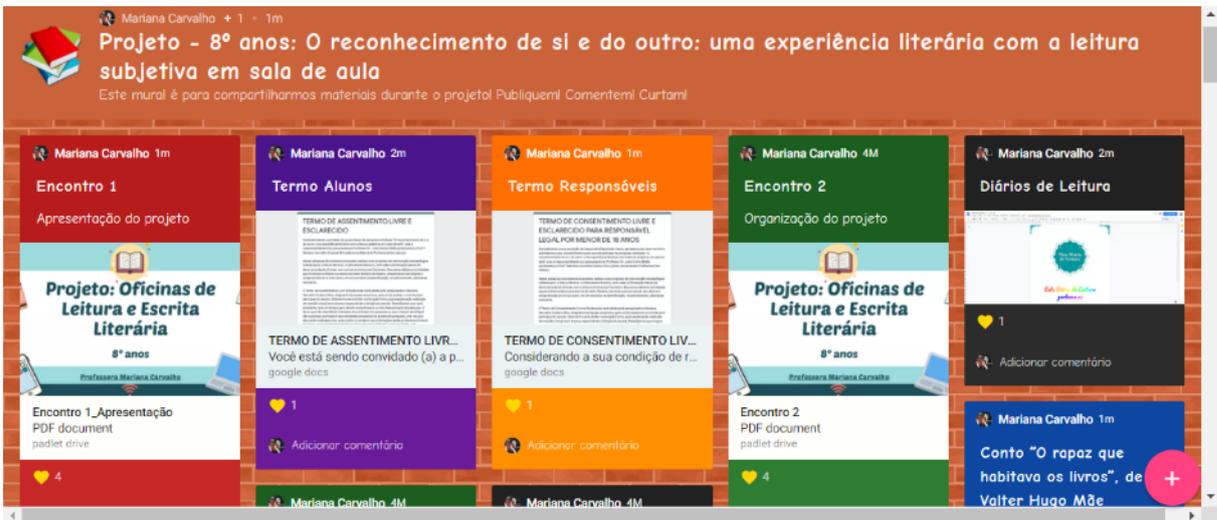
Optamos por iniciar esse segundo encontro investigando a relação que os alunos tinham com a leitura literária. Fizemos a leitura em voz alta do texto “O rapaz que habitava os livros”, de Valter Hugo Mãe e perguntamos, ao final, qual o lugar que a leitura ocupava na vida daquele menino e qual o significado dos livros para ele. A seguir, fizemos os mesmos questionamentos para os participantes, porém houve pouca interação, apenas alguns raros comentários no *chat*: “Era a vida dele.”, “Era tudo pra ele.”, “Ele só queria ler...”, “É bonito de ver o quanto ele gostava de ler, eu não sou muito fã não.”. Percebemos que conto não repercutiu muito neles.

Entretanto, um desses comentários, da aluna AG, nos chamou a atenção: “*Eu estou lendo um livro do Jorge Amado que faz eu ter todas essas reações que ele falou.*”. Nesse breve comentário constatamos que a experiência com a leitura de uma obra provoca reações subjetivas no leitor que o marcam a ponto de estabelecer uma relação de afetividade com o livro, assim como o menino do texto lido.

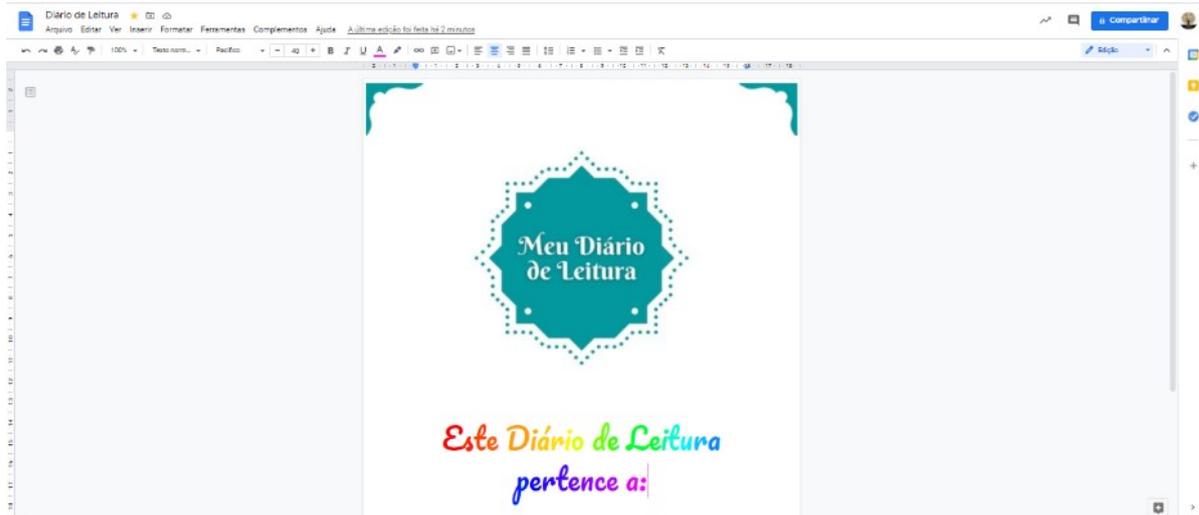
Em seguida, apresentamos um mural criado no *Padlet*, onde disponibilizamos todos os materiais utilizados durante a aplicação da proposta e orientamos como realizar o cadastro e utilizar a ferramenta para que se familiarizassem, já que seria usada novamente em outro momento.

A maioria dos alunos teve facilidade com o site, muitos entraram, se cadastraram e acessaram os materiais durante a aula mesmo, o que não aconteceu com a próxima ferramenta que apresentamos: o *Google Docs*, escolhido para ser usado como diário de leitura. Por esse motivo, optamos por retomar, ao final de todos os encontros, as funcionalidades que o recurso oferecia, bem como enfatizar a escrita do diário.

A proposta de um diário de leitura livre, em que cada um dialogue com o texto e o autor à sua maneira e que compartilhe suas experiências, opiniões, reflexões, questionamentos e julgamentos subjetivos a cada leitura foi bem recebida por alguns, especialmente por aqueles que já haviam realizado atividades similares com a professora anteriormente. Já em outros notamos que causou certo estranhamento, o que já era esperado em virtude das práticas com textos literários que estavam habituados.

Imagem 1 - Mural no *Padlet*

Fonte: elaborada pelo autor

Imagem 2 - Modelo de diário de leitura no *Google Docs*

Fonte: elaborada pelo autor

Neste segundo encontro, como relatado, os primeiros desafios e dificuldades do formato remoto começaram a surgir. Dos 25 alunos que aceitaram o convite, somente 18 apareceram. Alguns entraram atrasados na aula e outros saíram antes de terminar, justificando outros compromissos e problemas de acesso à internet. Ao final da aula, uma aluna nos procurou para nos avisar que não poderia mais participar do projeto, pois a partir da próxima semana passaria a ajudar o pai no comércio da família e outros dois alunos nos enviaram mensagens via *WhatsApp* explicando que também não estariam presentes porque o celular que usavam para participar dos encontros tinha estragado.

Além disso, nenhum deles abriu a câmera, poucos abriram o áudio e apenas alguns se comunicaram via *chat*. Por esse motivo, a interação foi um grande obstáculo, visto que, ao contrário de uma aula presencial, não tínhamos a possibilidade de vê-los e nem às suas reações.

### **Aulas 3, 4 e 5: Minicontos**

Esses encontros serão dedicados aos minicontos de autoria de Leonardo Brasiliense (Anexo D). Por ser um gênero literário pouco explorado nas escolas, acreditamos que possa suscitar dúvidas e questionamentos que serão sanados à medida que surgirem.

No primeiro encontro, a professora apresentará o livro do qual foram retirados os minicontos e fará a leitura em voz alta dos textos selecionados. Ao final da leitura de cada texto, solicitará que os alunos registrem uma “palavra-sensação”, ou seja, uma palavra que exprima a sensação que tiveram ao ler/ouvir cada miniconto, através do *Mentimeter*, um recurso digital usado para criar interações em tempo real.

A ferramenta criará uma nuvem de palavras com destaque para as que foram mais mencionadas. Comentaremos, então, essas palavras que mais apareceram para que possamos relacioná-las ao texto e atribuir novos sentidos. Em seguida, a professora pedirá que os alunos elejam e comentem a narrativa que foi mais significativa para eles, já que todas tratam de assuntos que fazem parte do universo juvenil.

A seguir será a vez de apresentar o autor dos minicontos e exibir uma entrevista com ele disponível no *YouTube* (<https://www.youtube.com/watch?v=A1A8QLY0lOA&t=132s>). Após a apresentação, indagaremos, então, que perguntas os alunos gostariam de fazer para o escritor e pediremos que registrem essas questões em outro link do *Mentimeter*. Revelaremos que no próximo encontro contaremos com a participação de Leonardo Brasiliense e que eles poderão perguntar tudo diretamente para ele.

Por fim, listaremos as “palavras-sensações” que foram mais recorrentes na leitura dos seis minicontos e pediremos que cada um elabore, individualmente, um miniconto a partir dessas palavras e compartilhem em um mural criado no *Padlet*.

No encontro seguinte será a vez de escutarmos o autor Leonardo Brasiliense. Entramos em contato com ele por e-mail e ele aceitou participar de uma conferência virtual conosco, na qual falará um pouco sobre sua trajetória leitora, sua formação enquanto leitor e escritor e sobre o seu processo de escrita dos minicontos. Esperamos que esse momento seja inspirador e incentive os alunos a produzirem seus minicontos.

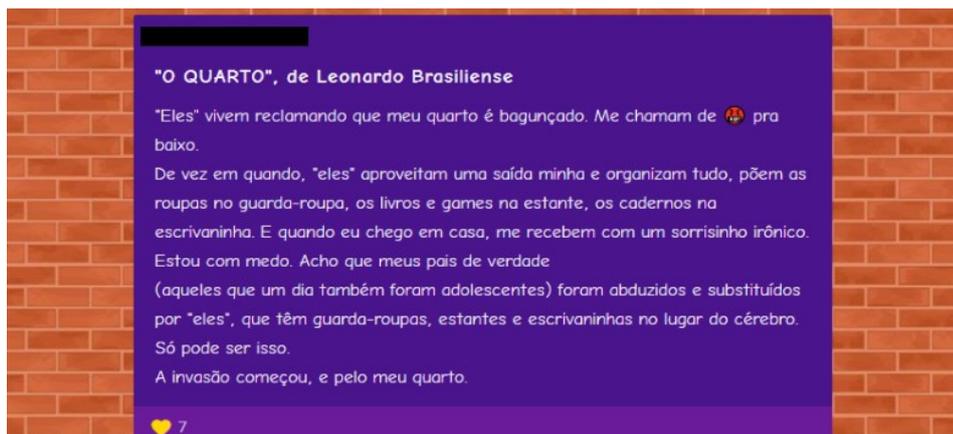
No outro encontro faremos a apreciação do mural criado com os minicontos e cada um apresentará seu texto para, então, promovermos diálogos e trocas acerca das narrativas produzidas.

### **Descrição/Análise (18/09)**

Começamos esse encontro animados, com 22 alunos na sala. A professora explicou que a aula seria dedicada a alguns minicontos retirados do livro “Adeus contos de fada”, de Leonardo Brasiense. Mostramos o livro, questionamos se eles conheciam aquele gênero literário e o que imaginavam que um livro com aquele título traria. A grande maioria mencionou não ter tido contato com minicontos anteriormente, no entanto, uma das alunas, MD, revelou ter pesquisado o autor depois do primeiro encontro, quando foram apresentados a eles as obras e os escritores que estariam presentes no projeto.

Foi um momento de agradável surpresa, já que ela tinha lido alguns minicontos do autor na internet, compartilhou conosco no mural do *Padlet* aquele que tinha lhe despertado maior atenção e explicou que a obra se referia ao universo adolescente, por isso aquele título era uma despedida da infância. E, quando perguntada sobre o porquê da escolha daquele texto, MD justificou dizendo que houve grande identificação e teve o apoio de vários colegas que também se reconheceram naquela narrativa que traz à tona um cotidiano comum a tantos adolescentes.

Imagem 3 - Publicação da aluna MD no *Padlet*



Fonte: elaborada pelo autor

Então, explicamos brevemente sobre o gênero miniconto e partimos para a dinâmica das palavras-sensação para que eles reconhecessem as características do gênero no próprio texto e compreendessem o porquê do título da obra escolhido pelo autor. Lemos as narrativas e, após a leitura de cada uma, enviamos o link do *Mentimeter* para que eles registrassem a palavra-



Imagem 6 - Palavras-sensações geradas no *Mentimeter* a partir do miniconto "Havia um gesso no meio do caminho"



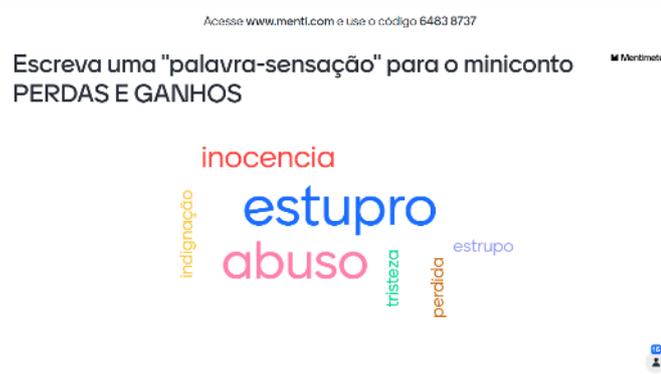
Fonte: elaborada pelo autor

Imagem 7 - Palavras-sensações geradas no *Mentimeter* a partir do miniconto "Tapinha"



Fonte: elaborada pelo autor

Imagem 8 - Palavras-sensações geradas no *Mentimeter* a partir do miniconto "Perdas e ganhos"



Fonte: elaborada pelo autor

Mais uma vez houve pouquíssima interação, os alunos só se manifestaram no último miniconto, “Perdas e Ganhos”, uma vez que se mostraram muito impactados com o texto. A aluna AG disse: *“O mais pesado foi como ela romantizou o abuso.”* e a aluna GA escreveu no chat: *“Eu só consigo pensar em duas possibilidades, ou ela acabou desenvolvendo uma Síndrome de Estocolmo ou então ela é uma criança muito inocente ainda. As duas possibilidades são horríveis.”*

Alguns relatos nos diários também confirmaram o quanto a narrativa os abalou:

*CP: “O miniconto que eu mais achei interessante foi o da menina com os padrastos dela. O fato dela romantizar tudo aquilo, falando que ele ensinou a ela como era ser mulher e o pior de tudo é que no final ela vai sentir falta. Tudo aquilo me deixa muito pensativa, de que muitas pessoas passam por isso todos os dias.”*

*IS: “Perdas e ganhos foi o que me mais me marcou, pois ela diz que ficou arrasada quando a mãe dela mandou embora o Tadeu, pois ele a mostrou a ser mulher. Isso me marcou, pois metade das filhas que falam isso para mãe, a mãe acha que é mentira da filha ou até mesmo está criando histórias na cabeça, e a menina não achou ruim isso ter acontecido, pois como ela diz ‘ele foi o primeiro a me dizer (e mostrar) que eu já era uma mulher.’ Eu fiquei bem em choque quando a senhora leu este miniconto, porque eu sei que há outras coisas que ensinam a nós sermos mulheres, mas como ela fala que ele foi o primeiro a ensinar isso pra ela nos mostra que nem a mãe não deu conselhos ou até mesmo ensinamentos para a própria filha. Eu fiquei bem chocada.”*

Em seguida, apresentamos o autor, Leonardo Brasiliense, exibimos o vídeo de sua entrevista e revelamos que ele estaria presente no nosso próximo encontro. Eles ficaram animados com essa possibilidade, já que a maioria nunca tinha conversado com um escritor antes e prevalecia neles a ideia romantizada do autor já falecido ou idolatrado e isolado do contato social. Pedimos, então, que pensassem e escrevessem em outro link do *Mentimeter* o que gostariam de perguntar a ele para que as dúvidas não se perdessem e pudéssemos recorrer a elas no dia do encontro, caso a timidez falasse mais alto.

Os registros nos diários de leitura nos confirmaram que a proposta de encontro com o escritor despertou neles grande interesse e ainda ratificou a hipótese que levantamos ao escolher o gênero miniconto, já que a leitura dos textos foi impactante para a maioria, especialmente pela sua concisão e intensidade:

*JM: “No começo de cada miniconto eu não entendi, mas quando a ficha caiu, senti um peso nas costas.”*

*ER: “Nessa aula fiquei muito surpreendido, pois eu pude perceber que o autor consegue produzir uma história que toca nossos corações usando poucas linhas, eu achei genial!”*

*GV: “Os minicontos do Leonardo Brasiliense são muito bons, e muito fortes também, todos os contos que lemos na aula foram incríveis, o que mais me marcou foi o do abuso que a menina sofreu, ele causa um impacto muito grande no leitor quando se entende sobre o que aquilo está falando. estou muito ansiosa para conhecer o escritor!”*

*IS: “Hoje eu amei os minicontos e eu gostaria muito de saber mais sobre isso. Estou muito ansiosa para o dia que nos encontraremos com o Leonardo, pois eu quero saber muito mais sobre ele e os minicontos. Eu estou amando isso.”*

*MD: “Eu gostei demais dessa aula principalmente pela dinâmica feita hoje da palavra, a cada leitura vinha automaticamente a palavra que descrevia aquilo que sentia, hoje sinto que trabalhei com a sensação de gelo, pois alguns minicontos me jogaram do prédio com tudo e me quebraram de uma forma que não há como descrever.”*

*RO: “Os minicontos lidos na última aula com certeza mudaram o jeito que penso sobre a leitura em si. A forma como é tratado assuntos polêmicos é algo incrível do autor. Nunca imaginei que esses assuntos seriam trazidos a um texto, da forma como veio, sem ao menos disfarçar todos os preconceitos e delicados assuntos, como o acesso às drogas por crianças. Mas isso é um ponto muito positivo do autor, esse jeito que ele nos traz a realidade à tona faz com que nossa ficha seja quebrada e vivenciemos algo que nunca imaginaríamos, como ocorreu comigo.”*

Para finalizar, propomos a eles o desafio da produção de um miniconto a partir das palavras-sensações mais mencionadas durante a dinâmica da aula. Mostramos também o mural criado no *Padlet* para que cada um postasse seu miniconto no formato que se sentisse mais confortável e marcamos uma data para que eles apresentassem suas produções para dali duas semanas, em 02/10/2020.

Com a excitação do momento em função do encontro com Leonardo Brasiliense, a proposta foi bem recebida pela maioria, apesar de alguns se mostrarem inseguros com a escrita, como mostram alguns trechos dos diários. Por isso, no próximo encontro decidimos retomar a proposta para incentivá-los.

*AG: “Eu amei a aula de hoje e gostei bastante da ideia de escrever um miniconto. Eles são muito fortes, todas as minhas reações foram muito verdadeiras.”*

*ER: “Estou empolgado para escrever esse miniconto, estou cheio de ideais.”*

*AC: “Não tenho ideia ainda do que escrever no meu miniconto.”*

*ST: “Ai, professora, esse negócio de escrever miniconto é muito difícil.”*

Imagem 9 - Palavras-sensações mais mencionadas

## Escreva seu MINICONTO a partir dessas "PALAVRAS-SENSAÇÕES"

Mentimeter



Fonte: elaborada pelo autor

Por fim, apenas enfatizamos o registro da experiência com os minicontos nos diários de leitura e orientamos sobre o *Google Docs* para aqueles que ainda tinham dificuldade com a ferramenta.

Ao encerrar este encontro, uma sensação de frustração ficou muito latente. Primeiro, porque começamos a aula com 22 alunos e terminamos com 15. Segundo, porque como na semana anterior, a dificuldade de interagir com os participantes e a impossibilidade de vê-los e de ouvi-los em uma proposta em que a subjetividade tem papel de destaque nos faz questionar a relevância da aplicação no modelo remoto.

Muitas dúvidas surgiram, mas o alento veio depois, na leitura dos diários. Apesar de muitos não terem feito nenhum registro ou fazerem relatos muito rasos e superficiais, os poucos que escreveram sobre suas experiências, demonstraram que, mesmo em partes, os objetivos da pesquisa estavam sendo atingidos.

### **Descrição/Análise (25/09)**

Desde o último encontro, o grupo de *WhatsApp* ficou movimentado durante toda a semana até chegar esse dia. Estavam todos muito ansiosos para conhecer o Leonardo Brasiliense. Então, no horário marcado, havia 22 alunos presentes.

Para nossa grata surpresa, estavam quase todos com as câmeras abertas e, após a professora fazer a apresentação do convidado, ele falar algumas palavras iniciais e agradecer o convite, logo começaram a surgir as primeiras perguntas. Eles estavam muito curiosos com dois episódios particulares da vida de Leonardo: o fato de ele ter abandonado a carreira de medicina e o fato de ele ter morado por alguns meses em uma biblioteca.

O escritor foi muito simpático, respondeu a todas as perguntas, dúvidas e curiosidades, nos contou sobre sua trajetória enquanto leitor, seus livros e autores preferidos, sobre como se tornou escritor e sobre alguns momentos marcantes que a carreira lhe proporcionou. Além disso, explicou sobre seu processo de escrita e desmistificou a ideia de escrita como dom ou inspiração divina, pelo contrário, mostrou que escrever exige esforço, disciplina e dedicação.

Leonardo também falou sobre sua relação com o gênero miniconto, sobre como nasceu o livro “Adeus conto de fadas” e os minicontos que compõem a obra. Nos relatou ainda que, ao contrário do que muitos imaginam, tem uma rotina pesada e se refugia na arte quando precisa de um descanso para a mente. Além da literatura, a fotografia, o cinema e a música têm lugares cativos na vida do autor.

No final, ao contarmos a ele sobre o desafio de escrita de um miniconto feito na semana anterior, ele incentivou todos a escreverem e deu várias “dicas” para os alunos. Um dos participantes, JM, compartilhou com ele o miniconto que já havia feito e foi muito elogiado pelo autor, deixando-os ainda mais animados para produzirem seus próprios textos.

O encontro que era para durar cerca de uma hora acabou se estendendo mais alguns minutos em função das trocas tão ricas que ocorreram e, por fim, eles agradeceram a presença de Leonardo Brasiliense, o “*momento maravilhoso*” e a “*experiência inesquecível*”, segundo relatos dos próprios alunos, que tínhamos proporcionado a eles.

Foi, de fato, uma ocasião emocionante e muito inspiradora, daquelas que ficam marcadas nas nossas lembranças e nos fazem compreender a potência da literatura. Depois de

tantas dificuldades enfrentadas no formato remoto, esse dia serviu para nos lembrar de que quando optamos por fazer a intervenção à distância, sabíamos que encontraríamos muitos percalços, mas que também poderíamos experimentar novas possibilidades. Muito provavelmente, no presencial não seria possível vivenciar essa experiência tão significativa, já que Leonardo Brasiliense mora muito distante de nós, no Rio Grande do Sul.

Os relatos compartilhados nos diários de leitura só confirmaram a relevância desse encontro para a formação leitora desses alunos:

*ER: “Nessa aula tivemos uma interação ainda maior do que na última aula, pois ligamos as câmeras e ainda por cima pudemos conversar com o autor Leonardo Brasiliense. Achei muito ‘daora’ de nossas vidas serem diferentes umas das outras, pude perceber isso nesta aula pois perguntei pro Leonardo o que ele achava sobre o tédio nessa pandemia? Ele me respondeu com uma cara de quem não entendeu, falando que não sabia o que era isso, que sua vida é muito corrida. Achei muito ‘daora’ o fato de ele morar do outro lado do país e mesmo assim poder fazer uma pergunta pra ele.*

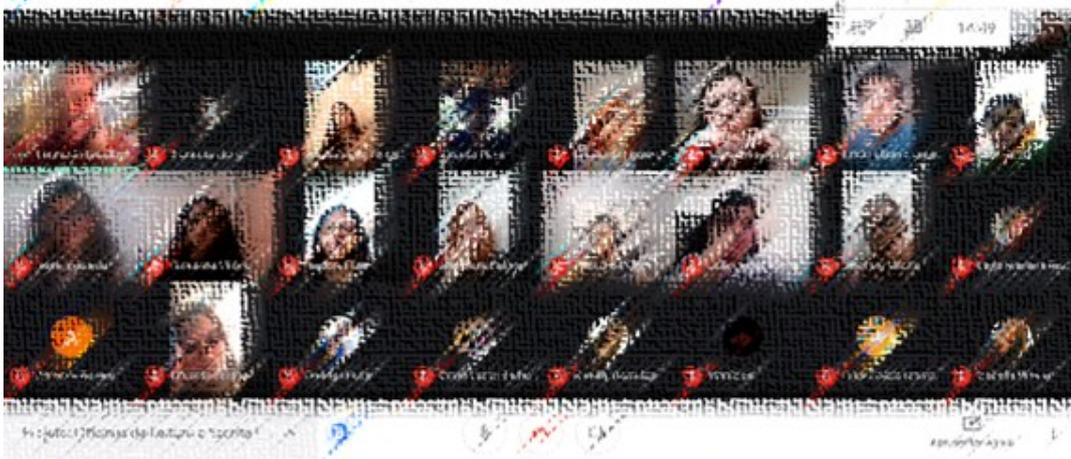
*Última coisa, queria agradecer a professora por estar nos proporcionando essa incrível experiência literária, que mesmo eu não gostando de ler ela conseguiu me interessar pela leitura.”*

*GV: “Hoje recebemos o escritor dos minicontos, o Leonardo Brasiliense. Foi uma experiência incrível, eu nunca tinha tido um contato tão próximo com um escritor de algum livro. Eu achei ele uma pessoa muito gente boa, super simpático, espero ter mais experiências assim.”*

*IS: “AAAA... eu amei o dia de hoje com o Leonardo, eu realmente amei as respostas e até mesmo como é morar em uma biblioteca, achei muito interessante. Eu adoraria mais encontros como esse e até mesmo com outros escritores! Não tem nem como descrever com palavras esse encontro! Eu amei!”*

*RO: “O escritor Leonardo Brasiliense soube nos dar uma visão diferente do que achávamos sobre os minicontos, pelo menos pra mim. Cada história que ele contava, seja da vida ou dos livros, me proporcionava ainda mais o pensamento de que a leitura é realmente algo mágico. Com certeza depois dessa aula, minha visão sobre a literatura mudou e comecei a ter um carinho maior por ela.”*

Imagem 10 - Encontro com o escritor Leonardo Brasiense



Fonte: elaborada pelo autor

### Descrição/Análise (02/10)

Esse encontro seria destinado à apresentação dos minicontos produzidos pelos alunos, mas, durante a semana, percebemos que poucos tinham conseguido terminar suas produções e muitos tinham nos procurado se mostrando envergonhados de apresentar seus textos. Por isso, decidimos ampliar o prazo para a entrega dos minicontos e repensar a forma como eles seriam apresentados.

Aproveitamos, então, que a maioria estava presente (20 alunos) e optamos por, inicialmente, conversar sobre como o encontro anterior tinha reverberado neles e ouvirmos as dificuldades que estavam enfrentando com relação à escrita do miniconto e do diário, já que poucos estavam conseguindo fazer os registros neste último.

O que era para ser uma breve troca de ideias, acabou se tornando um momento de acolhimento e escuta, visto que a grande maioria dos estudantes estava se sentindo “*perdidos*”, como eles mesmo relataram, com tantas demandas pessoais, familiares e escolares.

Apesar de revelarem que “*esses encontros têm sido a melhor coisa que eles têm feito*”, a sobrecarga de trabalhos escolares e a cobrança pela entrega dos Planos de Estudos Tutorados, material desenvolvido pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais durante o Regime Especial de Atividades Não Presenciais, estava impedindo que muitos conseguissem se envolver e se dedicar à outras atividades.

Nesse sentido, diante do cenário angustiante que a pandemia nos impôs, entendemos que a situação exige compreensão e tolerância. Por isso, decidimos, em conjunto, que eles teriam até o final da aplicação do projeto para produzirem seus minicontos e que iríamos acompanhar as publicações deles no *Padlet*. E, depois que todos tivessem conseguido postar

sua produção, tiraríamos um momento para apresentar e apreciar o mural de minicontos. Além disso, ao final dos encontros, iríamos sempre lembrá-los de, em seguida, fazerem os registros em seus diários para que as experiências vivenciadas não se perdessem e para que, assim, não os tomasse muito tempo.

Após os novos acordos e prazos definidos, nos restavam menos da metade da aula e decidimos dar início à leitura do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. A leitura foi feita em voz alta pela professora, a autora foi apresentada e, em seguida, foi exibido um trecho de uma entrevista dela que suscitou muitas reações nos alunos, especialmente nas meninas que se identificaram com a personagem do conto e se sentiram representadas pela narrativa e pela fala da autora, como os relatos nos diários nos revelaram:

*AG: “Que aula incrível! Eu amei a escritora apresentada hoje, me interessou muito o fato de ser direcionada a mulher, acho necessário demais falar sobre o mundo feminino que ainda é tabu pra muitas pessoas. O texto que lemos me trouxe uma sensação fantasiosa, me coloquei no lugar da mulher, percebi que realmente é uma história que pode acontecer.”*

*CP: “Hoje a professora leu um conto chamado ‘A moça tecelã’, da autora Marina Colasanti. No começo parecia um conto de fadas daqueles da Disney, com uma princesa que tudo que tecesse se tornava realidade, mas aí ela teceu o homem ‘perfeito’ pra ela. E ao invés dele se mostrar um homem romântico, não, ele se mostrou um homem interesseiro, queria que ela tecesse tudo que ele queria, um palácio, cavalos, empregados, mas no final ele só queria mais e mais, nada estava bom.*

*Uma coisa que esse conto me fez pensar foi o fato de que nós podemos recomeçar, de que nós mulheres podemos e conseguimos sair de um relacionamento abusivo, mesmo que pareça difícil.”*

*GV: “O texto que lemos foi incrível, me mostrou que a nossa imaginação pode levar a gente a outras dimensões, e esses momentos não têm preço. Sempre que pego algum livro para ler, me vejo no lugar dessa moça tecelã, é como se os livros me levassem a outro mundo que eu nem sabia que existia ou que podia tecer... me identifiquei bastante com esse conto e com essa moça.”*

*IS: “Amei a aula de hoje e já estou toda ansiosa para a gente conhecer mais e falar mais sobre a história. Eu amei ‘A moça tecelã’, até pesquisei mais sobre e descobri que tem o livro (já quero até comprar aliás kskks), e até já vi outros livros da escritora e amei eles também! Esse texto nos mostra que não precisamos de homens para viver e se estivermos sozinhas podemos adotar um cachorro (kskks)! Que isso pode incentivar várias mulheres que acham que precisam de homem para viver e que é totalmente ao contrário disso! Eu simplesmente amei!”*

*MD: “A autora é incrível, o trabalho dela, a entrevista que vimos ela disse tudo, não há nada que ela disse que eu discorde, é surpreendente a forma que ela trabalha com o feminismo, ela mesma diz que é um trabalho feito para as mulheres, simplesmente estou em êxtase com esse conto dela.”*

No entanto, o relato específico de um menino, ER, merece destaque pela forma como o texto, significativo e tocante para ele, lhe proporcionou o exercício da alteridade, ao se deslocar para um lugar que normalmente não é o seu, com o intuito de compreender o outro, nesse caso, as mulheres, que historicamente foram oprimidas por um sistema majoritariamente machista.

*ER: “Se fosse para resumir em uma palavra o momento de hoje é: INSPIRADOR! Pude ver a criatividade que tem dentro de nós, pude perceber isso lendo o conto de hoje, como aquela mulher fez um conto tão criativo?*

*Achei muito interessante a maneira como ela usa as palavras, usando a fantasia ela consegue falar sobre uma coisa que é um problema real, que é o problema da mulher fazer as vontades do homem mesmo se sentindo infeliz.*

*Agora vou falar de que parte eu MAIS GOSTEI nesta aula: a parte que mais gostei foi quando a autora Marina Colasanti se expressou sobre a questão da mulher. Como a mulher foi oprimida e negada e que ela faz os livros para as mulheres.*

*Professora, muito obrigado por estar me proporcionando me expressar através da escrita e entendendo melhor outras pessoas. GOSTEI MUITO DESSE MOMENTO!”*

Apesar do curto período que tivemos para explorar o conto “A moça tecelã”, percebemos que ele reverberou de maneira muito intensa nos participantes, por isso, no próximo encontro, retomaremos o texto antes de seguirmos com o planejamento.

### **Aula 6: Conto “A moça tecelã”**

Esse encontro será destinado ao conto da escritora Marina Colasanti, “A moça tecelã” (Anexo E). A professora irá ler a narrativa e explorará o título do texto, uma vez que a palavra “tecelã” pode não ser conhecida por todos. Em seguida, apresentará a obra e a autora e exibirá um vídeo do *YouTube* em que ela traz, em uma entrevista, seu olhar sobre si mesma, sobre o mundo e, especialmente, sobre as mulheres e o feminino (<https://www.youtube.com/watch?v=jJELKgy6IgU&list=WL&index=3>).

Depois, a professora convidará os alunos a lerem em voz alta o conto “O conto de fadas da princesa moderna” (Anexo F), de autoria de Luis Fernando Veríssimo e fará a apresentação do autor. Em seguida, mediaremos a roda de conversa sobre as obras com algumas perguntas para nortear o debate, como: “Que sensação/impressão esses textos lhe causaram?”, “Quais semelhanças e diferenças vocês percebem entre as personagens dos contos?”, “Que papel normalmente atribuído às mulheres percebemos nos textos?”, “O que o marido, inicialmente, significava para a moça tecelã? E o que ele acaba se tornando?”, “Apesar de ser um conto fantástico, que aspecto da realidade esses contos trazem à tona?”, “Você acredita que a relação que moça tecelã vivia era abusiva?”, “O que uma ‘princesa moderna’ tem de diferente de uma princesa dos contos de fadas clássicos?”, “Com qual das duas você se identifica mais: a moderna ou a clássica? Por quê?”, “Para essas mulheres dessas histórias, o que parece ser a felicidade?”.

Para finalizar esse encontro, após as reflexões, diálogos e compartilhamentos, exibiremos o clipe da música “Desconstruindo Amélia” (Anexo G), da cantora Pitty (<https://www.youtube.com/watch?v=ygcrcRgVxMI>) e leremos o poema “Era uma vez uma mulher”, da escritora Alice Ruiz (Anexo H).

### **Descrição/Análise (09/10)**

Começamos o encontro com 17 alunos. Retomamos o conto lido na semana anterior, “A moça tecelã”. Em seguida, fizemos a leitura em voz alta do texto “O conto de fadas da princesa moderna” e apresentamos seu autor, Luis Fernando Veríssimo. Ambos os contos agradaram muito os participantes e as perguntas elaboradas para conduzir o diálogo suscitaram neles o desejo de falar e de expor suas opiniões.

Durante a roda de conversa, eles trouxeram suas experiências pessoais, relacionaram as narrativas com outros livros, filmes e séries, como Enola Holmes e compararam as personagens com outras princesas de filmes da Disney, como Moana e Merida, que também desconstruem o estereótipo feminino das princesas de contos tradicionais. Muitas meninas revelaram não se

sentirem representadas pelas personagens de contos clássicos, mas que histórias de mulheres empoderadas, como as que foram lidas, as inspiram e *“lavam a alma”*, segundo elas.

Houve vários relatos de relacionamentos abusivos e violentos vivenciados ou presenciados por vários deles. Uma das alunas trouxe o conceito de *“lugar de fala”* para justificar o quanto é necessário dar voz a mulheres que foram silenciadas em vários contextos de opressão impostos pela sociedade.

Enquanto as garotas traziam seus questionamentos, eram apoiadas e ouvidas atentamente pelos meninos presentes, o que as deixou ainda mais confortáveis, tanto que esse foi um ponto que apareceu nos diários de leitura:

*MD: “O bom da aula de hoje é que ninguém chegou e disse nada absurdo ou algo que merecesse umas poucas e boas, os meninos entenderam e foi simplesmente leve e de uma forma legal de debater.”*

Como consequência, o tema do “feminismo” surgiu nas falas de vários alunos, alguns confessando não conhecer de fato o que seria e outros revelando ter receio de defenderem e assumirem a causa com medo dos julgamentos negativos de outras pessoas. Explicamos, então, o conceito e esclarecemos as dúvidas e os equívocos comumente difundidos de que feminismo seria o oposto de machismo, mostrando que a luta feminista é por equidade e não por superioridade. Ao mesmo tempo em que trazíamos essas explicações, eles mesmo pesquisavam as definições e traziam para o *chat*, indicavam filmes e livros sobre o assunto, enriquecendo ainda mais o debate.

Por fim, exibimos o clipe da música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty e lemos o poema da escritora Alice Ruiz. Eles gostaram muito da canção e do texto pela linguagem simples, descontraída e acessível e, novamente, indicaram outras músicas com a mesma temática.

O encontro já tinha sido extremamente edificante e gratificante por vermos uma comunidade de leitores começando a ser edificada naquele ambiente virtual, pelas reverberações que causaram neles, pelas construções que fizeram a partir da leitura dos textos e das conversas e pela subjetividade vindo à tona no exercício da identificação, do reconhecimento, da alteridade e da empatia, como constatado nos diários de leitura:

*AG: “Eu refleti muito sobre a história da princesa moderna e da moça tecelã. A primeira vez que escutei a história da moça tecelã não tinha olhado do mesmo jeito que olhei hoje. Da*

*primeira vez que eu escutei a história, percebi o rapaz como só um interesseiro sem noção, mas hoje quando fui ler de novo percebi que, além disso tudo, ele ainda era abusivo demais. E trazendo isso pra realidade dá pra perceber que acontece muito mesmo, obrigam e fazem as mulheres acreditar que realmente precisam de filhos, um marido todo machão e bruto e ainda por cima cobram que ela seja uma excelente dona de casa. Já a mulher moderna, como eu ri e amei essa história, super me identifiquei. Diferente da moça tecelã ela já sabia muito bem o que NÃO queria e descobriu que a felicidade pode estar em uma carinha de rã.”*

*GV: “Sem palavras para a aula de hoje... as mulheres lutando pelo seu direito é uma coisa linda. Quando li aquele texto despertou em mim um sentimento que eu nem sabia que existia. O mundo tem essa ideia de que todos nós temos que ter a nossa alma gêmea, e olha, eu discordo muito, quem é que disse que nós não podemos ser felizes e completas sozinhas? Nossa melhor companhia somos nós mesmos!”*

*IS: “Eu simplesmente amei a aula de hoje. Em filmes de princesas os finais sempre têm ‘felizes para sempre’, mas nem sempre mostram a realidade que acontece hoje no mundo! Ao ler o conto da princesa moderna veio uma sensação de felicidade, pois saber que aquela princesa poderia ter aceitado, se casado e ficaria como uma escrava do marido para o resto da vida, e ela simplesmente o recusou. O da moça tecelã ela escolheu ter um marido, mas quando viu que ele estava interessado só no trabalho dela, ela simplesmente o desfez e continuou a sua vida. E muitas mulheres que terminam o seu relacionamento e querem seguir em frente o ex não deixa, procura de todo jeito perseguir a mulher e até mesmo em alguns casos matam a própria ex, pois não se conformam com o fim do relacionamento.”*

*JM: “Primeiro vou falar sobre o conto da semana passada, eu achei esse conto incrível!!! Pelo fato dela conseguir voltar para sua vida normal depois dos abusos que ela sofreu, se tornando independente e dona da sua própria vida.*

*Hoje também discutimos sobre o feminismo. Gente, feminismo não rebaixa homens, o feminismo é para as mulheres terem igualdade, embora eu ache que seria melhor equidade, o oposto de machismo é FEMISMO! Não se engane! Eu não tinha certeza do que estava falando, então pesquisei no Google para ter certeza.”*

*RI: “Hoje a gente falou sobre o conto ‘A moça tecelã’ e o da princesa moderna. A comparação entre eles me fez refletir. A moça tecelã, apesar de ser uma coisa lúdica, só me fazia pensar na*

*realidade, de como os relacionamentos são abusivos e de como uma mulher agora tem o direito e a coragem de acabar com uma coisa que não te faz feliz. Já o outro fala de uma princesa que é empoderada, é uma nova versão daquele em que um sapo aparece e com um beijo da princesa ele se transforma em um príncipe, mas essa princesa do conto de hoje, vendo ele querendo casar com ela e obrigar ela a cuidar de casa e dos filhos, simplesmente transformou o sapo na sua janta. O que me faz pensar que essas duas personagens mostraram que não é preciso ninguém além de si mesmo para ser feliz!”*

*RO: “No primeiro texto ‘A moça tecelã’ vejo que a menina do texto se vê muito solitária, mas quando pensa em ter alguém ao seu lado e isso se realiza, ela enxerga que aquilo não estava mais te fazendo bem e só estava te trazendo tristezas. Infelizmente, essa pode ser a realidade de muitas mulheres nos dias de hoje que acabam se relacionando com homens que só pensam no seu próprio benefício, mas muitas não acabam tendo a mesma sorte da menina do texto de se livrar desse homem.*

*De muitos anos pra cá, as mulheres vêm conquistando cada vez mais sua voz, vejo isso e fico muito feliz. Mas acho que não chegou no ponto ideal, sempre há maçãs podres que continuam com o pensamento machista. No futuro, espero que tudo isso seja apenas passado e a mulher conquiste ainda mais seu lugar no mundo.*

*No texto ‘O conto de fadas da princesa moderna’, achei bastante satisfatório o final dele, em que a mulher acaba recusando o beijo do sapo. O texto também traz o desejo do sapo/príncipe em querer que a mulher case com ele e faça várias tarefas domésticas pra ele. É algo que infelizmente é bem atual e acaba muitas vezes com a mulher sendo submissa ao homem, fazendo coisas que em hipótese alguma ela deveria estar fazendo por obrigação. E como eu disse sobre o texto ‘A moça tecelã’, muitas não acabam tendo a mesma sorte de se desprender desse relacionamento em que ela é maltratada.”*

Contudo, o momento de maior emoção veio depois: eles pediram novamente a fala e agradeceram a experiência que estão vivenciando, evidenciaram o fato de trazer discussões que dizem respeito a eles e ouvir o que eles têm a dizer sem os menosprezar por serem jovens. Disseram o quão especial está sendo para eles esses momentos, que muitos esperam ansiosamente a sexta-feira, dia dos nossos encontros, que nunca tiveram a oportunidade de dialogar de igual para igual com outros professores e nem tinham parado para pensar o que a leitura de um texto literário pode nos provocar e para onde pode nos levar. Ainda, trouxeram isso para seus registros nos diários:

*GV: “Professora, muito obrigada por essa aula, muito obrigada por acreditar em nós e no nosso potencial!”*

*RI: “Nossa, hoje a aula foi perfeita, é muito bom o sentimento de alguém entender o seu pensamento. Obrigada, professora!”*

*ST: “Quem não gosta dessa professora que para pra ouvir nossa opinião e nos escutar, que fala sobre assuntos que ninguém fala...”*

*RO: “Lendo os textos novamente após a aula, vi o quanto abrangente pode ser a literatura, e quantos assuntos diferentes ela pode abordar. Pena que poucos professores falem sobre isso. Hoje foi incrível!”*

Ficamos comovidos e tocados com as manifestações deles, foi um daqueles dias em que os resultados foram muito além das expectativas e que o planejamento, pensado e repensado tantas vezes, finalmente fez sentido. Finalizamos esse encontro preenchidos, alimentados e ainda mais convictos da força e do papel da literatura nos espaços escolares.

### **Aula 7: Conto “O bife e a pipoca”**

Nesse encontro o objeto de leitura será o conto de Lygia Bojunga, “O bife e a pipoca” (Anexo I). Por se tratar de um texto mais longo, enviaremos uma cópia aos alunos alguns dias antes e pediremos que façam a leitura.

No dia do encontro, a professora mostrará a obra da qual o conto foi retirado, apresentará a autora dele e exibirá um vídeo curto do *YouTube* (<https://www.youtube.com/watch?v=9KKob3AWnGk&list=WL&index=15>) em que ela conversa sobre suas obras e a sua trajetória artística.

Então, iniciaremos a roda de conversa virtual sobre o texto com a intenção de compartilhar as experiências de leitura que o conto proporcionou. Faremos perguntas, como: “Qual a sensação que vocês tiveram ao final da leitura?”, “Como vocês descreveriam cada uma das personagens?”, “Com qual das duas personagens vocês se identificaram mais? Por quê?”, “Que relação vocês estabelecem entre o título e o enredo?”, “Na sua opinião, por que Tuca brigou com Rodrigo?”, “Qual a importância das cartas que Rodrigo escreve para Guilherme?”,

“É possível que uma amizade seja construída por pessoas de classes sociais tão distintas?”, “Que aspecto da nossa realidade a autora traz à tona nesse texto?”.

Em seguida, projetaremos a imagem “Meritocracia” (Anexo J) e faremos os seguintes questionamentos: “Mesmo frequentando a mesma escola, Tuca e Rodrigo terão as mesmas condições de continuar seus estudos? E as mesmas oportunidades de trabalho?”, “Como vocês imaginam que será o futuro de Tuca? E o de Rodrigo?”.

Logo após as reflexões e os compartilhamentos, finalizaremos a aula com a exibição do clipe da música “Diferenças” (Anexo K), de autoria do rapper Rael (<https://www.youtube.com/watch?v=6Geku1I2GMs&t=23s>).

### **Descrição/Análise (16/10)**

Nesse encontro, apesar de planejarmos que iríamos solicitar aos participantes que fizessem a leitura em casa devido à extensão do conto, optamos pela leitura conjunta em voz alta em razão da sobrecarga de atividades escolares já mencionadas por eles anteriormente. Além disso, como era uma semana com feriado e recesso e muitos já tinham avisado que não estariam presentes, combinamos que aqueles que não estivessem na aula, leriam o texto em casa. Por isso, a proposta foi reorganizada para acontecer em dois encontros.

Assim, com 13 alunos presentes, mostramos o livro “Tchau” de onde foi retirado o conto “O bife a pipoca”, apresentamos a autora, Lygia Bojunga, e exibimos um trecho de uma das raras entrevistas em que a escritora fala sobre seu trabalho voltado para o público jovem. Em seguida, fizemos a leitura em voz alta do texto.

Ao final da leitura, estavam todos maravilhados com a história, relataram que mergulharam na narrativa e sentiram como se estivessem vendo um filme, no qual cada cena era retratada. Se sensibilizaram muito com o Tuca, a descrição de sua vida mexeu com eles a ponto de se emocionarem e alguns dizerem que tiveram vontade de chorar. Até mesmo alguns alunos mais tímidos, que pouco se manifestaram nos outros encontros, disseram já “*estar com seus diários abertos*” para registrarem as experiências com a leitura desse conto e foi o que realmente fizeram:

*JP: “Esse conto é o melhor texto que eu já li até hoje, foi maravilhoso e um assunto bem interessante. Senti que naquela parte dos anéis da mãe do Rodrigo, ela mostra todo seu preconceito e fica com receio do Tuca roubar seus anéis.*

*Esse é o meu conto favorito até hoje! Muito obrigado, professora!”*

ER: “Hoje escutei o conto ‘O bife e a pipoca’, achei INCRÍVEL, AS PALAVRAS DO CONTO MEXERAM COMIGO! A autora consegue nos deixar presos a história mesmo tendo 10 páginas. Eu gostei porque é uma história que fala sobre as diferenças entre nós, um menino é um riquinho e o outro pobre, mas mesmo assim eles ainda se tornaram bons amigos. Por que nós não agimos como eles? Que não importam as diferenças conseguem ainda ser amigos. Hoje em dia as pessoas agridem umas às outras porque são diferentes, sendo que o que faz de cada pessoa especial são as diferenças.”

GV: “Esse conto me mostrou muito sobre a desigualdade social, que temos muitas pessoas vivendo em uma realidade totalmente diferente da nossa. Esse conto me tocou muito, no início achei meio triste pelo fato do Tuca ainda não possuir amigos e pelo fato do Rodrigo ter ‘perdido’ seu melhor amigo. Mas a história tomou um rumo totalmente diferente do que eu estava imaginando, é um conto muito bonitinho, duas pessoas de classes sociais totalmente diferentes e tendo uma amizade sem nenhum preconceito, isso é raro no tempo em que estamos vivendo... Mas uma coisa que eu senti falta foi das cartas de Guilherme, porque, poxa, seu amigo escreve uma carta para você e tu não vai nem escrever de volta? Mas, enfim, amei o conto do mesmo jeito, quero muito ler mais contos dessa escritora.”

IS: “Eu amei o conto ‘O bife e a pipoca’, eu fiquei muito tocada, pois podemos ver até em bairros aqui de Uberlândia essa realidade! Esse conto traz muito a realidade de muitos amigos da escola e do trabalho. Eu fiquei bem chocada quando o Rodrigo perguntou onde estava a pipoca e o Tuca abriu aquela porta e eles viram a mãe do Tuca naquela situação (pois eu imagino toda a cena na minha mente).”

MD: “Olha, hoje eu senti um aperto muito grande no peito, sabe? Começou de uma forma leve, mas não foi bem assim que continuou. Passou um filme de drama gigante na minha cabeça que realmente me deixou com uma pressão no peito e um aperto no coração. Aquilo me deixou realmente mexida de uma forma que eu não sei se isso tudo que escrevi faz sentido ou nexo, pois isso me deixou meio sem palavras e sem saber o que fazer depois... Sei lá, não há palavras para descrever a sensação, se há algo a dizer é que uma lágrima é garantida.

OBS: eu nunca mais irei ver o bife do meu prato da mesma forma.”

MM: “Hoje nós lemos um conto chamado ‘O bife e a pipoca’. A única coisa que eu tenho pra falar é: MEU DEUS, esse conto é maravilhoso! Trata de duas pessoas com realidades

*completamente diferentes e o melhor é que você embarca na história junto com os personagens, principalmente com o Tuca. Na hora que o bife escorrega do prato e vai no tapete, eu fiquei desesperada por dois motivos: 1- deu pra perceber que a mãe do Rodrigo já tinha perdido a paciência com o Tuca; 2- ELE NÃO COMEU O BIFE! Meu Deus, eu fico pensando: a falta de dinheiro era tão grande que o Tuca nunca tinha comido um bife, tipo, bife é o que mais tem aqui na minha casa. Esse conto faz você repensar sobre a desigualdade social que a gente vive. Tantas pessoas passam fome enquanto outras jogam comida fora. Esse conto é ótimo!”*

*RO: “O texto lido na última aula me deixou bastante feliz com o final, mas também bastante triste por trazer à tona algo que é comum no país em que vivemos, a diferença de classes sociais. Não foi uma tarefa fácil ler, a cada frase referente às situações em que o Tuca e sua família viviam no morro, era uma apreensão e aperto no peito. Em muitos momentos, como quando Tuca vai almoçar na casa de Rodrigo e acaba derrubando a comida de seu prato, me traz o sentimento de pena do Tuca. E fica cada vez mais claro a falta da empatia de uma classe mais alta com uma classe mais baixa, como a mãe de Rodrigo se importando mais com o tapete sujo do que com Tuca. Esse problema é corriqueiro, em todo o mundo pessoas com esse pensamento sempre existirão. Sempre existirá um certo receio em ser amigo de uma pessoa abaixo do seu nível econômico por parte dessas pessoas. E quanto mais pessoas tiverem um pensamento contrário a esse, mais pessoas com empatia com o outro existirão, o que tornará nossa convivência em sociedade centenas de vezes melhor. Creio que posso estar sonhando, mas uma pessoa a mais que começa a ter essa empatia, já gera resultados. (...)*

*Criei um laço muito forte com o Tuca no texto e no final foi lindo o momento em que o Rodrigo mandou a carta dizendo que aprendeu a pescar com o Tuca. O que mostra que a amizade permanece, apesar de tudo. O texto é realmente maravilhoso, faz você ter uma visão diferente sobre algo cotidiano no país em que vivemos. Simplesmente perfeito!”*

*ST “Hoje a história foi maravilhosa, mas como foi triste pensar o quanto Tuca precisaria trabalhar lavando carro pra ter dinheiro pra comprar um bife tão macio e suculento como aquele que ele viu no restaurante. E quando Tuca convidou o Rodrigo pra ir na casa dele e não queria abrir aquela porta fechada porque a mãe estava deitada no chão bêbada e um monte de pipoca espalhada pelo chão do quarto, foi de cortar o coração pensar no Tuca depois que Rodrigo viu aquela cena. Mas o bom dessa história foi que o Rodrigo que nunca sabia o que ia ser quando crescer acabou se descobrindo enquanto ensinava o Tuca as matérias que*

*ele tinha dificuldade, ele percebeu que queria ser professor. Que coisa mais linda ensinar uma coisa pra uma pessoa e acabar se descobrindo...”*

### **Descrição/Análise (23/10)**

Neste encontro, com 16 alunos presentes, retomamos o conto lido na semana anterior, “O bife e a pipoca”, para discutirmos os pontos que mais chamaram atenção e geraram incômodos nos alunos. A partir das perguntas elaboradas para conduzir o diálogo, muitas questões foram surgindo por meio dos comentários no *chat*, inclusive algumas que nem estavam previstas no roteiro, como a postura da mãe do Rodrigo sobre o Tuca e a exploração do trabalho infantil a que o garoto foi submetido:

*MM: “Eu senti que a mãe do Rodrigo não tinha gostado do Tuca. Eu achei que ela ia acusar ele de querer roubar os anéis dela.”*

*ER: “Chega bate uma bad quando o chefe dele faz aquilo com ele, como pode explorar assim uma criança que precisa trabalhar pra viver...”*

Questões políticas de representatividade também viraram debate, pois eles chegaram à conclusão de que temos poucos políticos que realmente defendam os interesses dos povos menos favorecidos, visto que a política no Brasil acaba se tornando um jogo de interesses que termina por beneficiar os mais endinheirados. Assim, em algumas situações, torna-se até mesmo interessante e lucrativo que a pobreza continue existindo:

*AG: “A maioria dos políticos são ricos e para existir o rico tem que existir o pobre, por isso não é interessante para esses ricos acabar com a pobreza...”*

*MD: “E o rico cada vez fica mais rico, e o pobre cada vez fica mais pobre... Como a música diz.”*

Além disso, depois de exibida a imagem “Meritocracia”, os alunos trouxeram à tona a discussão sobre o assunto e a falsa ideia que ela carrega de que o esforço individual é o suficiente para uma ascensão social e econômica. Refletiram que esse discurso acaba acentuando ainda mais a desigualdade, uma vez que não existe igualdade de oportunidades em uma sociedade em que as camadas mais pobres não têm, muitas vezes, os requisitos mínimos

para disputar e competir por posições sociais mais relevantes. Por consequência, essas posições, como as carreiras políticas, serão ocupadas pelos mais privilegiados, gerando a exclusão de alguns setores da sociedade e voltando ao problema levantado anteriormente sobre a falta de representatividade no campo político, por exemplo.

A frase de um aluno, JP, foi muito marcante, gerou bastante repercussão entre eles e representou muito bem toda a construção e compreensão que eles tiveram sobre o assunto: *“O Rodrigo já veio com a escada construída, o Tuca tem que construir a sua escada.”*

Eles, ainda, se deram conta de que grande parte da população acaba vivendo no que eles chamaram de *“bolha”* e não tem ideia, assim como Rodrigo não tinha, do que se passa fora dela, dos privilégios que tem e da dura realidade que tantos brasileiros enfrentam no seu dia a dia para se manterem vivos. Como disse ER: *“Pra falar que entende o outro precisa sentir na pele, sair da bolha...”*

Ao final, após a exibição do clipe da música *“Diferenças”*, de Rael, a aluna AG exclamou: *“Esse cara tentando ganhar a vida é o Tuca amanhã!”*, seguido de um coro que concordava com ela. Concluíram, então, que, mesmo estudando na mesma escola e com todo esforço e força de vontade do Tuca, o futuro deles não seria semelhante, as oportunidades não seriam as mesmas, mas desejaram que Tuca ao menos *“comesse um bife uma vez por semana”*.

Ficou nítido o quanto eles se comoveram com a história desses garotos, tanto com Rodrigo e sua sensibilidade, que conseguiu sair da *“bolha”* e compreender a situação do amigo, quanto com o esforço de Tuca para mudar sua realidade. Esse encontro proporcionou trocas muito significativas para todos que estavam presentes e foi possível perceber como eles foram construindo o sentido do texto a partir de suas bagagens pessoais e das conversas estabelecidas, como verificamos também nos diários de leitura:

*RO: “(...) Além de todos os temas que o texto aborda, temos também a situação precária em que os moradores menos favorecidos passam. A cada frase que cita as condições do local onde Tuca mora, penso em cada brasileiro que passa por isso na vida real sem nenhuma política que realmente combata esse problema. Como esse texto traz um tema tão atual da sociedade! Também é trazido o tema de exploração de crianças no trabalho, quando é dito que Tuca ganha apenas 10% por lavar todos os carros de um condomínio, porque seu ‘chefe’ sabe que ele vive em situação ruim e explora isso, dizendo que ele precisa daquele emprego e que ele não deveria reclamar do que recebe. É outro ponto triste do texto, de doer o coração, você se sente como o Tuca estaria sentindo naquele momento, você é levado para o texto de uma forma incrível.”*

PA: “Essa aula de hoje foi muito legal, eu gostei muito porque a gente falou sobre um conto que foi o que eu mais gostei até hoje. Ele é muito intenso, até parece que a gente está vendo um filme imaginando todas as cenas, seguindo os personagens, parecendo até como se eu estivesse em cada cena. E no final da aula, para completar, um aluno falou uma coisa que fez todo o sentido para mim: ‘A escada do Rodrigo já está construída, já o Tuca tem que construir a sua.’”

MD: “(...) Apesar de Tuca ter entrado na escola particular ganhando a bolsa, ele ainda vai ter que construir uma escada para chegar a ter um futuro bom, o Rodrigo vai ter mais chances de ter uma boa carreira, porque no final das contas ele com certeza teria um plano de estudos, professor particular, tudo do melhor e ainda que não passasse no vestibular, ele teria a vantagem de mesmo assim poder fazer uma faculdade paga pelos pais. Já o Tuca provavelmente vai ter que trabalhar em vez de fazer uma faculdade.”

ER: “Hoje foi um encontro bem especial, expressamos nossas opiniões sobre a história do bife e a pipoca. Todos nós chegamos à conclusão que o Rodrigo apenas subiria sua escada com o dinheiro de sua família, mas o Tuca tinha que construir ele mesmo a sua escada pra subir, como um colega disse. Gosto muito de falar sobre este assunto, porque eu acho interessante o fato de sermos diferentes um do outro, mas que ainda sim podemos viver em sociedade (pelo menos tentamos). Melhor seria se a sociedade fosse mais justa...”

AG: “As questões sociais mostradas nessa história foram tantas, começa com a diferença da vida dos dois meninos, enquanto o Rodrigo sempre teve tudo, o Tuca tinha que trabalhar, estudar e cuidar da mãe (alcoólatra) e dos 8 irmãos ainda. Pensando na realidade dele dá pra perceber que com certeza ele trabalha desde cedo e estudar deve ser praticamente uma missão para ele de tão difícil.

O Tuca nunca tinha comido um bife, mas pro Rodrigo isso já era uma alimentação qualquer, e isso me faz pensar quantas pessoas nesse mundo nunca colocaram uma colher de arroz na boca? Ou qualquer outro alimento que pra gente é tão normal e às vezes até rejeitamos porque estamos enjoados de tanto comer. Nunca parei pra pensar nisso, é realmente um privilégio. E falando bem sério, eu conheço bem mais Rodrigos do que Tucas na minha realidade, essa história foi tão marcante que fez eu abrir bem mais a minha mente.”

### **Aula 8: Conto “O menino que respirava borboleta”**

Para esse encontro escolhemos o conto “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho (Anexo L). Antes de iniciar a leitura, a professora explorará o título do texto com a pergunta: “O que vocês imaginam que seja um menino que respira borboleta?”. Então, irá ler um trecho da narrativa em que o final está suprimido e pedirá que os alunos imaginem como seria o desfecho daquela história, através da interrogação: “O que pode ter acontecido para que Léo saísse daquela condição?”.

#### Quadro 2 - Parte do conto “O menino que respirava borboleta”

### **O menino que respirava borboleta**

(Jorge Miguel Marinho)

Como vou contar essa história para vocês?

É difícil falar de coisas diferentes. Então já vou logo dizendo que não existe ninguém que não tenha uma coisa só dele, escondida, bem diferente. Ela se esconde debaixo da roupa, no fundo do coração ou num cantinho da cabeça. E pode ser uma verruga enorme nas costas, uma perna mais fina que a outra ou até mesmo uma vontade esquisita de morder uma flor ou uma pessoa.

O menino dessa história se chama Léo, é igual a todo mundo, só que de vez em quando, sem ele querer, escapam do seu corpo magricelo e superbranco borboletas de vários tamanhos – todas coloridas e sempre apavoradas.

Faz tempo que ele sofre e tem a maior vergonha delas. Por causa disso vive se escondendo dos outros, está mais calado a cada dia, parece até aquelas crisálidas, que não voam e ficam hibernando dentro de um casulo.

Léo usa sempre cachecol porque já saiu borboleta dourada do seu pescoço. Fala o mínimo que pode, principalmente à noite, porque uma vez chegou a urinar três borboletas amarelas, molhadas e chorosas.

Às vezes o sol, os outdoors, os postes de luz, os heróis de cinema e das histórias em quadrinhos, os vilões mais simpáticos do mundo inteiro gritam para ele:

— Léo, respira fundo e mostra esse monte de borboleta para as pessoas.

Ele nunca escuta e não é para menos – afinal não é simples sair por aí contando para todo o mundo que um dia ou outro escapa uma borboleta de algum lugar de nós. Acho que só uma vez ele ficou em dúvida se mostrava ou não mostrava. Foi quando o vento, que nesse dia estava enlouquecido de tanta ventania, ordenou:

— Seja homem, rapaz, e assuma!

E, no mesmo instante, uma árvore quase sem folhas e quase sem ar, por causa de todo o atropelo do vento, alertou:

— Não seja besta, garotão, que soltar borboleta do corpo não é coisa que a gente vai dizendo para qualquer um, assim sem mais nem menos, não.

Léo se encolheu todo, chegou a se ferir, quase esmagou uma borboleta rajada que estava saindo do seu dedo indicador e acabou ganhando com isso uma tremenda cicatriz na palma da mão esquerda. O pai, a mãe e o irmão do Léo não têm esse problema, mas entendem e não tocam no assunto. Com a maior das boas intenções, eles fingem que não existem borboletas e é por isso que o Léo fica muito ofendido.

Acho que vocês estão entendendo o problema do menino e vão entender mais ainda quando eu contar que tudo isso aconteceu só até ontem.

[...]

MARINHO, Jorge Miguel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.

Após compartilharem suas ideias, a professora fará a leitura do desenlace original com o intuito de mostrar que a descoberta do amor mudou a vida daquele garoto. Começaremos, então, a roda de conversa indagando se eles concordam com o narrador do conto ao afirmar que todos nós temos coisas bem escondidas que não queremos mostrar a ninguém. Em seguida, os questionaremos: “O texto era o que imaginavam antes de ler?”, “O que vocês acreditam que sejam as borboletas que saem do corpo de Léo? E o beija-flor que sai dos cabelos de Ana Cláudia?”, “Por que Léo só conseguiu liberar suas borboletas quando estava ao lado de Ana Cláudia?”, “O que essa menina representa para ele?”, “Algum de vocês já vivenciou a sensação de poder liberar ‘suas borboletas’ ao lado de alguém?”.

### Quadro 3 - Final do conto “O menino que respirava borboleta”

[...]

É que a Ana Cláudia, uma garota linda e negra como asa de mariposa, com mil trancinhas e miçangas, olhar dengoso e boca de pedir beijo, chegou e foi logo tirando uma borboleta azul com duas antenas xeretas de trás da orelha do Léo. E, soltando o pequeno inseto, convidou:

— Hoje, você vai me dar a mão e entrar comigo na aula!

É claro que o Léo perguntou na hora:

— E por que justo eu?

E ela, já de mãos dadas, caminhando colada nele, respondeu:

— Sei lá, é que eu adoro as tuas borboletas.

Foi então que ele teve a impressão de ver saindo daquela cabeleira crespa e felpuda como lã, lá de dentro de umas trancinhas, o bico de um beija-flor bem atrevido. Certeza ele não teve, mas sorriu respirando fundo, apertou a mão dela e pela primeira vez deixou voar livremente uma borboleta tímida e muito apressada do seu umbigo.

Eu também não sei direito para onde essa última borboleta ia e por que tanta pressa. Agora, se vocês quiserem saber a minha opinião, ela bem que podia estar com hora marcada para o amor que, se não tem a cara de borboleta, vive voando de coração para coração. É, não tem outra: olha só o jeito de andar da Ana Cláudia, pensa na história do Léo.

MARINHO, Jorge Miguel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.

Ao final, mostraremos o livro do qual selecionamos o conto, apresentaremos o autor e exibiremos um vídeo curto do *YouTube* no qual ele discorre sobre a força das relações afetivas (<https://www.youtube.com/watch?v=HOGKeOTZ9SA&list=WL&index=13&t=15s>). Então, faremos a leitura do poema de Luís Filipe Parrado, “Sobre os dois adolescentes que esta tarde

atravessaram a rua de mãos dadas” (Anexo M), e pediremos que eles fechem os olhos e imaginem Léo e Ana Cláudia caminhando juntos, de mãos dadas, com suas borboletas e beija-flores voando livremente.

### **Descrição/Análise (30/10)**

Começamos esse encontro com 15 alunos. Exploramos o título do conto “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho. Apesar de não ter havido muita interação, uma aluna, AG, associou o título ao livro “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles, pois, segundo ela, a edição que possui em casa tem na capa o desenho de uma borboleta. Ela também nos contou sobre o carinho que tem pelo livro devido às lembranças trazidas de um período da infância em que a mãe sempre lia os poemas do livro com ela.

Essa relação afetuosa da aluna com a obra nos faz pensar como as emoções causadas pelas primeiras experiências de leitura vividas na infância são relevantes para a constituição de nossas “bibliotecas interiores”, que segundo Pierre Bayard (2007, p.95-96) são esses livros que nos habitam e que não conseguimos mais separar de nós, “sobre o qual toda personalidade se constrói [...] e através dos quais apreendemos o mundo”.

Após esse momento, começamos a leitura em voz alta do conto até a parte delimitada no planejamento e perguntamos aos alunos o que eles imaginavam que teria acontecido com o Léo em seguida. Mais uma vez não houve muita interação, a não ser por um comentário no *chat* da participante AC: “*Ele se aceitou do jeito que ele é?*”.

Ao lermos o final da narrativa, os alunos continuaram mais calados, mas mesmo mais quietos e menos falantes, percebemos como a história os emocionou através dos comentários no *chat*: “*Ficamos derretidos com essa história.*”, “*Esse final é tão mágico.*”, “*O emocional aqui ficou abalado... ksksksk*”, “*Que lindo! Eles se transformaram em um porto seguro um para o outro...*”.

Logo em seguida, conduzimos o diálogo a partir dos questionamentos propostos e sentimos que a maioria deles se identificou muito com Léo, afinal “*quem não tem algo bem escondido que não quer mostrar para ninguém*”, especialmente nessa fase da vida, como eles mesmo disseram e escreveram em seus diários:

*ER: “Hoje discutimos sobre o texto do menino que respirava borboletas, pelo nome já sabemos que é uma história FANTÁSTICA. Eu me identifiquei um pouco, acredito que todos que estavam presentes também se identificaram pelo menos um pouco. O menino que se escondia acabou encontrando uma menina chamada Ana Cláudia e ele pode mostrar quem era. (...)”*

Então, alguns alunos começaram a se manifestar, primeiro AG que compartilhou o quanto se sente acolhida e aceita por uma amiga que respeita e compreende “*suas borboletas mais escondidas*” e registrou isso no seu diário:

*AG: “Nossa, hoje a aula me deixou tão bobinha, fiquei rindo para o celular e pensando como que o amor é importante, o amor de um amigo, de um parceiro ou da família. A história do Léo me fez lembrar a minha amizade com a AC, somos amigas há pouco tempo, mas ela é a pessoa que eu mais me sinto confortável, que eu posso soltar as minhas borboletas, realmente ela é a minha Ana Cláudia.”*

Depois, outras reflexões foram sendo suscitadas e muitos relataram que “*se sentem como um Léo antes de se aceitar*”, que insistem em “*segurar algumas borboletas bem guardadas para que ninguém as veja*”, que preferem “*viver com suas borboletas fechadas nos seus próprios mundos por medo de não serem aceitos*” e que “*gostam de ser invisíveis, pois se sentem mais à vontade sem ninguém por perto para os julgarem*”.

Esses depoimentos nos revelam o quanto a literatura pode significar um retorno a si (JOUVE, 2013) e, no caso desses jovens, esse enfrentamento consigo mesmos nos mostra o quanto a autoaceitação e a aceitação do outro como diferente ainda é um problema para tantos deles em uma sociedade que tende a excluir tudo aquilo que está fora dos padrões considerados aceitáveis.

Ao final, mostramos o livro do qual selecionamos o conto, apresentamos o autor e exibimos o vídeo em que ele discorre sobre a força das relações afetivas. Depois, lemos em voz alta o poema de Luís Filipe Parrado, “Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas” e pedimos que imaginassem Léo e Ana Cláudia de mãos dadas.

Foi possível notar o quanto a história desses personagens acalmou e encheu os corações de todos de esperança. E o que ficou foi aquela sensação gostosa de pensar na força do amor e da aceitação, como escreveram no chat: “*Coisinha mais linda. Só sinto que depois da aula vou estar bem bobinha.*”, “*Como que não ri pro celular?*”, “*Vontade de viver um romance depois dessa aula... kkkkkkk*”, “*Gostaria de dançar no meio da rua... kkkk, sem se importar com a opinião dos outros.*”, “*Eu queria morar dentro dessas histórias.*”. E também nos diários:

*AC: “Me senti bastante confortável na aula de hoje. As minhas borboletas já estão liberadas há alguns anos. A história das minhas borboletas é a seguinte: quando eu tinha uns 10/11 anos eu odiava as minhas sardas, eu não tinha vontade de sair na rua direito, procurei um monte de*

*vídeo de como tirar, um monte de tratamento, mas eu resolvi não arriscar. Então, um dia eu fui pra escola e um monte de gente começou a elogiar. Nesse momento eu me senti bastante confortável e feliz. E hoje em dia eu fico muito chateada quando a maquiagem cobre elas.”*

*ER: “(...) Eu confesso que fiquei meio com efeito de fofura no final da aula, mesmo eu não sendo uma pessoa que se deixa levar pela fofura tão fácil. No mais, o encontro foi INCRÍVEL, o que levo desse encontro de hoje é que não devemos ser igual o Léo, devemos mostrar o que temos a oferecer, exemplo: um talento, uma arte ou um sentimento. Mesmo que seja difícil, é bom se expressar.”*

*GV: “Esse texto me deu uma sensação muito boa, porque me mostrou que todos nós precisamos de uma Ana Cláudia na vida para nos mostrar que não precisamos nos adequar ao padrão que a sociedade impõe, que podemos ser diferentes e que não há problema nenhum nisso, até porque iria ser muito chato se todas as pessoas fossem iguais né? Me mostrou também que existem pessoas que gostam do nosso jeito ‘diferente’, e que uma hora ou outra vão aparecer na nossa vida e jogar toda essa insegurança para bem longe... Sobre o poema, que coisinha mais lindaaa... hahaha, fiquei toda bobinha quando li de novo. O amor é realmente uma coisa muito forte e precisamos disso para sermos mais felizes ainda.”*

*IS: “Eu amei a aula de hoje. Que história mais linda! O trecho que me ganhou foi quando a Ana Cláudia chega e convida Léo a entrar com ela de mãos dadas, essa parte é maravilhosa! Eu estou até imaginando anos depois eles criando uma família juntos, eu amooo! Como o amor é lindo! Antes não acreditava muito no amor, pois a relação dos meus pais não é muito boa, mas esse conto e esse poema mostram o que é o amor! Como no trechinho do poema que fala ‘que o trânsito teve mesmo de parar e ficou completamente imobilizado’, creio que essa foi uma cena muito incrível, deu pra imaginar ela acontecendo.”*

*CP: “Hoje a professora leu uma história muito bonita, fala sobre como nós escondemos nossas próprias inseguranças de nós mesmos, como é bom nós termos pessoas em quem podemos confiar e como é libertador agirmos como nós mesmos. Essa história me fez pensar em como eu escondo as minhas borboletas. Imaginava que seria para meus pais que mostraria, mas na verdade é por causa deles que eu escondo as minhas borboletas. Mas essa história também me fez imaginar coisas, coisas bonitas, coisas que eu faria com a pessoa que me entendesse de verdade, porque eu ainda tenho esperança de encontrar alguém que me entenda, alguém com*

*que eu possa compartilhar todos os meus medos, inseguranças, mas também alguém com quem eu possa compartilhar momentos felizes, alguém que possa viver ao meu lado porque ela quer, alguém que olhe pra mim e sinta orgulho do que eu sou e do que eu me tornarei, alguém que me ame pelo o que eu sou, não pelo o que eu aparento ser, alguém que seja a luz do fim do meu túnel. Sempre terei esperanças.”*

*RO: “O texto ‘O Menino que Respirava Borboletas’ retrata bem o quanto às vezes é difícil para nós expormos quem nós somos de verdade. Quando o menino encontra a Ana Cláudia é como se fosse a porta para ele não sentir mais qualquer medo e aceitar quem ele realmente é, sem medo de ser julgado. A indecisão e o medo dele ficam bastante claros no texto, como quando o vento ordena que ele conte a todos o seu segredo, enquanto a árvore diz para ele o contrário. Outra coisa que fica bastante clara no texto é como uma mão amiga, uma pessoa que você possa confiar, pode te ajudar nos mais difíceis momentos. Creio que a principal moral do texto é que devemos aceitar quem nós somos e que se esconder pode só te ferir ainda mais. Uma verdadeira obra-prima. Já no poema ‘Sobre os Dois Adolescentes...’, é bastante lindo como é tratado esse gesto dos dois, mas também creio que o texto trouxe uma visão triste, que esse gesto possa causar estranhamento em algumas pessoas. Algo que aprendi nessas últimas leituras é como o que pode ser normal para alguns, pode ser estranho para outros. E isso é bastante triste quando acaba se tornando um preconceito, seja com qualquer pessoa. Que venham muitos e muitos outros gestos como esse dos dois adolescentes, o mundo se tornará melhor quando certos hábitos se tornarem algo normal e não causar estranhamento em algumas pessoas.”*

### **Aula 9: Conto “Maria”**

O último conto que será explorado nas oficinas é “Maria”, de Conceição Evaristo (Anexo N). A professora fará a leitura em voz alta, mostrará a obra da qual retiramos o conto e apresentará sua autora. Depois, exibiremos um trecho de um vídeo do *YouTube* em que ela reflete sobre seu lugar enquanto mulher negra na sociedade (<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&list=WL&index=10&t=207s>).

Em seguida, exibiremos o clipe da música “Maria, Maria” (Anexo O), de Milton Nascimento e Fernando Brant (<https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>), apresentaremos os compositores e a reportagem “A história de quem inspirou ‘Maria Maria’” (Anexo P), que fala sobre a mulher que inspirou a canção. Após, exibiremos um vídeo, “Maria,

Maria o povo fala sobre a música”, produzido pela União Brasileira de Compositores (UBC), em que diferentes pessoas, principalmente mulheres, narram suas histórias e suas relações com essa música e com esse nome: Maria (<https://www.youtube.com/watch?v=3LMpH4x-y9o&t=99s>).

Principiaremos, então, a roda de conversa virtual pedindo que os alunos reflitam sobre o título em comum das obras e digam a quem se referem essas Marias retratadas nos textos, quem elas representariam e se algum deles conhece alguma mulher que tem uma história semelhante à da Maria da música. Em seguida faremos algumas perguntas: “O que vocês sentiram ao final da leitura do conto? E depois que ouviram a música?”, “O que vocês notam de diferente entre as duas Marias retratadas nas obras?”, “Qual delas vocês consideram que representa melhor a mulher negra na nossa sociedade?”, “Vocês acreditam que a cor da pele de Maria influenciou na reação das pessoas?”, “Algum de vocês já vivenciou ou presenciou situações de preconceito pelo fato de a pessoa ser negra? E atos de violência como os descritos no conto?”, “Vocês acreditam que esse conto ficcional poderia ter sido uma história real?”.

Acreditamos que esse conto irá gerar incômodo, desconforto, revolta e tristeza, por isso perguntaremos aos alunos o que eles acham que poderia ter sido diferente naquela história para que seu final não fosse tão trágico. A partir das respostas, iremos conduzir os diálogos e as reflexões sobre como poderia ter sido a vida de Maria em outras condições. Ao final, exibiremos o clipe da música “A carne” (Anexo Q), interpretada por Elza Soares (<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>).

### **Descrição/Análise (06/11)**

Nesse encontro havia 15 alunos presentes. Ele seria inteiramente dedicado ao conto “Maria”, de Conceição Evaristo, porém lidamos com alguns imprevistos na plataforma *Google Meet*, que logo no começo apresentou instabilidade e, por isso, acabamos perdendo um tempo grande até conseguir solucionar os problemas e iniciarmos a proposta. Por esse motivo, não foi possível concluí-la como havíamos planejado e decidimos estendê-la por mais um dia.

Então, a professora leu o conto em voz alta e, como esperado e relatado pelos alunos no *chat*, todos ficaram “*em choque*” ao final da narrativa. Pela expressão nos rostos das poucas câmeras abertas foi possível perceber o quanto a história os tocou, principalmente pela violência e a sensação de injustiça contra aquela mulher que lutava para sustentar os filhos. Os poucos participantes que falaram contaram que ficaram tão emocionados com o conto a ponto de chorarem. Notamos que o que mais mexeu com eles foi pensar nos filhos de Maria, ficaram

muito comovidos, se questionaram o que seria daquelas crianças e o quanto era injusto aquela situação com uma mãe que estava o tempo todo preocupada com seus filhos.

Em seguida, apresentamos a obra e a autora do texto e exibimos um trecho do vídeo em que ela expõe sua trajetória e reflete sobre seu lugar como mulher e escritora negra. Conhecer a história da autora e ouvi-la falando sobre seu processo de escrita foi muito importante, pois entenderam que enquanto mulher negra vinda de uma favela, Conceição Evaristo poderia ter se inspirado na sua própria vida ou na vida de alguém próximo a ela para criar a personagem Maria, tanto que perguntaram se ela vivenciou ou passou por algo semelhante. Todos compreenderam que se tratava de uma história de ficção, mas que se aproximava tanto do real, que Maria poderia ser a representação de muitas mulheres no Brasil, infelizmente.

Refletiram, ainda, sobre o racismo ainda tão presente na nossa sociedade e concluíram que se Maria fosse uma mulher branca, o fim da sua história seria diferente. Trouxeram também questionamentos sobre como o negro é representado em vários espaços e situações, como a imagem do escritor Machado de Assis, que teve seu retrato embranquecido e a aparência de Jesus Cristo como um homem branco de olhos e cabelos claros, mesmo tendo sua origem ligada à uma região onde as características físicas da população não sejam essas.

Problematizaram também a pouca representatividade dos negros no cinema e na televisão, visto que nas novelas, séries e filmes o bandido é sempre um homem negro, em raras situações ocupam papéis de destaque em posições que conferem *status* social e exemplificaram com a série “Um maluco no pedaço”. Na literatura, disseram não se lembrar de protagonistas negros e citaram o livro “O ódio que você semeia”, de Angie Thomas.

Percebemos o quanto o conto “Maria” tinha sido marcante e significativo também pelos diários de leitura, visto que grande parte das discussões levantadas durante o encontro apareceram também nos relatos:

*AG: “A história hoje foi bem forte, realmente Maria é um nome bem comum e normal, e quantas mulheres normais, mulheres reais do dia a dia que eu já conheci passaram pelo que a Maria passou? E ainda faço um recorte, mulheres negras, porque além de ser uma trabalhadora pobre querendo só sustentar os filhos, ela ainda sofreu racismo nos seus últimos segundos de vida, morta injustamente por pessoas ignorantes. Até mesmo se fosse realmente criminosa, quem somos nós para poder julgar alguém ou fazer justiça com as próprias mãos? Essa mulher só queria chegar em casa, ver se os filhos gostavam de melão e trazer uma mensagem de carinho do pai de um deles, provavelmente só queria abraçar os filhos e cuidar da ferida da faca laser, mas por injustiça não foi só o corte da faca que machucou ela...”*

*Se fosse um homem branco, será que as pessoas iriam agredir? Acho que não, porque pra sociedade, eles (os homens brancos) são os bons e poderosos. Talvez a família que ela trabalhava como empregada só escutou a notícia da morte, ficou triste e já contratou outra, já que por ter dinheiro iria achar outra empregada bem fácil. Agora os filhos dela não vão poder contratar outra mãe e nem ela contratar outra vida.”*

*ER: “A primeira pergunta da professora hoje foi: Qual é a sensação depois de ter lido o texto? Eu li novamente o texto para ver com mais detalhes e a sensação que eu tive foi de primeiramente DESESPERO, porque me coloquei no lugar daquela mulher e no lugar dela eu não consegui pensar no que poderia fazer diante daquela situação. E secundamente senti DESÂNIMO, porque mesmo se tratando de uma ficção, essa situação acontece e poderia acontecer com a própria autora do texto.*

*A professora perguntou também: O que poderia ter sido diferente? Pra mim poderia ser diferente se aquela mulher fosse branca e poderosa, ou um homem. Mas era mulher, negra e pobre e não tinha como se defender. Fico meio chocado com a nossa realidade, que as pessoas não conseguem viver em uma sociedade, que as pessoas têm tanto ódio no coração a ponto de matar uma mulher que a todo momento pensa em seus filhos, que luta a cada dia para ter o que comer.*

*Querida associar essa história a um outro caso que aconteceu recentemente: uma mulher foi estuprada e humilhada por um juiz. Mesmo não envolvendo morte, é um caso em que uma mulher fica traumatizada com o que aconteceu com ela e ainda por cima é humilhada por um juiz que deveria defender ela e em nenhum momento mediu palavras para agredi-la verbalmente. Nos dois casos temos semelhanças, nos dois casos temos mulheres agredidas, dois casos que poderiam ser diferentes, dois casos que mulheres foram injustiçadas.*

*Por último queria dizer que mesmo o encontro sendo mais ‘pesado’ foi um assunto para refletirmos. FOI ÓTIMO!”*

*GV: “Nossa, eu estou realmente sem palavras para descrever o que eu senti ao ler esse conto... fiquei em choque quando percebi que tinham espancado ela até a morte. O que me doeu também foi pensar em qual seria a reação dos filhos ao saber que a mãe tinha falecido dessa maneira. É muito ruim pensar que toda a causa disso foi por racismo (é assim que eu penso), ela só queria levar as frutas para os filhos, dizer ao filho mais velho que o pai tinha mandado um beijo, um abraço, naquele momento ela só pensava naquilo.*

*Eu não conheço nenhuma Maria que possui uma história como essa, mas confesso que gostaria muito de conhecer só para poder dizer: 'Mulher, você é incrível!'.*

*Que texto forte, confesso que escorreram algumas lágrimas quando terminamos de ler o texto. Quero muito conhecer também mais histórias dessa autora, me interessei bastante!"*

*IS: "Que texto maravilhoso! A história de Maria infelizmente acontece em vários lugares no Brasil, não só no Brasil, mas sim no mundo inteiro! E uma coisa que é bem clara de ver é que se fosse uma mulher branca, eles não teriam julgado e a culpado como fez com Maria! E o mais tocante é que ela queria passar o recado do pai para o filho, ela queria transmitir aquela mensagem para o filho. Como os filhos dela irão saber que a mãe foi morta? Como os filhos dela irão se cuidar? Será que eles têm alguém de confiança para ficar com eles? Eu fico bem pensativa nessas perguntas. Uma mulher trabalhadora querendo voltar para a casa para alimentar os seus filhos, para cuidar deles, com um corte na mão que estava doendo até na alma (e creio que ainda iria trabalhar no outro dia), com saudades daquele homem que ela ama até hoje e em um piscar de olhos ela é assassinada, ela é pisoteada, ela está caída no chão daquele ônibus. É difícil ser mulher no mundo! É difícil ser negra no mundo!"*

*RO: "Após ler o conto 'Maria' não há como não se emocionar conforme o texto vai chegando ao final. O final triste retrata como a discriminação ainda é algo recente no Brasil. A história pode não ser real, mas traz à tona algo que acontece muito no dia a dia, que é o racismo. A forma como é descrita a situação precária em que a mulher e seus filhos viviam é algo assustador. O modo com que a escritora te leva a pensar que a mulher só queria levar o melão e o recado do pai aos filhos demonstra o quanto carinho ela tinha por eles e que faz tudo por eles. Ela acabar dessa triste maneira, sem levar os recados do pai nem o melão aos filhos, é um choque que acabamos tendo ao ler. Algo que me surpreendeu é o jeito que a Maria lida com o corte na mão, a faca-laser é trazida até os últimos momentos de sua vida, mostra o quanto ela ficou assustada com o corte e o quanto essa faca era novidade pra ela. Quando a autora diz que as pessoas que estavam linchando a Maria estavam com facas-laser, demonstra que a dor que ela sentiu nos dois casos era a mesma.*

*Infelizmente, é triste pensar que algum dia possa ter ocorrido algo parecido como o que foi descrito no texto. Textos como esse da Maria servem muito para ajudar a nos conscientizar e para as pessoas pensarem que existem casos parecidos com esse da Maria ocorrendo agora, e que isso deve ser parado. Um texto fantástico, mas uma dura realidade."*

*ST: “Nossa, o texto de hoje não tem o que falar de tão abalada que eu estou. Incrível como as pessoas são em achar que a Maria era cúmplice do assalto que aconteceu no ônibus só porque o bandido a conhecia ou será que era porque ela é negra? É incrível pensar como julgam uma mulher trabalhadeira que pega o resto da comida no serviço pra levar pra sua casa e pros seus filhos e se pergunta se eles gostam de melão, uma mulher feliz por encontrar o ex, pai do seu filho mais velho e saber que ele tem um carinho pelo filho e mandou um beijo e descobre que aquele homem que ela um dia se apaixonou assalta o ônibus que ela está com uma arma... Ela não esperava, ela não tinha nada de valioso, nem um anel no dedo, um relógio em seu pulso, mas ela tinha um corte profundo em sua mão, se cortou com uma faca-laser que cortava até a vida. Por revolta de alguns passageiros, por não ter levado nada dela, acharam que ela estava junto aos criminosos, pois um deles ela conhecia, era o pai de seu filho. Atacaram ela até a morte... e ela preocupada em saber se os filhos gostavam de melão...*

*Eu só queria saber se depois que todos descobriram a verdade, que ela não fazia parte do assalto, o que se passou na cabeça deles por ter matado uma mulher inocente que só queria levar um recado do pai ao filho... Estou muito indignada com atitudes como dessas pessoas, fiquei muito triste por Maria, que o tempo todo só se preocupavam com seus filhos...”*

### **Descrição/Análise (13/11)**

Começamos esse encontro novamente com 15 alunos e com certo atraso, dessa vez por problemas de conexão com a internet, porém conseguimos resolver a tempo e retomamos o enredo do conto “Maria” e sua autora, Conceição Evaristo. Em seguida, exibimos o clipe da música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, apresentamos os compositores e lemos a reportagem que contava a história da mulher que inspirou a canção. Depois, exibimos um outro vídeo, no qual diversas pessoas contam suas histórias com a música e com o nome “Maria”.

Os alunos estavam mais calados, poucos se manifestaram. Um dos participantes, RI, disse que tem uma relação muito afetuosa com a música, porque sempre a coloca para tocar no aniversário da mãe, que se chama Maria. Segundo ele, além do nome em comum, a mãe, também é um exemplo de força e fé. O depoimento dele deixou a todos emocionados.

A sensação que tivemos é que a música e as histórias dessas Marias do vídeo romperam um pouco com o clima trágico causado pelo desfecho do conto de Conceição Evaristo. Eles relataram que estavam tentando “*digerir*” ainda a história de Maria e que “*pensar que existe outros finais diferentes para algumas Marias dá um pouco de esperança*”, como escreveu a aluna MM no chat.

No entanto, a discussão que fizemos a partir dos questionamentos elaborados, levou-os a concluir que existe uma “*hierarquia social*”, na qual os homens brancos ocupam o topo dos privilégios e as mulheres, em especial as mulheres negras, ocupam a pior posição dessa escala, sofrendo maior discriminação e também a falta de direitos básicos. Citaram as Marias, do conto, da música, do vídeo como exemplo de mulheres batalhadoras, mas muito injustiçadas.

Por fim, exibimos o clipe da música “A carne”, interpretada por Elza Soares, que deixou todos emocionados e dialogou muito bem com todas as discussões promovidas. O aluno RI novamente trouxe importantes contribuições: falou um pouco da história da cantora e relacionou sua vida com a da escritora Conceição Evaristo, já que Elza também é uma mulher negra, nascida em uma favela e vítima de diferentes violências ao longo de sua vida. Ele citou, ainda, outra música interpretada por ela: “Maria da Vila Matilde”, um grito de revolta de mais uma Maria contra as agressões sofridas pelo marido e relacionou com a Maria da Penha, brasileira que sofreu uma tentativa de homicídio pelo marido e que teve a lei 11.340/2006, que visa proteger as mulheres da violência doméstica, criada em homenagem à sua luta por justiça.

Foi um encontro muito rico, mesmo com pouca interação. As trocas e as contribuições dos participantes foram extremamente significativas e foi possível perceber o quanto todas essas histórias de tantas Marias reverberaram neles pelos relatos nos diários:

*CP: “Esse encontro me fez pensar sobre os meus privilégios, sobre o quanto é difícil ser uma mulher negra na sociedade, sobre o quanto é difícil ser uma mãe solteira na sociedade, sobre como uma mãe pensa no filho até na hora da morte.”*

*ER: “Hoje eu senti empatia, tentei me colocar no lugar de uma mulher e vi que é difícil demais, porque a mulher carrega um bebê na própria barriga por nove meses, depois cuida dele e o prepara para enfrentar o mundo. Como diz na música ‘Maria, Maria’, ‘ri quando deve chorar’. E isso é uma coisa muito forte e difícil.*

*Agora vou relacionar o conto da semana passada com essa música. Não é a mesma sensação, no conto eu sinto desespero, porque o mundo é CAÓTICO. Já na música, eu sinto calma e um pouco mais de tranquilidade, porque fala sobre a mulher ser forte mesmo com as dificuldades e assim traz uma esperança desse mundo caótico.*

*Eu vi também nesse encontro o vídeo das pessoas falando sobre a música, e eu fiquei mal por duas mulheres que falaram sobre os seus filhos mortos. A mulher idosa perdeu o seu filho que tinha 20 anos, ela começou a chorar e eu quase chorei junto com ela, a segunda mulher perdeu*

*o seu filho que tinha 18 anos, e eu vejo o quanto a mulher é forte por aguentar uma perda tão grande assim, não é pra qualquer um.*

*Uma outra coisa que foi falada no encontro de hoje foi sobre os privilégios. E eu pensei um pouco sobre esse assunto e percebi algumas coisas. Que talvez ser branco é um privilégio, ser homem é um privilégio, porque a imagem do homem branco é a mais respeitada infelizmente, mas isso só existe por causa do preconceito. Deveríamos ter o mesmo respeito. Ser diferente é bom, mas nessa sociedade a diferença é algo estranho, algo ruim.*

*Falamos também sobre a Elza Soares que sofreu muito e que canta uma música que fala que a carne mais barata do mercado é a carne negra, é uma música muito forte que entra também naquele assunto de que infelizmente ser negro hoje em dia é muito difícil. Mas mesmo sendo um 'TAPA NA CARA', foi bem reflexivo, eu percebi sobre os meus pensamentos que às vezes são preconceituosos, infelizmente, por isso eu não quis nem falar nesse encontro. Preferi pensar. O encontro de hoje foi muito BOM!"*

*RI: "É incrível. Hoje a aula foi uma discussão sobre as Marias que existem, um assunto que nem sempre é notado, a gente falou das pessoas negras, sobre o quão abaixo elas estão nessa 'pirâmide de classe social' e o que mais me marcou é que O HOMEM BRANCO ESTÁ NO MÁXIMO DO PODER, E A MULHER NEGRA NO MÍNIMO DE TUDO. É muito triste ver que uma mulher em tudo é sempre rebaixada e pior ainda ver que a mulher NEGRA vai mais abaixo do que isso.*

*E realmente não basta não ser racista, não basta não ser, VOCÊ TEM QUE SER ANTI, antirracismo, ser anti tudo aquilo que se mostrar ser de alguma forma demonstração de ódio a uma pessoa."*

*RO: "Músicas sensacionais que ouvimos nessa aula e algo marcante foi o vídeo das pessoas contando suas histórias com a música 'Maria, Maria'. A música é impecável em todos os aspectos, ficamos sem palavras ao ouvi-la. E no vídeo em que comentam sobre a música, é incrível ver como cada pessoa tem algo especial para contar. As histórias contadas sobre tantas Marias é um incentivo para continuarmos nessa luta todos os dias, algo totalmente marcante. E para finalizar com chave de ouro, a música 'A Carne' e toda a história da Elza Soares. A letra é totalmente de emocionar o coração, é uma dura realidade que permanece nos dias atuais, e que não deveria existir. Que bom seria se pudéssemos conviver em um mundo melhor, onde há uma empatia com o próximo e menos histórias como a da Maria."*

### **Aulas 10 e 11: Produzindo *fanfics***

Nesse encontro pretendemos orientar os alunos a produzirem suas próprias narrativas ficcionais. Iremos propor que eles criem uma *fanfic* a partir dos contos lidos. Para isso, apresentaremos o gênero e suas características principais com o objetivo de que eles se familiarizem com ele. Esperamos, mesmo que virtualmente,

gerar um espaço no qual haja experimentação com a palavra, exploração de cada um em si mesmo, inter-relação entre a palavra e outras formas de expressão, até abri-las e nos abriremos para o mundo que está em nós e fora de nós e que é suscetível de ser lido, perturbado, narrado, compartilhado e modificado por meio dessa produção. (ANDRUETTO, 2012, p.79-80).

Em seguida, lançaremos o desafio a eles de selecionarem o personagem ou os personagens favoritos, os que mais os tocaram nos contos lidos, para escreverem uma *shortfic* (*fanfic* breve, escrita em poucos capítulos) ou uma *oneshot* (*fanfic* que contém somente um capítulo). Aproveitaremos esse momento para lembrar cada um dos personagens que conhecemos através de suas histórias e solicitaremos que escolham uma das seguintes formas apresentadas por Souto e Freitas (2013, p.281-282) para compor seu texto:

- *Canon: fanfics* que seguem o "cânone", ou seja, tentam manter o máximo possível da originalidade do texto.
- *Crossover: fanfics* em que se misturam personagens de diferentes lugares e histórias.
- *Side Story: fanfics* que explicam um fato ocorrido em outra história, como uma espécie de "bônus" ou de um novo capítulo no meio da história original.
- *Songfic: fanfics* escritas acompanhadas de música, escolhida pelo autor como trilha sonora.
- *Shipper: fanfics* que exploram relações amorosas entre um casal.
- *Universo Alternativo: quando a fanfic* se passa em um mundo diferente daquele criado pelo autor original da história, mas utilizando as personagens já existentes.
- *Autoinserção: fanfics* em que o autor se inclui na história.

Durante o processo de escrita, iremos acompanhar a produção desses textos por meio do *Google Docs*, de modo a orientar os alunos a fazerem revisões, correções e reescritas, caso seja necessário, com o intuito de adequar as produções para a publicação futura em um *blog*. Também iremos propor a eles que sugiram um nome para esse *blog* e faremos uma enquete via *WhatsApp* com os títulos indicados para selecionarmos democraticamente esse nome.

Então, no outro encontro, cada aluno apresentará o texto que produziu para que o grupo possa colaborar com as produções uns dos outros e mostraremos o *blog* criado para que eles

possam opinar e fazer suas contribuições em relação ao *layout*, já que desejamos que eles participem ativamente de todas as etapas.

### **Descrição/Análise (20/11)**

Nesse encontro lançamos a proposta de produção das *fanfics* a partir de um ou mais personagens dos contos lidos e da criação de um *blog* que abrigasse esses textos como forma de encerramento do projeto para os 15 alunos presentes. A proposta foi muito bem aceita pela maioria que já conhecia e tinha o costume de ler *fanfics*, mas também foi vista com certa desconfiança por aqueles que não tinham o mesmo hábito.

Então, primeiro, explicamos o que era esse gênero, citamos exemplos, como o de *Harry Potter*, apresentamos alguns formatos em que uma *fanfic* pode se apresentar e demos orientações para escreverem seus textos. Depois, esclarecemos sobre o *blog*, mostramos o “Blog Fanfics Brasil” como exemplo e tiramos todas as dúvidas que surgiram.

Em seguida, foi a vez de retomarmos e relembarmos os personagens de todas as histórias que lemos. Sentimos que até mesmo os alunos mais inseguros se animaram nesse momento ao pensar nas várias narrativas que poderiam criar para seus personagens favoritos.

Combinamos, então, que durante a semana iríamos acompanhar a produção dos textos no próprio diário de leituras (*Google Docs*) para que pudessem apresentar um esboço no próximo encontro e que definiríamos, através de enquetes no grupo de *WhatsApp*, o título e o *layout* do *blog*.

### **Descrição/Análise (27/11)**

Nesse encontro apresentamos para os 15 alunos presentes o *blog* já criado com o *layout* e o título escolhidos em enquetes feitas pelo grupo de *WhatsApp*: “Fanfiquinhos do 8º ano”. Percebemos que ver o *blog* já tomando sua forma, com o nome escolhido por eles, os deixou ainda mais animados com a ideia de terem seus textos publicados.

Porém, ao longo da semana, ao acompanharmos as produções das *fanfics*, notamos que a maioria deles não tinham conseguido escrever seus textos e os que haviam produzido estavam inseguros em apresentá-los. Por isso, decidimos usar parte desse encontro para retomar a proposta com as *fanfics*, tirar as dúvidas que surgiram e, principalmente, incentivá-los a escreverem suas histórias.

Exibimos também dois vídeos retirados do *YouTube* e sugeridos pelos próprios participantes, de duas *booktubers*, Amanda Grilli

(<https://www.youtube.com/watch?v=vyNRcgFyuHo>) e Gaby Ramllo (<https://www.youtube.com/watch?v=IcnMeMdk5Gw&t=1s>), que dão dicas sobre *fanfics*.

Para finalizar, dois alunos leram suas narrativas para o restante do grupo e foram muito elogiados, tanto que acabaram encorajando os outros colegas a escreverem também. Então, combinamos que não teríamos o encontro da semana seguinte para que eles terminassem seus textos e fizessem as correções e revisões sugeridas pela professora para a publicação. Marcamos, ainda, a data do evento de divulgação do *blog* para o dia 11/12 e ficamos à disposição para auxiliá-los nas semanas seguintes.

### **Aula 12: Evento de divulgação do *blog***

Como culminância, organizaremos um evento virtual para divulgarmos o *blog* no qual as *fanfics* serão publicadas. Na ocasião, convidaremos toda a comunidade escolar para acessar e ler as histórias produzidas e participar do evento em que os alunos apresentarão alguns dos textos que criaram (Anexos R e S).

#### **Descrição/Análise (11/12)**

Ao longo das duas semanas anteriores, acompanhamos de perto a produção das *fanfics* e tivemos um total de 12 textos produzidos, o que consideramos um bom número, tendo em vista que a presença dos alunos veio decrescendo e nos últimos encontros girava em torno de 15 participantes.

Aproveitamos esse período também para alimentar e atualizar a página à medida que os textos iam ficando prontos e para difundir entre a comunidade escolar o evento de divulgação do *blog* “Fanfiqueros do 8º ano”, e do “Mural de Minicontos - 8º ano”, no *Padlet*, que não havia sido apresentado na ocasião planejada.

Imagem 11 - Blog “Fanfiqueiros do 8º ano”



# FANFIQUEIROS DO 8º ANO

**sexta-feira**

Neste ano de 2020 muitos foram as pedras que surgiram nos nossos caminhos. Uma delas foi perder a presença cotidiana da escola nas nossas vidas. Quem é professor sabe que o chão da sala de aula é o melhor lugar para se estar.

Para tentar diminuir um pouco as distâncias que se criaram, adaptei um projeto elaborado durante o Mestrado Profissional em Letras, que seria aplicado presencialmente, para acontecer de maneira virtual.

Foi um grande desafio! Mas que bom que sempre encontramos àquelas que aceitam os nossos desafios. Os encontros semanais nas sextas-feiras à tarde foram um alento em meio ao caos que vivenciamos.

A força humanizadora, libertadora e transformadora da Literatura nos proporcionou uma nova forma de afeto e nos manteve unidos durante os últimos meses. Através da ficção, pudemos ampliar nossa visão de mundo e compreender um pouco do ser humano em sua diversidade e pluralidade. Ao nos reconhecermos nos textos que lemos e reconhecermos o outro, vivenciamos a experiência com outros momentos, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos. Isso nos deu a possibilidade de conhecermos melhor a nós mesmos e de nos colocarmos no lugar do outro, tornando-nos mais sensíveis ao próximo.

Assim, este blog foi criado com o intuito de divulgar as produções dos alunos que participaram desse projeto. São fanfics produzidas por estudantes dos 8º anos da Escola Estadual de Uberlândia (Museu) a partir de quatro contos de importantes autores da literatura nacional: “A moça teceia”, de Marina Colasanti; “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga; “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho e “Maria”, de Conceição Evarista.

Obrigada a todos e todas que se mantiveram comigo até o fim e também àquelas que, por diferentes motivos, não puderam estar até aqui, mas que deixaram suas marcas durante todo o projeto.

Espero que a Literatura continue reverberando nas nossas vidas e que no próximo ano possamos continuar juntos e unidos pela força da palavra.

**Arquivo do blog**

▼ 2020 (13)

▼ Dezembro (13)

Neste ano de 2020 muitos foram as pedras que surgiram.

Outro desfecho possível [redacted]

Despedida [redacted]

Somos nossa melhor companhia [redacted]

O encontro de Tuca e Maria [redacted]

Um novo final [redacted]

Cada um constrói sua própria escada [redacted]

Um novo começo [redacted]

De mãos dadas [redacted]

Outra carta de amigo [redacted]

Os caminhos que os sonhos traçam [redacted]

A criação do inevitável [redacted]

No final, só precisamos de amigos [redacted]

**Pesquisar este blog**

Pesquisar

Fonte: elaborada pelo autor.

Disponível em: <<https://oitavosmuseu2020.blogspot.com/>>

## Imagem 12 - Mural de Minicontos – 8º ano

padlet

Mariana Carvalho • 12 • 1m

**Mural de Minicontos - 8º ano**

Poste aqui o miniconto que produziu!

**Metas de Vida...**

"Desde criança, um sonho eu almejava. Ter um carro para chamar de meu, uma casa para chamar de minha. Mas, infelizmente, vim de um lugar onde não se pode ter tudo o que quer. Porém, sempre acreditei que no fundo do poço, acharia uma esperança pra algo impossível. E essa esperança chegou, mas não da forma como eu imaginava. Graças a essa esperança, hoje vejo todos os dias o sol nascer quadrado. Conquistei meu carro, mas não era meu, conquistei meu dinheiro, mas não era meu. Hoje, vejo que nada valeu o peso, tudo foi momentâneo, não passamos de lembranças agora..."

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

- Olá. Hoje é seu último dia aqui, você sabe né?!

- Sim, senhor...

- Quer dizer mais alguma coisa?

- (silêncio)

- Muito bem. Que Deus tenha piedade! Podem levá-la pra cadeia elétrica.

Mariana Carvalho 10M  
Lírio!

**Preconceito? Não existe...**



Porques costumam ser lugares calmas, por isso levei ele para comemorar o nosso dia, estávamos felizes e nas amando como se não houvesse amanhã. Dois homens se aproximaram da gente, disseram que queriam apenas conversar, mas o tipo de conversa deles doia muito e deixavam muitos hematomas no nosso corpo. Ainda dá quando me lembro... Nunca imaginei que o amor entre dois homens incomodasse tanto, mas dizem por aí que preconceito não existe...

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

**Tarde demais!**

Bom, eu sou uma menina qualquer, antissocial e que ninguém viu ou ouviu falar. Um dia, na escola, colocaram um papel na minha mochila. Quando cheguei em casa, li: "SE MATA! Vc vai fazer um favor enorme pra todos nós". Na mesma hora comeci a chorar, amassei o papel e joguei no lixo! Sol de casa correndo e fui pro meu lugar favorito, onde passava um trem bem antigo. Quando meu irmão chegou em casa, foi no meu quarto e viu que eu não estava lá, então encontrou o papel no lixo e saiu à minha procura. Foi em todos os lugares onde imaginaria que eu podia estar, não achou. Então, pensou que eu podia estar na estação de trem antigo. Enquanto ele corria pra lá, eu olhava meus cortes e pensava que era melhor pbr fim em tudo. Quando ele chegou, já era tarde demais, o trem já estava muito próximo e eu só ouvi o seu grito de desespero...

Mariana Carvalho 10M  
Escameu uma página...

**Aprendizagem**



Já passei muito constrangimento na rua e ficava triste. Porém minha mãe me ensinou que se você se importar com o que as pessoas pensam de você, irá ser infeliz para sempre. Continue triste e constrangida...

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

**Em que posso ajudar?**

-Emergência, em que posso ajudar?

-Aiá? Por favor me ajude! Meu marido está descontrolado. Eu acho que ele quebrou meu braço. Minha cabeça está sangrando muito! Me ajude!

-Senhora eu...

-Ele está tentando arrombar o portal

-Senhora?

-Não, por favor! Eu não fiz nada pra você. Por que você está fazendo isso comigo?!

-Senhora? Senhora?!

CHAMADA ENCERRADA

Mariana Carvalho 10M  
Deu até um aperto no peito...

**Por favor, pare!**

Foram as últimas coisas que eu disse antes dele me agarrar. Antes dele me machucar. Antes dele tirar a única coisa que eu queria guardar. E no final de tudo, ele e a sociedade colocaram a culpa em mim, colocaram a culpa nas minhas roupas. Ele saiu ileso, mas eu vou lembrar todas as vezes que eu fechar os meus olhos.

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

**Dia dos pais**

Estava todo feliz, era um dia especial, tinha acabado de comprar um presente para o meu pai. Quando estava saindo da loja anunciaram um assalto, tentei sair o mais rápido possível, mas dois homens me puxaram para um canto da loja e começaram a me agredir. Tentei falar que eu não tinha nada a ver com aquilo, mas nem me ouviram. Diziam que "negro vagabundo tem que cpanhar". Todos olhavam, fotografavam, filmavam. Quando, enfim, perceberam o engano, me soltaram. E ali fiquei humilhado, machucado e sem o presente do meu pai.

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

**Vontade de Deus?**

Oi, meu nome é Maria, tenho somente 10 anos e estou no hospital. Não entendo o porquê, mas minha barriga dói desde aquele dia que meu tio brincou comigo. A brincadeira tbm doeu um pouco... Escuto pessoas gritarem na porta do hospital "ABORTO É CRIME" "NÃO É A VONTADE DE DEUS". Estou com medo... Qual é a vontade de Deus?

Mariana Carvalho 10M  
Lírio Adorei!

Maria Eduarda 10M  
parfeito

**É normal**

Flores e beijos, que relacionamento banal! Ele não deixava eu ver meus amigos, mas é normal, só estava me protegendo. Parei de ver minhas amigas também, mas é normal porque ele tinha razão, todas são falsas. Um dia ele chegou alterado em casa, pode acreditar o resaca dele não doeu mais do que o meu olho roxo, mas é normal, ele estava só bêbado e continuo me amando. Decidi perguntar o que estava acontecendo, não devia te perguntado. Daqui de cima as coisas não parecem mais tão normais.

Mariana Carvalho 10M  
Nossal Um suspiro... Adorei!

**As palavras não voltam**



Quando eu era menor minha avó sempre me dizia: "as palavras não voltam". Eu ficava maluco me perguntando: como assim? As palavras viajam e não voltam mais? Eu só fui entender quando, em um momento de raiva, as palavras viajaram da minha boca e foram para os ouvidos do meu amigo, e nunca mais voltaram.

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

**Mulo**



Tinha recebido um trabalho sem me pagar 5.000 reais, mas infelizmente fui barrada, agora estou presa e com nada.

Mariana Carvalho 10M  
Muito bom!

Mariana Carvalho 10M  
Lírio Adorei!

Fonte: elaborada pelo autor.

Disponível em: <<https://padlet.com/marykarvalho85/5bn1u4e8qs6m3h85>>

Então, no dia marcado, estavam presentes, além de 16 alunos participantes, outros colegas da turma que não integraram o projeto ou que tinham abandonado antes do fim, alguns professores, a supervisão e a direção da escola.

Apresentamos brevemente o projeto, as propostas que culminaram no *blog* e no mural e os alunos que aceitaram fazer parte desse percurso que começou em setembro e que findava depois de mais de três meses com essas produções.

A professora leu um texto de agradecimento produzido para este momento e publicado também no *blog* e abriu para que os alunos lessem seus textos. Como muitos estavam tímidos e envergonhados, deixamos que escolhessem se eles mesmo apresentavam suas narrativas ou se queriam que lêssemos para eles.

Ao final, todas as produções - minicontos e *fanfics* - tinham sido apresentadas, algumas pelos seus próprios autores, outras pela professora, além de serem compartilhadas nas redes sociais e nos grupos de *WhatsApp* da escola. Os alunos receberam inúmeros elogios dos próprios colegas e dos outros convidados e foi possível ver nos rostos daqueles que mantiveram suas câmeras abertas o sorriso de satisfação pelos elogios que receberam.

### **Aula 13: Avaliação do projeto**

Nesse último encontro, agradeceremos a participação deles e pediremos que expressem oralmente como avaliam as experiências vivenciadas com a leitura literária e a escrita durante a realização da pesquisa, especialmente por se tratar de ambiente virtual. Gostaríamos de tentar verificar de que forma essa intervenção metodológica deixou marcas nos alunos participantes e se ela, de fato, contribuiu para a formação leitora deles. A professora também compartilhará com eles suas vivências durante todo o período de aplicação da pesquisa.

### **Descrição/Análise (18/12)**

Começamos nosso último encontro fazendo uma retrospectiva desses quase quatro meses que estivemos juntos todas as sextas-feiras e lembrando os momentos mais emblemáticos que a literatura nos proporcionou nesse período. Pedimos, ainda, que os alunos dessem seus depoimentos, falassem sobre como avaliavam a participação no projeto, as experiências vivenciadas, os momentos marcantes, as dificuldades encontradas, os textos mais significativos. Os 15 alunos presentes escreveram no *chat* ou abriram seus microfones e falaram:

MM: *“Foi uma experiência muito boa! Adorei todas as aulas, principalmente a da Maria. É muito bom conversar com você, principalmente assuntos como feminismo, racismo e vários outros preconceitos que acontecem diariamente com várias pessoas e que estavam tão presentes nos textos que lemos. Você nos aproximou da literatura nesse tempo, mas foi difícil pra mim me acostumar com as aulas online.”*

IS: *“Eu AMEIII! Foi muito especial esse projeto para mim! Não marcava nada para sexta esperando o que íamos ler... ksksksk. Espero que possa acontecer outros projetos como esse! Foi maravilhoso esse tempo que passamos todos juntos. Não vou negar que no começo eu achei difícil, principalmente a escrita do diário e acostumar com as aulas pelo celular, mas foi uma experiência muito boa! O que mais gostei foi dos textos e das conversas que falávamos sobre eles, principalmente o conto da Maria.”*

ER: *“Foi muito bom... eu fiquei tocado principalmente com o bife e a pipoca. Ali eu entendi o que era empatia, se colocar no lugar do outro. Depois de ler aquela história, pensei comigo mesmo: enquanto estou aqui, reclamando, na frente do PC, confortável, existe alguém, querendo ter as condições que eu tenho e na mesma hora parei de reclamar. Eu não gostava nada de ler, agora, de uns tempos pra cá, eu estou me interessando cada vez mais pela literatura, mas foi difícil me adaptar com a ‘chatice’ que é não poder estar todos juntos.”*

JP: *“Esse projeto me motivou a ler e deixou a minha quarentena e de todos envolvidos muito mais alegre e divertida. Foi maravilhoso, os assuntos foram essenciais, o conto da Maria e do bife e da pipoca foram muito marcantes. Foi uma forma maravilhosa de conhecer mais sobre esse mundo literário e de bônus sobre o mundo de hoje em dia. Mas foi difícil me acostumar a escrever toda semana no diário de leitura.”*

MD: *“Esse ano foi estranho, bizarro e nada normal, as suas aulas foram o ponto que era normal no nosso dia a dia, era algo para sentir que alguma coisa poderia ser o mais próximo do que era antes. E isso foi a coisa que não me deixou enlouquecer esse ano.*

*Graças a esse projeto eu me inspirei e quis ir atrás de ler os livros. O conto do bife e a pipoca me quebrou e o da Maria ficou na minha cabeça que poderia ter sido eu, ou outras Marias, mulheres que conheço. Podia ter outro projeto nesse estilo ano que vem.”*

GV: *“Foi tudo incrível, todos os momentos... mas o texto da Maria me marcou profundamente. O mais difícil pra mim foi na produção dos textos, tanto do miniconto quanto da fanfic, mas sempre tive um amor pela literatura e agora eu sinto que esse amor ficou mais intenso. Espero que tudo isso possa se repetir novamente. Obrigada por tudo professora, cada momento foi inesquecível, vou levar para o resto da minha vida”*

RO: *“Foi uma experiência única esse projeto, o jeito que todos acabaram se envolvendo foi maravilhoso. Cada leitura que você fazia nos tocava e me tocava ainda mais e despertou ainda mais essa curiosidade na leitura em mim. Pra mim o que mais me marcou foi o conto do bife e da pipoca e da Maria e a maior dificuldade foi botar o que eu tinha em mente no diário, mesmo que a gente saiba o que falar, é difícil colocar ali em palavras os sentimentos na hora de escrever.”*

AG: *“Eu nunca pensei que o texto literário, de ficção, pudesse fazer a gente refletir sobre tanta coisa, sobre nossos privilégios. Eu gostei muito de quando a gente falava sobre os textos que lemos. O texto da Maria e o miniconto da menina estuprada EU NUNCA VOU ESQUECER! Mas os diários de leitura foram difíceis pra mim no começo, porque mesmo com tudo na cabeça, eu ficava pensando em um jeito legal de escrever, mas quando foram nos últimos eu percebi que não era bem isso, que eu tinha que escrever o que estava sentindo na hora com a leitura dos textos, mas acabei me acostumando. Eu amei, e super gostaria de passar por mais experiências dessas.”*

CP: *“Eu gostaria mesmo de agradecer essa oportunidade de poder conhecer a literatura sem ser aquela coisa chata com leitura e resposta. Eu abri minha cabeça para as histórias, não conhecia miniconto, não conhecia esses escritores. Eu estou passando por momentos bem difíceis e as suas aulas me ajudaram a continuar, a me manter firme emocionalmente com tanta coisa acontecendo.”*

RI: *“Pra mim, o melhor foi conversar e ser ouvido sobre assuntos tão importantes. E ter as aulas e poder voltar um pouquinho pra escola mesmo que virtualmente. Ahhh... eu amei a história da Moça Tecelã.”*

AC: *“Gostei de participar do projeto, estou com saudade das suas aulas presenciais. O que eu mais gostei foi poder conhecer outros tipos de leitura, como miniconto e o conto do*

*menino com as borboletas, que coisa mais linda, mas escrever o miniconto foi muito complicado.”*

*JM: “Gostei muito, principalmente dos minicontos. ‘Perdas e ganhos’ foi o mais marcante. Conversar com um autor de livros famosos foi inesquecível e também gostei de escrever o diário, apesar de não ser acostumado e esquecer de vez em quando.”*

*PA: “Eu adorei conhecer um escritor e nunca vou me esquecer da história do bife e da pipoca.”*

*ST: “Suas aulas foi uma das melhores coisas esses meses e me ajudou em um período de muitos problemas na quarentena, só tive dificuldades com o diário.”*

*IP: “Achei o máximo conversar com um escritor, mas escrever pra mim é sempre difícil... Uma coisa que me marcou é como cada um tem uma história e uma realidade diferente, como o Tuca, o Rodrigo e a Maria.”*

Compartilhamos também a nossa visão do lado de cá, a experiência gratificante de quem elabora um projeto, vê ele tomando forma, se desenvolvendo e se encerrando de maneira tão significativa e superando tantas expectativas criadas, apesar dos percalços. Ler e ouvir esses depoimentos nos emocionou, nos preencheu e nos fez perceber como a literatura proporcionou uma nova forma de afeto em um momento tão delicado para todos.

Por fim, agradecemos aos alunos participantes que aceitaram nossos desafios, se envolveram, se emocionaram, se reconheceram, se colocaram no lugar do outro e se mantiveram até o fim do projeto e também àqueles que, por diferentes motivos, não puderam estar conosco até esse dia, mas que, igualmente, deixaram suas marcas.

## Capítulo 4

### **AVALIANDO A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA COM A LEITURA SUBJETIVA EM SALA DE AULA VIRTUAL**

Ao final da aplicação da intervenção metodológica, depois de mais de três meses de altos e baixos, ora nos surpreendendo com os resultados obtidos, ora enfrentando desafios que nos faziam questionar se realmente valia a pena insistir, chegamos a algumas conclusões que consideramos importantes de serem trazidas aqui.

Primeiro, sobre o ambiente virtual, que nos ofereceu tantas possibilidades que não estariam acessíveis em uma aula presencial, porém, igualmente, nos conferiu inúmeras dificuldades. Segundo, sobre a pertinência dos diários de leitura nessa proposta didática. E, por último, sobre os impactos desse trabalho nos alunos participantes.

#### **4.1. Os desafios e as possibilidades de uma aplicação remota no período de pandemia**

Já mencionamos antes o quanto foi difícil e frustrante para nós renunciar a uma proposta pensada e elaborada com tanto empenho para acontecer em sala de aula presencial. Antes de chegarmos ao que foi apresentado neste trabalho, traçamos um caminho árduo e com pedras mais pontiagudas do que o habitual.

Além de termos que reformular a intervenção para acontecer em um ambiente pouco conhecido, lidamos ainda com um dos momentos mais tristes que a humanidade vivenciou e ainda vivencia até hoje. Estamos enfrentando uma pandemia em um país que fez uma das piores gestões no mundo, com um número de mortes que já passa dos 500 mil, e segue crescendo.

Nos vimos paralisados diante de um vírus que afetou nossa maneira de viver e de existir, que mudou nossas relações de trabalho e que nos impediu de estarmos com familiares, amigos, colegas e alunos. Além disso, as mortes, o isolamento social, a crise econômica, o negacionismo da ciência, a falta de políticas públicas e de consciência coletiva colocou todo um país em luto.

Quando decidimos pela reformulação da proposta tínhamos muitas dúvidas e incertezas, não sabíamos se seria o mais adequado a se fazer, se conseguiríamos atingir nossos alunos e alcançar nossos objetivos, mas, mesmo diante de tantas adversidades, consideramos que seria válida e benéfica a todos os envolvidos, pesquisadores e participantes.

E foi o que aconteceu. O ambiente virtual, tratado com desconfiança no começo, proporcionou momentos de acolhimentos, escutas, trocas, diálogos e silêncios que não seriam viáveis em outra circunstância. Apesar de estar longe do ideal, por atingir um número bem menor de alunos que gostaríamos e não permitir o contato próximo com eles, foi o possível face aos acontecimentos.

Concordamos com Martins e Almeida (2020, p.222) que

A educação on-line não é compreendida exclusivamente pelas tecnologias digitais. Também é amparada pela interatividade, afetividade, colaboração, coautoria, aprendizagem significativa, avaliação adequada, mediação docente implicada, relação síncrono-assíncrono, entre outros, buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas. Estabelecendo comunidades de conhecimento mediadas pelo digital em rede, mas não somente por ele, o que caracteriza a educação online é a arquitetura pedagógica e não a tecnologia digital em si.

Pelos relatos de alguns participantes trazidos no último encontro, tais como: *“Esse ano foi estranho, bizarro e nada normal, as suas aulas foram o ponto que era normal no nosso dia a dia, era algo para sentir que alguma coisa poderia ser o mais próximo do que era antes. E isso foi a coisa que não me deixou enlouquecer esse ano...”*, *“Eu estou passando por momentos bem difíceis e as suas aulas me ajudaram a continuar, a me manter firme emocionalmente com tanta coisa acontecendo.”*, *“Suas aulas foi uma das melhores coisas esses meses e me ajudou em um período de muitos problemas na quarentena...”* somos levados a crer que a possibilidade de entrar em contato com os pares e de tecer uma narração a partir das experiências vivenciadas, dando-lhes sentido e coerência, exprimindo e compartilhando suas emoções são essenciais para a reconstrução do indivíduo em contextos de crise, individual ou coletiva, como afirmou Petit (2009, p.127).

Segundo a autora,

Os espaços coletivos de leitura tiram cada um de sua solidão, fazem-no compreender que esses tormentos são compartilhados pelos que estão a seu lado, mas também por aqueles que encontra nas páginas lidas ou por quem as escreveu. Em mais de um caso, essas experiências literárias contribuem para a formação de uma sensibilidade e uma educação sentimental. (PETIT, 2009, p.165).

Sabemos que a adaptação a esta nova realidade não tem sido um processo fácil nem para nós, professores, que tivemos que ver nossas casas transformadas em sala de aula e nossas práticas e metodologias sendo substituídas por um novo formato de aula que alterou drasticamente nossos modos de lecionar, sem o tempo e o conhecimento necessários para estas mudanças. E menos ainda para nossos alunos, visto que vários deles relataram no último

encontro dificuldades em se adaptar ao ensino remoto. Primeiro, pelas distâncias, pela impossibilidade dos encontros físicos e pelo ambiente de casa com interferências que em nada se assemelha ao da escola. Segundo, pela sobrecarga de atividades a que foram submetidos por regimes emergenciais que, nem sempre, atendiam às suas reais necessidades.

A falta de interação também foi um grande desafio, principalmente no começo, quando os participantes ainda estavam se familiarizando com a plataforma *Google Meet*. Pela descrição feita anteriormente foi possível perceber o quanto eles resistiram em abrir suas câmeras e microfones para que pudéssemos vê-los e ouvi-los. Por esse motivo, a comunicação aconteceu, especialmente, via *chat*.

Alguns deles foram se mostrando mais confortáveis ao longo do tempo e à medida em que íamos infundindo confiança, já outros esquivaram de se mostrar durante todo o período de aplicação da proposta. Consideramos totalmente compreensível essa atitude, visto que lidamos com jovens que no espaço escolar já resistem a se exporem publicamente; em um ambiente virtual, então, que trazia a realidade mais íntima de suas casas e famílias, era ainda mais desafiador para eles, o silêncio era um refúgio.

Por isso, lidamos com o silêncio por diversas vezes e buscamos respeitar o direito de calaram-se (PENNAC, 1993), uma vez que concebemos essa discrição também como uma reação subjetiva. É claro que a não adesão às manifestações verbais foi para nós, pesquisadores, um terreno árido, pois, ao contrário de um encontro presencial, no qual as expressões e hesitações nos dizem, muitas vezes, mais do que algumas falas, ali não conseguíamos observá-los.

Enfrentar os silêncios foi uma tarefa complexa que gerou muitas inseguranças, já que um dos nossos objetivos era fomentar uma conversa em que os alunos se expressassem oralmente e trouxessem suas vozes e experiências, promovendo o diálogo e a troca entre eles; contudo, em vários momentos, isso não aconteceu. No começo, foi difícil distinguir se os silêncios eram devido à timidez, à resistência em se exporem, ao não envolvimento com a proposta, à um ambiente que não fosse acolhedor o suficiente ou até à uma dificuldade em exteriorizarem suas reações subjetivas.

Porém, à medida em que os encontros iam se tornando mais frequentes, notamos que tinham àqueles que eram mais tímidos, e que, conseqüentemente, resistiam à exposição e à manifestação das subjetividades na frente do grupo e tinham também àqueles que não se envolveram com a proposta. Estes últimos foram abandonando o percurso ao longo do tempo por diversos motivos: falta de acesso à aparelhos eletrônicos e internet, não adaptação ao formato remoto, sobrecarga de atividades e o fato de não se sentirem estimulados e motivados

o suficiente para fazerem parte de uma proposta em que a participação era voluntária. Em razão disso, começamos com 25 participantes e terminamos com 15, frequentes e comprometidos com a pesquisa.

Devido à baixa adesão já nas aulas online, tínhamos consciência de que não alcançaríamos muitos alunos e que nem todos que aceitassem participar iriam se engajar em todas as atividades propostas. Nem mesmo em uma sala de aula presencial, em um contexto muito mais favorável, conseguimos atingir a todos, então, não seria nesse modelo de intervenção que isso aconteceria. Não era isso que objetivávamos inicialmente, mas, como já mencionado, foi o que era concebível diante do contexto.

Sobre os recursos utilizados, enfrentamos alguns problemas com a internet: em momentos de instabilidade ou devido à conexão de baixa qualidade, muitos participantes entravam atrasados nas aulas ou se desconectavam antes do fim. No entanto, não podemos deixar de ressaltar as oportunidades geradas pelas ferramentas digitais, a começar pelo *WhatsApp*, que se tornou nosso principal canal de comunicação com os participantes. Como os encontros eram semanais, nos outros dias, a interação acontecia por lá, em um grupo criado para esse fim. Além disso, o aplicativo de mensagens faz parte do cotidiano desses jovens e isso facilitou muito o entrosamento.

O *Google Meet* possibilitou os encontros síncronos e permitiu que vivenciássemos um dos momentos mais marcantes dessa intervenção: o encontro com o escritor Leonardo Brasiense, uma vez que essa circunstância só foi possível devido ao formato online. Já o *Google Docs*, apesar das dificuldades de adaptação iniciais que foram sanadas assim que todos se acostumaram com a ferramenta, foi um instrumento de extrema importância para nós, pois, ao o elegermos para os registros escritos, como os diários de leitura, os minicontos e as *fanfics*, conseguimos acompanhar em tempo real os textos que eram produzidos e dialogar sobre eles com cada aluno, individualmente.

O *Padlet* e o *Blogger* proporcionaram, ainda, o compartilhamento e a divulgação dos minicontos e das *fanfics* produzidas pelos alunos participantes, de modo que esses textos saíram da esfera privada, restrita ao professor e ganharam dimensão pública, sendo compartilhados com os seus pares.

Assim, a utilização desses recursos acabou contribuindo para evidenciar o protagonismo juvenil frente aos elementos da cultura digital e para destacar a intimidade e a desenvoltura desses estudantes pelos espaços virtuais, além de estarem em consonância com uma das competências específicas de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental presente na BNCC: “Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e

ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.” (BRASIL, 2018, p.85).

Diante dessa nova realidade que fomos colocados, como afirmou Rezende (2018, p.100-101), é

Impossível ignorar esse universo tecnológico no qual crianças e jovens já estão mergulhadas. Ignorar significa manter a cultura escolar nesse patamar de escuridão, de desinteresse e surdez às demandas das novas gerações. Tampouco significa abandonar a tradição, o saber acumulado pela humanidade, trata-se de redirecioná-lo no âmbito de um novo horizonte de expectativa, cujas questões hoje incorporam as vozes dos estudantes, inaugurando desse modo uma nova ética.

Portanto, apesar dos inúmeros problemas que encontramos nessa modalidade remota, ela acabou por oferecer caminhos antes desconhecidos, que oportunizaram a nós e aos alunos envolvidos uma nova forma de vínculo, de afetividade, de existência e de resistência. A leitura dos textos literários, em particular os de ficção, durante a pandemia, nos abriu as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo, para um outro tempo, em que a capacidade de sonhar tem livre curso e permite imaginar e pensar outras possibilidades. (PETIT, 2008, p.79).

#### **4.2. A subjetividade revelada nos diários de leitura**

Por meio dos registros nos diários de leitura pudemos acompanhar não só as reações subjetivas dos alunos à leitura dos textos, mas também a construção de sentidos proporcionada pelas conversas em torno das obras. Muitos alunos que abstiveram de se manifestar nos encontros devido à timidez e o receio de se expor utilizaram esse espaço para se expressar, como o aluno RO, que evitou falar e abrir sua câmera em todos os encontros, mas que nos permitiu acessar o seu mundo interno pelos seus escritos, visto que foi um dos participantes que mais explorou esse recurso.

Porém, nos depoimentos dos participantes no último encontro foi possível perceber que a dificuldade mais relatada por eles durante a aplicação estava na escrita do diário. Isso nos mostra como a subjetividade, tão importante para o letramento literário desse leitor em formação, esteve distante das aulas de literatura, a ponto de os alunos encontrarem mais resistência nessa escrita do que na produção dos minicontos e das *fanfics*: “*Não vou negar que*

*no começo eu achei difícil, principalmente a escrita do diário...”, “... foi difícil me acostumar a escrever toda semana no diário de leitura.”, “... só tive dificuldades com o diário.”, “... a maior dificuldade foi botar o que eu tinha em mente no diário, mesmo que a gente saiba o que falar, é difícil colocar ali em palavras os sentimentos na hora de escrever, mas acabei me acostumando.”, “... os diários de leitura foram difíceis pra mim no começo, porque mesmo com tudo na cabeça, eu ficava pensando em um jeito legal de escrever, mas quando foram nos últimos eu percebi que não era bem isso, que eu tinha que escrever o que estava sentindo na hora com a leitura dos textos...”*

Esses dois últimos relatos em especial serviram para comprovar que a dimensão subjetiva ainda é um terreno pouco explorado durante as práticas de leitura literária, mas igualmente nos mostram que quando encorajados a manifestarem suas impressões e emoções oriundas da leitura do texto, eles vão se apropriando desse objeto com o tempo e o estranhamento inicial é substituído por um hábito espontâneo e autêntico.

Concordamos com Rouxel (2014, p.21) que é preciso “engajar os alunos na aventura interpretativa, com seus riscos, suas instabilidades, suas contradições, suas surpresas, suas descobertas, mas também seus sucessos”. Quando propomos o uso dos diários como instrumento didático para observar de que forma os alunos reagem aos textos, tínhamos consciência de que isso não iria ser assimilado por eles instantaneamente, mas que faria parte de um processo que contribuiria para as suas formações leitoras e que começaria, mas não findaria ali.

Tanto que, se levarmos em consideração os primeiros registros realizados no início da aplicação em comparação com os últimos, verificaremos que os comentários mais curtos e superficiais foram dando lugar a textos cada vez mais extensos e profundos, revelando um progressivo envolvimento com as leituras.

Segundo Langlade (2013, p.36), os diários são registros das experiências do leitor e, como tal, cada um deixa nele suas marcas individuais a partir do que “experimentou no decorrer da leitura: fascinação, rejeição, perturbação, sedução, hostilidade, desejo etc. [...] Nessa distância participativa feita de vislumbres psicológicos, de julgamentos morais, de sedução ou de repulsão etc., leem-se e ligam-se a obra e o sujeito leitor”. Por isso, o autor nos sugere que basta ouvir o que nossos alunos têm a dizer, ou, nesse caso, ler.

E foi o que tentamos fazer. Convocamos esses jovens leitores a se revelarem por meio dos seus escritos pessoais e esse espaço acabou se tornando um local de possibilidades e de

potencialidades. Todos os 15 alunos que se mantiveram presentes até o fim da aplicação conseguiram, em alguma medida, imprimir suas subjetividades através dessa “escrita de si”.

Esse estímulo à implicação dos sujeitos-leitores nas obras lidas, como afirmou Souza (2020, p.100) trouxe “contribuições significativas não só no âmbito das competências leitoras, como também na adesão afetiva ao universo ficcional, fator determinante para a construção de uma identidade leitora”. Ao encontrar um ambiente propício para refletir sobre as leituras feitas, os alunos assumiram seus papéis de leitores reais, os quais compreendem estar diante de um texto diferenciado que precisa de suas habilidades leitoras, mas, principalmente, de suas implicações para preencher os significados que suscita.

Por isso, a cada encontro buscamos retomar a relevância desses escritos e acolhê-los sem censuras ou julgamentos para estimulá-los a se expressarem. Em razão disso, não fizemos nenhum tipo de correção e/ou sugestão nos seus textos, com o intuito de oferecer um lugar onde normas, regras e padrões não fossem parâmetros, para que entendessem que não existia certo ou errado, que não seriam avaliados por aquilo que escrevessem e para que, assim, tivessem liberdade e confiança para se revelarem.<sup>1</sup>

No artigo “Apropriação singular das obras e cultura literária”, Annie Rouxel (2013b, p.173-175), a partir da observação de diários de leitura, elenca alguns dos diversos modos de apropriação do texto literário mais recorrentes nos documentos que analisou: a seleção de excertos ou de citações, “que cristaliza uma emoção, um pensamento no qual nos reconhecemos”; a cópia, “que desenha uma identidade literária fundada na empatia”; a paráfrase, reformulação ou resumo, “pelas quais o leitor tenta redizer o texto com suas próprias palavras”; e o comentário comum, subjetivo e espontâneo “que permite observar o modo de se relacionar com a obra”.

Ainda segundo a autora, esses comentários comuns podem se manifestar em três dimensões: na relação do texto lido com outros textos, na qual se efetua “a aproximação da obra lida com outras obras lidas”; na relação com o universo pessoal do leitor, pela qual ocorre as “tomadas de posição” que resultam “da experiência de alteridade que oferece a literatura e que exige do leitor um movimento de empatia, de identificação ou de desdobramento”; e na relação com o mundo, que revela a apropriação pessoal do texto ao “relacionar a obra lida com a existência”. (ROUXEL, 2013b, p.175-181).

---

<sup>1</sup> Tentamos preservar ao máximo a originalidade dos escritos. Por esta razão, optamos por fazer apenas algumas adequações na ortografia e na pontuação dos textos transcritos neste trabalho para facilitar a leitura e a compreensão, no entanto não fizemos correções dessa natureza nos diários.

Com exceção da cópia (provavelmente pelo fato de utilizarmos uma ferramenta virtual e muitos usarem o celular como dispositivo para escreverem nela), tivemos oportunidade de ver nos diários dos participantes envolvidos nessa pesquisa todas as outras formas de apreensão das narrativas lidas e, ainda, conseguimos observar um crescimento pessoal muito grande desses jovens, ao demonstrarem, muitas vezes, posicionamentos maduros e livres de preconceitos e estereótipos:

Seleção de excerto ou de citação: *“Como o amor é lindo! Antes não acreditava muito no amor, pois a relação dos meus pais não é muito boa, mas esse conto e esse poema mostram o que é o amor! Como no trechinho do poema que fala ‘que o trânsito teve mesmo de parar e ficou completamente imobilizado’, creio que essa foi uma cena muito incrível, deu pra imaginar ela acontecendo.”*

Paráfrase, reformulação ou resumo: *“É incrível pensar como julgam uma mulher trabalhadeira que pega o resto da comida no serviço pra levar pra sua casa e pros seus filhos e se pergunta se eles gostam de melão, uma mulher feliz por encontrar o ex, pai do seu filho mais velho e saber que ele tem um carinho pelo filho e mandou um beijo e descobre que aquele homem que ela um dia se apaixonou assalta o ônibus que ela está com uma arma... Ela não esperava, ela não tinha nada de valioso, nem um anel no dedo, um relógio em seu pulso, mas ela tinha um corte profundo em sua mão, se cortou com uma faca-laser que cortava até a vida. Por revolta de alguns passageiros, por não ter levado nada dela, acharam que ela estava junto aos criminosos, pois um deles ela conhecia, era o pai de seu filho. Atacaram ela até a morte... e ela preocupada em saber se os filhos gostavam de melão...”*

Comentário comum, subjetivo e espontâneo: *“Eu confesso que fiquei meio com efeito de fofura no final da aula, mesmo eu não sendo uma pessoa que se deixa levar pela fofura tão fácil.”*

Relação do texto lido com outros textos: *“Hoje a professora leu um conto chamado ‘A moça tecelã’, da autora Marina Colasanti. No começo parecia um conto de fadas daqueles da Disney, com uma princesa que tudo que tecesse se tornava realidade, mas aí ela teceu o homem ‘perfeito’ pra ela.”*

Relação com o universo pessoal: *“O Tuca nunca tinha comido um bife, mas pro Rodrigo isso já era uma alimentação qualquer, e isso me faz pensar quantas pessoas nesse mundo nunca*

*colocaram uma colher de arroz na boca? Ou qualquer outro alimento que pra gente é tão normal e às vezes até rejeitamos porque estamos enjoados de tanto comer. Nunca parei pra pensar nisso, é realmente um privilégio. E falando bem sério, eu conheço bem mais Rodrigues do que Tucas na minha realidade, essa história foi tão marcante que fez eu abrir bem mais a minha mente.”*

*Relação com o mundo: “Querida associar essa história a um outro caso que aconteceu recentemente: uma mulher foi estuprada e humilhada por um juiz. Mesmo não envolvendo morte, é um caso em que uma mulher fica traumatizada com o que aconteceu com ela e ainda por cima é humilhada por um juiz que deveria defender ela e em nenhum momento mediu palavras para agredi-la verbalmente. Nos dois casos temos semelhanças, nos dois casos temos mulheres agredidas, dois casos que poderiam ser diferentes, dois casos que mulheres foram injustiçadas.”*

*Posicionamento maduro e livre de preconceito e estereótipo: “Hoje a aula foi uma discussão sobre as Marias que existem, um assunto que nem sempre é notado, a gente falou das pessoas negras, sobre o quão abaixo elas estão nessa ‘pirâmide de classe social’ e o que mais me marcou é que O HOMEM BRANCO ESTÁ NO MÁXIMO DO PODER, E A MULHER NEGRA NO MÍNIMO DE TUDO. É muito triste ver que uma mulher em tudo é sempre rebaixada e pior ainda ver que a mulher NEGRA vai mais abaixo do que isso.*

*E realmente não basta não ser racista, não basta não ser, VOCÊ TEM QUE SER ANTI, antirracismo, ser anti tudo aquilo que se mostrar ser de alguma forma demonstração de ódio a uma pessoa.”*

Ao apontar os fragmentos que moveram suas sensibilidades, sintetizarem o texto destacando aquilo que mais reverberou, fazerem comentários subjetivos sobre o que mais os inquietou, relacionarem a obra com a própria história e com o universo que os cercam e se posicionarem diante de tantos assuntos que as narrativas fomentaram, “o leitor religa a obra literária a outras obras e à sua própria vida e à sua experiência do mundo.” (ROUXEL, 2013b, p.182).

Assim, a leitura e o posterior registro nos diários ajudaram esses alunos a redefinir e reafirmar suas próprias existências, pois, no confronto com o texto, eles leram a si mesmos e também leram os outros, ao se colocarem no lugar dos personagens e vivenciar situações que até podem ser distantes das suas realidades, mas que os tocam como se eles mesmos

experimentassem esse lugar. Por isso, foram recorrentes nos seus escritos trechos que sinalizavam o exercício da identificação, da alteridade e da empatia.

Segundo Rouxel (2013b, p.179),

Ao entrar em um personagem ou narrador, esposando seu pensamento e seus sentimentos, o leitor alarga seu horizonte afetivo e intelectual. [...] A descoberta do outro em si, a revelação de uma humanidade compartilhada, questões essenciais da leitura manifestam a dimensão humanista da cultura literária. Quando a experiência de leitura põe em jogo o corpo, os afetos, a atividade fantasmática, quando ela se faz mais intensa, a figura especular de um personagem literário pode se tornar um símbolo para o leitor, seja como uma justificativa de sua própria conduta seja como a encarnação de uma forma de humanidade.

*Identificação: “A história do Léo me fez lembrar a minha amizade com a AC, somos amigas há pouco tempo, mas ela é a pessoa que eu mais me sinto confortável, que eu posso soltar as minhas borboletas, realmente ela é a minha Ana Cláudia.”*

*Alteridade e empatia: “Eu li novamente o texto para ver com mais detalhes e a sensação que eu tive foi de primeiramente DESESPERO, porque me coloquei no lugar daquela mulher e no lugar dela eu não consegui pensar no que poderia fazer diante daquela situação.”*

Além das manifestações elencadas anteriormente, ficou muito evidente para nós de que forma a participação nessa intervenção metodológica contribuiu para a formação leitora desses alunos ao definirem seus gostos e estabelecerem uma outra maneira de se relacionarem com a leitura literária, fundada na afetividade:

*Definição de gostos: “Amei a aula de hoje e já estou toda ansiosa para a gente conhecer mais e falar mais sobre a história. Eu amei ‘A moça tecelã’, até pesquisei mais sobre e descobri que tem o livro (já quero até comprar aliás ksksk), e até já vi outros livros da escritora e amei eles também!”*

*Nova maneira de se relacionar com a leitura literária: “Os minicontos lidos na última aula com certeza mudaram o jeito que penso sobre a leitura em si. A forma como é tratado assuntos polêmicos é algo incrível do autor. Nunca imaginei que esses assuntos seriam trazidos a um texto, da forma como veio, sem ao menos disfarçar todos os preconceitos e delicados assuntos, como o acesso às drogas por crianças. Mas isso é um ponto muito positivo do autor, esse jeito*

*que ele nos traz a realidade à tona faz com que nossa ficha seja quebrada e vivenciemos algo que nunca imaginávamos, como ocorreu comigo.”*

Ainda pudemos testemunhar como esses alunos-leitores preencheram as lacunas das narrativas, ao concretizarem suas leituras individuais das obras, “ignorando o que no texto não lhes dizia respeito e apropriando-se do que leram a partir de suas inquietações pessoais” (SOUZA, 2020, p.118-119). O impacto que as obras selecionadas provocaram permitiu que, no diálogo com texto, os afetos, as emoções, a indignação, a tristeza, a raiva, a revolta, a esperança, a alegria, a satisfação e tantas outras expressões da sensibilidade do leitor fossem materializadas nos seus textos. A reação deles sobre as histórias deixaram transparecer muito de suas identidades e de como enxergam tantas situações e assuntos ali representadas.

Preenchimento de lacunas: *“Algo que me surpreendeu é o jeito que a Maria lida com o corte na mão, a faca-laser é trazida até os últimos momentos de sua vida, mostra o quanto ela ficou assustada com o corte e o quanto essa faca era novidade pra ela. Quando a autora diz que as pessoas que estavam linchando a Maria estavam com facas-laser, demonstra que a dor que ela sentiu nos dois casos era a mesma.”*

Expressão da sensibilidade pelo impacto das obras: *“Eu gostei demais dessa aula principalmente pela dinâmica feita hoje da palavra, a cada leitura vinha automaticamente a palavra que descrevia aquilo que sentia, hoje sinto que trabalhei com a sensação de gelo, pois alguns minicontos me jogaram do prédio com tudo e me quebraram de uma forma que não há como descrever.”*

Reação às situações e temas trazidos nos textos: *“Nossa, o texto de hoje não tem o que falar de tão abalada que eu estou. Incrível como as pessoas são em achar que a Maria era cúmplice do assalto que aconteceu no ônibus só porque o bandido a conhecia ou será que era porque ela é negra? [...] Eu só queria saber se depois que todos descobriram a verdade, que ela não fazia parte do assalto, o que se passou na cabeça deles por ter matado uma mulher inocente que só queria levar um recado do pai ao filho... Estou muito indignada com atitudes como dessas pessoas, fiquei muito triste por Maria, que o tempo todo só se preocupavam com seus filhos...”*

Por último, não podíamos deixar de destacar que, apesar das dificuldades de interação que enfrentamos, o vínculo criado com a professora permitiu muitas vezes que os registros

fossem, na verdade, uma conversa entre pares. Além do mais, a relação e as trocas estabelecidas entre os participantes durante os encontros foram essenciais para a elaboração dos significados dos textos e possibilitou também a constituição de uma comunidade de leitores.

Vínculo e conversa com a professora: *“Professora, muito obrigado por estar me proporcionando me expressar através da escrita e entendendo melhor outras pessoas. GOSTEI MUITO DESSE MOMENTO!”*

Relação e trocas entre alunos e constituição de uma comunidade de leitores: *“Hoje foi um encontro bem especial, expressamos nossas opiniões sobre a história do bife e a pipoca. Todos nós chegamos à conclusão que o Rodrigo apenas subiria sua escada com o dinheiro de sua família, mas o Tuca tinha que construir ele mesmo a sua escada pra subir, como um colega disse.”*

Desse modo, como constatamos em outras pesquisas feitas sobre o valor dos diários nesse percurso de formação do leitor, como em Rouxel (2013b), Souza (2020) e Silva (2018), presenciemos também aqui nesta investigação “uma singularidade tão genuína na escrita dos alunos envolvidos na pesquisa, pois conseguiram se colocar na leitura, reconhecer muito do seu mundo, das suas experiências, das suas lembranças, do seu modo de compreender a si e o outro, mobilizados pelo texto literário”. (SILVA, 2018, p.83).

Portanto, como apontou Rouxel (2013b, p187), independente das formas escolhidas pelo sujeito-leitor para revelar sua apropriação das obras lidas, como as mencionadas acima ou outras que não foram trazidas, “esses traços de leitura são o signo de um engajamento literário muito pessoal. Eles resultam de uma leitura subjetiva sem a qual não existe experiência literária. Eles mostram também que esta última encontra a sua realização na escrita ou na arte”.

Por esta razão, defendemos que os diários de leituras - ou outros recursos pedagógicos que permitem de modo igual evidenciar a subjetividade construída no e pelo texto - devem ter o seu lugar nas salas de aulas para que as vozes desses alunos-leitores sejam trazidas também por meio dos seus escritos que desvelam mais do que a construção de saberes em torno da obra literária, mas, especialmente, o reconhecimento de si e do outro nas leituras feitas.

#### **4.3. Impactos e resultados da proposta didática**

Como impactos dessa proposta, esperávamos que essa pesquisa pudesse colaborar para a reflexão sobre o ensino de literatura que tem sido ofertado nas nossas escolas, demonstrando de que forma a abordagem subjetiva do texto literário pode auxiliar na formação do jovem leitor. Por isso, o compartilhamento dessa intervenção metodológica com outros professores é uma forma de propiciar essa análise, contribuir com o planejamento das aulas de literatura e sugerir práticas de ensino que podem ser abordadas tanto no ensino remoto quanto no presencial (ver Apêndice B), a fim de que os resultados dessas atividades não se restrinjam apenas à escola em que foi aplicada.

Almejavamos também que a experiência de letramento literário, através da leitura de contos e minicontos e da escrita de textos ficcionais que levasse em conta a dimensão subjetiva da leitura, fosse capaz de desenvolver o senso estético para fruição e de proporcionar aos alunos um encontro potencial com a literatura, de modo que a leitura literária se tornasse uma ação voluntária e permanente em suas realidades.

Os relatos dos alunos participantes no último encontro dizem muito sobre como esse contato com a leitura literária foi significativo e alterou a relação que eles tinham com o literário, deixando-os ainda mais íntimos da literatura e mais motivados a ler: *“Você nos aproximou da literatura nesse tempo...”*, *“Foi muito especial esse projeto para mim! Não marcava nada para sexta esperando o que íamos ler...”*, *“Eu não gostava nada de ler, agora, de uns tempos pra cá, eu estou me interessando cada vez mais pela literatura...”*, *“Esse projeto me motivou a ler [...] Foi uma forma maravilhosa de conhecer mais sobre esse mundo literário e de bônus sobre o mundo de hoje em dia.”*, *“Graças a esse projeto eu me inspirei e quis ir atrás de ler os livros...”*, *“Sempre tive um amor pela literatura e agora eu sinto que esse amor ficou mais intenso...”*, *“Foi uma experiência única esse projeto, o jeito que todos acabaram se envolvendo foi maravilhoso. Cada leitura que você fazia nos tocava e me tocava ainda mais e despertou ainda mais essa curiosidade na leitura em mim...”*, *“Eu gostaria mesmo de agradecer essa oportunidade de poder conhecer a literatura sem ser aquela coisa chata com leitura e resposta. Eu abri minha cabeça para as histórias...”*

Os dois últimos depoimentos foram especialmente relevantes. O segundo deles reforça o que muitos pesquisadores vêm dizendo sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras: que a abordagem de textos literários na sala de aula através de exercícios voltados mais para medir um conhecimento sobre os livros do que para a experiência de leitura propriamente dita vem contribuindo para afastar os nossos jovens da literatura. No entanto, Rouxel (2012a, p.281) nos mostra que

É possível modificar a relação com o texto construído por meio da leitura escolar desenvolvendo uma “didática da implicação” do sujeito leitor na obra. Para isso, convém incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetivável, mas de acolher os afetos dos alunos e de incentivá-los na descoberta de dilemas pessoais na leitura. É preciso encorajar as abordagens sensíveis das obras, atentar para a recepção dos alunos ou daquilo que eles aceitarão manifestar de sua experiência estética.

Já o penúltimo comentário revela algo que já mencionamos antes: os 15 alunos participantes que se mantiveram até o fim do projeto se envolveram verdadeiramente com praticamente todas as leituras e atividades propostas. Além disso, ele nos mostra outro elemento que foi essencial durante a aplicação: a escuta, nesse caso a escuta atenta dos alunos aos textos lidos em voz alta pela professora. Essa capacidade de ouvir o que o outro está dizendo ou lendo, além de ser uma das habilidades previstas na BNCC, juntamente com a leitura, a oralidade e a produção de textos, tem um valor ético muito importante para esses jovens em formação.

Segundo Cosson (2014, p.104),

Ler para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social.

A escuta esteve também presente nos momentos de “conversação literária” (BAJOUR, 2012). Ao promovermos situações que favorecessem o diálogo entre participantes e pesquisadores, mesmo que alguns preferissem o silêncio, todos os envolvidos tiveram oportunidade de falar ou de escrever nos *chats*, mas, principalmente, de ouvir o outro. Essas trocas foram essenciais, pois nos permitiram conhecer outros pontos de vista, ampliar nossas visões de mundo e, muitas vezes, pensar diferente. A relevância dessas conversas também foi mencionada na avaliação do projeto pelos alunos: “*É muito bom conversar com você, principalmente assuntos como feminismo, racismo e vários outros preconceitos que acontecem diariamente com várias pessoas e que estavam tão presentes nos textos que lemos.*”, “*Foi maravilhoso esse tempo que passamos todos juntos... O que mais gostei foi dos textos e das conversas que falávamos sobre eles...*”, “*Eu gostei muito de quando a gente falava sobre os textos que lemos.*”, “*Pra mim, o melhor foi conversar e ser ouvido sobre assuntos tão importantes...*”.

De acordo com Bajour (2012, p.24), escutar é tão importante quanto ler. A autora ressalta que:

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo.

Além do mais, ao relacionar o ato da escuta com o ato da leitura, a pesquisadora remete a Barthes e diz que esses momentos de (com)partilhamentos dos textos lidos equivalem ao ato de “ler levantando a cabeça”:

Se a escuta for mobilizada em um encontro coletivo de leitura graças a uma mediação que qualifique a “levantada de cabeça” de cada leitor - suas associações pessoais, ideias, descobertas e interpretações -, isso poderá se materializar em um ato em que todos os participantes terão a possibilidade de socializar significados.

A explicitação daquilo que sussurra nas cabeças dos leitores - ou seja, a manifestação da palavra, do silêncio e dos gestos que o encontro com os textos suscita - leva-me a compartilhar a afirmação de Aidan Chambers de que o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos. [...] Dar e escutar a palavra sobre o lido seria objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para os outros. É como escrever a leitura “em voz alta” e como se outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem. (BAJOUR, 2012, p.21-22).

Outro aspecto relevante a se destacar durante as “conversas literárias” foi ver o espaço online se constituir como uma sala de aula e, na sequência, como uma comunidade de leitores. Essa experiência conjunta de elaboração de significados e de construção de conhecimentos conferiu ainda mais sentido à atividade leitora. Ao partilharem as suas interpretações e reações singulares a partir da experiência de leitura/escuta, a forma de se relacionarem com o texto, com os colegas e com a professora se tornou ainda mais intensa.

Segundo Rouxel (2014, p.27), confrontar essas leituras particulares

abre o debate sobre os pontos comuns, as semelhanças e, por vezes, as dissonâncias. O plural, a mobilidade das significações, a vida do texto literário são, assim, colocados em evidência. A concordância das mentes se faz sobre um sentido aberto sem forçar os leitores a renunciarem a eles mesmos.

Essas ocasiões acabaram também proporcionando um vínculo entre participantes e professora em que o acolhimento e a afetividade ganharam lugar, como foi possível notar na descrição dos encontros.

Além disso, consideramos que a escolha dos contos e dos minicontos foi um ponto positivo, pois favoreceu esse amparo. Eles funcionaram como um elo que nos conectou a esses

alunos e ainda serviram para convocar a sensibilidade estética deles. Conforme nos trouxe Bajour (2012, p.27), a escuta se iniciou na seleção de textos, é ali que o ouvido do mediador começou a ser aguçado.

Os textos elegidos foram também uma ponte para um dos produtos pretendidos neste trabalho: a publicação dos textos ficcionais produzidos pelos alunos. Eles permitiram que esses estudantes encontrassem “sua própria voz, seu próprio estilo, como se o texto de um outro fosse uma terra de nascimento para si mesmo, para a sua própria escrita.” (PETIT, 2009, p.220).

Ao se envolverem com essas narrativas, os participantes se sentiram autorizados a reescrevê-las, a transformá-las, a fazê-las deles, a parodiá-las ou delas se desviarem. (HOUDART-MÉROT, 2013, p.112). Essa experiência de “praticarem a ‘imitação’ e escreverem a partir dos escritos de outros” possibilitou uma “diversidade surpreendente de produções com uma dimensão fortemente pessoal implicada, mesmo que as propostas não os levassem *a priori* a falar de si próprios” (HOUDART-MÉROT, 2019, p.1090). Os alunos se apropriaram das suas histórias e de seus personagens favoritos, recriaram o universo dessas narrativas e o resultado foram textos extremamente criativos que revelam seus olhares sobre o outro e sobre o mundo.

Os minicontos e as *fanfics* escritas por eles evidenciaram, ainda, suas habilidades escritoras e, ao serem motivados a publicarem suas produções no *Padlet* e no *blog*, esses textos deixaram de ser uma atividade escolar escrita para o professor e sujeita à sua apreciação, para ganharem um contexto muito mais amplo. E, apesar dos relatos das dificuldades encontradas - o que já era esperado por nós devido à pouca intimidade com a escrita de muitos alunos -, o número de produções nos surpreendeu positivamente, pois com 15 alunos atuantes, tivemos 13 minicontos e 12 *fanfics* produzidas.

No entanto, como a produção desses textos foi uma das questões mais levantadas pelos alunos na avaliação final e foi também um contratempo enfrentado durante a aplicação, isso nos serviu como parâmetro para perceber que os apontamentos de Rezende (2018) têm muita relevância: a ênfase dada à leitura nos documentos oficiais não é a mesma dada à escrita, por isso esta última acaba, na maioria das vezes, sendo tratada como secundária e, quando aparece, está geralmente envolta em um processo mecânico em que a escrita é proposta apenas para passar pelo crivo do professor e a avaliação acaba se atendo apenas aos aspectos gramaticais e ortográficos. Assim, a criatividade dos alunos acaba sendo pouco estimulada e nos deparamos com tantos depoimentos que citam essas produções como a parte mais desafiadora da intervenção.

Por fim, esperávamos que a força humanizadora, libertadora e transformadora da literatura alcançasse esses alunos e reverberasse em suas vidas para além dos muros da escola, permitindo, assim, reflexões que os levassem a compreensão de si e do outro, em um exercício de identificação, reconhecimento, alteridade e empatia, conforme as orientações da BNCC, nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018, p.85).

Mais uma vez nos valemos das avaliações dos alunos: *“Eu fiquei tocado principalmente com o bife e a pipoca. Ali eu entendi o que era empatia, se colocar no lugar do outro. Depois de ler aquela história, pensei comigo mesmo: enquanto estou aqui, reclamando, na frente do PC, confortável, existe alguém, querendo ter as condições que eu tenho e na mesma hora parei de reclamar...”*, *“O conto do bife e a pipoca me quebrou e o da Maria ficou na minha cabeça que poderia ter sido eu, ou outras Marias, mulheres que conheço...”*, *“Eu nunca pensei que o texto literário, de ficção, pudesse fazer a gente refletir sobre tanta coisa, sobre nossos privilégios.”*, *“Uma coisa que me marcou é como cada um tem uma história e uma realidade diferente, como o Tuca, o Rodrigo e a Maria.”*

Esses relatos nos mostram que o encontro com outras vozes: as vozes dos autores, dos narradores, dos personagens, dos colegas e da professora possibilitou um encontro com as próprias vozes desses alunos. Segundo Cosson (2014, p.50),

Por meio da experiência com a leitura literária obtemos palavras para dizer o mundo e um mundo a ser vivido. Esse mundo é inicialmente do outro, posto que toda leitura é diálogo, mas nós o tomamos e experienciamos como nosso, rompendo os limites espaciais e temporais de nossas vidas.

Assim, essa confluência de discursos permitiu que esses alunos voltassem a si, acessassem seus próprios mundos, consultassem suas histórias pessoais e reconhecessem seus privilégios. Por isso, concordamos com Rouxel (2012a, p.278) que “mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência.”

A autora aponta ainda que “a leitura é sempre uma afirmação de si diante do texto e cada leitura conduz a uma recomposição das representações e do repertório de valores do leitor. Por meio da identificação, o sujeito descobre a alteridade que está nele mesmo”. (ROUXEL, 2012b, p.17). Portanto, ao serem interpelados pela obra literária, os alunos se depararam não só com o

conhecido, com aquilo que já fazia parte deles, mas também com o desconhecido, com aquilo que descobriram de novo neles.

Isso acabou proporcionando-lhes a possibilidade de se colocarem também no lugar de alguns personagens dos textos lidos, especialmente Maria e Tuca, que são os mais mencionados nos depoimentos porque foram aqueles que mais sofreram com as injustiças de uma sociedade desigual como a nossa. Dessa forma, ao abrirem-se para esse outro do texto acabaram se sensibilizando com eles, experimentando suas dores, angústias e alegrias e compreendendo que o diferente, não só o igual, também deve ter um lugar especial no mundo e ser respeitado justamente por suas singularidades.

## Capítulo 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de ingressar no Mestrado Profissional em Letras já lecionava em escolas públicas e privadas da minha cidade há cerca de 12 anos. Muitas inquietações e questionamentos me rondaram nesse tempo com relação ao modo de se “ensinar” literatura e, quando optei por esse programa, já sabia que ele poderia me trazer um pouquinho de alento para as minhas angústias.

Mas não foi só isso que aconteceu. Esse percurso árduo permeado de muito trabalho, exigências, choros, frustrações, medos, ansiedade e cansaço me fizeram questionar muitas vezes a relevância de tudo isso. No entanto, chegar ao fim desse processo e perceber os afetos, as descobertas, as possibilidades e o conhecimento que adquiri me inundam com uma agradável sensação de que não poderia ter feito escolha melhor.

Foi através do mestrado e dos encontros que ele me possibilitou que tive a oportunidade de conhecer a “dimensão subjetiva da leitura literária”. Costumo dizer que tive uma “epifania” quando me dei conta de que era “isso” que faltava nas minhas aulas. Fui mergulhando nas leituras e trazendo-as aos poucos para minha vida. Experimentei escrever uma autobiografia de leitores<sup>2</sup> e passei a conservar o hábito de registrar minhas leituras em um diário de leituras. Depois, comecei a levar, gradativamente, essas experiências para a minha sala de aula e os resultados foram me surpreendendo cada vez mais.

Então, comecei a pensar de que forma tudo isso que estava vivenciando poderia se materializar neste trabalho. Assim, ele começou a ser elaborado em 2019, através de um levantamento bibliográfico que perpassou os documentos oficiais, como a BNCC e os conceitos de alfabetização e letramento, letramento literário, formação de leitor, ensino de literatura, leitura e escrita literária, experiência estética, fruição e subjetividade.

Em seguida, nos debruçamos sobre a escolha dos textos literários, elegemos uma metodologia de caráter qualitativo, fundamentada na pesquisa-ação, definimos o contexto, os participantes, os materiais, os métodos e as oficinas que integrariam a proposta didática, mas não esperávamos que uma pandemia estaria no meio desse caminho.

---

<sup>2</sup> Proposta baseada nos pressupostos teóricos de Pierre Dumayer e apresentada por Annie Rouxel (2013a) em seu artigo “Autobiografia de leitor e identidade literária”, presente na obra “Leitura subjetiva e ensino de literatura”. Totalmente centrado na leitura, esse gênero permite ao leitor se manifestar através dos livros que o constitui e, ainda, abre a “reflexão para a importância que pode ter a literatura na formação de um indivíduo, para a multiplicidade de modos de apropriação dos textos, para o lugar da subjetividade no sujeito que constrói o sentido.” (ROUXEL, 2013a, p.67)

Depois de alguns meses “em suspenso”, tentando ainda digerir toda esta situação que nos foi colocada, decidimos retomar o trabalho. Repensamos tudo novamente ao optarmos pela aplicação remota: dos textos às oficinas, incluindo as novas perspectivas que o ambiente virtual nos traria, positivas e negativas. E chegamos à proposta de intervenção metodológica que constitui essa investigação.

O resultado de tudo isso é o que podemos conferir neste trabalho: erros e acertos que fazem parte do universo da pesquisa e da prática em que estamos imersos, já que a escola é justamente esse lugar onde nós, professores, nos regozijamos com os avanços que, muitas vezes, proporcionamos aos nossos alunos, mas, de modo igual, nos frustramos com aquilo que planejamos e não saiu como esperávamos.

Contudo, apesar de alguns desacertos, não podemos deixar de enfatizar aqui a importância dos frutos colhidos nesta intervenção e, ainda, como a literatura possibilitou a esses jovens, em um momento tão delicado como o que vivemos, de isolamento social, encontrar “palavras que lhes permitam dominar seus medos, sentirem-se menos sozinhos, encontrar respostas às perguntas que os atravessam. Palavras que permitam a expressão daquilo que ficava em segredo.” (PETIT, 2013, p.110).

Consideramos que a arte literária funcionou aqui como a pedra de Bolonha, mencionada por Barthes (1980, p.17-18) na epígrafe no início dessa dissertação: aquela "que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia e que por esse fulgor indireto ilumina o novo dia que chega". O texto literário guardou em si os saberes mais diversos e profundos, mas sem aprisioná-los. Aliás, longe disso, deixou nossos encontros ainda mais luminosos, ao compartilhar conosco, a cada leitura, os conhecimentos do mundo, do outro e de nós mesmos.

Assim, esse encontro potencial com a literatura que almejamos no início dessa proposta aconteceu não só para os alunos participantes, mas também para nós, professores-pesquisadores. Ao oportunizarmos leituras, conversas e escrituras em torno das obras escolhidas, cada um de nós “pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima”. (PETIT, 2008, p.43).

Segundo Petit (2008, p.40),

Esse espaço íntimo aberto pela leitura não é apenas uma ilusão ou uma válvula de escape. Às vezes pode ser: nós nos consolamos das vidas, dos amores que não vivemos com as histórias dos outros. Mas é sobretudo uma fuga para um lugar em que não se depende dos outros, quando tudo parece estar fechado. Isso nos dá ideia de que é possível uma alternativa. Esse espaço íntimo é muito povoado: passam por ali fragmentos de frases, escritas ou ditas por outros, que juntamos e que revelam essa parte oculta de nós mesmos.

Ao propormos oficinas em que a dimensão subjetiva da leitura literária tivesse lugar de destaque, desejávamos que “essa parte oculta de nós mesmos” fosse revelada. Por isso, não poupamos esforços para que o ambiente de sala de aula, mesmo que virtual, fosse um espaço em que imperassem a confiança, a afetividade, a escuta, o acolhimento e o diálogo.

Acreditamos que oferecer aos alunos a possibilidade de se manifestarem pela oralidade e pela escrita - seja pelas interações via *chat*, pela produção dos minicontos e das *fanfics* ou pela escrita nos diários de leitura - transformou a relação deles com o texto literário, “reintroduzindo a subjetividade na leitura, humanizando-a, retomando-lhe o sentido” (ROUXEL, 2012b, p.14).

Assim, por meio de suas vivências pessoais de leitura, que envolviam os prazeres e também os desprazeres que os textos lhes proporcionaram, os alunos se apropriaram deles, reinterpretaram, projetaram seus desejos e suas angústias, construíram novos sentidos e significados, levando-nos a crer que realmente “o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura.” (BARTHES, 2004, p. 64).

Portanto, julgamos que a experiência de participar dessa intervenção metodológica contribuiu significativamente para o letramento literário e a formação leitora desses alunos, uma vez que as oficinas com contos e minicontos propiciou a constituição de uma comunidade leitora em que foi possível estabelecer inúmeros debates a partir das leituras feitas, além de evidenciar a habilidade criativa e escritora deles através dos textos produzidos.

Ademais, a pesquisa fica aqui como sugestão para que cada professor possa, de acordo com a realidade de sua sala de aula, basear-se nela para planejar um novo formato para as aulas de literatura em que a expressão da subjetividade dos alunos-leitores seja o ponto central e para que, assim, eles possam se reconhecer, reconhecer o outro e começar a levantar a cabeça durante a leitura do texto literário.

## REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ANTUNES, Benedito. O que significa ensinar literatura no mundo contemporâneo. **Miscelânea**, Assis, v.18, p.217-230, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/85>. Acesso em 13 jun. 2020.

ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. **Luis Fernando Verissimo**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/luis-fernando-verissimo.htm>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BIO Rael. Disponível em: <https://raeloficial.squarespace.com/new-page>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BIOGRAFIA Marina Colasanti. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BIOGRAFIA Valter Hugo Mãe. Disponível em: <https://www.fnac.pt/Valter-Hugo-Mae/ia90845/biografia>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

BRANDINO, Luiza. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Maria, Maria**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 22 jul. 2019.

BRASILIENSE, Leonardo. **Adeus conto de fadas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura segundo Wolfgang Iser. **Data Grama Zero - Revista de Informação** – v.13, n.5, artigo 04, out/12. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/101754>. Acesso em: 22 jul. 2019.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo, n. 24, p.803-809, 24 set. 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.169-191.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COENGA, Rosemar. **Leitura e letramento literário: diálogos**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERNANDO Brant. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12682/fernando-brant>. Acesso em: 06 abr. 2020.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Refletindo sobre pesquisa-ação. **Revista Faz Ciência**. v. 3, n.1, 1999. p.167-176. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7478/5529>. Acesso em: 01 jun. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Alice Ruiz**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/alice\\_ruiz/](https://www.ebiografia.com/alice_ruiz/). Acesso em: 06 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Cecília Meirelles**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/cecilia\\_meireles/](https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/). Acesso em: 06 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Elza Soares**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/elza\\_soares/](https://www.ebiografia.com/elza_soares/). Acesso em: 06 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Lygia Bojunga**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/lygia\\_bojunga](https://www.ebiografia.com/lygia_bojunga). Acesso em: 06 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Milton Nascimento**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/milton\\_nascimento](https://www.ebiografia.com/milton_nascimento). Acesso em: 06 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Pitty**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/pitty/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Seu Jorge**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/seu\\_jorge/](https://www.ebiografia.com/seu_jorge/). Acesso em: 06 abr. 2020.

GOTLIB, Nadia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985.

HISTÓRIA de quem inspirou 'Maria Maria'. **IstoÉ – Cultura**: São Paulo, 07 out. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/a-historia-de-quem-inspirou-maria-maria/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

HOUDART-MÉROT, Violaine. Da crítica de admiração à leitura “scriptível”. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p.103-115.

HOUDART-MÉROT, Violaine. Oficina de reescrita e crítica literária em ato na universidade. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v.11, n.1, p.1085-1101, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v11i1.5013>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5013>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996-1999. 2 v.

JORGE Miguel Marinho. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoal13516/jorge-miguel-marinho>. Acesso em: 06 abr. 2020.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

JOUBE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p.53-66.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p.25-38.

LAURIA, Maria Paula Parisi. Ler levantando a cabeça: caminhos e descaminhos da leitura literária na educação básica. **Remate de Males**, Campinas, v.34, n.2, p.361-373, jul./dez, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v34i2.8635854>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635854>. Acesso em: 01 jun. 2020.

LEONARDO Brasiliense: minicurriculo. Disponível em: <http://www.leonardobrasiliense.com.br>. Acesso em: 06 abr. 2020.

LUÍS Filipe Parrado. Disponível em: <http://poesiailimitada.blogspot.com/2012/05/luis-filipe-parrado.html>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilia Santos. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MARINHO, Jorge Miguel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, v.4, n.2, 2020, p.215-224. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.51026>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MEIRELES, Cecília. **Viagem**: poesia - 1929-1937. Lisboa: Editorial Império, 1939.

MERITOCRACIA. Disponível em: <https://www.giromarilia.com.br/columnas/essa-semana-inicio-carrilho-martinez/meritocracia/3688>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PARRADO, Luís Filipe. **Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas**. Disponível em: <http://poesiailimitada.blogspot.com/2012/05/luis-filipe-parrado.html>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 17, n. 1, 2004, p. 47-62. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37417104.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: FaE/UFMG e Pelotas: EDGUFPEL, 2010.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PITTY. **Desconstruindo Amélia**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pitty/1524312/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

RAEL. **Diferenças**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rael-da-rima/diferencas/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

RANKE, Maria da Conceição de Jesus; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Breves considerações sobre fruição literária na escola. **Entreletras - Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT**. n.3, 2011-2. p.47-61. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/887/463>. Acesso em: 01 jun. 2020.

REZENDE, Neide Luzia de. Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situação e perspectivas. **Estud. av.**, São Paulo, v.32, n.93, p.93-105, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180032>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152541>. Acesso em: 13 jun. 2020.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? In: **Cadernos de Pesquisa**, v.42, n.145, jan./abr. 2012a. p.272-283. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000100015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vbgD8LhYCcYxjFYf93P4Kwq/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 jun. 2020.

ROUXEL, Annie. Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor. **Revista Criação & Crítica**, n.9, p.13-24, nov. 2012b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i9p13-24>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46858>. Acesso em 13 jun. 2020.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013a. p.67-87.

ROUXEL, Annie. Apropriação singular das obras e cultura literária. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013b. p.165-189.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013c. p.17-33.

ROUXEL, Annie. Ensino da Literatura: experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, J. H. P. (org.). **Memórias da Borborema 4**. Campina Grande: Abralic, 2014. p.19-35. Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/04-MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf>. Acesso em 13 jun. 2020.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard. Apresentação dos coordenadores franceses. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p.19-24.

RUIZ, Alice. **Quase duelo de quase amor**. Disponível em: [http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/plaquetes/Literatura/plaquete\\_alice\\_ruiz\\_e\\_estrela.pdf](http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/plaquetes/Literatura/plaquete_alice_ruiz_e_estrela.pdf). Acesso em: 06 abr. 2020.

SEU JORGE; YUKA, Marcelo; CAPPELLETTI, Ulisses. **A carne**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/2812427>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SILVA, Eduarda Schneider da. **“Diários de leitura”** – um caminho para o incentivo à leitura subjetiva em turma de ensino fundamental da rede privada de Bagé/RS. 118p, Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pampa, Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, 2018. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/3482>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: MENDONÇA, O. S. **Cadernos de Formação – Alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 79-98.

SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. O diário de leitura como ferramenta didática: subjetividade, construção de sentidos e fruição. In: MICHELLI, R.; GREGORIN FILHO, J. N.; GARCÍA, F. (org.). **A Literatura Infantil/Juvenil entre textos e leitores: reflexões críticas e práticas leitoras** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, 1ª ed. (digital). p.93-121.

SPALDING, Marcelo. Presença do miniconto na literatura brasileira. **Revista Conexão Letras**. v. 7, n. 8, p. 65-76, 2012. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55443>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55443>. Acesso em: 23 jul. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

ULISSES Cappelletti. Disponível em: <https://immub.org/compositor/ulisses-cappelletti>. Acesso em: 06 abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Resolução nº 003/2020, de 02 de junho de 2020**. Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do Mestrado Profissional em Letras – Profletras. Natal: Conselho Gestor, 2020. Disponível em: [http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/202014506097ef74361899b12b27cecfb/RESOLUO\\_003\\_2020\\_-\\_CG\\_-\\_Elaborao\\_do\\_Trabalho\\_de\\_Concluso\\_-\\_6\\_Turma.pdf](http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/202014506097ef74361899b12b27cecfb/RESOLUO_003_2020_-_CG_-_Elaborao_do_Trabalho_de_Concluso_-_6_Turma.pdf). Acesso em: 06 jul. 2020.

VARGAS, Maria Lucia Bandejas. **O fenômeno *fanfiction***: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O conto de fadas da princesa moderna**. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/05/conto-conto-de-fada-da-mulher-moderna.html>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MARCELO Yuka. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo\\_Yuka/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Yuka/). Acesso em: 06 abr. 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: InterSaber, 2012.

## APÊNDICE A - Modelo de diário de campo

<b>ANOTAÇÕES DE CAMPO</b>
<b>Data da observação:</b>
<b>Horário:</b>
<b>Local:</b>
<b>Participantes observados:</b>
<b>1. Temática observada:</b> anotar o que se pretende observar.
<b>2. Proposta de atividade:</b> descrever a atividade de forma detalhada.
<b>3. Objetivos da atividade:</b> escrever o que se pretende com a atividade.
<b>4. Desenvolvimento da atividade:</b> descrever o que faz a professora e os alunos.
<b>5. Reflexões:</b> comparar expectativa e realidade e relacionar com a base teórica que fundamentou a atividade.
<b>6. Avaliação:</b> analisar se os objetivos foram cumpridos e se os resultados esperados foram alcançados.
<b>7. Observações:</b> anotar alguma situação adversa ou acontecimento particular ou, ainda, algum participante que tenha chamado a atenção.
<b>8. Bibliografia:</b> bibliografia utilizada para a realização da atividade.

Fonte: elaborado pelo(a) autor(a) (2020)

## **APÊNDICE B – Sugestão de proposta didática para aplicação na modalidade presencial**

### **Aula 1: Apresentação**

O primeiro encontro será destinado à apresentação da proposta de trabalho aos alunos. Nesse dia, explicaremos a natureza da pesquisa e responderemos a eventuais dúvidas e questionamentos que surgirem com o objetivo de convidá-los a participarem da investigação. Após esclarecimentos, serão entregues o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) para os alunos, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) para seus respectivos responsáveis legais, já que todos são menores de idade. Solicitaremos, então, que os alunos levem os documentos para casa para conversarem e decidirem com seus responsáveis sobre a participação no projeto e, caso concordem, tragam assinados.

### **Aula 2: Kits e diário de leitura**

No segundo encontro, depois de recolhermos os documentos assinados, faremos a entrega de kits, contendo uma pasta para arquivamento dos textos e atividades desenvolvidas durante as oficinas, um diário de leitura, lápis, borracha e caneta. Também orientaremos quanto à utilização deles durante a realização da pesquisa.

Acreditamos que, inicialmente, os alunos possam ter certa dificuldade com os diários de leitura, por isso iremos sugerir que cada um personalize seu diário livremente para que eles se apropriem deles e compreendam a sua função. Além disso, explicaremos que seus registros serão feitos, em sua maioria, em casa e que a cada encontro iremos estimulá-los a escreverem as experiências vivenciadas com as leituras e atividades desenvolvidas.

### **Aulas 3, 4 e 5: Conto “O rosto”**

No terceiro encontro pretendemos dar início ao trabalho com os contos. Para essa aula, selecionamos o conto “O rosto”, de Valter Hugo Mãe. Primeiramente, organizaremos as carteiras em círculo com o objetivo de formar uma roda de leitura e desfazer a organização tradicional da sala em filas, proporcionando um ambiente mais livre, que propicie trocas entre alunos e professores e onde todos possam se ver.

## Conto “O rosto”

**O rosto**

(Valter Hugo Mãe)

Durante muitos anos, vivemos sozinhos no cimo de um monte onde apenas estava a nossa casa, doze árvores e muitos pássaros. Tínhamos um cão e ele gostava de ladrar só de estar feliz, ou então era um bocado maluco, porque ladrava sem motivo enquanto fazíamos o nosso trabalho.

Durante muitos anos, eu, a minha mãe e o meu pai vivemos nessa casa no cimo de um monte mais ou menos afiado que custava subir e descer. Explicaram-me que a nossa tarefa era ver ao longe, e eu via ao longe sem saber o que esperar e esperava que um dia pudesse entender melhor porque tínhamos de o fazer.

Víamos distante uma estrada muito estreita que serpenteava nos montes vizinhos, aparecendo num lugar e depois desaparecendo, surgindo mais adiante como vindo à tona do verde intenso da vegetação. Um oceano de ramagens. Víamos como passavam uns poucos carros, tão de vez em quando, e como havia gado que os pastores enfileiravam por ali para chegarem aos pastos a engordar de erva.

Os montes vizinhos eram mais cobertos do que o nosso, que parecia careca, assim sem cabelo por ter apenas doze árvores. Estava a nossa casa ali pousada, na careca do monte, como um pequeno chapéu. Eu até imaginava que o nosso monte, ali abaixo de onde estávamos, teria uns olhos e uma boca para ser uma cabeça toda catita a fazer o mesmo que fazíamos nós, ver ao longe.

Víamos como chegava o sol e depois como partia. Como fazia para se erguer de um lado, ali arregaçado de entre o fundo distante da pedreira, e como seguia o dia inteiro para se ir meter quase pelo riacho adentro. No verão, o sol acertava sempre no riacho, parecia até que se ia refrescar.

Eu pensava se estaríamos ali para tomar conta do sol. Para saber se ele fazia o seu caminho sem se enganar ou sem cair mais depressa do que o devido. Perguntava se estaríamos ali para tomar conta do tempo, para que não fosse mais pequeno nem fosse maior do que devia.

Em certas alturas, eu, a minha mãe e o meu pai sentávamo-nos lado a lado a trabalhar nisso de ver o longe. Todos os três observávamos como estavam as paisagens calmas e como se ouvia o silvo pequeno do vento e o marulhar das folhas. Conversávamos devagar, por não ser importante fazer as coisas à pressa nem falar.

Os três sentados na atenção serena que prestávamos, e o meu pai podia cantar uma canção, de vez em quando, porque o declive do monte parecia pôr-se de caminho para o som e a voz crescia. Eu já sabia do eco e da reverberação. A voz do meu pai agigantava-se pelos montes fora e era afinada, tão segura quanto delicada.

A minha mãe cantava também, e eu ouvia e achava que o longe que ali víamos ficava mais perto assim. Porque lhe chegávamos pela voz, planado pela voz até os lugares menos nítidos da paisagem.

Mas era o silêncio que mais vivíamos. A deixar que fossem as plantas e os bichos a terem pelo vento partículas de conversas viajando.

Quando se vive num silêncio tão grande, a tomar conta de algo tão distante, aprende-se a ver melhor. Aprende-se a ver pela cor das coisas, pelo movimento e até pelos odores o que pode estar a acontecer.

Sabíamos sempre muito bem da tempestade, e distinguíamos muito bem a tempestades das chuvas mais fracas e nunca nos enganávamos com os ventos frios de primavera, que eram passageiros e aqueciam se nos puséssemos ao sol.

Aprendemos a perceber como os rebanhos trepavam pelas encostas e sabíamos a quem pertenciam, ainda que fosse tão raro estarmos com outras pessoas. E, pelo movimento do rebanho e o tempo que levava a subir ou descer a encosta, percebíamos se estava maior ou mais pequeno, se a fome ou os negócios tinham obrigado ao abate do gado.

Era um trabalho muito difícil porque, enquanto vigiávamos algo num lugar, podia acontecer noutra o que o meu pai queria saber, e ele sempre perguntava o mesmo, se eu vira gente, quantas pessoas, se vinham a pé, se tinham carro ou motocicletas, se faziam barulho ou diziam palavras mais aos gritos e se eu havia ouvido o que diziam.

Eu tinha sempre dificuldade em separar o que não importava do que era fundamental para o nosso trabalho. Por isso, tanto memorizava coisas tolas como podia esquecer outras tão preciosas. O meu pai, no entanto, parecia ser paciente e ter tempo para esperar. Como se esperasse que o trabalho, num dado momento, estivesse completo para sempre e não precisarmos mais de viver ali, julgava eu.

Eu sabia que um dia teria de ir à escola, estava a chegar à idade e a minha mãe já tinha descido monte abaixo a avisar uns senhores de que era preciso que a carrinha das crianças fosse parar ao pé de nós.

Significava que eu teria de descer a nossa encosta por mais de meia hora até o carreiro e depois meia hora até à estrada onde a carrinha devia passar todos os dias a um momento certo.

A minha preocupação ali por aqueles dias, antes de ir estudar, era a de saber se o nosso trabalho não ia ficar descurado. Quem faria a minha parte de ver ao longe a medir os humores da paisagem?

O nosso cão pôs-se ainda mais esquisito, parecia entender alguma coisa e ladrava em meu redor a protestar ou a avisar-me não sabia eu de o quê.

A minha mãe enxotava-o a ver se ele ia brincar com a passarada. O pobre do bicho, como sempre vivera ali no pico do monte, tinha mais de céu dentro da cabeça do que de terra. Talvez julgasse que voava e que entre ele e os pássaros a diferença estava apenas na cor. Às vezes corria muito e dava uns saltos tão altos para os apanhar, até nós achávamos que o maluco do cão ia aprender a voar.

Preocupados ou não, os meus pais explicaram-me que o meu tempo de ir à escola era o mais importante de todos e que, dali em diante, seria esse o meu trabalho principal. Olhei para os nossos bancos. Olhei para longe e imaginei como mudariam as minhas tarefas, tanto me parecia que tinha ali tudo quanto precisava.

Quando a carrinha chegou, vinha com três crianças de lugares ainda mais afastados. Não foram, é claro, as primeiras crianças que vi, mas eu não estava habituado a ter crianças por companhia. De todo o modo, nos montes, todos nós, mesmo antes da idade da escola, já tínhamos muito trabalho para fazer e brincar era quase uma ideia esquisita.

Na escola, sentados em mesas pequenas, com um caderno e um lápis para copiar letras e números, éramos oito alunos e a professora. Ela dizia-nos que a letra A pode ser linda, pode ser má, já se cá vê que há tal letra no que começa e no que finda.

A nossa professora, como vinha da cidade, explicava que por cada árvore do monte havia uma casa na cidade. E que, por cada pássaro ou insecto, havia gente nas ruas. Eu pensei que difícil seria o trabalho do meu pai, que tem de estar atento ao que fazem as pessoas pela paisagem, se tivesse uma paisagem de tanta gente.

Ainda havia sido uma sorte que nos tivesse calhado viver no cimo de um monte tão especial e ter por tarefa ver ao longe e tomar conta de um tão grande sossego.

Um dia, pediu-nos a professora que falássemos sobre o nosso trabalho. Nós, as crianças que, entre os lápis e cadernos mais as brincadeiras de recreio, ainda voltávamos a casa na carrinha, com a pressa possível, para ajudarmos os nossos pais.

Eu expliquei como me sentava nos bancos, virado ora para sul, ora para norte, e expliquei que a paisagem mudava de cores e movimentos, tinha ruídos grandes e outros discretos e que havia que saber para onde olhar. Depois, expliquei que o mais importante era perceber o que acontecia longe, lá onde ficavam os montes mais isolados e aonde quase ninguém ia. O meu pai dizia que se houvesse o azar de um incêndio nesses montes podia arder quase o mundo inteiro, porque o tempo seria pequeno para trazer água antes que o fogo alastrasse.

Expliquei à professora que na sala de aula tudo era perto e que nada se distanciava de nada como nos montes da paisagem. Mas a professora negou. Disse-me que o rosto de cada um também era imenso como a paisagem e, visto com atenção, tinha distâncias até infinitas que importava tentar percorrer.

Nesse dia voltei da escola como se tivesse a tampa da cabeça aberta e os pensamentos me fugissem para o vento.

Pus-me a olhar para o meu pai a ver se no seu rosto havia algo que se comparasse ao afastado dos montes, o verde mudando, as encostas apenas cobertas pela luz do sol, o arvoredado como um tapete que parece rasteiro.

Pus-me a olhar para o rosto do meu pai à procura do que fosse distante, quando parecia que o rosto de uma pessoa tinha tudo tão à flor da pele.

Quando o nosso cão parou de ladrar, trouxe-o para junto de mim e encarei-o atento. Com a excepção da distância do nariz em relação aos olhos, eu não sabia como entender o que me dissera a professora nem havia nada de paisagem na expressão de alguém.

Mas a professora sabia melhor do que eu e decidiu sentar-me na escola no sentido contrário ao dos meus colegas. Sentou-me na sua mesa, enquanto ela andava a pé a escrever e a apagar coisas no nosso quadro.

Fiquei de frente para as sete crianças que estudavam comigo. Sete rostos que, com mais ou menos sono, maior ou menor fome, acatavam os ensinamentos da professora como podiam.

Subitamente, enquanto fazia também as minhas letras – e eu desenhava já muito bem todas as vogais -, percebi que uma menina se distraíra a ver nada. Via nada como se fosse alguma coisa. Tinha o rosto parado e apontado para o tecto e, embora de olhos abertos, ficava estranha, como se adormecida. O rosto dela, ali todo à flor da pele, pareceu-se realmente com o distante da paisagem. Veio à sua expressão uma lonjura que impossibilitava, a quem a visse, perceber com nitidez o que lhe passava no seu pensamento.

Percebi que para dentro de nós há um longo caminho e muita distância. Não somos nada feitos do mais imediato que se vê à superfície. Somos feitos daquilo que chega à alma e a alma tem um tamanho muito diferente do corpo.

Percebi que ver verdadeiramente uma pessoa obriga a um esforço como o de estarmos sentados nos nossos bancos a tomar conta do que passa pelos montes. Percebi que ver verdadeiramente uma pessoa também é como prevenir os fogos, como fazia o meu pai que, afinal, era guarda-florestal.

O rosto é mais turvo do que os céus e pode ser muito mais complexo do que saber exactamente de quem é um rebanho e se cresceu ou diminuiu. O rosto começa onde se vê e vai até onde já não há luz nem som. Por isso, por mais que observemos, ainda muita coisa nos há-de escapar e o importante é que estejamos tão atentos quanto possível para nos conhecermos uns aos outros.



Conheci melhor o meu pai. Conheci melhor a minha mãe. Até conheci melhor o nosso cão, que era mesmo maluco, porque lho via no rosto e tudo. Entendi que o rosto é extenso e infinito, capaz de expressões que vamos conhecendo e outras que nunca vemos. Toda a vida precisamos de estar atentos, se assim não fizermos vamos perder muito do mais importante que acontece em nosso redor. Como se houvesse um incêndio mesmo diante de nós e nem sequer o percebêssemos antes que restem todas as coisas completamente queimadas.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.



**Valter Hugo Mãe** é o nome artístico do escritor português Valter Hugo Lemos, um dos mais destacados autores da atualidade. Além de escritor, é editor, artista plástico e apresentador. Nasceu em 25 de setembro de 1971 na cidade angolana chamada Henrique de Carvalho, atual Saurimo. Em 1980 mudou-se para Vila do Conde, em Portugal. Licenciou-se em Direito e fez pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Foi fundador da Quasi Edições, publicou romances, contos, crônicas, poesias e livros para todas as idades. Sua obra está traduzida em várias línguas. Em 2007, recebeu o Prémio Literário José Saramago, durante a entrega do qual o próprio José Saramago considerou o romance *O remorso de Baltazar Serapiã* um verdadeiro "tsunami literário".

Disponível em: <<https://www.fnac.pt/Valter-Hugo-Mae/ia90845/biografia>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

Então, cada aluno receberá uma cópia do texto e iniciaremos o diálogo com a turma explorando o título do conto, através de perguntas, como: “A que o título te remete?”, “Qual é o rosto que vem à sua cabeça ao ler o título?”, “Sobre o que vocês imaginam que irá tratar esse texto?”. A professora fará leitura em voz alta e apresentará a obra o autor do texto.

Depois, exploraremos os sentidos do texto com perguntas, como: “Qual a sua sensação ao fim da leitura?”, “Era o que imaginavam antes de ler?”, “Qual parte chamou mais sua atenção?”, “Qual sua opinião sobre as personagens?”, “Sobre o que esse texto trata, afinal?”, “Vocês concordam com as reflexões feitas pelo narrador?”, “Já tinham parado para pensar no rosto sobre o ponto de vista trazido no conto?”, “Como a ilustração se relaciona com o texto?”, dentre outras, com o intuito de que eles se expressem, compartilhem suas impressões, questionamentos e experiências de leitura. É importante salientar que a sala de aula é um lugar imprevisível e diferentes questões podem surgir a partir das interpretações dos alunos, por isso as perguntas são apenas para nortear a conversa inicialmente.

Após, será entregue uma cópia do poema “Retrato”, de Cecília Meirelles, a professora convidará os alunos a lerem em voz alta e depois apresentará a autora. Mediaremos o debate com a intenção de que os alunos tentem relacionar o poema com o conto lido anteriormente e

busquem as semelhanças e diferenças entre as obras, de forma a enriquecer ainda mais os sentidos atribuídos aos textos.

Poema “Retrato”

**Retrato**

(Cecília Meireles)

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida  
A minha face?

MEIRELES, Cecília. **Viagem**: poesia - 1929-1937. Lisboa: Editorial Império, 1939.



**Cecília Benevides de Carvalho Meireles** nasceu no dia 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro (RJ). Foi poeta, ensaísta, cronista, folclorista, tradutora, pintora e educadora e a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas. Em 1919, publicou o seu primeiro livro de poemas, intitulado *Espectros*. Em 1934, organizou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro. Em 1939, foi agraciada com o Prêmio de Poesia Olavo Bilac, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo livro *Viagem*. Sua poesia foi traduzida para diversos idiomas e musicada por uma variedade de artistas. Faleceu em 1964.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/cecilia\\_meireles/](https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.

Em seguida, faremos uma dinâmica em que cada aluno receberá um papel com o nome de um colega presente na sala para que descreva, por escrito, o rosto dele sem identificá-lo, buscando apresentar características que vão além dos aspectos físicos. Depois, apresentarão a descrição para que os outros tentem adivinhar de quem se trata.

A outra atividade proposta será a produção de um autorretrato, buscando transpor para o papel o que está além do próprio rosto em um exercício de reflexão e autoconhecimento. Para essa etapa, contaremos com a colaboração da professora de Artes que irá orientar em sua aula

a confecção do autorretrato. Ao final, montaremos um painel para expor as criações no mural da escola.

### **Aulas 6, 7 e 8: Minicontos**

Esse encontro será dedicado aos minicontos de autoria de Leonardo Brasiliense (Anexo D) e será realizado em um espaço mais amplo e com mesas redondas ideais para trabalhos em grupo.

Dividiremos os alunos em seis grupos e cada grupo receberá um *QR code* com um miniconto diferente. Pediremos que os grupos façam a leitura silenciosa do miniconto recebido e elabore uma lista com “palavras-sensações”, ou seja, palavras que expressem a sensação que tiveram ao ler o texto, uma para cada aluno. Em seguida, trocaremos as listas entre os grupos e cada grupo terá que produzir um miniconto a partir das “palavras-sensações” de outro grupo. Por ser um gênero literário pouco explorado nas escolas, acreditamos que possa gerar dúvidas e questionamentos que serão sanados à medida que surgirem.

Logo depois, cada grupo apresentará o miniconto produzido e as palavras que nortearam a produção dele, e o grupo que escreveu as palavras irá ler o miniconto recebido inicialmente para que possamos estabelecer reflexões e comparações entre os textos, já que todos eles tratam de assuntos polêmicos que fazem parte do universo juvenil. Ao final, a professora apresentará a obra e o autor dos minicontos e pedirá que os alunos elejam a narrativa que foi mais significativa para eles.

### **Aulas 9 e 10: Conto “O bife e a pipoca”**

Nesse encontro o objeto de leitura será o conto de Lygia Bojunga, “O bife e a pipoca” (Anexo I). Por se tratar de um texto mais longo, não teremos tempo de fazer sua leitura em sala, por isso entregaremos uma cópia aos alunos alguns dias antes dessa aula, pediremos que façam a leitura em casa e combinaremos uma data para que todos tenham lido.

No dia combinado, organizaremos mais uma vez a sala em círculo e a professora fará a apresentação da obra e da autora do conto. Depois, iniciaremos a roda de conversa sobre o texto com a intenção de compartilhar as experiências de leitura que o conto proporcionou. Faremos perguntas, como: “Qual a sensação que vocês tiveram ao final da leitura?”, “Como vocês descreveriam cada uma das personagens?”, “Com qual das duas personagens vocês se identificaram mais? Por quê?”, “Que relação vocês estabelecem entre o título e o enredo?”, “Na sua opinião, por que Tuca brigou com Rodrigo?”, “Qual a importância das cartas que Rodrigo

escreve para Guilherme?”, “É possível que uma amizade seja construída por pessoas de classes sociais tão distintas?”, “Que aspecto da nossa realidade a autora traz à tona nesse texto?”.

Então, projetaremos a imagem “Meritocracia” no *datashow* (Anexo J) e faremos as seguintes perguntas: “Mesmo frequentando a mesma escola, Tuca e Rodrigo terão as mesmas condições de continuar seus estudos? E as mesmas oportunidades de trabalho?”, “Como vocês imaginam que será o futuro de Tuca? E de Rodrigo?”.

Logo após, pediremos que os alunos produzam, em duplas, uma continuação para a história de Tuca e Rodrigo, o capítulo 11º do conto. Depois de prontos, todos apresentarão o novo capítulo produzido e compartilharemos as impressões sobre eles. Para finalizar, exibiremos no *Datashow* o clipe da música “Diferenças”, de Rael. (Anexo K).

### **Aulas 11 e 12: Conto “A moça tecelã”**

Essas aulas serão destinadas a uma oficina com o conto da escritora Marina Colasanti, “A moça tecelã” (Anexo E). Organizaremos a sala em círculo e entregaremos aos alunos uma cópia com parte do texto, em que o final está suprimido. Primeiro, exploraremos o título do texto, uma vez que a palavra “tecelã” pode não ser conhecida por todos. Depois, a professora irá ler em voz alta este trecho da narrativa. Pediremos, então, que os alunos imaginem um final para o conto.

#### Parte do conto “A moça tecelã”

##### **A moça tecelã** (Marina Colasanti)

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de

leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

[...]

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.

Após eles compartilharem o final imaginado, a professora fará a leitura do desfecho original da história para refletirmos sobre as possibilidades que a vida dessa moça oferece e, então, serão apresentadas a obra e a autora. Depois, entregaremos uma cópia do conto “O conto de fadas da princesa moderna”, de autoria de Luis Fernando Veríssimo (Anexo F) e pediremos

que os alunos, voluntariamente, leiam o texto em voz alta. A professora fará a apresentação do autor.

#### Final do conto “A moça tecelã”

[...]

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.

Em seguida, mediaremos a roda de conversa sobre as obras com algumas perguntas para nortear o debate, como: “Que sensação/impressão esses textos lhe causaram?”, “Quais semelhanças e diferenças vocês percebem entre as personagens dos contos?”, “Que papel normalmente atribuído às mulheres percebemos nos textos?”, “O que o marido, inicialmente, significava para a moça tecelã? E o que ele acaba se tornando?”, “Apesar de ser um conto fantástico, que aspecto da realidade esses contos trazem à tona?”, “Você acredita que a relação que moça tecelã vivia era abusiva?”, “O que uma ‘princesa moderna’ tem de diferente de uma princesa dos contos de fadas clássicos?”, “Com qual das duas você se identifica mais: a moderna ou a clássica? Por quê?”, “Para essas mulheres dessas histórias, o que parece ser a felicidade?”.

Para finalizar esse encontro, entregaremos a letra da música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty (Anexo G) e a colocaremos para tocar.

#### **Aulas 13 e 14: Conto “O menino que respirava borboleta”**

Para esse encontro escolhemos o conto “O menino que respirava borboleta”, de Jorge Miguel Marinho (Anexo L). Em círculo, entregaremos uma cópia do texto para cada aluno e

iniciaremos a aula explorando seu título, com as perguntas: “O que vocês imaginam que seja um menino que respira borboleta?”, “Sobre o que vocês acreditam que esse texto irá tratar?”.

A professora convidará os alunos a lerem voluntariamente. Depois, apresentará a obra e o autor. Começaremos a roda de conversa perguntado se eles concordam com o narrador do conto ao afirmar que todos nós temos coisas bem escondidas que não queremos mostrar a ninguém. Em seguida, os questionaremos: “O texto era o que imaginavam antes de ler?”, “O que vocês acreditam que sejam as borboletas que saem do corpo de Léo? E o beija-flor que sai dos cabelos de Ana Cláudia?”, “Por que Léo só conseguiu liberar suas borboletas quando estava ao lado de Ana Cláudia?”, “O que essa menina representa para ele?”, “Algum de vocês já vivenciou a sensação de poder liberar ‘suas borboletas’ ao lado de alguém?”.

Então, entregaremos uma cópia e faremos a leitura do poema de Luís Filipe Parrado, “Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas” (Anexo M). Após, pediremos que eles fechem os olhos e imaginem Léo e Ana Cláudia caminhando juntos, de mãos dadas, com suas borboletas e beija-flores voando livremente. E, então, registrem, através de uma ilustração, a imagem mental que criaram para essas personagens. A ilustração poderá ser feita através de desenhos ou colagens e contaremos com o apoio da professora de Artes para nos ajudar a orientar essa atividade. Ao final, convidaremos todos a exporem suas criações.

### **Aulas 15 e 16: Conto “Maria”**

O último conto que será explorado nas oficinas é “Maria”, de Conceição Evaristo (Anexo N). Com a sala em círculo, entregaremos uma cópia do texto para cada aluno, a professora fará a leitura em voz alta, mostrará a obra da qual foi retirada o conto e apresentará sua autora.

Em seguida, exibiremos no *Datashow* o clipe da música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant (Anexo O) e apresentaremos os compositores e a história por detrás da obra. Após, exibiremos um vídeo, “Maria, Maria o povo fala sobre a música”, produzido pela União Brasileira de Compositores (UBC), em que diferentes pessoas, principalmente mulheres, narram suas histórias e suas relações com essa música e com esse nome: Maria (<https://www.youtube.com/watch?v=3LMpH4x-y9o&t=99s>).

Principiaremos, então, a roda de conversa pedindo que os alunos reflitam sobre o título em comum das obras e digam a quem se referem essas Marias retratadas nos textos, quem elas representariam e se algum deles conhece alguma mulher que tem uma história semelhante à da Maria da música. Em seguida faremos algumas perguntas: “O que vocês sentiram ao final da leitura do conto? E depois que ouviram a música?”, “O que vocês notam de diferente entre as

duas Marias retratadas nas obras?”, “Qual delas vocês consideram que representa melhor a mulher negra na nossa sociedade?”, “Vocês acreditam que a cor da pele de Maria influenciou na reação das pessoas?”, “Algum de vocês já vivenciou ou presenciou situações de preconceito pelo fato de a pessoa ser negra? E atos de violência como os descritos no conto?”, “Vocês acreditam que esse conto ficcional poderia ter sido uma história real?”.

Acreditamos que esse conto irá gerar incômodo, desconforto, revolta e tristeza, por isso perguntaremos aos alunos o que eles acham que poderia ter sido diferente naquela história para que seu final não fosse tão trágico. A partir das respostas, iremos propor que juntos, coletivamente, produzimos uma nova versão para o texto.

Para que todos participem, dividiremos a sala em dois grupos, um que representa o passado de Maria e outro que representa seu futuro. Primeiro, o grupo que representa o passado fará as alterações na história dela e a professora anotará no quadro as sugestões para que, depois, o grupo que representa o futuro proponha a recriação dos acontecimentos baseados nas mudanças propostas.

### **Aulas 17 e 18: Produzindo contos ficcionais**

Nesse encontro pretendemos proporcionar um ambiente propício para que os alunos criem suas próprias narrativas para que, posteriormente, possamos reuni-las e divulgá-las em um livro. Acreditamos que nesse ponto da intervenção eles já estejam familiarizados com o gênero conto e, por isso, seja natural que busquem produzir um, mas, mesmo assim, retomaremos as características principais do gênero.

Iniciaremos a aula, então, pedindo que os alunos listem cinco “palavras-identidade”, ou seja, palavras relacionadas às suas personalidades, que definam aquilo que é mais intenso e significativo em suas vidas. Em seguida, pediremos que eles escrevam o nome da personagem que mais se identificaram nos contos lidos. Aproveitaremos esse momento para relembrar cada uma das personagens que conhecemos através de suas histórias.

Logo após, lançaremos o desafio a eles de escreverem um conto ficcional, individualmente, a partir das palavras que listaram e que tenha como uma das personagens aquela escolhida anteriormente. Esperamos que no encontro seguinte os alunos apresentem suas produções para que a sala possa contribuir com textos uns dos outros.

### **Aulas 19 e 20: Compendo o livro: revisão e reescrita dos contos**

Depois da entrega e apresentação dos textos, iremos analisá-los de modo a orientar os alunos a fazerem revisões, correções e reescritas, caso seja necessário, com o intuito de adequar

as produções para a publicação futura em um livro. Por isso, esses encontros serão dedicados ao atendimento e *feedback* individual aos alunos.

### **Aula 21: Compendo o livro: capa e título**

Como pretendemos que os alunos participem ativamente da produção do livro, nesse encontro iremos propor a eles que criem a capa do livro, com um título e uma ilustração. A atividade poderá ser desenvolvida em grupos ou individualmente. Depois, iremos sugerir uma votação para selecionar democraticamente a capa e o título da obra.

### **Aulas 22 e 23: Lançamento do livro**

Como culminância do trabalho desenvolvido, acordaremos com a direção da escola uma data para promovermos um evento de lançamento do livro produzido, no qual os participantes apresentarão alguns dos textos que criaram. Pretendemos imprimir um livro para cada aluno envolvido e alguns exemplares para a biblioteca da escola, além de disponibilizá-lo em meios digitais e convidar as famílias e a comunidade escolar para prestigiá-los.

### **Aula 24: Avaliação do projeto**

O último encontro será dedicado à avaliação do projeto: pediremos que expressem oralmente como avaliam as experiências vivenciadas com a leitura literária e a escrita durante a realização da pesquisa. Gostaríamos de tentar verificar de que forma essa intervenção metodológica deixou marcas nos alunos participantes e se ela, de fato, contribuiu para a formação leitora deles. A professora também compartilhará com eles suas vivências durante todo o período de aplicação da pesquisa. Nessa ocasião, também recolheremos os diários de leitura dos alunos participantes e agradeceremos a participação deles.

**ANEXO A – Modelo do termo de assentimento livre e esclarecido para menor de 18 anos****TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “A leitura e a escrita do conto e do miniconto: uma experiência de letramento literário a partir da leitura subjetiva nos anos finais do Ensino Fundamental”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. João Carlos Biella (orientador) e Prof.<sup>a</sup> Mariana Carvalho Costa e Silva (aluna do Mestrado Profissional em Letras).

Nessa pesquisa nós estamos buscando realizar uma proposta de intervenção metodológica voltada para a leitura literária e o letramento literário, com vistas à formação leitora do aluno através de oficinas com contos e minicontos literários. Buscamos elaborar atividades que envolvam a leitura e a escrita do conto e do miniconto, propondo uma nova metodologia, com o propósito de despertar no estudante o prazer pela leitura.

O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Mariana Carvalho Costa e Silva, integrante da equipe executora, após você aceitar o convite para participar do estudo. Este termo será obtido em dia previamente agendado para busca e entrega de materiais na escola e cumprindo todas as medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, após explanação realizada em reunião virtual com alunos, responsáveis e direção da escola. Ressaltamos que você, estudante, terá um tempo para decidir se participará ou não desse projeto de pesquisa. O aluno que não manifestar interesse em participar da pesquisa ou que o responsável legal não autorizar, participará das atividades propostas no projeto de pesquisa, uma vez que elas serão realizadas durante as aulas online de Língua Portuguesa e constam nas orientações da Base Nacional Comum Curricular. O material coletado desse aluno não será utilizado e será devolvido a ele.

Na sua participação, você será submetido a um questionário inicial contendo 15 (quinze) questões acerca do seu interesse pela leitura literária. Esse questionário será respondido sem qualquer identificação do participante. Você participará também das atividades propostas no projeto de pesquisa, que ocorrerão através de oficinas em ambiente virtual e, ao final, os participantes da pesquisa farão uma avaliação do trabalho desenvolvido também por meio de um questionário contendo 20 (vinte) questões. Ambos os questionários, inicial e final, dispensarão cerca de 10 (dez) a 15 (quinze) minutos para respondê-los. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar da pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Partimos do pressuposto de que não há trabalho de pesquisa que esteja isento de riscos. Contudo, entendemos que os alunos participantes não estarão vulneráveis a eles, já que as atividades serão desenvolvidas durante as aulas de Língua Portuguesa e pela professora regente da turma. Ponderamos que o risco mínimo oferecido consiste em sua identificação como participante da pesquisa, o que contraria a Resolução CNS 466/12. Nesse contexto, enquanto responsáveis por esta pesquisa, nos comprometemos a manter em total sigilo a identidade dos alunos participantes deste estudo. Para isso utilizaremos siglas como identificação, não serão tiradas fotografias, não serão feitas filmagens e, mesmo que o trabalho seja publicado, a identidade dos participantes será preservada.

Em relação aos benefícios da pesquisa, acreditamos que a proposta desenvolvida contribuirá positivamente para os estudantes e a comunidade escolar, uma vez que serão desenvolvidas atividades de leitura e produção textual numa perspectiva de letramento literário

que poderá reverberar em diferentes instâncias sociais que não apenas a escola, por meio de uma ampliação da visão de mundo proporcionada pelas múltiplas possibilidades de construção de sentidos que o texto literário pode oferecer. Ademais, o projeto irá proporcionar momentos de leitura e reflexão, na intenção de que a leitura e a escrita literária se tornem uma ação voluntária e permanente na realidade dos alunos.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido assinado por você. Mesmo seu responsável legal tendo consentido, você não é obrigado a participar da pesquisa se não quiser. Uma via original deste Termo ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os membros da equipe executora do projeto: Prof. Dr. João Carlos Biella, na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, *campus* Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: (34) 3239-4411 e Prof.<sup>a</sup> Mariana Carvalho Costa e Silva, na Praça Adolfo Fonseca, nº 141, Bairro Centro, Uberlândia/MG, 38400-152; telefone: (34) 3236-9186. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de ..... de 20.....

---

Prof. Dr. João Carlos Biella

---

Prof.<sup>a</sup> Mariana Carvalho Costa e Silva

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Assinatura do participante da pesquisa

## **ANEXO B – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido para responsável legal por menor de 18 anos**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS**

Considerando a sua condição de responsável legal pelo (a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele (a) participe da pesquisa intitulada “A leitura e a escrita do conto e do miniconto: uma experiência de letramento literário a partir da leitura subjetiva nos anos finais do Ensino Fundamental”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. João Carlos Biella (orientador) e Prof.<sup>a</sup> Mariana Carvalho Costa e Silva (aluna do Mestrado Profissional em Letras).

Nessa pesquisa nós estamos buscando realizar uma proposta de intervenção metodológica voltada para a leitura literária e o letramento literário, com vistas à formação leitora do aluno através de oficinas com contos e minicontos literários. Buscamos elaborar atividades que envolvam a leitura e a escrita do conto e do miniconto, propondo uma nova metodologia, com o propósito de despertar no estudante o prazer pela leitura.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Mariana Carvalho Costa e Silva, integrante da equipe executora, após você aceitar o convite para participar do estudo. Este termo será obtido em dia previamente agendado para busca e entrega de materiais na escola e cumprindo todas as medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, após explanação realizada em reunião virtual com alunos, responsáveis e direção da escola. Ressaltamos que os pais ou responsáveis legais terão um tempo para decidir se autorizarão ou não a participação do menor nesse projeto de pesquisa. O aluno que não manifestar interesse em participar da pesquisa ou o que não tiver autorização do responsável legal, participará das atividades propostas no projeto de pesquisa, uma vez que elas serão realizadas durante as aulas online de Língua Portuguesa e constam nas orientações da Base Nacional Comum Curricular. O material coletado desse aluno não será utilizado e será devolvido a ele.

Na participação do (a) menor sob sua responsabilidade, ele (a) será submetido a um questionário inicial contendo 15 (quinze) questões acerca do seu interesse pela leitura literária. Esse questionário será respondido sem qualquer identificação do participante. O (a) menor participará também das atividades propostas no projeto de pesquisa, que ocorrerão através de oficinas em ambiente virtual e, ao final, os participantes da pesquisa farão uma avaliação do trabalho desenvolvido também por meio de um questionário contendo 20 (vinte) questões. Ambos os questionários, inicial e final, dispensarão cerca de 10 (dez) a 15 (quinze) minutos para respondê-los. Em nenhum momento, nem o (a) menor nem você serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, a identidade dele (a) e a sua serão preservadas. Nem ele (a) nem você terão gastos ou ganhos financeiros por participar da pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Partimos do pressuposto de que não há trabalho de pesquisa que esteja isento de riscos. Contudo, entendemos que os alunos participantes não estarão vulneráveis a eles, já que as atividades serão desenvolvidas durante as aulas de Língua Portuguesa e pela professora regente da turma. Ponderamos que o risco mínimo oferecido consiste em identificação do menor como sujeito de pesquisa, o que contraria a Resolução CNS 466/12. Nesse contexto, enquanto responsáveis por esta pesquisa, nos comprometemos a manter em total sigilo a identidade dos alunos participantes deste estudo. Para isso utilizaremos siglas como identificação, não serão

tiradas fotografias, não serão feitas filmagens e, mesmo que o trabalho seja publicado, a identidade dos participantes será preservada.

Em relação aos benefícios da pesquisa, acreditamos que a proposta desenvolvida contribuirá positivamente para os estudantes e a comunidade escolar, uma vez que serão desenvolvidas atividades de leitura e produção textual numa perspectiva de letramento literário que poderá reverberar em diferentes instâncias sociais que não apenas a escola, por meio de uma ampliação da visão de mundo proporcionada pelas múltiplas possibilidades de construção de sentidos que o texto literário pode oferecer. Ademais, o projeto irá proporcionar momentos de leitura e reflexão, na intenção de que a leitura e a escrita literária se tornem uma ação voluntária e permanente na realidade dos alunos.

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o (a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido nem que haverá prejuízo ao (à) menor sob sua responsabilidade. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do (a) menor sob sua responsabilidade, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você. Uma via original deste Termo ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os membros da equipe executora do projeto: Prof. Dr. João Carlos Biella, na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, *campus* Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: (34) 3239-4411 e Prof.<sup>a</sup> Mariana Carvalho Costa e Silva, na Praça Adolfo Fonseca, nº 141, Bairro Centro, Uberlândia/MG, 38400-152; telefone: (34) 3236-9186. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de ..... de 20.....

---

Prof. Dr. João Carlos Biella

---

Prof.<sup>a</sup> Mariana Carvalho Costa e Silva

Eu, responsável legal pelo menor \_\_\_\_\_ consinto  
na sua participação na pesquisa citada acima, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

**ANEXO C – Conto “O rapaz que habitava os livros”****O rapaz que habitava os livros**

(Valter Hugo Mãe)

Barafustaram comigo, nem escutaram o que eu queria que entendessem. Diziam que os livros queimavam os olhos, eram diurnos, não serviam para as noites. As regras do nosso colégio interno, para meninos casmurros como eu, mandavam assim.

Queriam os livros no corredor. As luzes apagadas às nove.

Eu ainda deitei mão a alguns volumes, toquei-lhes brevemente igual a quem cai num precipício e procura agarrar-se, mas não me deixaram nada. Apenas o candeeiro já apagado, como se a luz tivesse morrido de tristeza.

Adormeci muito mais tarde, de todo o modo. O coração rasgado em papelinhos pequenos. E uma gula esquisita embrulhada no estômago parecia dizer que eu não havia jantado.

Fui ver a minha nova estante logo pela manhã.

Era um bocado de espaço arranjado entre tralhas meio esquecidas. Fiquei ofendido. Os livros não esquecem nada. Eles são para sempre a mesma memória admirável. Esquecer livros é uma agressão à sua própria natureza. Embora, na verdade, eles nem se devam importar, porque podem esperar eternamente.

Alguém colocara uma pequena placa dizendo: não alimente os animais. Fiquei sem saber se queriam dizer que os livros eram bichos comendo as nossas ideias ou se seria eu um devorador de páginas, alimentado de palavras como as histórias. As histórias podem comer muitas palavras.

Pensei: os meus queridos livros. Era o que pensava e sentia: os meus queridos livros. Olhava-os como se estivessem vivos e pudessem sofrer. Como se pudessem também entristecer.

Gostei de colocar a hipótese de os livros serem como bichos. Isso faz deles o que sempre suspeitei: os livros são objectos cardíacos. Pulsam, mudam, têm intenções, prestam atenção. Lidos profundamente, eles estão incrivelmente vivos. Escolhem leitores e entregam mais a uns do que a outros. Têm uma preferência. São inteligentes e reconhecem a inteligência.

Os livros estão esbugalhados a olhar para nós. Quando os seguramos, páginas abertas, eles também estão esbugalhados a olhar para nós.

Os meus colegas ficaram todos a rir-se para mim. Eu era conhecido como o rapaz que perdia a hora de dormir. Tinha a cabeça na lua, diziam. Não me importei nada. Rirem-se de nós pode ser só um erro no ponto de vista. E eles, todos eles, estavam errados.

A primeira vez que vi um livro, que me lembre, era um que estava aberto, pousado sobre a mesa, com as folhas em leque como se fossem uma colorida flor contente.

Podia ser uma caixa esquisita para arquivar pétalas secas, podia ser para guardar documentos ou cartas de amor. De perto, era afinal um livro muito branco, cheio de palavras impressas. Julguei que podia ser um bordado miudinho. Um enfeite para que as páginas ficassem bonitas. Pensei que fosse uma prenda de enxoval.

Depois, compreendi, era o modo silencioso das conversas. Todos os livros são conversas que os escritores nos deixam. Podemos conversar com Camões, Shakespeare, machado de Assis, mesmo que tenham morrido há tantos anos.

A morte não importa muito para os livros.

Mais tarde, aprendi que os livros acontecem dentro de nós. Claro que eles podem ser bonitos de se ver, mas são sobretudo incríveis de pensar. Eu disse que ler é como caminhar

dentro de mim mesmo. E é verdade. Quando lemos estamos a percorrer o nosso próprio interior.

Uma menina do colégio perguntava-me sempre se eu queria brincar às coisas bonitas. Brincar de beleza, dizia assim. Era igual a ficarmos cheio de delicadezas a fazermos de conta que adorávamos de tudo: os puxadores velhos das portas, os livros de álgebra, as meias rendadas da professora, a sopa de beterraba à hora de jantar no refeitório ou o cão zangado do guarda nocturno. Servia de maneira divertida para fazermos de conta que o mundo era maravilhoso e, subitamente, o mundo inteirinho parecia mesmo maravilhoso. Isso era tão bom de sentir.

Um dia, eu disse: vamos brincar à beleza das coisas que se pensam, como as que se lêem. Porque as coisas que se lêem precisam de ser pensadas. E ela perguntou: as que existem ou as que não existem? E eu disse: todas. As coisas todas que pudermos imaginar.

Então, ela propôs: pássaros com trombas de elefante a voar sobre cabeças de mulheres com cabelos de raízes de árvores. Rimos muito e eu exclamei: que lindo. Repeti, lentamente: pássaros com trombas de elefante a voar sobre cabeças de mulheres com cabelos de raízes de árvores. Depois acrescentei: chávenas de chá com bocas falantes que ferram as mãos de quem as tenta pegar. Rimos muito e ela exclamou: que lindo. Repetiu: chávenas que ferram.

Ela disse: carros com pneus feitos de batatas gigantes que têm pêlos como as pernas dos homens e a transportar famílias de galinhas felizes. Rimos e eu exclamei: que lindo, adoro galinhas felizes. Repeti: carros com famílias de galinhas felizes.

E se fosse um homem com tartarugas ao invés de olhos? Ia ver muito devagarinho. E outro que tivesse um canguru ao invés de boca? Ia falar aos saltos.

Uma árvore que tivesse braços de pessoa ao invés de troncos e segurasse ninhos de cegonhas nas mãos. Que lindo! Depois, eu disse: os meus pais a darem um beijo. E os meus avós. E ela respondeu: e os meus também. Os meus também. Rimos, e exclamamos subitamente em conjunto: que lindo.

Fui dizer-lhe que me haviam levado os livros do quarto. Estava igual a sozinho. Absolutamente sozinho a noite inteira. E ela respondeu: isso é feio. Sabia bem que importância tinham para mim as histórias. Ela perguntou: e agora? Eu respondi: passo os dias à espera dos intervalos para ler um bocadinho. Passo as noites a sonhar à pressa para poder acordar e voltar a ler. Ela respondeu: sonhar à pressa é uma pena.

Quando eu sonhava que lia, acordava. Parecia um castigo. Era comum, subitamente, que eu me esquecesse de tudo durante os intervalos. Corria para os bancos no lado da frente do colégio, à vista dos janelões principais, e aí deitava os olhos às letras e a alma inteira à imaginação. Quando era hora de entrar, tantas vezes algum colega vinha cutucar-me. Diziam: anda, seu distraído. Anda embora.

Um dia, ninguém me cutucou. Fiquei apenas caminhando dentro de mim mesmo, o que era diferente da solidão.

A professora mandou dois rapazes aos janelões da frente a chamar por mim. Assim chamaram. Mas eu, juro muito, não os ouvi.

Voltaram para dizer à professora: parece que se mudou para dentro do livro porque não ouve a nossa voz. Usámos os binóculos da sala de ciências e vimos bem, senhora professora. Ele sorri. Está feliz.

Isso levantara o problema de saber como trocar a felicidade pelo regresso à aula.



**Valter Hugo Mãe** é o nome artístico do escritor português Valter Hugo Lemos, um dos mais destacados autores da atualidade. Além de escritor, é editor, artista plástico e apresentador. Nasceu em 25 de setembro de 1971 na cidade angolana chamada Henrique de Carvalho, atual Saurimo. Em 1980 mudou-se para Vila do Conde, em Portugal. Licenciou-se em Direito e fez pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Foi fundador da Quasi Edições, publicou romances, contos, crônicas, poesias e livros para todas as idades. Sua obra está traduzida em várias línguas. Em 2007, recebeu o Prémio Literário José

Saramago, durante a entrega do qual o próprio José Saramago considerou o romance *O remorso de Baltazar Serapião* um verdadeiro "tsunami literário".

Disponível em: <<https://www.fnac.pt/Valter-Hugo-Mae/ia90845/biografia>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO D – Minicontos

### **Constrangida**

(Leonardo Brasiliense)

O atendente da farmácia viu que eu entrei meio sem graça. Sorriu, malicioso. Eram dez da noite, e eu não tinha cara de doente. Ele até olhou para a porta, como procurando mais alguém. Quando cheguei perto da gôndola das camisinhas, o bobalhão desviou o olhar de mim, disfarçando muito mal. Fingiu que arrumava uns folders em cima do balcão, mas sempre com o sorrisinho idiota, que só parou, só se fechou quando pus na frente o pacote de fraldas.

### **Todos iguais**

(Leonardo Brasiliense)

No dia vinte e oito de julho de 2005, às sete e trinta e cinco da manhã, Júlio Benites da Silva, 13 anos, ia para a escola quando caiu vítima de uma bala perdida. Às sete e vinte e dois, tinha saído de casa sem dizer para sua mãe o quanto gostava dela (porque não costumava mesmo fazê-lo e também porque andavam meio brigados). Às três e quarenta da madrugada, sonhava com Maria Alice, igualzinho aos que têm futuro.

### **Havia um gesso no meio do caminho**

(Leonardo Brasiliense)

Enquanto estava no hospital, todo mundo escreveu no gesso. Deixaram-lhe recadinhos, desenharam caretas, assinaram com nomes e datas. Ao tirar o gesso, os médicos deram a má notícia: o osso calcificou torto, e assim ficará, para sempre, torto. Seu consolo é que tem muitos amigos, embora eles andem todos, e sempre, uns metros adiante.

### **O tapinha**

(Leonardo Brasiliense)

“Um tapinha não dói”, foi o que disseram quando me ofereceram, de graça, no banheiro do colégio. Como eu nunca tinha feito aquilo, tive um acesso de tosse, e tiveram que me dar uns tapinhas nas costas mesmo. Mas não doeu. Bem diferente do que me fizeram um ano depois, quando eu não tinha mais de onde tirar dinheiro e apareci com o relógio do meu pai, que, segundo eles, não valia nada.

### **Super normal**

(Leonardo Brasiliense)

O Tavinho disse que achava super normal um menino gostar de outro menino. Disse que o que importa é ser feliz. Que na adolescência as coisas ainda não estão bem definidas (isso ele leu em algum lugar), que é a época de experimentar de tudo. Que já viu a irmã dele beijando outra menina na boca e nem deu bola. Que a nossa sociedade evoluiu muito, mas continua

hipócrita. Disse tudo isso me olhando bem nos olhos, com uma voz suave, sem afetação e, assim nessa tranquilidade, me pediu pra tirar a mão da sua coxa antes que ele me quebrasse a cara na porrada.

**Perdas e ganhos**  
(Leonardo Brasiliense)

O primeiro divórcio da mamãe foi triste. Mas o papai me visitava nos fins de semana. Tudo bem. Depois foi a vez do Roberto. Ele era legal e me ensinava a andar de bicicleta. Senti saudades. Então vieram o Paulo, o Antônio, o Luís Felipe, e eu fui me acostumando. Agora, duro mesmo foi quando ela dispensou o Tadeu. Aí fiquei arrasada. Porque ele foi o primeiro a me dizer (e mostrar) que eu já era uma mulher.

BRASILIANSE, Leonardo. **Adeus conto de fadas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.



**Leonardo Brasiliense** nasceu em 1972, em São Gabriel (RS), mas hoje vive em Santa Maria (RS). Formado em Medicina, embora trabalhe na Secretaria da Receita Previdenciária, é também músico, fotógrafo e roteirista de cinema. Publicou diversas obras, destacando-se pela dedicação ao miniconto. Suas breves histórias ultrapassam as fronteiras de idade e os conflitos apresentados podem ser considerados universais. Foi vencedor do Prêmio Jabuti em 2007 e 2011, por *Adeus conto de fadas* e *Três dúvidas*. Vem publicando contos, minicontos e artigos em periódicos, antologias e sites literários. É membro da Associação Gaúcha de Escritores.

Disponível em: <<http://www.leonardobrasiliense.com.br>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

**ANEXO E – Conto “A moça tecelã”**

**A moça tecelã**  
(Marina Colasanti)

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comida. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.



**Marina Colasanti** nasceu em 26 de setembro de 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia. Residiu posteriormente em Trípoli, na Líbia, mudou-se para Itália e, em 1948, transferiu-se com a família para o Brasil, onde vive até hoje na cidade do Rio de Janeiro (RJ). De formação artista plástica, ingressou no *Jornal do Brasil*, dando início à sua carreira de jornalista. Traduziu importantes autores da literatura universal. Seu primeiro livro data de 1968, hoje são mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens e ensaios sobre os temas literatura, o feminino, a arte, os problemas sociais e o amor. Por meio da literatura, teve a oportunidade de retomar sua atividade de artista plástica, tornando-se sua própria ilustradora. É uma das mais premiadas escritoras brasileiras.

Disponível em: <<https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>>. Acesso em: 06 abr. 2020

## ANEXO F – Conto “O conto de fadas da princesa moderna”

**O conto de fadas da princesa moderna**

(Luis Fernando Veríssimo)

Era uma vez, numa terra muito distante, uma linda princesa, independente e cheia de autoestima. Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico... Então, a rã pulou para o seu colo e disse:

— Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir um lar feliz no teu lindo castelo. A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...

E, então, naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã *sauté*, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:

— Eu, hein?... nem morta!

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O conto de fadas da princesa moderna**. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/05/conto-conto-de-fada-da-mulher-moderna.html>> Acesso em: 06 abr. 2020.



**Luis Fernando Veríssimo** nasceu em Porto Alegre (RS), no dia de 26 de setembro de 1936. É um escritor, futebolista, humorista, cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro e romancista brasileiro. Já foi publicitário e revisor de jornal. É ainda músico, tendo tocado saxofone em alguns conjuntos, mas ficou famoso por suas crônicas e contos de humor. Com mais de 60 títulos publicados, é um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. É filho do também escritor Érico Verissimo.

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/luis-fernando-verissimo.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO G – Música “Desconstruindo Amélia”

**Desconstruindo Amélia**

(Pitty)

Já é tarde, tudo está certo  
 Cada coisa posta em seu lugar  
 Filho dorme, ela arruma o uniforme  
 Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada  
 Ela foi educada pra cuidar e servir  
 De costume, esquecia-se dela  
 Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente  
 Todo dia até cansar (Uhu!)  
 E eis que de repente ela resolve então mudar  
 Vira a mesa, assume o jogo  
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
 Nem serva, nem objeto  
 Já não quer ser o outro  
 Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado  
 Ganha menos que o namorado  
 E não entende porque  
 Tem talento de equilibrista  
 Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18  
 Nem Balzac poderia prever  
 Depois do lar, do trabalho e dos filhos  
 Ainda vai pra *night* ferver

Disfarça e segue em frente  
 Todo dia até cansar (Uhu!)  
 E eis que de repente ela resolve então mudar  
 Vira a mesa, assume o jogo  
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
 Nem serva, nem objeto  
 Já não quer ser o outro  
 Hoje ela é um também

PITTY. **Desconstruindo Amélia**. Disponível em:  
 <<https://www.lettras.mus.br/pitty/1524312/>>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Priscilla Novaes Leone** mais conhecida pelo nome artístico **Pitty**, é uma cantora, compositora, produtora e multi-instrumentista nascida em Salvador (BA). Cantora desde os 17 anos de idade, iniciou sua carreira profissional em 1997, atuando como baterista durante dois anos na banda de punk rock *Shes*. Em 1998, integrou a banda de hardcore punk *Inkoma*, dessa vez atuando como vocalista. A partir de 2003, passou a cantar em outra banda que levava o seu nome. Foi uma das bandas de rock mais bem sucedidas, vendendo cerca de 5 milhões de álbuns. Seu disco de estreia “Admirável Chip Novo” foi o álbum de rock mais vendido do ano. Considerada uma das maiores representantes do rock brasileiro contemporâneo, venceu diversos prêmios importantes da música, além de concorrer quatro vezes ao Grammy Latino.

Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/pitty/>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

**ANEXO H – Poema “Era uma vez uma mulher”**

era uma vez uma mulher  
que via um futuro grandioso  
para cada homem que a tocava  
um dia  
ela se tocou...

RUIZ, Alice. **Quase duelo de quase amor**. Disponível em:  
<[http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/plaquetes/Literatura/plaquete\\_alice\\_ruiz\\_e\\_estrela.pdf](http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/plaquetes/Literatura/plaquete_alice_ruiz_e_estrela.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Alice Ruiz Scherone** nasceu em Curitiba (PR) em 22 de janeiro de 1946. É poetisa e compositora e seu interesse por literatura começou muito cedo: com apenas 9 anos começou a escrever contos. Com 16 anos já se dedicava aos versos. Dez anos depois publicou seus primeiros poemas. Em 1968, se casou com o poeta Paulo Leminski, com quem teve três filhos. Alice tem mais de 20 livros publicados e 50 músicas gravadas, poemas traduzidos em diversas línguas, além de vários prêmios.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/alice\\_ruiz/](https://www.ebiografia.com/alice_ruiz/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO I – Conto “O bife e a pipoca”

**O bife e a pipoca**

(Lygia Bojunga)

**1º Cap. - Carta de amigo***Oi Guilherme!**Outro dia eu olhei no mapa pra ver onde é que é Pelotas. Puxa! Como a gente ficou longe de repente, hem? Eu não tinha nem pensado que Pelotas era tão lá no finzinho do Brasil.**O meu pai diz que carioca morre de frio aí no Sul quando chega o inverno. Então eu pensei que você tem que vir passar as férias de julho no Rio. Aqui em casa, é claro. Primeiro pra não morrer de frio. Segundo, pra gente ir junto à praia que nem ia antes.**Hoje foi o primeiro dia de aula.**Achei tão esquisito você não estar lá.**Lembra? A gente se conheceu na primeira série.**Depois foi junto pra 2ª. E você falou: será que no ano que vem a gente vai junto pra 3ª?**E foi. E então combinou que ia junto pra 4ª. E foi também.**E aí nem combinou mais nada porque era claro que a gente ia junto pra 5ª.**E aí você vai e se muda pro Rio Grande do Sul.**Ora, francamente.**Só você que foi embora: o resto da turma é toda a mesma.**Mas entraram duas garotas novas. Uma é metida a besta, mas em compensação se chama Renata, que acho um nome lindo. A outra parece legal, mas não desgruda da Renata.**Assim fica difícil.**Ah! mas tem uma novidade: nossa escola agora dá bolsa de estudo pra aluno pobre. E então tem também um garoto novo: bolsista. Ouvi dizer que ele mora na favela; se chama Turíbio Carlos; e sentou no mesmo lugar que você sentava. Mas não falou nem olhou pra ninguém.**Quem sabe o emprego do teu pai não dá certo e vocês voltam aqui pro Rio?**Não tô querendo que o teu pai fique sem emprego, não é isso, mas é que eu acho tão chato não ver mais você do meu lado lá na classe. E a escola aí é legal?**Um grande abraço do Rodrigo***2º cap. - Na sala de aula**

O professor de geografia perguntou:

- Como é o seu nome?

- Turíbio Carlos.

- Como?

- Turíbio Carlos. - Levantou. E levantou também um pouco a voz: - Mas lá em casa me chamam de Tuca.

- Quem sabe aqui na escola você também fica sendo Tuca?

E o Tuca arriscou:

- Eu topo.

O professor de geografia resolveu:

- Então pronto. - E escreveu na ficha: - Tuca.

A turma riu: era a primeira vez que eles ouviam o Tuca falar: ele não puxava conversa não entrava em grupo nenhum, e na hora do recreio ficava sempre estudando.

Foi só a turma rir que o Tuca se encolheu de novo: enterrou o cotovelo na carteira, botou a cara na mão, grudou o olho no caderno aberto e ficou achando que a classe tinha rido era do nome dele.

Quando a aula acabou, todo mundo saiu pro recreio, mas o Tuca nem se mexeu.

O Rodrigo foi comprar um sanduíche e voltou pra acabar um trabalho. Nem prestou atenção no Tuca; debruçou no caderno e começou a escrever.

O olho do Tuca foi indo pro sanduíche. Quando chegou lá: quem diz que ia embora?

O Rodrigo pegou o sanduíche, deu uma dentada e aí viu que o olho do Tuca tinha também mordido o pão.

A boca do Rodrigo foi mastigando.

O olho do Tuca mastigou junto.

A boca deu outra dentada; o olho mordeu também.

A boca foi parando de mastigar; o olho do Tuca foi ver o que tinha acontecido: deu de cara com o olho do Rodrigo: se assustou: voltou correndo pro caderno.

De repente o Rodrigo fez um ar meio distraído e estendeu um sanduíche:

- Quer?

O Tuca ficou sem saber o que que respondia: acabou fazendo que sim. Pegou o sanduíche com as duas mãos. Olhou pro pão. Cravou o dente.

- Pode comer ele todo. - O Rodrigo falou. E foi só acabar de falar que o sanduíche já tinha sumido.

O Rodrigo saiu da classe sem dizer nada. Voltou com mais dois sanduíches. Deu um pro Tuca. Se olharam. Comeram quietos. E pela primeira vez o Tuca falou com um colega:

- Nossa! Nunca vi tanta manteiga e tanto queijo num pão só.

Começaram a conversar. Primeiro de idade: o Rodrigo tinha 11 anos e o Tuca já ia fazer 14! O Rodrigo olhou espantado pra ele:

- É mesmo?!

- Não pareço não?

- Bom... - E o Rodrigo olhou pro pão. O Tuca era tão miúdo que ele até tinha pensado que os dois eram da mesma idade. E aí falaram de estudo.

- Sabe que eu era o 1º da classe lá na minha escola?

Outra vez o Rodrigo se espantou: naqueles primeiros dias de aula já tinha dado pra ver que o Tuca estava sempre por fora.

- Foi por isso que eu ganhei a bolsa de estudo pr'aqui.

O Rodrigo só disse: humm.

O Tuca meio que riu:

- "Escola de rico" feito a gente diz. - Suspirou: o sanduíche tinha acabado. - Mas, sabe? Eu não sei como é que vai ser.

- O quê?

- Acho que eu não vou aguentar a barra: o estudo aqui é mais adiantado, é diferente, sei lá, eu só sei que não tá dando. E o pior é isso aqui - olhou pro caderno e espichou um queixo desanimado: a tal da matemática.

- Você não fez o trabalho que a gente tem que fazer?

- De que jeito? Eu não saco nada disso.

O Rodrigo olhou pro relógio.

- Eu tô quase acabando o meu. Quer que depois eu te dê uma explicação?

A cara do Tuca ficou tão contente que o Rodrigo até achou melhor fingir que não tinha visto: virou pro caderno e começou a escrever.

Naquele dia só deu tempo de dar uma explicação curta pro Tuca.

Mas no outro dia o Rodrigo usou a hora do recreio todinha pra explicar tudo melhor. Era a primeira vez que ele dava aula para alguém. E pelo jeito gostou: nem viu o tempo passando. A campainha tocou e ele até assustou:

- Já?!

E o Tuca falou:

- Puxa, cara, saquei tudo que você me ensinou; acho que você vai ter que ser professor.

E no dia seguinte lá estava o Rodrigo outra vez explicando.

E o Tuca se animando: “Agora, sim, tô sacando!”

### **3º cap. - Carta de amigo**

*Alô, Guilherme, tudo bem?*

*Você lembra quando a gente conversava do que ia ser quando crescer?*

*Você sempre sabia o que queria, só que a toda hora mudava: médico, arquiteto, escritor.*

*Eu não. Lembra? Eu nunca sentia muita vontade de ser nada. E daquela última vez que a gente conversou eu até te disse: acho que eu não vou ser nada de tanto que eu não sei o que que eu quero ser.*

*Mas agora você vai ficar bobo: esta semana - até que enfim!! - eu descobri o que que eu quero.*

*Adivinha.*

*Pensa bem.*

*Isso mesmo!*

**PROFESSOR!**

*Tá duvidando? No princípio eu também duvidei.*

*Tudo começou por causa do Tuca, aquele bolsista que veio pra escola e que senta no mesmo lugar que você sentava. Eu comecei dando explicações de matemática pra ele. Mas agora eu estou dando aula de tudo. Pra ver se ele alcança a turma. Senão ele é capaz de perder essa bolsa.*

*Eu nunca tinha pensado que eu ia gostar de ensinar, mas, sabe? Quando o Tuca saca o que eu explico me dá uma sensação assim de... sei lá, isso eu não sei explicar. Só sei que é bom. Então eu resolvi que eu vou ser professor.*

*E você continua mudando de profissão a toda a hora?*

*Vê se escreve, viu, cara?*

*Abração do Rodrigo*

### **4º Cap. - Você gosta de pipoca?**

- O quê?

O Tuca cochichou mais alto:

- Você gosta de pipoca? - (Estavam no meio da aula de português.)

O Rodrigo fez que sim.

- Todo sábado a minha irmã faz pipoca...

O Rodrigo fez cara de quem diz ah é?

E depois de um tempo o Tuca acabou a frase:

- ... mas pipoca só é bom na hora.

- O quê?

- Pipoca só é bom na hora que faz...

- Ah é.

O Tuca ficou quieto. Mas depois continuou:

- ... se não fosse, eu trazia a pipoca pra gente comer aqui na escola. - E a aula já estava no fim quando ele acabou de pensar no assunto: - Quer ir comer pipoca lá em casa no sábado?

O Rodrigo fez que sim.

Naquele dia, quando os dois se despediram, o Tuca resolveu o seguinte:

- No sábado, eu venho te encontrar aqui embaixo: você não vai saber subir o morro sozinho. É que eu moro lá no alto, sabe.

- Então você se encontra comigo na minha casa: a gente almoça e depois vai.

O Tuca não respondeu logo. Ficou olhando pro tênis. Depois perguntou devagar:

- Almoçar na sua casa?

- É.

Se olharam.

- Então tá.

E foi assim. No sábado ao meio-dia o Tuca estava chegando na casa do Rodrigo. Ele nunca tinha pisado num edifício daqueles: porteiro, tapete, espelho por todo lado, elevador subindo macio, empregada abrindo a porta pra ele entrar.

Ele entrou.

E quando viu o tamanho da sala, e quando entrou no quarto que o Rodrigo tinha (só pra ele?!) com TV, aparelho de som, armário em toda a parede (uma porta estava aberta, nossa! quanta roupa lá dentro); e quando o Rodrigo perguntou:

- Tá com sede?

- Tô. - E foram na geladeira o Rodrigo encheu um copo de suco de laranja:

- Toma. - O olho do Tuca ficou feito hipnotizado pelo lá-dentro da geladeira.

Quando a porta da geladeira se fechou, o Tuca achou que o Rodrigo não ia achar uma ideia assim tão formidável subir uma favela todinha pra ir comer pipoca lá em cima. Foi nessa hora que o rabo do olho viu os bifés que a cozinheira estava temperando. Era impressão? Ou era bife-feito-o-bife-lá-da-esquina? O olho todo virou pro bife e o Tuca foi se esquecendo da vida.

### **5º Cap. - O bife-lá-da-esquina**

Quando o Tuca saía da escola, ele ia direto ajudar um amigo a lavar carro.

Quer dizer, não era bem um amigo, era mais um patrão.

Ou melhor, não era bem um patrão, era mais um sócio.

Quer dizer, não era bem um sócio... Um momentinho: vamos começar outra vez: quando o Tuca saía da escola, ele ia direto ajudar um cara a lavar carro. O cara era faxineiro de um edifício lá na Rua São Clemente. Ganhava salário mínimo. Então, pro dinheiro não ficar assim tão mínimo, ele lavava os carros dos moradores do edifício e ganhava em dobro.

Um dia o Tuca passou por ali procurando um biscate, já que emprego ele não encontrava mesmo. Conversa vai, conversa vem, o faxineiro perguntou se o Tuca não queria fazer sociedade naquele negócio de lavar carro.

- Sociedade como?

- Você pega aí um ou outro carro pra lavar e eu te dou 10% de tudo que eu ganho.

O Tuca achou ótimo. E naquele dia mesmo começou a trabalhar.

Mas aí foi acontecendo o seguinte: mal o Tuca chegava, o faxineiro ia pro botequim da esquina tomar umas e outras; quando voltava, se ajeitava num escurinho da garagem; logo depois estava roncando.

E o Tuca ficava lavando sozinho tudo que é carro que tinha pra lavar.

Um dia o Tuca achou que estava trabalhando sozinho demais e que então a tal matemática dos 10% não estava bem certa: reclamou.

O faxineiro não gostou:

- Escuta aqui, meu irmão, tem pelo menos 100 moleques que passam todo dia aí na rua querendo pegar esse emprego que eu te dei. Então você já viu: tô te fazendo um bruto dum favor. Não precisa ficar toda vida me agradecendo. - Fechou a cara. - Mas também não quero reclamações. Não tá contente, pode dar o fora. E já. Tá?

Os trocados que o Tuca recebia lá na garagem bem que ajudavam pra ir levando comida pra casa. Então, o que que era melhor, quer dizer, pior: continuar de matemática esquisita ou perder o biscate?

E o Tuca continuou lavando carro.

Às vezes o porteiro do edificio chamava o faxineiro. O Tuca respondia do jeito que tinha sido ensinado:

- Tá lavando um carro lá fora: vou chamar. - E dava uma corrida até o botequim pra avisar.

O faxineiro virava a cachaça num gole e saía correndo. O Tuca vinha atrás. Mas sem pressa nenhuma. Só pra poder passar bem devagar pelo restaurante lá da esquina. Que beleza! Se chamava "O Paraíso dos Bifes". Da calçada a gente via tudo lá dentro pela parede de vidro. Mas não se ouvia nada, de tão bem fechado que era, de tão ar condicionado por dentro. E gente comendo, e garçom pra cá e pra lá, e tão gostoso de olhar: assim: feito quando a gente olha pra um aquário. Quem diz que o Tuca resistia? Parava, e tocava a olhar.

Tinha mesa junto do vidro. E sempre, sempre! Os fregueses estavam comendo bife. A companhia do bife mudava muito:

Com arroz

Com salada

Com aspargos

Com ovo em cima...

A cor do bife mudava um pouco:

Ao ponto

Mal passado

Bem passado.

Mas o que nunca mudava era o jeito fundo que o garfo e a faca entravam no bife. Quanto mais o Tuca olhava, mais impressionado ele ficava com aquele jeito fundo do talher ir se enterrando; que carne tão macia era aquela, meu deus? Tão impressionado, que um dia ele foi chegando mais pra perto, mais pra perto, acabou achatando o nariz no vidro. Um garçom foi lá pra dizer que o freguês estava perdendo o apetite de tanto que o Tuca olhava pro bife.

Então, daí pra frente, o Tuca passava devagar e olhava disfarçado. E só depois de passar muitas vezes é que ele prestou atenção na placa pequena, que tinha do lado da porta: era a lista dos bifés da casa: nome, companhia e preço de cada bife. O Tuca era mesmo fraco em matemática: então ele acabou ficando ali um tempão querendo calcular quantos carros ele ia ter que lavar para um dia comer um bife daqueles.

Lá na cozinha do Rodrigo o Tuca tinha se esquecido da vida. Só fazia era olhar pros bifés que a cozinheira temperava (o dedo dela também se enterrava na carne de um jeito tão fácil, tão fundo!).

- Tá dormindo em pé, cara? - E o Rodrigo puxou o Tuca. Foram pra sala.

### **6º Cap. - O almoço**

Foi só o Tuca sentar pra almoçar que o olho não teve mais sossego: pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, querendo ver disfarçado o garfo que o pai do Rodrigo pegava, o jeito que o Rodrigo dava no guardanapo, o que que a mãe do Rodrigo fazia com o pratinho do lado, e mais as duas facas, e mais os três garfos, e mais a colher, e nossa! Que monte de coisa em cima daquela mesa, e o olho pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, na aflição de copiar.

A empregada serviu uma tigelinha pra cada um. O Tuca viu todo mundo começando a comer. Será que o almoço era aquilo e pronto? Olhou de rabo de olho pra mãe do Rodrigo. Ela estava botando um tiquinho de manteiga no pão. O Tuca foi ficando hipnotizado outra vez: a mão dela tinha um anel em cada dedo.

A mãe do Rodrigo viu que o olho do Tuca não largava a mão dela: quis se livrar: perguntou:

- Você também é que nem o Rodrigo? Filho único?

O Tuca acordou:

- Humm?

- Você também é filho único?

- Não: eu tenho dez irmãos.

A mãe do Rodrigo se engasgou pequeno:

- Dez?!

O Tuca fez que sim. Humm! Que coisa mais gostosa era aquela da tigela.

- E o seu pai? O que que ele faz?

O Tuca sentiu a testa suando. Em vez de responder, esvaziou a tigelinha.

A empregada levou as tigelas e trouxe o resto da comida. Botou tudo na frente da mãe do Rodrigo.

A mãe do Rodrigo ia servindo e a empregada ia distribuindo os pratos.

O Tuca ficou olhando pro enorme bife que tinha chegado na frente dele. Enxugou a testa com a mão. Enxugou a mão no guardanapo.

Meio que tomou fôlego. Pegou o garfo e espetou no bife, ah, que coisa mais linda: tanta força pra quê?! O garfo tinha se enterrado macio que só vendo, e o Tuca, entusiasmado, pegou a faca pra cortar o bife do mesmo jeito que o irmão mais velho (carpinteiro) pegava o serrote pra cortar madeira. Atacou! O bife não aguentou: escorregou pra fora do prato, deslizou pela toalha levando de companhia um ovo frito, duas rodelas de beterraba e um monte de grãos de arroz. Foi tudo se estatelar no tapete. Que era bege bem clarinho.

- Ai! - O Tuca gemeu. E mais que depressa correu pra catar o almoço do chão.

- Deixa! - A mãe do Rodrigo mandou. E toucou o sininho.

A empregada veio; primeiro disse xi! Depois perguntou:

Não é melhor botar um pouco de talco aqui no tapete pra chupar a gordura?

- É melhor, sim. A empregada saiu correndo. - E vê se dá pra fazer outro bife pro menino!

- Não precisa não: por favor! - O Tuca pediu.

- Me dá aqui o seu prato. - A mãe do Rodrigo estendeu a mão.

O Tuca ficou olhando outra vez pros anéis; a fome tinha sumido; e tinha aparecido uma vontade danada de fazer que nem a fome e sumir também.

O pai do Rodrigo resolveu puxar conversa:

- O Rodrigo contou que você ganhou uma bolsa do governo. - O Tuca fez que sim.

- Você teve sorte, rapaz, aquela escola custa uma nota firme. - O Tuca fez que sim.

- Como bolsista, você não tem que pagar nada, tem? - O Tuca fez que não.

- E livro, caderno, todo o material escolar: eles também dão? - O Tuca fez que sim.

- Tudo?! - O Tuca fez que sim.

- Mas que sorte!! Você está acompanhando bem o ensino lá? - O Tuca fez que não.

A empregada voltou com uma lata de talco e uma escova; despejou talco no tapete; a sala ficou perfumada.

- Boto mais?

A mãe do Rodrigo levantou:

- Será que é preciso? - Examinou o tapete. - Passa a escova aqui pra ver se não ficou nenhuma manchinha.

A empregada passou.

- Ainda tem mancha, sim senhora. Posso botar mais?

- Mas dizem que tapete não gosta de talco demais. - Virou pro pai do Rodrigo: - O que que você acha, meu bem?

- O quê?

- Bota ou não bota mais talco?

O pai do Rodrigo levantou pra examinar o tapete.

- Olha, aqui saiu tudo. - A empregada falou. E escovou mais um pouco.

- Pode botar mais um bocado aqui! - O pai do Rodrigo mandou.

E quando a empregada virou a lata, a tampa de furinho caiu e o talco todo se despencou no chão (saiu até nuvem de talco voando pela sala).

- Xi! - O Rodrigo levantou.

- Depressa, depressa! Vai buscar o aspirador. - A mãe do Rodrigo mandou.

A empregada saiu correndo. O pai do Rodrigo se abaixou:

- Escova aqui, ó, ó! - E deu a escova pra mãe.

O Rodrigo apontou com o pé:

- Aqui é que tem um monte, ó.

- Ah, coitado do meu tapete! É talco demais: ele vai ficar manchado, aposto.

A empregada voltou correndo com o aspirador. Ligou.

- Passa aqui!

- Aqui, ó!

- Não: primeiro aqui!

O Tuca e a mesa-de-almoço se olharam feito se despedindo; o guardanapo enxugou um suor que pingava da testa; a cadeira foi pra trás pra deixar o Tuca levantar. E, de pé, olho no tapete, o Tuca ficou vendo o aspirador funcionar.

### **7º Cap. - A pipoca**

Assim que eles saíram do edifício o Tuca foi logo dizendo:

- É melhor a gente ficar aqui por baixo: tá muito calor pra subir o morro.

Mas o Rodrigo não topou:

- Você não disse que tem uma porção de irmãos? Então? Vai ser legal conhecer eles todos. Vem!

Falaram pouco até chegar no morro.

O caminho que subia era estreito. O Tuca foi na frente. Quase correndo. Feito querendo escapar da discussão que crescia lá dentro dele: um Tuca dizendo que amigo-que-é-amigo não tá ligando se a gente mora aqui ou lá; o outro Tuca não acreditando e cada vez mais arrependido da ideia de ir comer pipoca.

E atrás dos dois lá ia o Rodrigo, querendo assobiar pra disfarçar. Querendo, mas não podendo: já estava botando a alma pela boca de tanto subir.

Quantas vezes, com a luz de tudo que é barraco se espalhando pelo morro, o Rodrigo tinha escutado dizer: que bonito que é favela de noite! As luzes parecem estrelas.

E o Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo que passava: bonito? Estrela? Cadê?!

Não era à toa que quando caía chuva forte sempre falavam de barraco desabando no morro, e o Rodrigo parava no caminho pra ficar vendo como é que alguém podia morar num troço tão parecendo que ia despencar se a gente desse um soprão.

Será que criança nenhuma tinha sapato?

E aquele cheiro de lata de lixo? Não ia passar não?

E toca a querer assobiar pra disfarçar o susto de ver tanta gente assim vivendo tão feito bicho. Quando chegaram no alto, o Rodrigo estava sem fôlego. O Tuca parou:

- Eu moro aqui. - Entrou.

Só os irmãos pequenos estavam em casa. Quatro. O Tuca foi apresentando cada um. Os grandes ainda estavam "lá embaixo se virando"; e a irmã mais velha tinha saído.

- Mas, e a pipoca? - O Tuca quis logo saber -, ela esqueceu que ia fazer pipoca pra gente?

- Não - um irmão explicou -, ela já fez. Mas ficou com medo da gente comer tudo antes de você chegar e então guardou ali - espichou o queixo pra uma porta que estava fechada.

Fez cara de sabido e piscou o olho:

- A chave tá na vizinha...

Enquanto o garoto falava, o Rodrigo ia olhando pro barraco: dois cômodos pequenos, um puxado lá fora pro fogão e pro tanque, e a tal porta fechada que o garoto tinha mostrado e que devia ser um outro quarto; ou quem sabe o banheiro? Juntando tudo, o tamanho era menor que a cozinha da casa dele; e eram onze irmãos morando ali! E mais a mãe?!

Uma vez o Tuca tinha contado pro Rodrigo: "O meu pai era marinheiro. Só aparecia em casa de vez em quando. Um dia ele não apareceu mais.

Ele morreu?

Ninguém sabe.

E a tua mãe?

Ela mora lá com a gente. Mas quem faz de mãe lá em casa é a minha irmã mais velha.

Por quê?

É que a minha mãe... é doente.

O que que ela tem?

Tem lá umas coisas. Mas a minha irmã é a pessoa mais legal que eu vi até hoje: aguenta qualquer barra."

O Tuca virou pro Rodrigo:

- Tá vendo que vista legal a gente tem aqui de cima?

- Legal mesmo.

- Nesse canto é que eu estudo. Tem que ser de noite, porque quando eu saio da escola eu vou lavar carro. E também de noite tá todo mundo dormindo, é mais quieto.

- É.

- Só que de noite eu tô cansado. E também não é bom ficar de luz acesa: gasta eletricidade.

Então eu deixo pra estudar no recreio.

- É.

Os dois ficaram quietos.

A criançada pequena olhando.

Lá pelas tantas o Tuca quis acabar com a discussão que continuava dentro dele:

- Vam'bora, Rodrigo. Você agora já sabe onde eu moro e se quiser aparecer à casa é sua.

- Mas, e a pipoca? - O Rodrigo perguntou.

Não precisou mais nada: a criançada desatou a falar na pipoca, a querer a pipoca, a pedir a pipoca. Uma barulhada! O Tuca ficou olhando pro chão. De repente saiu correndo. Pegou a chave na casa da vizinha. Abriu a porta que estava trancada.

Era um quarto com uma cama, um armário velho de porta escancarada e uns colchões no chão.

Tinha uma mulher jogada num colchão.

Tinha uma panela virada no chão.

Tinha pipoca espalhada em tudo.

A criançada logo invadiu o quarto e começou a catar pipoca no chão.

Ninguém ligou pra mulher querendo se levantar do colchão.

O Rodrigo estava de olho arregalado.

O Tuca olhou pra ele. Olhou pra mulher. Olhou pras pipocas sumindo.

- Pronto - ele resolveu -, você não vai comer pipoca do chão, vai? Então não tem mais nada pra gente fazer aqui. - Empurrou o Rodrigo pra fora do barraco. - Agora você já sabe caminho. Desce por lá. - Apontou.

O Rodrigo estava atarantado:

- Lá onde?

- Vem! Eu te mostro. - E desceu correndo na frente. Num instantinho chegou na curva que ele tinha mostrado. Respirou fundo. Lembrou do perfume do talco. Olhou pro lado: estava um lameiro medonho naquele pedaço do morro: tinha chovido forte na véspera e uma mistura de água e de lixo tinha empoçado ali.

O Rodrigo chegou de língua de fora: tinha descido tão depressa que mais parecia um cabrito.

- Pô, cara - ele reclamou -, assim não dá! Você quase me mata nessa des...

Mas o Tuca já tinha virado pra ele de cara feia e já estava gritando:

- Não precisa me dizer! Eu sei muito bem que não dá. Como é que vai dar pra gente amigo com você cheirando a talco...

- Eu?!

- ... e eu aqui nesse lixo todo. Não precisa me dizer, tá bem? Eu sei, EU SEI que não dá. Você é que ainda não sabe de tudo. Quer saber mais, quer? Quer? - Pegou o Rodrigo pela camisa. Quando a minha irmã tranca a minha mãe daquele jeito é porque a minha mãe já tá tão bêbada que faz qualquer besteira pra continuar bebendo mais. - Começou a sacudir o Rodrigo. - Você olhou bem pra cara dela, olhou? Pena que ela não tava chorando e gritando pra você ver. Ela chora e grita (feito neném com fome) pedindo cachaça.

- Me solta, Tuca!

- Solto! Solto, sim. Mas antes você vai ficar igual a mim. - E botou toda a força que tinha pra derrubar o Rodrigo no lameiro.

O Rodrigo deu pra trás.

O Tuca não largou; puxou de volta.

O Rodrigo outra vez conseguiu dar pra trás.

Mas o Tuca foi puxando ele de novo. E quando sentiu os pés se encharcando se atirou no lameiro levando o Rodrigo junto. Aí largou.

O Rodrigo levantou num pulo. Não precisava tanta pressa: ele já estava imundo, pingando lixo.

O Tuca levantou devagar. E de cabeça baixa foi subindo o morro de volta pra casa.

### **8º cap. - Carta de amigo**

*Guilherme*

*Depois que você foi morar aí no Rio Grande do Sul eu fiquei sabendo que é uma coisa muito chata a gente não viver sem um maior amigo perto.*

*Mas aí apareceu o Tuca.*

*E sentou no mesmo lugar que você sentava.*

*E foi por causa dele que fiquei sabendo que eu quero ser professor.*

*E a gente ficou amigo.*

*E ele não tem pai nem ninguém pra ser transferido pro Sul. Eu comecei então a achar que a nossa amizade ia durar.*

*Mas não durou: hoje a gente brigou.*

*E o pior é que eu não entendi porquê.*

*Foi lá na favela onde ele mora.*

*E eu tive que descer aquele morro todinho assim: sem entender mais nada.  
Sem entender por que que o Tuca, de repente, ficou com tanta raiva de mim.  
Sem entender por que que aquele mundo de gente não pode viver feito a gente e tem  
que viver lá na favela do jeito horrível que eles vivem.*

*Sem entender por que, com tanto colega na classe, foi logo acontecer de eu fica amigo  
é do Tuca.*

*E aí se acabou: não fiquei mais numa boa. Pra ser franco, eu fiquei na pior.*

*Achei que só você ia me entender, por isso que eu estou te escrevendo.*

*Mas já estou começando a achar que nem você vai compreender.*

*Paciência: vou mandar a carta assim mesmo.*

*Rodrigo*

### **9º cap. - Ô cara, me desculpa! Foi sem querer**

Na segunda-feira o Tuca não apareceu na escola.

Na terça também não.

Na quarta ele entrou na classe de olho procurando o olho do Rodrigo.

Mas o olho do Rodrigo se escondeu.

Então na quinta o Tuca achou melhor fingir que não tinha visto o Rodrigo na classe.

E na sexta o Rodrigo resolveu que se o Tuca não via ele, por que que ele ia ver o  
Tuca?

Passou o sábado.

Passou o domingo.

Na segunda-feira o Tuca resolveu que ia falar com o Rodrigo de qualquer maneira.  
Ele tinha que explicar que não sabia por que que tinha empurrado Rodrigo no lameiro.

No recreio, o Tuca foi chegando pra perto do Rodrigo e quando já ia falando com ele  
o Rodrigo deu as costas. O Tuca ficou cismado: tinha sido de propósito? Tinha ou não tinha?  
Acabou achando que tinha. E voltou quieto pra classe. Mas na terça-feira ele achou: que  
besteira! É claro que não foi de propósito, então ele ia falar com o Rodrigo de qualquer jeito.

Ficou esperando a campainha tocar.

Esperou tão forte que chegou a suar. E quando a campainha tocou ele levantou num  
pulo de suto. Justo quando o Rodrigo ia passando. Deram o maior esbarrão.

- Ô cara, me desculpa! Foi sem querer.

O Rodrigo achou que Tuca estava se desculpando pelo banho de lama. Ficou  
pensando o que que ia dizer (quem sabe ele dizia pro Tuca que não tinha entendido nada  
daquela história?). Acabou falando:

- Esquece.

O Tuca estava de fala trancada, foi ficando chateado: tantas vezes ele tinha se  
explicado pensado e agora ficava assim sem dizer nada?

O Rodrigo se abaixou: fingiu que estava amarrando o sapato.

Quando no fim a cara destrancou, o Tuca perguntou:

- Você acha que vai chover?

O Rodrigo olhou pra janela. Fez cara de quem não sabia; e ficou amarrando o outro  
sapato.

O Tuca meio que suspirou:

- Você sabe pescar?

O Rodrigo levantou:

- Bom, às vezes eu ia lá no Arpoador pescar com um amigo meu, o Guilherme. -  
Encolheu o ombro. - Mas ele mudou pro Rio Grande do Sul...

O Tuca ficou quieto.

Depois de um tempo o Rodrigo acabou confessando:

- Eu nunca peguei peixe nenhum.
- Ah, não?
- Não.
- Aí o Tuca contou:
- Eu aprendi a pescar com um cara lá do morro que saca muito de peixe.
- Ah, é?
- Ele foi pescador, sabe. Mas agora ele já está velho. A gente é um bocado amigo.
- Humm.
- Esse negócio de pescaria tem uma porção de macetes.
- O Rodrigo não disse nada. Então o Tuca falou:
- Você querendo, eu te ensino.
- Bom...
- Será que no sábado vai chover?
- O Rodrigo olhou pra janela. Fez cara de que não sabia. O Tuca arriscou:
- Se não chover, a gente podia combinar de ir pescar.
- É... podia.

### **10º cap. - Bilhete e PS de amigo**

*Alô, Guilherme! Tudo bem por aí?*

*Hoje aconteceu um negócio sensacional: peguei um peixe!!!*

*Um abracíssimo do Rodrigo*

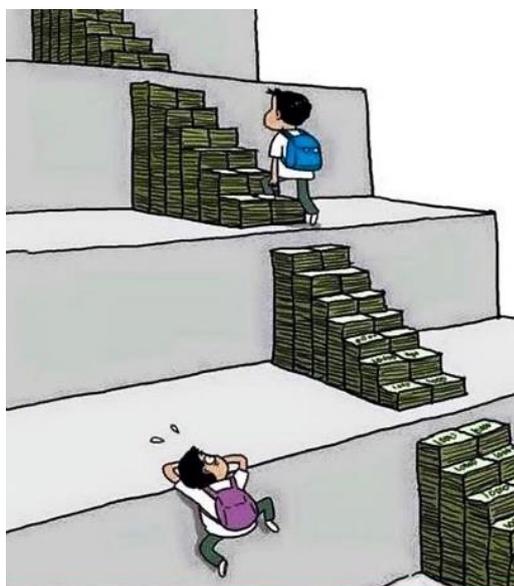
*P.S.: O Tuca tá me ensinando um bolão de macetes de pescaria, e a gente já combinou que todo sábado vai pescar com chuva ou sem chuva.*

BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.



**Lygia Bojunga Nunes** nasceu em Pelotas (RS) no dia 26 de agosto de 1932 e iniciou a sua vida profissional como atriz, até voltar-se para a literatura. Com a obra *Os colegas* (1972) conquistou um público que se solidificou com *Angélica* (1975), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980) e *A bolsa amarela* (1981). Em 1982, recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, importante premiação dada à literatura infanto-juvenil. Foi a primeira mulher a receber essa premiação fora do eixo Estados Unidos - Europa. Em 2004, a autora foi a primeira escritora infanto-juvenil a ganhar o prêmio Astrid Lindgren Memorial Award, criado pelo governo da Suécia. Em 2006, criou a Fundação Cultural Lygia Bojunga com o objetivo de desenvolver ações para popularizar o livro.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/lygia\\_bojunga/](https://www.ebiografia.com/lygia_bojunga/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.

**ANEXO J – Imagem “Meritocracia”**

Fonte: <<https://www.giromarilia.com.br/colunas/essa-semana-vinicio-carrilho-martinez/meritocracia/3688>>

## ANEXO K – Música “Diferenças”

**Diferenças**

(Rael)

Era seis da manhã, eu peguei o busão  
 Depois de esperar vem naquele padrão  
 Sem lugar pra sentar nem apoio de mão  
 Poucos falam um “A”, muitos reclamação

De costume eu vou, meto o fone de ouvido e partindo  
 Duas horas pra chegar no destino  
 É, na praça da Sé, com centavos que sobrou  
 Senhor, por favor, um minicafé

É hora de entrar, bater o cartão  
 E aí, como tá, bom dia, patrão  
 Dez minutos atrasado, ele nem me responde  
 Porque mora do lado, problema meu que moro longe

Firmão, isso é pouco pra mim, tru  
 Tenho que trambar pra pagar minha facu  
 Os livros são caros, o meu tempo é raro  
 Se não estudar, tru, tomo mó preju

É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer

É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer

São diferenças sociais  
 São diferenças extremas  
 São diferenças desleais  
 Pra uns é mó sofrimento  
 Pra outros fácil demais

Às dezoito eu saio do trampo, vou a milhão  
 Embarco no metrô, pego mais um busão  
 A milhão só minha mente porque mó lentidão  
 Que é horário de pico e só motos que transitam

Mas chegando no ponto corri, fui, dei um gás  
 Já perdi muitas aulas no mês, não posso mais

Mas fui surpreendido, ó só, irmão, vai vendo  
Os polícia me parou porque tava correndo

E demorou, cena humilhante  
Até provar pros bico que eu era estudante  
Chegando lá na faculdade  
É tu se preparar pra lidar com outra realidade

É você ver os boy falar pro cê  
Que acordou às três da tarde porque foi no rolê  
Que gastou mais de mil conto pra fumar e beber  
Que eu devia ter colado e que mosquei de perder

É, às vezes o que é bom pra você  
Outros tão dispensando e não quer nem saber  
Tu tá se matando e lutando pra ter  
Outros tão só gozando e tirando um lazer

É, às vezes o que é bom pra você  
Outros tão dispensando e não quer nem saber  
Tu tá se matando e lutando pra ter  
Outros tão só gozando e tirando um lazer

São diferenças sociais  
São diferenças extremas  
São diferenças desleais  
Pra uns é mó sofrimento  
Pra outros fácil demais

Eu chego sempre cansado, ele todo empolgado  
Eu meio estressado, ele muito engraçado  
Na corrida da vida ele já vai disparado  
E eu tô lá atrasado, com os braços atados

Eu não invejo, não, mas quem dera eu, tá ligado  
Nascer no berço de ouro e o que quisesse comprado  
E ele nem é culpado de com dinheiro nascer  
Complicado pra nois, difícil por não ter

Mas firmão, vou seguindo na caminhada  
Uns têm, outros não têm, então cada um cada  
E a escada tem vários degraus pra subir  
Complicada, mas eu sei que vou conseguir

Vou nessa aí, tenho que estudar  
Ele diz que não, que o esquema é um bar  
Eu disse sumemo, então pode pá  
Preciso correr, um dia chego lá

É, às vezes o que é bom pra você  
Outros tão dispensando e não quer nem saber  
Tu tá se matando e lutando pra ter  
Outros tão só gozando e tirando um lazer

É, às vezes o que é bom pra você  
Outros tão dispensando e não quer nem saber  
Tu tá se matando e lutando pra ter  
Outros tão só gozando e tirando um lazer

São diferenças sociais  
São diferenças extremas  
São diferenças desleais  
Pra uns é mó sofrimento  
Pra outros fácil demais

É isso mesmo, parceiro  
Alguns têm, outros não têm  
Mas quem tem dinheiro tem dinheiro

**RAEL. Diferenças.** Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/rael-da-rima/diferencas/>>.  
Acesso em: 06 abr. 2020.



**Israel Feliciano**, mais conhecido pelo seu nome artístico **Rael**, nasceu em São Paulo (SP) em 1983. É cantor, compositor e rapper brasileiro e começou a construir sua história com o grupo Pentágono, que se tornaria referência no rap nacional. Tem parcerias com grandes nomes da música nacional e internacional e já ganhou o Prêmio da Música Brasileira de Melhor Cantor.

Disponível em: <<https://raeloficial.squarespace.com/new-page>>.  
Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO L – Conto “O menino que respirava borboleta”

### O menino que respirava borboleta

(Jorge Miguel Marinho)

Como vou contar essa história para vocês?

É difícil falar de coisas diferentes. Então já vou logo dizendo que não existe ninguém que não tenha uma coisa só dele, escondida, bem diferente. Ela se esconde debaixo da roupa, no fundo do coração ou num cantinho da cabeça. E pode ser uma verruga enorme nas costas, uma perna mais fina que a outra ou até mesmo uma vontade esquisita de morder uma flor ou uma pessoa.

O menino dessa história se chama Léo, é igual a todo mundo, só que de vez em quando, sem ele querer, escapam do seu corpo magricelo e superbranco borboletas de vários tamanhos – todas coloridas e sempre apavoradas.

Faz tempo que ele sofre e tem a maior vergonha delas. Por causa disso vive se escondendo dos outros, está mais calado a cada dia, parece até aquelas crisálidas, que não voam e ficam hibernando dentro de um casulo.

Léo usa sempre cachecol porque já saiu borboleta dourada do seu pescoço. Fala o mínimo que pode, principalmente à noite, porque uma vez chegou a urinar três borboletas amarelas, molhadas e chorosas.

Às vezes o sol, os outdoors, os postes de luz, os heróis de cinema e das histórias em quadrinhos, os vilões mais simpáticos do mundo inteiro gritam para ele:

— Léo, respira fundo e mostra esse monte de borboleta para as pessoas.

Ele nunca escuta e não é para menos – afinal não é simples sair por aí contando para todo o mundo que um dia ou outro escapa uma borboleta de algum lugar de nós. Acho que só uma vez ele ficou em dúvida se mostrava ou não mostrava. Foi quando o vento, que nesse dia estava enlouquecido de tanta ventania, ordenou:

— Seja homem, rapaz, e assuma!

E, no mesmo instante, uma árvore quase sem folhas e quase sem ar, por causa de todo o atropelo do vento, alertou:

— Não seja besta, garotão, que soltar borboleta do corpo não é coisa que a gente vai dizendo para qualquer um, assim sem mais nem menos, não.

Léo se encolheu todo, chegou a se ferir, quase esmagou uma borboleta rajada que estava saindo do seu dedo indicador e acabou ganhando com isso uma tremenda cicatriz na palma da mão esquerda. O pai, a mãe e o irmão do Léo não têm esse problema, mas entendem e não tocam no assunto. Com a maior das boas intenções, eles fingem que não existem borboletas e é por isso que o Léo fica muito ofendido.

Acho que vocês estão entendendo o problema do menino e vão entender mais ainda quando eu contar que tudo isso aconteceu só até ontem. É que a Ana Cláudia, uma garota linda e negra como asa de mariposa, com mil trancinhas e miçangas, olhar dengoso e boca de pedir beijo, chegou e foi logo tirando uma borboleta azul com duas antenas xeretas de trás da orelha do Léo. E, soltando o pequeno inseto, convidou:

— Hoje, você vai me dar a mão e entrar comigo na aula!

É claro que o Léo perguntou na hora:

— E por que justo eu?

E ela, já de mãos dadas, caminhando colada nele, respondeu:

— Sei lá, é que eu adoro as tuas borboletas.

Foi então que ele teve a impressão de ver saindo daquela cabeleira crespa e felpuda como lã, lá de dentro de umas trancinhas, o bico de um beija-flor bem atrevido. Certeza ele

não teve, mas sorriu respirando fundo, apertou a mão dela e pela primeira vez deixou voar livremente uma borboleta tímida e muito apressada do seu umbigo.

Eu também não sei direito para onde essa última borboleta ia e por que tanta pressa. Agora, se vocês quiserem saber a minha opinião, ela bem que podia estar com hora marcada para o amor que, se não tem a cara de borboleta, vive voando de coração para coração. É, não tem outra: olha só o jeito de andar da Ana Cláudia, pensa na história do Léo.

MARINHO, Jorge Miguel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.



**Jorge Miguel Marinho** nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em janeiro de 1947, mas logo se mudou com a família para São Paulo (SP). O contato com a literatura se deu tardiamente, pois seus pais, de origem bastante humilde, liam precariamente. Apesar disso, uma vez estabelecido o encontro com os livros – aos 15 anos – tornou-se um leitor ávido e começou a escrever. Aos 18 anos, ingressou no curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP), onde também concluiu mestrado na área de literatura. Tornou-se professor de literatura brasileira e língua portuguesa em escolas e em universidades. Foi autor, roteirista e ator.

Publicou seu primeiro livro em 1981, a coletânea de poemas *O Talho* e conquistou vários prêmios. Faleceu em 2019, aos 72 anos.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13516/jorge-miguel-marinho>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

**ANEXO M – Poema “Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas”**

**Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas**

(Luís Filipe Parrado)

Foi depois do fim das aulas.  
 Passaram o portão de ferro da escola  
 e deram as mãos  
 para atravessarem a rua.  
 E, de mãos dadas, formaram  
 uma corrente  
 tão poderosa, tão compacta,  
 que o trânsito teve mesmo de parar  
 e ficou completamente imobilizado. Não vou ceder  
 agora à tentação  
 de afirmar que assisti  
 à materialização de um milagre,  
 afinal é coisa  
 que deve estar sempre a acontecer,  
 em algum lugar, ao fim  
 da manhã ou da tarde, logo  
 depois das aulas,  
 dois adolescentes dão  
 as mãos, atravessam a rua, bloqueiam  
 a circulação rodoviária  
 de uma cidade.  
 Mas pensa nisso por um segundo,  
 pensa na força dessa corrente.

PARRADO, Luís Filipe. **Sobre os dois adolescentes que esta tarde atravessaram a rua de mãos dadas**. Disponível em: <<http://poesiailimitada.blogspot.com/2012/05/luis-filipe-parrado.html>>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Luís Filipe Parrado** nasceu em Seixal (Portugal), em 1968. É professor do ensino secundário. Acaba de publicar seu primeiro livro de poemas, “Entre a carne e o osso” em Lisboa.

Disponível em: <<http://poesiailimitada.blogspot.com/2012/05/luis-filipe-parrado.html>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO N – Conto “Maria”

**Maria**  
(Conceição Evaristo)

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil

cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!*... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

— Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.



**Maria da Conceição Evaristo de Brito** nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG). Teve a infância e a adolescência marcadas pela miséria, na extinta favela do Pindura Saia na região centro-sul da capital mineira. Mudou-se, em 1973, para o Rio de Janeiro (RJ), onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo depois concluído também mestrado e doutorado. Seguiu carreira no magistério, lecionando na rede pública fluminense até aposentar-se no ano de 2006. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio.

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO O – Música “Maria, Maria”

**Maria, Maria**

(Fernando Brant e Milton Nascimento)

Maria, Maria  
 É um dom, uma certa magia  
 Uma força que nos alerta  
 Uma mulher que merece viver e amar  
 Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria  
 É o som, é a cor, é o suor  
 É a dose mais forte e lenta  
 De uma gente que ri quando deve chorar  
 E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força  
 É preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo a marca  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha  
 É preciso ter graça  
 É preciso ter sonho sempre  
 Quem traz na pele essa marca  
 Possui a estranha mania  
 De ter fé na vida

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Maria, Maria**. Disponível em:  
 <<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Fernando Brant** nasceu em Caldas, no sul de Minas Gerais em 9 de outubro de 1946. Foi escritor, compositor e poeta. Formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), também atuou como repórter na revista *O Cruzeiro*. Iniciou na música em 1966, quando Milton Nascimento o convidou para colocar letra em uma melodia. O resultado foi "Travessia", que ganhou o segundo lugar no II Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro. De lá para cá, Brant compôs canções com vários parceiros, mas o principal foi Milton Nascimento, com quem compôs mais de 200 canções. Atuou como presidente da UBC (União Brasileira de Compositores) na defesa de direitos autorais de músicos e foi colunista de cultura do *Estado de Minas* entre 2001 e 2014. Lançou, em 2012, o livro de crônicas "Casa aberta". Faleceu em 12 de junho de 2015.

Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/fernando-brant/biografia/>>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Milton Nascimento** nasceu em uma comunidade no Rio de Janeiro (RJ) dia 26 de outubro de 1942. É um cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos músicos da Música Popular Brasileira. Com 2 anos ficou órfão de mãe, passando a morar com a avó em Juiz de Fora (MG) e com 6 anos foi morar em Três Pontas (MG) com os pais adotivos. Com 13 anos ganhou seu primeiro violão e aos 15 já participava de um grupo vocal. Em 1963, Milton mudou-se para Belo Horizonte e formou com Lô Borges, Beto Guedes, Márcio Borges e Fernando Brant, o *Clube da Esquina*. Em 1966, foi para São Paulo e conheceu Elis Regina, que gravou “Canção do Sal”, sua primeira música. Já recebeu 5 prêmios Grammy, gravou 34 álbuns e cantou com diversos artistas internacionalmente reconhecidos.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/milton\\_nascimento/](https://www.ebiografia.com/milton_nascimento/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.

**ANEXO P – Reportagem sobre a música “Maria, Maria”****A história de quem inspirou ‘Maria Maria’**Estadão Conteúdo

07/10/18 - 07h03

Maria Maria, composta há 40 anos, ganhou pela primeira vez um clipe. Milton fala de sua origem: “A história da Maria quem me contou foi o Fernando Brant. Fiquei com isso direto na cabeça depois que ele descreveu a Maria que ele conheceu. Ela morava na beira dos trilhos, em Minas Gerais, criava os filhos sozinha e passava muita dificuldade. E mesmo com tanto sacrifício ela fazia de tudo pra manter os filhos na escola. Ela era um exemplo, uma aula mesmo, sabe? Uma aula de vida. E foi isso que inspirou a gente”.

Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-historia-de-quem-inspirou-maria-maria/>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## ANEXO Q - Música “A carne”

A carne

(Interpretação: Elza Soares)

(Composição: Seu Jorge/Marcelo Yuka/Ulisses Cappelletti)

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio  
 E para debaixo do plástico  
 Que vai de graça pro subemprego  
 E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história  
 Segurando esse país no braço  
 O cabra aqui não se sente revoltado  
 Porque o revólver já está engatilhado  
 E o vingador é lento  
 Mas muito bem intencionado  
 E esse país  
 Vai deixando todo mundo preto  
 E o cabelo esticado

Mas mesmo assim  
 Ainda guardo o direito  
 De algum antepassado da cor  
 Brigar sutilmente por respeito  
 Brigar bravamente por respeito  
 Brigar por justiça e por respeito  
 De algum antepassado da cor  
 Brigar, brigar, brigar

A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra  
 A carne mais barata do mercado é a carne negra

SEU JORGE; YUKA, Marcelo; CAPPELLETTI, Ulisses. **A carne**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Elza da Conceição Soares** nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 23 de junho de 1937, em uma favela onde hoje está situada Vila Vintém. A menina começou a cantar com o pai, que gostava de tocar violão nas horas vagas. Teve uma infância dura e subitamente interrompida pelo casamento, pois o pai de Elza obrigou-a a se casar quando ela tinha apenas 12 anos. Mais tarde, foi casada também com o jogador de futebol Garrincha. Sua história de vida conta com tragédias e reviravoltas memoráveis. Em 1953, ingressou na vida artística ao fazer o seu primeiro teste na Rádio Tupi, no programa de calouros

Ary Barroso, tendo ficado em primeiro lugar. Famosa pela voz rouca, ela é um dos maiores nomes da música popular brasileira.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/elza\\_soares/](https://www.ebiografia.com/elza_soares/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Jorge Mário da Silva**, conhecido como **Seu Jorge**, nasceu no bairro de Belford Roxo, no Rio de Janeiro (RJ), no dia 8 de junho de 1970. Teve uma infância difícil, com 10 anos já trabalhava em uma borracharia. Desde a adolescência frequentava as rodas de samba e logo passou a cantar nas noites cariocas. Após a morte de seu irmão em uma chacina e com a desestruturação de sua família, passou a morar nas ruas, onde ficou por três anos. Sua vida começou a mudar quando fez um teste para uma peça de teatro. Sendo aprovado, acabou por participar de mais de 20 espetáculos com o Teatro da Universidade

do Rio de Janeiro, como ator e cantor. Participou da primeira formação do grupo *Farofa Carioca*, porém não continuou na banda e partiu para uma carreira solo. Ficou conhecido também pelas suas composições e atuações no cinema nacional.

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/seu\\_jorge/](https://www.ebiografia.com/seu_jorge/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Marcelo Yuka**, nome artístico de **Marcelo Fontes do Nascimento Viana de Santa Ana**, nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 31 de dezembro de 1965. Foi um **dos fundadores da banda O Rappa**. Notabilizou-se como compositor da maioria das canções do *Rappa* no período em que esteve na banda, com letras carregadas de intenso teor social e crítico. Além de compositor, era também baterista. Após ficar paraplégico, por causa de um tiro levado durante um assalto e de divergências com o resto dos integrantes, acabou saindo da banda. Depois disso, criou o *F.Ur.T.O - Frente Urbana de Trabalhos Organizados*, banda que fazia parte de

um projeto social homônimo. Através desta ONG, lutou por maior realização de pesquisas com células-tronco. No início de 2019 sofreu um AVC, do qual não resistiu e faleceu aos 53 anos de idade.

Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo\\_Yuka/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Yuka/)>. Acesso em: 06 abr. 2020.



**Ulisses Cappelletti** nasceu em São Paulo (SP) em 1968, embora tenha ido para o Rio de Janeiro (RJ) ainda muito novo. É um artista contemporâneo de muitas faces, atuando como DJ, guitarrista e compositor. Além disso, ainda trabalha como produtor musical e engenheiro de som em produções musicais mundo afora. Foi um dos fundadores do *Studio Totem* em Santa Teresa (RJ), um espaço que ajudou a impulsionar bandas e músicos da cena “underground” do Rio na segunda metade da década de 90 e ajudou a amalgamar parcerias entre músicos que mais tarde teriam suas carreiras consolidadas, como Seu Jorge e O Rappa, entre alguns. Atualmente, segue desenvolvendo projetos pessoais (um deles é a banda *Golden Lion*) e trabalhando em algumas parcerias para produção musical e trilhas sonoras, tanto de artistas como em projetos corporativos.

Disponível em: <<https://immub.org/compositor/ulisses-cappelletti>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

## **ANEXO R - Minicontos produzidos pelos alunos participantes**

### **Dia dos Pais**

(AC)

Estava todo feliz, era um dia especial, tinha acabado de comprar um presente para o meu pai. Quando estava saindo da loja anunciaram um assalto, tentei sair o mais rápido possível, mas dois homens me puxaram para um canto da loja e começaram a me bater. Tentei falar que eu não tinha nada a ver com aquilo, mas nem me ouviram. Diziam que "negro vagabundo tem que apanhar". Todos olhavam, fotografavam, filmavam. Quando, enfim, perceberam o engano, me soltaram. E ali fiquei humilhado, machucado e sem o presente do meu pai.

### **É normal**

(AG)

Flores e beijos, que relacionamento bonito!

Ele não me deixava ver meus amigos, mas é normal, só estava me protegendo. Parei de ver minhas amigas também, mas é normal, porque ele tinha razão, todas são falsas. Um dia ele chegou alterado em casa, mas é normal, ele estava só bêbado e continua me amando.

Decidi perguntar o que estava acontecendo, não devia ter perguntado... Daqui de cima as coisas não parecem mais tão normais.

### **Por favor, pare!**

(CP)

Por favor, pare! Foram as últimas coisas que eu disse antes dele me agarrar. Antes dele me machucar. Antes dele tirar a única coisa que eu queria guardar. E no final de tudo, ele e a sociedade colocaram a culpa em mim, colocaram a culpa nas minhas roupas. Ele saiu ileso, mas eu vou lembrar todas as vezes que eu fechar os meus olhos.

### **As palavras não voltam**

(ER)

Quando eu era menor minha avó sempre me dizia: "as palavras não voltam". Eu ficava maluco me perguntando: "Como assim? As palavras viajam e não voltam mais?"

Eu só fui entender quando, em um momento de raiva, as palavras viajaram da minha boca e foram para os ouvidos do meu amigo, e nunca mais voltaram.

### **Preconceito? Não existe...**

(GV)

Parques costumam ser lugares calmos, por isso levei ele para comemorar o nosso dia, estávamos felizes e nos amando como nunca. Dois homens se aproximaram da gente, disseram que queriam apenas conversar, mas o tipo de conversa deles doía muito e deixavam muitos hematomas no nosso corpo. Ainda dói quando me lembro... Nunca imaginei que o amor entre dois homens incomodasse tanto, mas dizem por aí que preconceito não existe...

**Aprendizagem**

(IP)

Já passei muito constrangimento na rua e ficava triste.  
 Porém minha mãe me ensinou que se você se importar com o que as pessoas pensam de você, irá ser infeliz para sempre.  
 Continuei triste e constrangida...

**Super-herói**

(JM)

Sempre quis ser um super-herói, mas meu pai falava que herói não mata.  
 Na hora da raiva não consegui ser um herói.

**Vontade de Deus?**

(JP)

Oi, meu nome é Maria, tenho somente 10 anos e estou no hospital.  
 Não entendo o porquê, mas minha barriga dói desde aquele dia que meu tio brincou comigo. A brincadeira tbm doeu um pouco...  
 Escuto pessoas gritarem na porta do hospital "ABORTO É CRIME" "NÃO É A VONTADE DE DEUS". Estou com medo...  
 Qual é a vontade de Deus?

**Mula**

(MD)

Tinha recebido um trabalho, iam me pagar 5 mil reais, mas, infelizmente, fui barrada.  
 Agora estou presa... e sem nada.

**Em que posso ajudar?**

(MM)

- Emergência, em que posso ajudar?  
 - Alô?! Por favor me ajuda! Meu marido está descontrolado. Eu acho que ele quebrou meu braço. Minha cabeça está sangrando muito! Me ajuda!  
 - Senhora eu...  
 - Ele está tentando arrombar a porta!  
 - Senhora?  
 - Não, por favor! Eu não fiz nada pra você. Por que você está fazendo isso comigo?!  
 -Senhora?! Senhora?!  
 - ...  
 CHAMADA ENCERRADA

**Últimas palavras**

(RI)

- Olá. Hoje é seu último dia aqui, você sabe né?!  
 - Sim, senhor....  
 - Quer dizer mais alguma coisa?  
 - (silêncio)

- Muito bem. Que Deus tenha piedade! Podem levá-lo pra cadeira elétrica.

### **Metas de vida**

(RO)

Desde criança, um sonho eu almejava. Ter dinheiro, um carro para chamar de meu, uma casa para chamar de minha. Mas, infelizmente, vim de um lugar onde não se pode ter tudo o que quer. Porém, sempre acreditei que no fundo do poço, acharia uma esperança pra algo impossível. E essa esperança chegou, só que não da forma como eu imaginava...

Conquistei dinheiro, mas não era meu, conquistei um carro, mas não era meu, conquistei uma casa, mas não era minha. Hoje, me restaram as lembranças e esse sol que todo dia nasce quadrado...

### **Tarde demais!**

(ST)

Bom... eu sou uma menina qualquer, antissocial e que ninguém viu ou ouviu falar. Um dia, na escola, colocaram um papel na minha mochila, que só li quando cheguei em casa: "SE MATA! Você vai fazer um favor enorme pra todos nós!".

Na mesma hora comecei a chorar, amassei o papel e joguei no lixo! Saí de casa correndo e fui pro meu lugar favorito, onde passava um trem bem antigo. Quando meu irmão chegou em casa, foi no meu quarto e viu que eu não estava lá, então encontrou o papel no lixo e saiu à minha procura. Foi em todos os lugares onde imaginaria que eu podia estar, não achou. Então, pensou que eu podia estar na estação de trem antiga.

Enquanto ele corria pra lá, eu olhava meus cortes e pensava que era melhor pôr fim em tudo. Quando ele chegou, já era tarde demais, o trem já estava muito próximo e eu só ouvi o seu grito de desespero...

MURAL DE MINICONTOS – 8º ANO. Disponível em:  
<<https://padlet.com/marykarvalho85/5bn1u4e8qs6m3h85>>

## ANEXO S - *Fanfics* produzidas pelos alunos participantes

### No final, só precisamos de amigos

(AG)

Não é fácil ser mulher nesse mundo, não! A gente recebe cada proposta... O último pedido de casamento que recebi veio de uma rã presunçosa, arrogante e metida a príncipe! Como se uma princesa precisasse de um príncipe para ser feliz...

Esse “príncipe” me lembrou o ex-marido de uma grande amiga. Vocês já devem ter ouvido falar da história dela, todos a conhecem como "Moça Tecelã". Ela tem o dom de tecer tudo que precisa para sua vida e sempre foi dona do seu destino, até que um dia inventou que precisava de um marido para ser feliz. Vê se pode!?

Demorou um pouco, mas logo ela viu que ele era só um interesseiro e se livrou dele rapidinho! Mais do que certa ela!

Mas, mesmo ela colocando-o para fora, ela continuava triste, se sentindo sozinha e achando que precisava de um homem ao seu lado para ser feliz. Foi aí que liguei para ela e fiz um convite, queria mostrar que ela estava enganada e fazê-la esquecer dessa bobagem.

A conversa foi bem rápida, ela aceitou de primeira meu convite:

- Oi *miguís*, como você está? Fiquei sabendo o que aconteceu... Quer sair comigo para conversar e esquecer um pouco disso?

A Moça Tecelã respondeu:

- Oi Ana, eu estou muito triste mesmo, vou aceitar seu convite. A gente se encontra na frente da sua casa às 15 horas, pode ser?

Assim que ela chegou na minha casa, desabou de tanto chorar. Eu a abracei, a acolhi e deixei que ela falasse o que sentia. Ela disse que se sentia pressionada a casar pela família e amigos e, agora que não estava mais com aquele homem que tanto mal fez a ela, tinha medo de ficar sozinha, de ser julgada pela sociedade, que tinha ouvido de muitas pessoas que ela não seria feliz sem um homem ao seu lado e que ia acabar virando a “tia dos gatos”.

Ouvi tudo que ela tinha a dizer e expliquei:

- Amiga, você sabe melhor que ninguém que antes só do que mal acompanhada. Onde já se viu achar que homem é parâmetro de vida feliz? Por acaso, você foi feliz com aquele homem? Além disso, ser solteira é tudo de bom e posso garantir que os gatinhos serão melhores companhias.

Rimos juntas e ela foi se acalmando. Saímos direto para um salão de beleza, cortamos os cabelos bem curtos, com os ombros a mostra e o vento passando pela nuca fez com que a gente se sentisse donas do mundo. De lá, fomos a um show maravilhoso da Anitta e dançamos e nos divertimos até não aguentar mais...

No final da noite, voltamos para casa e preparei um jantar para ela: pernas de rã *sauté*, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco.

Então, com um sorriso largo no rosto, a minha amiga falou:

- Não preciso de homem, eu preciso é dessa amizade para a vida inteira. Nem tecendo eu iria conseguir uma amiga dessas, minha querida princesa moderna.

Nem precisa falar que eu chorei, né!?

### Despedida

(CP)

Já era madrugada e eu não conseguia dormir, uma sensação estranha tomava conta de mim, era como se algo estivesse indo embora e eu não pudesse fazer nada. Olhei para a janela e percebi que ela estava fechada, me levantei para abri-la e encontrei uma carta presa nela.

Peguei-a e logo vi que era de Ana Cláudia. Liguei o abajur e me sentei na cama já abrindo a carta:

“Oi Léo,

Escrevo para me despedir. Não quero que chore e nem fique triste. Me desculpe por ter que te deixar aqui, sozinho, mas sinto que esse lugar não é mais para mim.

Eu quero que você se lembre do que eu sempre te disse: seja você mesmo, brilhe, mostre para as pessoas quem você é de verdade, deixe suas borboletas voarem.

Você não precisa mais de mim aqui.

Quero que você fique com as lembranças de todos os nossos momentos felizes, porque eu não voltarei mais.

Não precisa ter medo, você sabe o quanto é difícil viver. Você precisa passar pelos dias de chuva para depois sentir o aroma das flores e da grama recém cortada, para ver os campos verdes, para saborear a fruta madura, para ouvir o canto dos pássaros...

É incrível pensar que eu só existi dentro da sua cabeça. Queria muito estar aí, poder te abraçar, mas eu já preciso ir, você já está crescendo e não faz mais sentido eu continuar aí.

Espero ter tornado seus dias mais leves.

De sua querida e sempre amiga imaginária,

Ana Cláudia.”

Demorei um tempo para me dar conta de tudo o que tinha acontecido. Então, depois de perceber que Ana Cláudia era a mais bela fantasia que minha mente havia criado, me levantei e olhei novamente para a janela. Foi aí que vi embaixo do poste de luz um beija-flor indo embora.

Muito obrigado, Ana Cláudia!

### **Outro desfecho possível**

(GV)

Maria voltava de mais um dia cansativo de trabalho. Lá estava ela, no mesmo ponto de ônibus de sempre carregando duas sacolas cheias de frutas que sobraram da festa da noite passada na casa de sua patroa.

Finalmente o ônibus chegou, não aguentava mais esperar. Durante o trajeto, em um dos pontos de parada do ônibus, Maria reconheceu um homem que entrou. Seu rosto era tão familiar, buscou na memória, não poderia ser outra pessoa... Era ele, o pai de seu primeiro filho! Puxa! Quanto tempo e quantas memórias que vinham em sua mente, tantos momentos bons, tantas risadas..., mas infelizmente tudo se foi, ele tinha abandonado Maria ainda grávida e nunca mais ela tinha ouvido falar nele.

O homem olhou e parecia reconhecer Maria, desviou o olhar desconcertado, desceu no ponto seguinte e entrou no próximo ônibus. Maria teve certeza de que era ele e que tinha fugido mais uma vez, ele não queria ter contato com ela.

Ela seguiu viagem pensativa: o que será que ele fazia naquela região? Demorou cerca de 45 minutos para chegar em sua casa, estava tão exausta, aquele trabalho era cansativo demais, mas estava bem, seus filhos estavam tão contentes em ver a mãe e em poder comer aquelas frutas que nunca havia experimentado antes. Puxa! Que maravilha eram aquelas frutas!

Maria, então, sentou-se em seu sofá e ligou sua TV. Era pequena, tinha comprado há pouco tempo com um dinheiro que tinha juntado por meses. Logo quando ligou apareceu a notícia de que havia acontecido um assalto em um ônibus no centro da cidade. Que surpresa, o mesmo lugar por onde ela passava todos os dias, mas a surpresa maior veio depois quando divulgaram a foto do assaltante: seu ex-homem. Não podia ser, o homem que um dia foi seu marido, pai de seu filho tinha feito aquilo?

O filho mais velho, que assistia o jornal com a mãe percebeu sua agitação e começou a fazer perguntas. Maria desconversou, preferiu não contar ao filho que o pai era um criminoso. Puxa! Era muito difícil explicar aquilo para o garoto...

Mais tarde Maria ainda se pegava pensando naquele homem. O que será que levou ele para aquele caminho? Foram tantos momentos juntos, que saudade de tudo aquilo. Mas Maria estava bem melhor sem ele e preferia continuar assim, mesmo que seus sentimentos insistissem em fazê-la se lembrar dele.

### **Um novo começo**

(IS)

Maria ainda sentia o último tapa que deram em sua cara. Ouvia os gritos: “Lincha! Lincha! Lincha!”, quando o seu ex-homem voltou para defendê-la e explicar que Maria não tinha se envolvido naquele assalto, que ela não tinha nada a ver com aquilo.

Ele só teve tempo de dizer a ela que faria de tudo para um dia voltarem a ficar juntos e que amava o filho. Neste exato momento, os policiais chegaram e o homem foi preso.

Maria foi embora ainda sentindo o gosto amargo de toda a violência que sofreu. Passou na farmácia, comprou curativos para seus machucados e xarope para os seus filhos pequenos.

Ao chegar em casa, sua rotina a esperava: deu de comer para seus filhos e deu o xarope para os dois que estavam gripados. Fez questão de passar o recado do homem para o seu filho mais velho, que ficou muito emocionado...

Se passaram meses, quase um ano, e o seu ex-homem, já em liberdade, foi procurar Maria perguntando se poderia ver o seu filho. Ela deixou e, ao se encontrarem, pai e filho choraram abraçados. Depois daquele dia, o homem começou a trabalhar e pagar pensão para o filho e a sua presença se tornou cada vez mais constante naquela casa.

Então, o que parecia ser o final, era apenas o começo...

### **A criação do inevitável**

(JM)

Mesmo depois de ter de volta o controle de sua própria vida, a Moça Tecelã voltou a se sentir sozinha, mas não tinha mais coragem e nem vontade de tecer outro ser humano. Então ela pensou em algo diferente: e se ao invés de criar um ser humano, ela criasse um gato?

E foi o que ela fez. Ela o chamou de Sydney, ele dormia com ela, dava e recebia carinho todos os dias. Mas, os anos se passaram e a moça foi reparando que mesmo sem tecer pelos brancos no gatinho, ele envelhecia. Até que um dia ele morreu.

Ela não entendia como isso tinha acontecido, já que ela não tinha destecido ele, como fez com seu ex-marido. E foi aí que ela se deu conta de que quando ela desteceu aquele homem, dando fim à sua vida, ela acabou criando algo que ela não podia controlar: a MORTE.

Percebeu, então, que também estava envelhecendo e resolveu procurar a Morte para tentar destecê-la, mas foi em vão:

- Não é possível me destecer. Sou a única coisa sobre a qual você não tem controle. É o ciclo natural: a Vida termina com a Morte. – disse-lhe a Morte.

A Moça Tecelã entendeu que a Morte era inevitável e que ela estava cada vez mais próxima. Então, para que a vida não acabasse em seu lar, ela teceu uma criança que herdaria a sua mesma habilidade de tecer.

E quando sua hora chegou, assim como a da criança um dia chegou também, o tear foi sendo passado de geração em geração, até que depois de décadas as pessoas perderam a habilidade de tecer suas próprias vidas e o mundo se tornou o que é hoje.

## **Cada um constrói sua própria escada**

(JP)

Aquele parecia ser um dia de trabalho como outro qualquer no escritório de advocacia de Turíbio Carlos, mais conhecido como Dr. Tuca. Sim, o Tuca se tornou um importante advogado em São Paulo, saiu do barraco em que morava com a família aos 21 anos para cursar a faculdade de Direito e aos 26 anos estava se formando. Na faculdade conheceu Rafaela, o amor da sua vida, se casaram e logo depois vieram as luzes da sua vida: seus lindos filhos João, Mariana e Gustavo.

Enquanto isso, Rodrigo, aos 18 anos, herdava a fortuna do pai que faleceu e passava a comandar a empresa da família, mas como dizem "dinheiro não traz felicidade"... Rodrigo se casou, teve um filho, mas não era feliz, não era um bom pai e nem um bom marido.

Naquele dia, quando já ia saindo, Tuca recebeu uma cliente inesperada, mas que parecia tão desesperada que ele resolveu atendê-la:

- Dr. Tuca, preciso da sua ajuda para me separar do meu marido... – disse Ivone já chorando.

- Tudo bem, irei te ajudar com o maior prazer. Mas porque você quer se divorciar?

- Nunca fomos felizes, ele não é um bom pai, muito menos um bom marido e, nos últimos tempos, ele passou a beber e me agredir...

Ivone mostrou as marcas de agressão em seu corpo e Tuca prontamente aceitou defendê-la.

No mês seguinte, quando Tuca chegou ao tribunal para a audiência de sua cliente, ficou em choque ao se dar conta que o marido acusado de agredir a esposa era Rodrigo, seu melhor amigo de infância. Tuca ficou desolado e custou a acreditar que aquele menino que ele conheceu se tornou alcoólatra e agressor.

Ele venceu a audiência e Rodrigo acabou sendo preso. Mas, no dia seguinte, Rodrigo recebeu uma visita na cadeia: Tuca, seu melhor amigo de infância, estava ali para lhe oferecer ajuda para se livrar da bebida e para se tornar um pai melhor para seus filhos depois que pagasse pelo crime que cometeu e saísse da prisão.

Tuca retornou para sua casa, mas aquela noite não conseguiu dormir pensando em uma frase que agora para ele fazia muito sentido: antes de subir, cada um tem que construir sua própria escada...

## **O encontro de Tuca e Maria**

(MD)

### Capítulo 1 – Uma nova oportunidade

Maria estava indo embora para casa com um profundo corte na mão depois de um longo dia de trabalho, mas quando o ônibus dela estava prestes a passar, ela viu na banca de jornal um anúncio de trabalho. Então, naquele dia, Maria decidiu pegar o próximo ônibus e ir até a banca comprar o jornal com os poucos centavos que restava da gorjeta da festa da patroa. Estava decidida a buscar um emprego melhor.

Como chegou em casa mais tarde, guardou o número do telefone com a oferta de emprego e no outro dia cedinho, antes de ir para a casa da patroa, passou em um orelhão na saída do morro.

- Bom dia. Vi no jornal o anúncio que precisam de uma empregada.

- Sim. Com que eu falo?

- Maria.

- Maria, pode passar aqui amanhã às 18h para conversarmos?

- Sim, estarei aí. Qual é o nome da senhora?

- É Celine.

- Dona Celine, obrigada!

Feliz por conseguir marcar a entrevista, ela passou o dia ansiosa para terminar o serviço e ir para casa dar a notícia para os filhos.

No dia seguinte, como de costume, ela foi para o trabalho cedinho, mas levou na bolsa a melhor roupa para vestir depois do trabalho quando ia encontrar Dona Celine. O dia até pareceu ser mais longo, mas logo deu a hora de ir embora e Maria chegou ao endereço de Dona Celine.

- Boa noite, Dona Celine.

- Boa noite, Maria.

Elas se dirigem à sala, Maria ficou admirada pela beleza e tamanho da casa, caberiam vários barracos dela só naquela sala. Elas se sentaram no sofá, ela nunca tinha se sentado em um sofá tão macio, na casa da outra patroa empregada não podia se sentar na sala.

- Você está desempregada, Maria?

- Não, eu estou buscando um trabalho melhor.

- Tem filhos?

- Sim, tenho três.

- Há quanto tempo trabalha como empregada doméstica?

- Trabalho desde pequena na casa dos outros. Nesse último emprego estou há mais de oito anos.

Celine simpatizou com Maria. Percebeu que na frente dela estava uma mulher batalhadora.

- Dona Celine, a senhora poderia me dizer quanto é o salário? - pergunta Maria, envergonhada.

- Claro, Maria. Pago dois mil, cesta básica e convênio médico.

Maria não acreditava no que ouvia. Onde ela iria arrumar um emprego como aquele, antes ela mal ganhava mil reais e ainda era destrutada. E aquela senhora ainda era tão educada!

- Está interessada no emprego, Maria? Se estiver é seu.

- Nossa, Dona Celine. Quero muito esse emprego. Muito obrigada!

- Que bom! Traga sua carteira de trabalho para eu assinar e você pode começar na próxima semana.

- Amanhã mesmo irei trazer. Muito obrigada, Dona Celine.

Maria voltou para casa feliz demais. Tinha tirado carteira de trabalho, mas era a primeira vez que ela seria assinada. E ainda se veria livre da sua patroa, não via a hora de pedir as contas. Ela sentia que sua vida estava mudando. Bendita hora que ela deixou de pegar aquele ônibus e foi comprar o jornal...

## Capítulo 2 – O começo de uma nova vida

Maria chegou em seu novo trabalho animada. Recebeu seu novo uniforme e um caderno com a rotina da família para facilitar seu serviço. Ela lavava roupa, fazia comida, lavava louça, organizava tudo com um sorriso na cara de quem sabia que esse novo emprego iria mudar a sua vida.

No final da tarde, Rodrigo, filho de Dona Celine chegou em casa com seu amigo Tuca. Eles deixaram suas mochilas na sala mesmo e foram direto para a cozinha conversando:

- Você vai ao passeio da escola? - perguntou Rodrigo.

- É claro, eu nunca iria perder a oportunidade de conhecer o Museu Nacional! - respondeu Tuca.

- Você ouviu a professora falando sobre os fósseis de dinossauros?

- Ouvi! Eu tô doído para ver de perto sem ser nos livros da biblioteca da escola.

Eles foram interrompidos por Maria, que serviu sanduíches. Eles agradeceram e comeram. Quando Tuca estava terminando seu segundo sanduíche, ele prestou atenção em Maria e cochichou com Rodrigo:

- Quem é ela?
- É a nova empregada.
- Qual o nome dela?
- Não sei.
- Como não sabe? Ela trabalha na sua casa!
- Minha mãe me disse, mas não me lembro. Ela começou hoje.
- Hummm... e quem pergunta o nome dela?
- Você!!!
- Eu não, você que tem que saber!
- Mas você que quer saber. Pergunta!

Tuca suspirou, criando coragem e perguntou:

- Moça... qual é o seu nome?
- É Maria, e qual é o nome de vocês?
- Eu sou o Tuca. E ele é o Rodrigo.

Ficou silêncio por um tempo, mas Tuca voltou a falar.

- É que eu queria agradecer o lanche, nunca comi um lanche tão gostoso.
- Obrigada! Gostaria de mais um?
- Não, não, obrigado, estou cheio...

E a barriga dele fez um barulho que espalhou pela cozinha, entregando sua fome.

- Pelo visto não está cheio. Irei fazer mais um. - disse ela sorrindo.

Tuca comeu o sanduíche e foi para casa. Chegou todo feliz querendo contar sobre sua excursão da escola, mas a irmã estava saindo para o trabalho e a mãe não estava em casa, como sempre. Ele foi olhar os irmãos e não conseguiu falar com ninguém.

No outro dia, antes de ir para a escola, Tuca passou na casa de Rodrigo e contou que não ia à excursão porque ninguém assinou sua autorização.

- Poxa, Tuca! Tive uma ideia: vamos pedir para a minha mãe!

Mas quando foram até Maria para perguntar onde estava Dona Celine, ela contou que a patroa já tinha saído para o trabalho.

Maria ficou comovida com a tristeza de Tuca:

- Filho, pelo visto você não tá com a permissão assinada, né.
- Não, Dona Maria. Vou voltar para casa enquanto meus amigos vão ao passeio.
- Me dá esse papel que eu assino para você. Afinal você podia mesmo ser meu filho.

Tuca pulou da cadeira e deu um abraço apertado em Maria. Ela se sentiu tão bem ao ver o sorriso no rosto do garoto.

Enquanto ela assinava, Tuca ficava observando-a e pensando como seria bom se Maria fosse realmente sua mãe. E, a partir daquele dia, passaram a ter cada vez mais carinho um pelo outro

### Capítulo 3 – A nova vida

Ao longo do tempo, Tuca e Maria construíram uma relação verdadeira de mãe e filho. Tuca visitava Maria, conhecia seus outros filhos. Maria sempre acompanhava Tuca até sua casa, já conhecia todos os seus irmãos, só a mãe de Tuca que ela nunca tinha visto, porque ela estava sempre fora.

Um dia, quando chegavam na casa de Tuca, eles foram surpreendidos pela sua mãe totalmente alcoolizada e fora de si. Ela estava enfurecida de ciúmes ao ver a forma carinhosa e amorosa como se tratavam. Desde o episódio da autorização que Tuca chamava Maria de “mãe”. Ela, então, começou a xingar e ofender Maria:

- Quem é você? O que faz com meu filho? Some daqui e da vida dele, porque a mãe dele sou EU!!!

- Não, não irei fazer isso. Tuca é como um filho para mim, me preocupo com ele, ajudo ele com as tarefas da escola, faço sanduíches, coloco curativo nele quando se machuca, assino os seus boletins e autorizações para excursões e o principal: dou amor para ele.

Nadja, a mãe de Tuca, desabou e caiu no choro ao ouvir aquilo e ao se dar conta que nunca foi uma mãe para seu filho, que uma estranha cuidava melhor dele do que ela.

Maria se comoveu com a cena, a acolheu e prometeu ajudá-la. Nadja aceitou fazer um tratamento e pediu para Maria levar seu filho e continuar cuidando dele como já vinha fazendo.

Tuca ficou arrasado ao ver a mãe naquele estado, mas, ao mesmo tempo, se sentiu aliviado por saber que ela iria se cuidar. Ele se mudou para a casa da Maria, que o adotou oficialmente e ganhou mais três irmãos.

Mas Tuca nunca se esqueceu da sua família de sangue e ia todo dia visitar seus irmãos que ficaram sob os cuidados de Lara, sua irmã mais velha. E, mesmo depois de adulto, quando se tornou um profissional bem-sucedido, nunca deixou de amparar suas duas famílias.

### **De mãos dadas**

(MM)

Desde o primeiro dia que nos demos as mãos, não soltamos mais. Íamos juntos para a escola todos os dias, passeávamos pela cidade e soltávamos as borboletas e os beija-flores para voarem livremente.

Mas aquele dia foi diferente. Como sempre fazia, esperei a Ana Cláudia na porta de casa para irmos juntos para a escola, mas ela não apareceu. Pensei que ela tinha tido um imprevisto e fui para a escola sozinho. Chegando lá, vi Ana Cláudia sentada em um banco perto da quadra com uma aparência triste, não parecia aquela menina feliz que eu havia conhecido. Quando ela me viu, desviou o olhar e foi embora. Tentei ir atrás dela, mas ela sumiu, não a vi o resto do dia.

Quando a aula terminou, fui correndo para a casa dela para saber o que estava acontecendo, mas ninguém abriu a porta. Fui para minha casa preocupado, ela nunca tinha feito isso antes. Eu sei que a gente se conhece há poucos meses, mas ela nunca tinha me ignorado daquele jeito. Nem consegui dormir direito naquele dia.

No outro dia era sábado, nem tomei café da manhã e saí correndo para a casa dela. Chegando lá me deparei com o que só piorou o meu dia: uma placa escrito "vende-se" em frente à casa da Ana Cláudia e um caminhão de mudança saindo com os últimos móveis.

Eu não estava entendendo nada. Ela vai se mudar? Por que ela não me contou? Será que ela vai mudar de escola também? Será que ela vai mudar de cidade? Será que ela vai mudar de estado? Será que ela vai mudar de PAÍS? Quando percebi, já estava chorando. A única pessoa que me aceitou do jeito que eu era estava indo embora e eu nem sabia para onde.

Fiquei sentado na porta da casa dela por um bom tempo e quando percebi já estava quase anoitecendo. então resolvi ir embora. As luzes daquela casa vazia todas apagadas não estavam me fazendo bem. Quando cheguei em casa, minha mãe veio em minha direção:

- Posso saber onde o senhor estava? Quase me matou de preocupação!

Quando expliquei o que estava acontecendo, ela se levantou, pegou uma carta e me entregou:

- A Ana Cláudia passou aqui mais cedo te procurando. Como você não estava, ela pediu para te entregar essa carta.

Corri para o meu quarto e abri a carta:

"Oi Léo,

Eu vim aqui me despedir, mas você não estava. Então te escrevi essa carta para dizer que eu vou me mudar. Não consegui te contar isso na escola porque eu estava triste e não queria te deixar triste também, mas percebi que te ignorar só piorou as coisas. Bom... queria poder ter mais tempo para me despedir de você, mas não posso te esperar porque eu tenho que ir para o aeroporto. Vou me mudar para os Estados Unidos, pois meu pai recebeu uma ótima proposta de trabalho lá. Eu não queria, mas tenho que ir. Vou te escrever assim que der. Talvez um dia a gente a gente possa se encontrar.

Beijos,  
Ana Cláudia"

ESTADOS UNIDOS!? TALVEZ UM DIA A GENTE POSSA SE ENCONTRAR!? Como assim!? Vai demorar muito para a gente se encontrar de novo? Eu perdi minha única amiga por causa de uma proposta de trabalho do pai dela? O que eu vou fazer agora? Viver na solidão de novo?

12 anos depois...

Estava saindo do trabalho quando uma das minhas borboletas escapou e eu não consegui segurá-la. Fingi que nada tinha acontecido, mas de repente escutei uma mulher dizendo:

- Nossa, que borboleta linda! Me lembra um amigo que eu tive quando era criança que soltava borboletas pelo corpo.

Quando ouvi aquilo, olhei para a mulher. Ela era linda, os mesmos cabelos cacheados, a mesma pele negra como asas de mariposa...Era ela! ANA CLÁUDIA!?

Quando ela me viu e avistou uma pequena borboleta saindo do meu cabelo, abriu um sorriso e nos reconhecemos imediatamente. Nos abraçamos e fomos tomar um café. Precisava saber mais sobre ela. Ela me contou sobre os Estados Unidos, disse que tentou me escrever, mas as cartas voltavam. Eu me mudei também logo depois dela, por isso nos desencontramos.

Conversamos por horas, nem parecia que estávamos há tanto tempo sem nos falar, como era bom estar com Ana Cláudia de novo. E, de repente, quando me dei conta lá estavam borboletas e beija-flores voando livremente e nós de mãos dadas novamente.

### **Os caminhos que os sonhos traçam**

(PB)

Dois alunos entraram juntos na mesma turma de 6º ano da escola. Um deles se chamava Tuca e tinha 11 anos e o outro se chamava Rodrigo e tinha 10 anos. O Tuca era um menino de origem muito humilde, morava na parte mais pobre da cidade e era bolsista da escola, já o Rodrigo era muito rico e tinha uma vida de muito luxo. Mas dentro da escola essas diferenças não eram tão aparentes, eles eram apenas duas crianças que logo de início tiveram muita afinidade, começaram a conversar e descobriram muitas coisas em comum: os dois adoravam carros, velocidade e tinham o sonho de ser piloto de Fórmula 1. Isso já foi motivo suficiente para o começo de uma bela amizade.

Alguns meses se passaram e Rodrigo chegou na sala muito animado contando para Tuca que havia ganhado um kart de seus pais. Tuca ficou feliz pelo amigo, mas, ao mesmo tempo, ficou muito triste ao perceber que seus pais nunca teriam dinheiro para comprar um kart para ele.

Tuca, então, foi para casa naquele dia pensando em como as coisas eram tão fáceis para alguns e tão difíceis para outros. Chegando lá, viu sua mãe jogar um motor de geladeira fora e foi aí que ele teve a ideia de fazer seu próprio kart. Já que não podia comprar, pediu ajuda ao pai, que era mecânico, para ajudá-lo a construir um.

Eles trabalharam muito e fizeram um kart bem legal. Tuca não via a hora de contar e mostrar ao seu amigo Rodrigo, aguardou ansioso até o outro dia. Chegando na escola foi logo procurar seu amigo para contar, mas a reação dele não foi a esperada: Rodrigo parecia não ter gostado do carrinho que Tuca fez e colocou vários defeitos.

Mas Tuca não se deixou abater pelas críticas do amigo, pelo contrário, ele resolveu usá-las para melhorar e se aperfeiçoar e foi aí que ele se deu conta que queria seguir os passos do pai, porém queria ser valorizado pelo seu trabalho. Decidiu, então, que ia estudar para entrar em uma universidade pública e cursar engenharia mecânica.

E foi o que ele fez. Muitos anos se passaram, Tuca e Rodrigo se distanciaram, pois, depois daquele episódio com o kart, a amizade já não era a mesma. Tuca realizou seu sonho e se tornou um engenheiro mecânico, conseguiu um emprego muito bom em uma multinacional e hoje ele consegue oferecer uma vida digna com conforto aos seus pais. Já Rodrigo, que nunca gostou muito de estudar, não se formou, mas ainda corre atrás do seu sonho de ser piloto de Fórmula 1.

### **Somos nossa melhor companhia**

(RI)

É realmente incrível, a gente sempre escuta que a melhor companhia que podemos ter é a nossa. Eu sempre segui essa frase à risca e, para ser bem sincera, minha vida era ótima, tinha tudo que precisava, não conhecia a tristeza.

Meus dias eram tecidos da forma que eu sempre queria. Caso chovesse, eu tecia o melhor dos guarda-chuvas para mim. Se fizesse sol, logo eu iria tecer o biquíni mais bonito que eu pudesse imaginar e uma linda praia para eu mergulhar no mar.

Era assim que eu vivia minha vida, sozinha e feliz com tudo que eu tecia para mim. Esses dias tecidos eram minhas maiores conquistas. Mas, para o meu azar, minha vida não iria terminar tão feliz.

Com o passar dos anos, uma ideia começou a perturbar minha cabeça e até hoje eu amaldiçoo essa infeliz ideia. Comecei a pensar em como seria minha vida com um homem, um homem para dividir os meus dias felizes, um homem para dividir minhas conquistas, um homem para ser meu companheiro. Mas, hoje, percebo que teria sido melhor se eu tivesse continuado sozinha.

Então é aqui que minha infelicidade iria começar. Depois de muito pensar nessa ideia, um dia eu subi as escadas da minha casa, fui para o meu quarto e me arrumei. Confesso que fiquei muito linda e determinada a tecer o amor da minha vida. Não foi de primeira, mas com um pouco de esforço, alguns dias depois, estava eu namorando um homem que era aparentemente perfeito para mim. Mas lembrem-se que as aparências podem enganar muito...

Após alguns meses de namoro, ele me pediu em casamento e eu, muito feliz, aceitei na mesma hora. Nos casamos e até a lua-de-mel tudo parecia perfeito, mas foi quando voltamos para casa que a minha desgraça veio como um grande e enorme soco na boca do meu estômago: aquele homem era um verdadeiro monstro, um lobo em pele de cordeiro, a criatura mais horrível que passou pela minha vida.

É claro que não percebi isso tudo da noite para o dia, foi uma tortura enorme até eu enxergar tudo. Começou com ele gritando e me xingando, depois quebrando um prato, um murro na parede, um copo de suco que foi jogado na minha cara e, a partir daí, as agressões só aumentavam.

Eu sei que você pensa por que eu não o larguei na primeira mostra que tive desse monstro. A verdade é que até hoje eu me pergunto isso também, mas eu tinha esperanças de que ele iria voltar a ser o “príncipe” de antes... Ingenuidade minha, claro.

Então, um dia ele chegou furioso em casa, ainda lembro que eu estava sentada no sofá que ficava atrás da porta de entrada. Eu tinha apenas dito um simples "Oi, amor. Como você está?". De repente, tudo começou a girar e ficar turvo, ele me deu um murro na lateral da cabeça que me fez cair no chão, comecei a levar chutes na barriga que só pararam quando ele percebeu que eu havia desmaiado.

Eu não tive reação e, depois disso, ele se sentiu ainda mais poderoso. Então as coisas pioraram, eu apanhava todos os dias, era obrigada a tecer a vida dele, as vitórias e conquistas dele era eu quem tecia, a fortuna que ele começou a ter eu tecia também. Eu parei de viver para tecer a vida dele. Mas o mundo lá fora não sabia, eu era obrigada a ficar trancada, sozinha e apanhar sem motivos.

Foi aí que me dei conta de que a nossa melhor companhia somos nós mesmos. Depois de meses trancada tecendo a vida daquele monstro, eu tive uma ideia. Não era a melhor do mundo, mas eu sabia que se desse certo eu iria ficar livre daquela vida. Um dia ele me trancou como de costume e depois saiu, mas alguns dias antes eu tinha aproveitado um momento de distração dele e tecido uma chave para aquela porta, antes de ele levar meu tear como fazia todos os dias. E foi assim que consegui escapar daquele quarto.

Me sentei no sofá, aquele mesmo que ele me bateu pela primeira vez, para que ele não me visse e eu pudesse escapar quando ele abrisse a porta e subisse as escadas. Mas ele acabou me encontrando antes mesmo que eu conseguisse fugir e partiu para cima de mim. Sabia que morreria ali se não fizesse nada, então não pensei duas vezes quando vi em cima da mesa uma faca: empunhei aquela velha faca de cozinha naquele homem asqueroso.

Meu golpe foi fatal, mas ele era um homem forte e, enquanto sangrava, me estrangulava com o resto das forças que lhe restavam. Foi assim que eu e ele terminamos mortos naquela casa em uma fria noite de sexta-feira. E foi assim também que descobri o quanto as pessoas que tecemos para nossas vidas podem nos custar a própria vida.

### **Outra carta de amigo**

(RO)

Após finalmente encontrarem na pescaria uma forma de se divertirem juntos, Tuca e Rodrigo conseguiram manter a amizade. Deixaram todas as mágoas e desentendimentos no passado. Mas isso, infelizmente, não durou muito tempo, o ano escolar estava acabando e os dois estavam tão concentrados nas provas finais que acabaram deixando de lado os encontros de pesca.

As conversas dos dois até continuaram, mas apenas dentro da escola, e nada mais. Após o fim do ano letivo e das provas, os dois se reencontraram apenas uma vez, na entrega dos boletins. Ali, eles se abraçaram e comemoraram que haviam passado de ano. Porém, esse foi o começo de um longo período sem contato. Nas férias, Tuca continuou trabalhando e lavando carros para ajudar em casa, enquanto Rodrigo aproveitava em seu grande apartamento, apenas jogando videogame e assistindo TV.

Então, quando as férias acabaram, voltaram as obrigações escolares dos dois, mas havia um "porém": eles estudavam em turnos e turmas diferentes agora. Tuca passou a estudar de manhã para trabalhar na parte da tarde e Rodrigo continuou na escola por mais um ano à tarde. A vida na escola já não era a mesma sem o Tuca, mas Rodrigo acabou se adaptando. Enquanto isso, Tuca teve um ano difícil na escola, se sentia sozinho e não conversava com ninguém da sua turma. Mas como era muito esforçado, conseguiu ser aprovado em todas as matérias no final do ano.

Em casa, as coisas também estavam melhores: a mãe iniciou uma reabilitação e passou a tratar o vício em bebidas alcoólicas. Com isso, a condição deles foi mudando e à medida em que a mãe e os irmãos foram arranjanando trabalhos, a situação financeira da família melhorava.

Em menos de um ano conseguiram alugar uma casa maior em um bairro distante da comunidade em que moravam e Tuca conseguiu um novo emprego como jovem aprendiz de uma empresa.

A vida estava sendo mais gentil com Tuca e um novo ano escolar estava prestes a começar, quando Tuca teve uma excelente surpresa: uma carta de Rodrigo dizendo que iam voltar a estudar juntos na mesma sala...

### **Um novo final**

(ST)

Ao pegar o ônibus de volta para sua casa, depois de um dia cansativo de trabalho, Maria percebe que o homem que se senta ao seu lado é o seu ex-marido. Eles aproveitam a longa viagem de ônibus para conversar e o homem acaba confessando que estava ali por causa dela, porque queria voltar para casa, dividir uma vida com ela, como antes.

Maria permanece o resto do caminho em silêncio, mas quando chega o ponto que deveria descer, convida seu ex-homem para descer junto com ela. Passam na farmácia para comprar remédio para as crianças gripadas e seguem para casa para que o pai pudesse rever seu filho que há tanto tempo não via. A criança solta um grito de alegria ao ver o pai e vai correndo abraçá-lo. A cena deixa todos comovidos.

O homem vai embora com a promessa de voltar e, depois de algumas semanas, retorna para morar com Maria. Tinha arrumado um serviço com um salário bom e passou a cuidar da casa enquanto ela ia à procura de um novo trabalho.

A paz parecia ter retornado àquela casa, mas a felicidade maior veio depois de dois anos quando Maria descobriu que a família iria crescer ainda mais: estava grávida de duas meninas gêmeas...

FANFIQUEIROS DO 8º ANO. Disponível em:  
<<https://oitavosmuseu2020.blogspot.com/2020/>>